UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Carlos Vinicius Gomes Melo

Atuação das(os) profissionais de psicologia
no tema das relações étnico-raciais

São Paulo
2019

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO,
PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Melo, Carlos Vinicius Gomes

Atuação das(os) profissionais de psicologia no tema das relações étnico-raciais /
Carlos Vinicius Gomes Melo; orientador Alessandro de Oliveira dos Santos. -- São
Paulo, 2019.

369 f.

Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social) -- Instituto de
Psicologia, Universidade de São Paulo, 2019.

1. Profissão de Psicóloga(o). 2. Relações Étnico-raciais. 3. Pesquisa Quantitativa. I.
Santos, Alessandro de Oliveira dos, orient. II. Título.

CARLOS VINICIUS GOMES MELO

Atuação das(os)as profissionais de psicologia
no tema das relações étnico-raciais

Versão corrigida

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo para obter o título
de Doutor em Ciências

Área de concentração: Psicologia Social

Orientador: Prof. Dr. Alessandro de Oliveira
dos Santos

São Paulo
2019

Nome: Melo, Carlos Vinicius Gomes

Título: Atuação das(os) profissionais de psicologia no tema das relações étnico-raciais

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo para obtenção do título de
Doutor em Psicologia

Aprovado em: 07 de maio de 2019

Banca Examinadora

Prof. Dr. Alessandro de Oliveira dos Santos (Coordenador da Banca Examinadora)
Instituição: Universidade de São Paulo
Julgamento: Aprovado

Assinatura: _____

Prof. Dr. Luis Guilherme Galeão da Silva
Instituição: Universidade de São Paulo
Julgamento: Aprovado

Prof. Dr. Danilo Silva Guimarães
Instituição: Universidade de São Paulo
Julgamento: Aprovado

Prof. Dr. Marcelo Gustavo Aguilar Calegare
Instituição: Universidade Federal do Amazonas
Julgamento: Aprovado

Prof^a. Dr^a. Clélia Rosane dos Santos Prestes
Instituição: Instituto AMMA Psique e Negritude
Julgamento: Aprovado

Prof^a. Dr^a. Marilda Castelar
Instituição: Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública
Julgamento: Aprovado

*À minha família, minha casa.
Em especial a Miguél, por trazer consigo a leveza da vida,
e às minhas mães Mel, Deca e Nina.*

Eu agradeço,

- ✓ Primeiramente, ao que se É, qualquer que seja a concepção. Aos meus ancestrais e a todas as formas de energias invisíveis que se fizeram presentes na empreitada.
- ✓ Novamente, à família, pelo apoio, espelho, paciência e motivação. À minha mãe e ao meu filho, pelo que são. Ao meu pai (*in memoriam*), aos meus irmãos, meus tios(as), primos(as) e novos(as) integrantes. Aos meus avós Altair e Ernestino, que começaram a "plantação no lajeto".
- ✓ Ao Prof. Dr. Alessandro de Oliveira dos Santos, meu orientador. A imagem da exigência, grande estrategista e de grande coração. Obrigado pelos caminhos e pela amizade.
- ✓ Ao Prof. Dr. Marcos Emanuel Pereira (UFBA) e ao Prof. Dr. Yuri Sá (UFBA), pela paciência e tempo. Assim como, ao Prof. Dr. Saulo Velasco e ao Prof. Dr. Saulo Fernandes (UFAL). Vossas contribuições foram importantíssimas.
- ✓ Ao estatístico Luiz da Silva Santos, do Setor de Métodos Quantitativos - Estatística do Instituto de Psicologia. Às secretárias do Departamento de Psicologia Social, Marinalva Almeida e Rosângela Sigaki. Vocês foram essenciais para a concretização deste trabalho.
- ✓ À Prof. Dr. Marilda Castelar (Bahiana), minha preceptora na psicologia social e no debate das relações étnico-raciais.
- ✓ Ao Joely Umburanas, à Aída Reseda, ao Seu José e à pequena Maria Angélica. Amigos(as) de uma longa estrada.
- ✓ Ao meu amigo-irmão-compadre, Adriano Moreira. E aos amigos Matheus Medeiros e Leo Cavalcante.
- ✓ À Coen Rochi e ao Caio Fabio, pelas palavras bem orientadas.
- ✓ Ao Hans Zimmer e ao Ramin Djawadi, pelas várias horas de companhia compenetrada.
- ✓ Ao Valter da Mata, ao Altair Paim e à Valdisia da Mata, pelo compartilhamento de ideais. E às(aos) amigas(os) da ANPSINEP.
- ✓ A muitos(as) outros(as) amigos e amigas que fizeram parte deste processo, em maior ou menor grau. Vocês mesmos(as) sabem quem são.
- ✓ E ao silêncio e à solidude, pela constante e produtiva companhia.

"Eu não mato mais um leão por dia.
Eu aprendi com o meu pai Xângo.
Eu os faço como meu meio de transporte.
Kawo Kabiesile!".

*(Participante D3 da pesquisa Estratégias de enfrentamento
psicológico de pessoas negras e com deficiência
frente ao duplo estigma, [Melo, 2014])*

"Animai-vos Povo bahiense
que está por chegar o tempo feliz da nossa libertação:
o tempo que seremos irmãos:
Tempo que seremos todos iguais.
Vamos lutar para que não haja mais diferença entre a cor branca, parda e preta.
Seremos todos felizes, sem exceção de pessoas."

*(Um dos manifestos, de 1798, da Conjuração Baiana.
Também conhecida como Inconfidência Baiana,
Revolta dos Búzios, Revolta dos Alfaiates
ou Revolta dos Argolinhas)*

RESUMO

Melo, C. V. G. (2019). Atuação das(os) profissionais de psicologia no tema das relações étnico-raciais (Tese de Doutorado). Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo, São Paulo.

Trata-se de uma pesquisa exploratória de cunho quantitativo e tem o objetivo de caracterizar a atuação das(os) profissionais de psicologia no tema de relações étnico-raciais no Brasil. Os dados foram coletados por meio de um *WebSurvey* e participam, como respondentes, psicólogas/os dos Estados brasileiros do Amazonas, da Bahia e de São Paulo. O formato da pesquisa tem o intuito de fazer um estudo comparativo de atuações nos três Estados, sob um recorte multicêntrico. Buscou-se compreender as associações entre os dados do processo formativo e ocupacionais das/os profissionais. Sobre a formação, por exemplo, houve a investigação sobre o nível de titulação, o perfil da Instituição de Ensino onde tiveram a formação e o interesse no tema das relações étnico-raciais. Sobre os dados ocupacionais, fez-se alusão ao tempo, ao número e as áreas de atuação, ao perfil do serviço psicológico, as populações étnico-raciais e socioeconômicas atendidas, as percepções de situações de racismo no cotidiano de trabalho e as intervenções técnicas elaboradas no tema das relações étnico-raciais, dentre outros itens. Tais dados foram processados no *software* SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*), versão 20. Também sob o viés quantitativo, são analisadas as crenças das/os respondentes sobre "atuação e identidade do psicólogo/a" e sobre "humano e as categorias étnico-raciais populares no Brasil" (a saber, Pessoas Orientais, Pessoas Negras, Pessoas Indígenas e Pessoas Brancas). As crenças foram investigadas segundo o método de Evocações Livres e realizada a Análise Lexical de conteúdo, com auxílio do *software* IRAMUTEQ (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires), versão 0.7. Nos resultados, o perfil das(os) profissionais são apresentados com a Estatística Descritiva e com a testagem de 12 hipóteses. A partir dos achados conclui-se com cinco (05) principais argumentos. O primeiro, é que há disparidades formativas e ocupacionais entre profissionais brancas(os) e negras(os). O segundo, é que há também disparidades étnico-raciais no atendimento das populações. O terceiro, acerca da influência política e filosófica cristão-católica na atuação das(os) profissionais de psicologia. Influência cristão-católica também notada no perfil do racismo brasileiro, que também pode ser identificado nas crenças das(os) participantes sobre as categorias étnico-raciais. O quarto diz respeito à prevalência do uso isolado do recurso da habilidade pessoal das(os) profissionais no, que é a Escuta Atenta e Sensível para o tema, alheio a outras ações, técnicas e procedimentos específicos para o tema das relações étnico-raciais. O quinto e o último argumento versa sobre a influência dos históricos institucionais dos respectivos Conselhos Regionais de Psicologia na difusão do tema das relações étnico-raciais, cada estado pesquisado, o que é observada pelas proporções das(os) profissionais quem pautam o tema no seu ambiente de trabalho.

Palavras-chave: Profissão de Psicóloga(o); Relações Étnico-raciais; Pesquisa Quantitativa.

ABSTRACT

Melo, C. V. G. (2019). Performance of psychology professionals in the theme of ethnic-racial relations (Tese de Doutorado). Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo, São Paulo.

It is an exploratory research of quantitative nature and aims to characterize the performance of psychology professionals in the subject of ethnic-racial relations in Brazil. The data were collected through a WebSurvey and as respondents, psychologists from the Brazilian states of Amazonas, Bahia and São Paulo. The format of the research is intended to make a comparative study of performances in the three states, under a multicentric cut. It was sought to understand the associations between the data of the training process and occupational of the professionals. About training, for example, there was research on the level of qualification, the profile of the Institution of Education where they had the training and the interest in the subject of ethnic-racial relations. Regarding the occupational data, the time, the number and the areas of action were mentioned, the profile of the psychological service, the ethnic-racial and socioeconomic populations served, the perceptions of situations of racism in daily work and the technical interventions elaborated on the subject of ethnic-racial relations, among other items. These data were also processed in SPSS (Statistical Package for the Social Sciences) software, version 20. Also under the quantitative bias, the respondents' beliefs about the "performance and identity of the psychologist" and about "human and categories ethnic-racial groups in Brazil "(namely, Eastern Persons, Black People, Indigenous Peoples and White People). The beliefs were investigated according to the Free Evocations method and carried out the Lexical Analysis of content, using the software IRAMUTEQ (Interface for Multidimensional Analyzes of Textes et de Questionnaires), version 0.7. In the results, the profile of the professionals is presented with Descriptive Statistics and with the testing of 12 hypotheses. From the findings we conclude with five (05) main arguments. The first is that there are training and occupational disparities between white and black professionals. The second is that there are also ethnic-racial disparities in serving the populations. The third, about the political-philosophical and Christian-Catholic influence in the performance of psychology professionals. Christian-Catholic influence also noted in the Brazilian racism profile, which can also be identified in the participants' beliefs about ethnic-racial categories. The fourth concerns the prevalence of isolated use of the personal skill of the professionals in the Attentive and Sensitive Listen to the theme, unrelated to other actions, techniques and procedures specific to the theme of ethnic-racial relations. The fifth and final argument concerns the influence of the institutional histories of the respective Regional Councils of Psychology in the diffusion of the subject of ethnic-racial relations, each state being researched, which is observed by the proportions of the professionals who guide the theme in their workplace.

Keywords: Profession of Psychologist (o); Ethnic-racial relations; Quantitative research.

Lista de Figuras

Figura 01	Estágios de alteração do instrumento de coleta	77
Figura 02	Primeira versão do instrumento de coleta	82
Figura 03	Estrutura da versão final do instrumento de coleta	89
Figura 04	Estrutura da versão final do instrumento de coleta (<i>continuação</i>)	90
Figura 05	Acessos e atividades do anúncio	101
Figura 06	Proporção de homens e mulheres por faixas de idade	101
Figura 07	Distribuição de profissionais por Estado (UF)	101
Figura 08	Frequência acumulada das áreas de atuações por Eixos escolhidas para descrição	116
Figura 09	Áreas de atuações por número de atuações	116
Figura 10	Frequência de atendimentos por faixas socioeconômicas	118
Figura 11	Média de atendimentos das populações étnico-raciais por faixas socioeconômicas	119
Figura 12	Média das populações étnico-raciais atendidas por Estado	120
Figura 13	Média das afirmações de vivências e testemunhos de situações de racismo	120
Figura 14	Distribuição do tema como pauta no ambiente de trabalho	121
Figura 15	Tempo de atuação na Psicologia por raça-etnia das(os) profissionais	135
Figura 16	Tempo de atuação na Psicologia por raça-etnia das(os) profissionais da Bahia	135
Figura 17	Eixos de atuação por raça-etnia das(os) profissionais	136
Figura 18	Comparações das médias das situações de racismo pela raça-etnia das(os) profissionais	140
Figura 19	Pauta do tema das relações étnico-raciais no trabalho por Estado	141
Figura 20	Pauta do tema das relações étnico-raciais no trabalho por Eixo de atuação	142
Figura 21	do tema das relações étnico-raciais no trabalho por área de atuação do Eixo Educação	143
Figura 22	Uso da habilidade pessoal por eixo de atuação	143
Figura 23	Uso de técnicas grupais por eixo de atuação	145
Figura 24	Uso de materiais didáticos por eixo de atuação	146

Figura 25	Participação institucional por eixo de atuação	147
Figura 26	Dendrograma de classes e formas encontradas ao final do CHD do <i>Subcorpus</i> acerca das crenças sobre Atuação e Identidade Profissional	149
Figura 27	Dendrograma de classes e formas encontradas ao final do CHD do <i>Subcorpus</i> acerca das crenças sobre Humano e das crenças sobre as categorias étnico-raciais	152
Figura 28	Especificidades de "sobrerrepresentação" de crenças acerca das categorias étnico-raciais	155
Figura 29	Especificidades de "sub-representação" de crenças acerca das categorias étnico-raciais	156
Figura 30	Perfil da IES por raça-etnia das(os) profissionais	160
Figura 31	Perfil da IES por acesso ao tema das relações étnico-raciais na Bahia	162
Figura 32	Interesse no tema das relações étnico-raciais por raça-etnia das(os) profissionais	166
Figura 33	Interesse no tema das relações étnico-raciais por acesso ao tema das(os) profissionais na formação	167
Figura 34	Matriz de pensamento psicológico adotada como referencial teórico por interesse e proximidade com o tema das relações étnico-raciais	168
Figura 35	Matriz religiosa/espiritual por interesse e proximidade com o tema das relações étnico-raciais	169
Figura 36	Tempo de atuação na Psicologia por raça-etnia das(os) profissionais	171
Figura 37	Eixos de atuação por raça-etnia das(os) profissionais	172
Figura 38	Eixos de atuação por Perfil do serviço psicológico	173
Figura 39	Comparação das médias de atendimentos das populações étnico-raciais nos perfis de serviço psicológico	175

Lista de Tabelas

Tabela 01	Quadro de hipóteses	72
Tabela 02	Proporção de raça/cor em Amazonas, Bahia e São Paulo, segundo IBGE (2010)	75
Tabela 03	Proporção de população negra em proporções relativas e absolutas nos Estados do Amazonas, Bahia e São Paulo, segundo IBGE (2010)	75
Tabela 04	Distribuição das(os) respondentes por Estado (UF)	76
Tabela 05	Distribuição e frequência de Idade, Gênero, Raça-etnia e Religiosidade/Espiritualidade	110
Tabela 06	Médias dos Graus de Religiosidade da Amostra e das três religiões mais prevalentes	111
Tabela 07	Distribuição e frequência de Titulação, do Perfil de IES e do Acesso ao tema das relações étnico-raciais	112
Tabela 08	Distribuição e frequência de Participação em Grupo ou Coletivo de temática étnico-racial, Interesse no tema e Referenciais Teóricos	113
Tabela 09	Distribuição e frequência de Faixa de Tempo, Número e Áreas de Atuação	114
Tabela 10	Médias de Tempo e de Número de atuações	115
Tabela 11	Distribuições e frequências de Território, Perfil de serviço e Faixas socioeconômicas	117
Tabela 12	Média das populações étnico-raciais atendidas nos serviços	118
Tabela 13	Médias de atendimentos das populações étnico-raciais por faixas socioeconômicas	119
Tabela 14	Distribuição e frequência de ações e técnicas elaboradas e usadas no tema das relações étnico-raciais	122
Tabela 15	Nível de titulação por raça-etnia das(os) profissionais	125
Tabela 16	Perfil da IES por raça-etnia das(os) profissionais	126
Tabela 17	Perfil de IES por raça-etnia das(os) profissionais de São Paulo	127
Tabela 18	Perfil da IES por acesso ao tema na Bahia	128
Tabela 19	Interesses no tema das relações étnico-raciais pelas raças/etnias das(os) profissionais	129
Tabela 20	Interesse no tema das relações étnico-raciais por acesso ao tema	130
Tabela 21	Matrizes do pensamento psicológico por interesse no tema das relações étnico-raciais	131
Tabela 22	Matrizes religiosas/espirituais por interesse no tema das relações étnico-raciais	132
Tabela 23	Perfil do serviço psicológico por Raça-etnia das(os) profissionais	137
Tabela 24	Comparação de médias de atendimento de pessoas negras nos serviços	138

	pagos e públicos	
Tabela 25	Comparação de médias de atendimento de pessoas indígenas nos serviços pagos e públicos	138
Tabela 26	Comparação de médias de atendimento de pessoas brancas nos serviços pagos e públicos	139

Sumário

Lista de Figuras	10
Lista de Tabelas.....	12
Apresentação	17
Introdução.....	19
Capítulo 1 - A Psicologia no Ocidente e as relações étnico-raciais no Brasil	27
1.1 - A Psicologia e sua história hegemônica no Ocidente	28
1.2 - A modernidade frente aos "bárbaros" e "selvagens"	37
1.3 - A institucionalização da Psicologia no Brasil.....	44
1.3.1- A influência do pensamento católico	45
1.3.2 - O processo de institucionalização e seus personagens	51
1.4 - As relações étnico-raciais no Brasil	60
1.4.1 - Raça e etnia	61
1.4.2 - Racialismo e etnicidade	63
1.4.3 - Racismo.....	64
1.4.4 - As características dos racismos latino e nórdico.....	65
Capítulo 2 - Método	70
2.1 - Objetivo da Pesquisa.....	70
2.1.1 - Objetivos derivados	70
2.2 - Hipóteses.....	71
2.3 - Participantes	75
2.4 - Instrumento de Coleta de Dados	77
2.4.1 - Versão do instrumento no projeto inicial.....	78
2.4.2 - Comitê de ética	79
2.4.3 - Alterações no projeto do instrumento	79
2.4.4 - Primeira versão do instrumento	82
2.4.5 - Processo de avaliação do instrumento	84
2.4.6 - Adaptações finais do instrumento	87
2.4.7 - Versão final do Instrumento.....	89
1) Instruções para participação na pesquisa	90
2) Evocações Livres	91
3) Escala modificada de Racismo Moderno.....	92
4) Atuação profissional	93

5) Situações vivenciadas ou relatadas relacionadas ao racismo.....	95
6) Pauta de reunião/sessão ou objeto de estudo/debate.....	95
7) Técnica de intervenção elaborada ou ação específica.....	96
8) Referencial teórico.....	96
9) Formação profissional.....	97
10) Perfil sócio-demográfico.....	98
11) Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	99
2.4.8 - Avaliação final do instrumento.....	99
2.5 - Procedimento de Coleta de Dados.....	99
2.6 - Processamentos Preliminares dos Dados Parciais.....	101
2.7 - Processamento Final dos Dados.....	103
Capítulo 3 - Resultados.....	109
3.1 - Estatística descritiva da Amostra.....	109
3.1.1 - Perfil Sociodemográfico da Amostra.....	109
3.1.2 - Perfil Formativo da Amostra.....	111
3.1.3 - Perfil Ocupacional da Amostra.....	114
3.2 - Análises das hipóteses.....	123
3.2.1 - Resultados das hipóteses sobre a Formação.....	124
<i>Hipótese 01.....</i>	125
<i>Hipótese 2a.....</i>	125
<i>Hipótese 2b.....</i>	127
<i>Hipótese 03.....</i>	128
<i>Hipótese 4a.....</i>	128
<i>Hipótese 4b.....</i>	130
<i>Hipótese 4c.....</i>	130
<i>Hipótese 4d.....</i>	131
3.2.2 - Resultados das hipóteses sobre a Ocupação.....	133
<i>Hipótese 5a.....</i>	134
<i>Hipótese 5b.....</i>	134
<i>Hipótese 06.....</i>	136
<i>Hipótese 7a.....</i>	136
<i>Hipótese 7b.....</i>	138
<i>Hipótese 7c.....</i>	138
<i>Hipótese 7d.....</i>	138

<i>Hipótese 7e</i>	139
<i>Hipótese 8a</i>	139
<i>Hipótese 8b</i>	140
<i>Hipótese 8c</i>	140
<i>Hipótese 8d</i>	141
<i>Hipótese 9a</i>	141
<i>Hipótese 9b</i>	142
<i>Hipótese 10a</i>	143
<i>Hipótese 10b</i>	144
<i>Hipótese 10c</i>	144
<i>Hipótese 10d</i>	144
<i>Hipótese 10e</i>	145
<i>Hipótese 10f</i>	146
<i>Hipótese 10g</i>	147
3.2.3 - Resultados das hipóteses sobre as Crenças	148
<i>Hipótese 11</i>	148
<i>Hipótese 12</i>	151
Capítulo 4 - Discussões	157
4.1 - Discussões sobre a Sociodemografia Profissional	157
4.2 - Discussões sobre a Formação Profissional	158
4.3 - Discussões sobre a Ocupação Profissional	171
4.4 - Discussões sobre as Crenças das(os) Profissionais.....	181
Síntese da tese	186
Considerações finais.....	192
Referências	195
Apêndices	209
Materiais complementares.....	220

Apresentação

Acredito que a presente Tese seja resultado não somente do período referente ao Doutorado, mas a toda a minha trajetória acadêmica. Todos os elementos do meu percurso formativo e da minha trajetória de atuação foram importantes para o desenvolvimento da Tese e para a própria experiência do Doutorado, como por exemplo: especializações, trabalhos, cargos exercidos, congressos, apresentações, livros, conversas, orientações.

Iniciei minha formação em Psicologia, em 2005, pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (EBMSP), onde tive meu primeiro contato com o estudo das relações étnico-raciais. Como bolsista de Iniciação Científica, na EBMSP, desenvolvi em 2007 a pesquisa “O papel da(o) psicóloga(o) na inclusão educacional e social do afrodescendente com deficiência”. No ano seguinte, obtive outra bolsa de Iniciação Científica, desta vez pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), durante a qual desenvolvi o estudo “A História da Psicologia e do Afrodescendente com Deficiência”. Esse trabalho foi publicado nos Anais do XV Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social (Melo & Castelar, 2009). Na época, a motivação de tais estudos era compreender as barreiras históricas e sociais da própria psicologia frente a populações não brancas ou qualquer outra que se apresentasse no contexto de exclusão social.

Em 2008, tive a oportunidade de realizar um estágio no Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas (CREPOP) do Conselho Regional de Psicologia - 3ª Região, da Bahia-Sergipe (CRP 03), onde auxiliei com a coleta e análise de dados de três pesquisas sobre a prática profissional: “Atuação do psicólogo na Educação Inclusiva”, “Atuação do psicólogo na política de enfrentamento à violência contra a mulher” e “Atuação do psicólogo na Atenção Básica de Saúde”. Em 2010, passei a coordenar o Grupo de Trabalho Psicologia e Relações Raciais do CRP 03, com a produção da 2ª edição do “Guia de Referência de Psicologia e Relações Raciais”. Trata-se de uma cartilha, cujo objetivo é subsidiar os psicólogos com referências de livros, artigos, trabalhos acadêmicos, filmes e marcos regulatórios sobre relações étnico-raciais.

Em 2014, defendi o Mestrado, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal da Bahia (UFBA), com o trabalho “Estratégias de enfrentamento de pessoas negras e com deficiência frente ao duplo estigma”. Também destaco, em 2014, a publicação do trabalho “Representações sociais de estudantes da UFBA sobre as cotas

universitárias”. Nesse trabalho utilizei pela primeira vez programas de Análise de Evocações e Análise Lexical Contextual de um Conjunto de Segmentos de Texto, com o Evoc (versão 2005) e Alceste (Versão 2010). Tais programas ajudaram a compreender os conteúdos dos discursos dos estudantes sobre cotas através da identificação de relações entre elementos da crença/representação deles e suas redes de associações (Melo, Dantas, Fernandez, Pereira & Chaves, 2014). Também em 2014, passei a fazer parte da Coordenação Nacional da Articulação de Psicólogos Negros e Pesquisadores sobre Relações Raciais e Subjetividade (ANPSINEP).

Em 2015, ingressei no Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), com o desenvolvimento de um projeto de pesquisa que reflete sobre a trajetória e os espaços institucionais em que atuei. A presente Tese é um desdobramento e ampliação do estudo, coordenado pelo Prof. Dr. Alessandro de Oliveira dos Santos, denominado “Atuação do(a) psicólogo(a) no tema das relações étnico-raciais” (processo FAPESP 2013/11199-2). Esse estudo integra a linha de pesquisa "Psicologia e Relações Étnico-raciais" do Instituto de Psicologia da USP, e tem como meta contribuir para a formação de pesquisadores e psicólogas(os) que, nas suas várias frentes de trabalho, têm sido interpelados pela construção sociocultural das diferenças e desigualdades.

Esta Tese recebeu apoio da FAPESP (Processo 2016/00577-4) e é uma pesquisa de cunho quantitativo com o objetivo de descrever, comparar e analisar as interseções entre a atuação da(o) profissional de psicologia e o tema de relações étnico-raciais no Brasil, sob um recorte multicêntrico.

Creio que um dos principais ganhos pessoais com o Doutorado e a Tese foi conseguir encontrar algumas respostas para questões, que me motivavam no começo do caminho, sobre os entraves históricos e sociais experimentados na área da psicologia ao se abordar o tema do racismo. Destaco esse aspecto em razão dos progressos alcançados no que se refere ao meu aprofundamento teórico-conceitual, histórico e metodológico durante o percurso. No mesmo sentido, gostaria também de salientar tanto a oportunidade de vivenciar o centro acadêmico de excelência que é a USP, quanto o papel da exigência da FAPESP de cumprimento do rigor metodológico de pesquisa.

Introdução

No Brasil, a raça-etnia vem sendo investigada por diferentes gerações de estudos acadêmicos das ciências humanas que, embora apresentem divergências no entendimento das classificações e caracterizações étnico-raciais, permitem examinar diversos aspectos dessas relações no país, inclusive em um contexto comparativo e histórico (Telles, 2012). Um exemplo é o famoso Projeto UNESCO que, no início da década de 1950, patrocinou uma série de estudos sobre as relações étnico-raciais no Brasil. Ele tinha o intuito de apresentar ao mundo os detalhes de uma experiência de interações étnico-raciais julgada, na época, como singular e bem sucedida. Tal projeto, conhecido também como “Programa de Pesquisa sobre Relações Raciais no Brasil”, foi criado logo após o Holocausto da Segunda Guerra, momento de crise da civilização ocidental em função da perseguição dos judeus, na Europa, e do *apartheid*, na África do Sul e Estados Unidos.

As investigações do Projeto UNESCO foram realizadas em estados da região Norte, como o Amazonas, e das regiões Nordeste e Sudeste como Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo (Maio, 1999). Era uma expectativa, especialmente de Gilberto Freyre e Donald Pierson, que esse estudo oferecesse uma solução mais científica e humana para o conflito das raças e culturas, visto que o Brasil apresentava peculiaridades, em termos de manifestação de preconceito e discriminação, cujo registro serviria de inspiração para estudos de outras nações (Schwarcz, 2007).

Embora fosse uma expectativa que os estudos elogiassem a mestiçagem brasileira e a possibilidade de convívio harmônico entre diferentes grupos étnico-raciais no país, o fato é que alguns dos próprios pesquisadores, como por exemplo, Bastide e Fernandes ([1955]2008) e, posteriormente, Fernandes ([1972]2007) e Fernandes ([1965]1978), desmentiram, em seus escritos, a existência de uma “democracia racial”, evidenciando a discriminação e o preconceito. Fernandes ([1972]2007) se pergunta, por exemplo, até que ponto o “negro” e o “mulato” são socializados para tolerar e aceitar como normal o preconceito dissimulado e a discriminação indireta. Para o autor, enquanto persistir tal padrão nas relações sociais a desigualdade racial permanecerá.

Por sua estruturação, o Projeto UNESCO, serve de inspiração até hoje para estudos comparativos das relações étnico-raciais em diferentes Estados brasileiros. O maior responsável pelo seu processo de organização foi Arthur Ramos que, no final dos anos 1940, assumiu a direção do Departamento de Ciências Sociais da UNESCO (Maio, 1999). Um

psicólogo social que deu grande contribuição para tal projeto foi o canadense Otto Klineberg (Maio, 1999; Yelvington, 2007), que, inclusive, foi professor e chefe da cadeira de Psicologia do curso de Filosofia da FFCL-USP entre 1945 e 1947.

Tal projeto teve influência também de Donald Pierson que, em 1945, publicou o livro “Pretos e Brancos na Bahia”, além dos “Negroes in Brazil” e “A Study of Race Contact at Bahia”, de 1942. Em seus estudos, a partir de quadros numéricos de classificação de tipo racial, ele conclui que, embora os negros ocupassem os degraus mais inferiores da escala social brasileira, não havia racismo tal como definido nos Estados Unidos (Guimarães, 2007). Foi um dos precursores no ensino da psicologia no Brasil, na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, em 1940, trazendo a influência da psicologia social interacionista de George Mead (Lima & Techio, 2013).

No mesmo certame, as psicólogas sociais Virgínia Leone Bicudo e Aniela Ginsberg também foram convidadas para colaborar com o Projeto na compreensão da até então “bem sucedida experiência” de acomodações das diferenças étnico-raciais no Brasil. Principalmente os trabalhos de Aniela Ginsberg, deixaram como contribuição às pesquisas posteriores em psicologia, o rigor científico e metodológico na seara dos estudos comparativos inter e intraculturais e das relações étnico-raciais, além da tentativa de desconstruir a visão determinista biológica das raças-etnias sobre as desigualdades sociais (Cunha & Santos, 2014; Santos, Schucman & Martins, 2012).

Como afirma Santos, Schucman e Martins (2012), no Brasil, a ideia psicológica sempre esteve envolvida com o tema das relações étnico-raciais. Desde o final do século XIX e o início do XX, através das faculdades de medicina da Bahia e Rio de Janeiro; entre as décadas de 1930 e 1950, com os estudos do Projeto UNESCO, por exemplo; e, de 1990 em diante, com as pesquisas sobre branqueamento, branquitude e seus efeitos psicossociais.

No entanto, para Dimenstein (2000), embora atualmente a atuação das(os) psicólogas(os) esteja comprometida com o social, sua formação ainda se caracteriza por uma cultura profissional regida pelo viés individualista. Esse ideário individualizante reforça a noção de que os sofrimentos decorrentes do preconceito e discriminação são de ordem individual, devendo ser superados por meio de elaborações do próprio indivíduo.

Análises feitas com base na categoria raça-etnia têm subsidiado, sobretudo a sociologia e a psicologia, na compreensão dos fenômenos do preconceito e da discriminação. Adorno ([1955] 2004), em seu texto clássico “De la relación entre sociología y psicología”, afirma que as duas ciências têm o mesmo foco de investigação: o animal gregário que é o ser

humano. Mas ambas acabam reduzindo suas respectivas investigações a unilateralidades metodológicas, conceituais e epistemológicas. Segundo ele, a psicologia tende a se cristalizar na dimensão individual das pulsões e desejos, e a sociologia, nas dimensões sociais e coletivas.

Acredito que, para compreender as relações étnico-raciais, faz-se necessária uma mediação entre ambas as ciências que permita evidenciar os aspectos psicossociais de tais fenômenos (preconceito e discriminação), que não podem ser explicados somente a partir do plano do indivíduo ou da coletividade. Trata-se de compreender os condicionantes e a psicodinâmica do preconceito e da discriminação alimentados pela ideologia, estrutura, processo e aprendizagem que representam o racismo.

Nesse sentido, vale destacar o trabalho do cientista social Souza (2010) que, no texto “Batalhadores e racismo”, reflete sobre classe social, racismo e suas influências nas escolhas, nas formas de luta por reconhecimento e nas aquisições materiais e simbólicas dos negros brasileiros. O autor provoca os sociólogos a observar as relações étnico-raciais sob a perspectiva psicológica, assim como interpela as(os) psicólogas(os) sobre a necessidade de contribuir com análises mais contextuais.

Para Munanga (2004), o racismo é semelhante a um *iceberg*, cuja ponta corresponde às manifestações explícitas de preconceito e discriminação. Contudo, há uma parte submersa, que envolve os efeitos do preconceito e da discriminação sobre a estrutura psíquica dos protagonistas e das vítimas desses fenômenos. O que merece a atenção da psicologia seja na pesquisa científica ou na profissão.

Vale observar que, por vislumbrar a multidisciplinaridade necessária à psicologia para melhor apreender, analisar e intervir frente ao racismo, a geografia e estatística, por sua vez, tornam-se importantes na demonstração de dados e indicadores.

Os censos brasileiros, através das pesquisas nacionais por amostra de domicílio e estimativas comportamentais, oferecem um valioso conjunto de dados, sobre a categoria raça-etnia, útil para o mapeamento da forma e da natureza das relações étnico-raciais entre amplos setores da população (Telles, 2012).

O estudo brasileiro que melhor compreende o atual sistema de classificação da cor ou raça-etnia é a publicação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2013, denominado “Características étnico-raciais da população: classificações e identidades”, cuja primeira versão foi realizada em 2008. Seu objetivo foi também levantar uma base empírica de informações, visando integrar estudos e análises para aprimoramento do sistema de

classificação étnico-racial utilizado nos diversos levantamentos estatísticos de dados populacionais. Realizou-se, ainda, um levantamento em uma unidade federativa selecionada em cada grande região (abrangendo os estados do Amazonas, Paraíba, São Paulo, Rio Grande do Sul, Mato Grosso e Distrito Federal), no qual se buscou o ponto de corte médio para a classificação étnico-racial brasileira (Petrucelli & Saboia, 2013).

As classificações e caracterizações servem de fonte para base de dados e fundamentos técnico-metodológicos oficiais para outras pesquisas, estudos e relatórios, subsidiando indicadores sociais. Um exemplo disso é o Relatório Anual das Desigualdades Raciais no Brasil, publicação organizada pelo Laboratório de Análises Econômicas, Históricas, Sociais e Estatísticas das Relações Raciais (LAESER) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), cuja primeira edição saiu em 2008 e a segunda, em 2010 (Paixão, Rossetto, Montovanele & Carvalho, 2010).

De fato, a raça-etnia vem ganhando relevância no debate político e, com isso, seu uso como variável tem sido ampliado, através de modelos estatísticos e quantitativos, em pesquisas de opinião e de monitoramento e avaliação de políticas públicas (Muniz, 2010). Por exemplo, de acordo com o censo do IBGE (2010) no recorte de raça-cor, em âmbito nacional, um pouco mais da metade da população é negra, sendo 50,9% entre parda e preta, 47,7% de brancos, 0,4% de indígenas, e 0,4% de amarelos. Contudo, três anos depois, Petrucelli e Saboia (2013), utilizando dados da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio (PNAD), do IBGE, mostram que a população brasileira corresponde a 53,1% de negros, 46,1% de brancos, 0,4% de indígenas e 0,4% de amarelos. Outra evidência percebida através da análise da variável raça-cor são as desigualdades na saúde entre brancos e negros em termos de mortalidade infantil, riscos de morte por tuberculose, assistência às emergências médicas decorrentes da gravidez (pré-natal, parto, aborto), morbimortalidade dos jovens por causa da violência; além de outros indicadores que possuem relação direta com a saúde, como acesso ao saneamento, educação e habitação. (Ministério da Saúde, 2008; UFBA, 2010; Waiselfisz, 2011).

Nos processos de escolarização, a experiência social da população negra reflete a desigualdade acumulada em função da discriminação histórica. Isso é sustentado por indicadores que evidenciam trajetórias distintas entre brancos e não brancos no acesso e permanência aos estudos como: anos de estudo, reprovação, evasão escolar, distorção idade-série, currículo escolar desenvolvido, desempenho dos estudantes, relação professor-aluno, qualidade do equipamento escolar e sua localização (Passos, 2010).

Em relação aos povos indígenas, Gomes (2012) considera que estão sujeitos a uma estrutura de poder infinitamente desigual estabelecida por: Estado, Igreja, situação de desenvolvimento econômico, militares, intelectuais acadêmicos, classes médias urbanas, fazendeiros e posseiros. Para o autor, os fatores dessa desigualdade não consistem apenas naqueles que motivam as lutas por demarcação de terras, ou pela homologação e registro das que foram demarcadas (as quais, aliás, mesmo assim permanecem sob ameaça de revogação, visto que a lei muda com base nos interesses econômicos). Além disso, residem segundo Gomes (2012) em condições básicas de saúde que continuam infinitamente inferiores em relação ao atendimento dos demais brasileiros, como ilustra o índice de mortalidade da população indígena que continua sendo o dobro da média brasileira.

Quanto à escolarização, o analfabetismo da população indígena corresponde a 23,3%, índice considerado alto se comparado ao dos demais brasileiros que é de 9,6%. Contudo, o próprio IBGE (2012) ressalta que a educação indígena envolve aspectos específicos que os procedimentos de captação de informações nos censos demográficos não permitem aprofundar, com destaque para os currículos diferenciados, o conhecimento/desconhecimento dos saberes tradicionais e, principalmente, o uso das línguas indígenas.

Coimbra e Santos (2000) afirmam que a insuficiente disponibilidade dos serviços básicos acima aludidos e os conflitos de terra promovem um deslocamento migratório dos indígenas para as cidades. Os autores descrevem uma inserção urbana marcadamente periférica, fixada nas localidades mais pobres, onde são alvos de forte discriminação. Atualmente, 42,3% da população indígena do país vive fora de terras indígenas, sendo São Paulo a área urbana com maior número notificado de indígenas (11.918), Salvador, a terceira com maior número de indígenas (7.560) e Manaus, a nona (3.837) (IBGE, 2012).

A categoria raça-etnia, como demonstrado por diversos estudos, tem sido um bom indicador para compreender a assistência à saúde, o acesso à educação, o viver e morrer de pessoas. O que pode contribuir para a atuação da(a) psicóloga(o), visto que tais profissionais têm atuado cada vez mais a serviço de um público pertencente a esses grupos.

Isso pode ser percebido através das ações do Sistema Conselhos de Psicologia (Conselho Federal e Conselhos Regionais de Psicologia), entidades reguladoras e fiscalizadoras do exercício profissional das(os) psicólogas(os) que têm como marco a Resolução nº 18 de 2002, elaborada pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP), a fim de estabelecer normas de atuação em relação ao preconceito e à discriminação racial (CFP, 2002). Além do marco legal, há grupos de trabalho ou comissões sobre o tema, no próprio

CFP e nos CRP's, como os da Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo e Pará/Amapá, Distrito Federal. Os grupos e comissões têm a finalidade de dar visibilidade à Resolução nº 18/2002, aos efeitos psicossociais do racismo, ao tema das relações étnico-raciais para o próprio Sistema Conselhos e categoria das(os) psicólogas(as) e para a sociedade civil (CFP, 2014).

Nos anos de 2013 e 2014, foi iniciada uma consulta/pesquisa, através do Centro de Referência Técnico de Psicologia e Políticas Públicas (CREPOP), pelo próprio Sistema Conselhos. Este trabalho buscava investigar a atuação de psicólogas(os) em políticas públicas sob a ótica das relações étnico-raciais, o que gerou o relatório parcial intitulado "Relações Raciais: Referências Técnicas para a Prática do(a) Psicólogo(a)" (CFP, 2013) e sua publicação final "Relações Raciais: Referências Técnicas para Atuação de Psicólogas(os)" (CFP, 2017b). Além disso, como produção do CFP e CRP's, há constantes discussões e debates e inúmeras publicações nas mídias (peças de jornais, capítulos de livros, relatórios, revistas, notas técnicas e cartilhas), a exemplo dos Guias de Referências de Psicologia e Relações Raciais, duas edições da cartilha produzidas pelo Conselho Regional de Psicologia da Bahia (CRP03, 2010) e os capítulos "Psicologia e racismo: uma autocrítica necessária" e "Preconceito Racial Humilha, a Humilhação Social Faz Sofrer" no livro do CFP intitulado "Psicologia e Direitos Humanos: subjetividade e exclusão" de 2004.

Em suma, a(o) profissional de psicologia é aquela(e) que tem como objeto de estudo e trabalho os fenômenos psíquicos, subjetivos e/ou cognitivos, o comportamento, o desenvolvimento humano e a experiência de vida, assim como as relações interpessoais, processos grupais e análises institucionais. O racismo, enquanto ideologia, estrutura, processo e aprendizagem, se manifesta pelo preconceito e pela discriminação étnico-racial em todas essas dimensões humanas. Esta(e) profissional pode ter como objeto de análise e intervenção a pessoa alvo do preconceito e discriminação, visto que tais fenômenos podem impactar a saúde física ou mental, o desempenho intelectual e educacional, a autoestima e a afirmação identitária, entre outros aspectos. Inversamente, também pode ter como foco de atenção pessoas com alto grau de preconceito e/ou personalidade autoritária. Pois, através de seus campos de atuações e linhas teóricas, é capaz de produzir tecnologias interventivas com o intuito tanto de lidar com o sofrimento psíquico decorrente do racismo, quanto de oferecer estratégias para redução de preconceito e discriminação.

Diante da urgência do tema na seara da psicologia, conforme demonstrada pelas ações do Sistema Conselhos, e pelas várias produções de mérito da psicologia no campo, pretende-se investigar como as(os) profissionais trabalham inseridos no contexto das relações étnico-

raciais. Com inspiração nos estudos do Projeto UNESCO e no mapeamento para a construção da “Características étnico-raciais da população: classificações e identidades” feito pelo IBGE, esta pesquisa investigou tais atuações em três Estados: São Paulo, Bahia e Amazonas.

A presente pesquisa é de natureza quantitativa, com proposta descritiva e exploratória. Tem o objetivo primordial de caracterizar as atuações de profissionais de psicologia no tema das relações étnico-raciais no Amazonas, na Bahia e em São Paulo. Além das atuações, são identificados os perfis sociodemográficos e formativos das(os) psicólogas(os). São também analisadas tanto suas crenças sobre as diferentes categorias étnico-raciais populares quanto sobre a identidade e a atuação profissional da(o) psicóloga(o).

Diante do que foi proposto é possível identificar os principais achados. A tese corrobora com as seguintes conclusões sobre a atuação da(o) profissional de psicologia e suas crenças. Há disparidades formativas e ocupacionais entre as raças-etnias das(os) profissionais de psicologia. Isso é evidenciado pelo nível de titulação, pelo perfil da IES (pagos/públicos) onde se formaram, pelo interesse no tema, pelo tempo de atuação na psicologia, pelas áreas de atuação e perfis dos serviços (pagos/públicos) onde trabalham, bem como pela vigilância e consciência de envolvimento em situações de racismo. Há também disparidades no atendimento das populações étnico-raciais, pelas faixas socioeconômicas atendidas e pelos tipos de serviços psicológicos (pagos/públicos). Constata-se também a influência política e filosófica cristão-católica na atuação das(os) profissionais de psicologia. O que é evidenciada pela historiografia da psicologia brasileira e manifesta nas crenças sobre atuação e identidade profissional das(os) psicólogas. A influência cristão-católica também pode ser notada no perfil do racismo brasileiro, que também pode ser identificada nas crenças das(os) participantes sobre as categorias étnico-raciais. O histórico filosófico cristão-católico pode ser também observado na atuação das(os) profissionais no tema das relações étnico-raciais pela prevalência do uso da Escuta Atenta e Sensível isolada de outros procedimentos específicos. Além disso, nota-se a influência dos históricos institucionais dos respectivos Conselhos Regionais de Psicologia na difusão do tema das relações étnico-raciais, como pauta no ambiente de trabalho das(os) profissionais, em cada estado pesquisado.

A partir dos resultados e das discussões realizadas, o primeiro capítulo da tese foi construído para apresentar uma linha lógica histórica e teórica. Tal linha trata da cientificização e profissionalização da psicologia na história, assim como da sua problemática científica e profissional acerca das relações étnico-raciais no Brasil.

A Tese esta organizada em quatro (04) capítulos. Como foi dito, um deles é histórico e teórico, outro é metodológico, o terceiro aborda resultados e o último, as discussões.

O primeiro, descreve o desenvolvimento do saber psicológico segundo os registros históricos da psicologia, que vão desde a Antiguidade até o estabelecimento da ciência autônoma no séc. XIX. Nesse ínterim, apresenta a formação da epistemologia psicológica científica, no âmbito das ciências naturais, a partir das noções de individualidade e universalidade. Concepção questionável no contexto de colonialidade, enquanto processo civilizatório, cujo principal objeto de análise e intervenção foi a classificação de humanidades pela raça-etnia. O capítulo também descreve a influência do pensamento católico sobre a institucionalização da psicologia brasileira; bem como, argumenta ainda que o tema da raça-etnia sempre esteve presente na pauta de estabelecimento da psicologia no país. Apresenta a configuração política e social das relações étnico-raciais no país, manifesta através do perfil de racismo indireto.

O segundo capítulo concerne ao método da presente pesquisa. Demonstra detalhadamente todos os procedimentos da pesquisa quantitativa: a descrição dos objetivos; as hipóteses; a seleção de participantes; a elaboração, estruturação, avaliação e aprovação do instrumento de coleta de dados; a articulação com as Entidades de Psicologia para divulgação do instrumento para a coleta; apresenta ainda outros recursos de divulgação na mídia; e os recursos utilizados para a análise de dados.

No terceiro capítulo, estão os resultados. Consta a estatística descritiva da amostra, com a caracterização do perfil sociodemográfico, formativo e ocupacional das(os) participantes. Há também as análises das 12 hipóteses formuladas para testar as associações de dependência e comparações de médias entre os dados sociodemográficos, de formação e de atuação profissional. São dispostas as Frequências Simples (*N*), Distribuições (%) e as tendências centrais, pela Média (*M*) e Desvio Padrão (*DV*). Assim como estão demonstrados os teste de associação, pela Tabela de Referência Cruzada, ou as comparações de médias, por teste *t* de amostras independentes.

Ao final, o quarto capítulo, que apresenta as discussões e conclusões sobre os principais achados.

Capítulo 1 - A Psicologia no Ocidente e as relações étnico-raciais no Brasil

O capítulo primeiro apresenta os registros do desenvolvimento do pensamento psicológico até se chegar a uma epistemologia unitária científica moderna. A partir disso, é exibido o impacto da modernidade, e sua consequente colonialidade, nas atribuições relativas à humanidade universal, bem como suas contrapartes correspondentes à inumanidade classificada aos povos "bárbaros" e "selvagens".

A partir do discurso de valorização do humano, do individual, do racional e do universal é possível notar o direcionamento do processo civilizatório no mundo ocidental e no Brasil. Entretanto, na já referida busca de modernização nacional, a ciência psicológica do país se funda tendo como pauta principal a "raça-etnia". Tema que, desde o período colonial, já era encarado como objeto de análise pelos jesuítas, que fizeram os primeiros registros de saberes psicológicos no Brasil. Por meio da colonialidade de viés cristão-católico, ocorreu a institucionalização da psicologia no país, assim como a configuração política manifesta nas relações étnico-raciais.

A influência do pensamento católico na psicologia brasileira direcionou as noções de individualidade e autoconhecimento, que deriva mais diretamente de noções escolásticas, em especial, da filosofia tomista, do cultivo de si pelo desenvolvimento da "fé" (Sanchi, 2005). A mesma herança e capilaridade cultural vão influenciar determinadamente a aceitação da psicologia científica pela intelectualidade nacional e o estabelecimento da profissão, na segunda metade do séc. XX (Jacó-Vilela & Rocha, 2014). No campo político e social das relações étnico-raciais advindas da colonialidade ibero-latino-cristão-católica, a influência católica também se manifesta no perfil do racismo brasileiro, de características sutis e cordiais.

O capítulo define ainda os termos "raça", "etnia", "racialismo", "etnicidade" e "racismo". Além disso, são descritas as peculiaridades dos racismos latinos e nórdicos, bem como alguns dos mitos secundários presentes no perfil do racismo brasileiro que silenciam os conflitos étnico-raciais.

Por fim, são aprofundados conceitualmente os efeitos psicossociais do racismo, quais sejam, o preconceito, a discriminação e a humilhação social.

1.1 - A Psicologia e sua história hegemônica no Ocidente

José Abib (2009) afirma que a história da psicologia como um projeto científico nasce no final do séc. XIX, com as obras de Wilhelm Wundt e de William James, na perspectiva de diferenciar-se da compreensão metafísica. Assim, a psicologia científica toma como objeto de reflexão a **epistemologia unitária**. Tal epistemologia psicológica é definida por um conhecimento unitário, que decorre da reflexão sobre a história da ciência psicológica, pertencente ao gênero da história das ciências.

Ao considerar que a história da psicologia científica parte das concepções de Wundt e de James, Abib (2009) afirma que a sua pré-história conta a história da psicologia metafísica.

Diante da proliferação da psicologia moderna, surgem novos pontos de vista e teorias. A pluralidade teórica do conhecimento psicológico pertence à seara da epistemologia pluralizada, o que significa dizer que a psicologia é um conhecimento plural. Reflete a história do conhecimento em locais e momentos específicos, que remetem à própria história das culturas e das tradições de pensamentos psicológicos e filosóficos. Ao entender a história da psicologia como **história de culturas** e de tradições de pensamentos filosóficos, é possível perceber o berço da referida psicologia moderna científica (Abib, 2009).

Abib (2009) aponta que a psicologia de Wundt se insere na tradição clássica da filosofia alemã, a qual distingue as ciências da natureza das ciências da cultura. Isso se evidencia na dualidade feita por ele entre a psicologia cultural ou dos povos (*Völkerpsychologie*) e a psicologia fisiológica e experimental. Na primeira, ele investigava os processos complexos da mente, como linguagem, mito, religião, arte, sociedade, lei, cultura e história. Na segunda, os processos mais simples, como sensação, percepção e processos afetivos.

A fim de serem estabelecidos como uma epistemologia psicológica única, os fundamentos científicos de Wundt partem da crítica às concepções de seus predecessores, dirigida também ao pensamento metafísico, igualmente anterior, de pensadores como Descartes, Leibniz, Hobbes e Locke (Abib, 2009).

A presente seção do capítulo apresenta, resumidamente, as **influências da corrente hegemônica do pensamento psicológico** que resultou na referida epistemologia da psicologia moderna unitária. A trajetória de influências tem como base o registro de Anatol Rosenfeld, cuja primeira edição foi publicada em 1984, com o título "O pensamento psicológico". No livro, o autor apresenta sistematicamente um roteiro sobre as percepções do fenômeno

psicológico desde a Grécia Antiga, passa pela Idade Média, pela Modernidade e chega aos tempos pós-Revolução Industrial. Da obra de Rosenfeld (2006), será aproveitado o percurso até a institucionalização da psicologia moderna, com o intuito de entender as raízes e os contextos do pensamento ocidental na concretização da epistemologia científica unitária afirmada por Wundt e James.

Segundo Rosenfeld (2006), os primórdios da psicologia moderna remontam à **Antiguidade Grega**. Com base nas representações mitológicas nascem a filosofia grega e a ciência, como tentativa de explicar os fatos da natureza por meio da observação dos fenômenos. Surgiam, assim, os primeiros pensamentos e teorias psicológicas, imersos, contudo, no metafisicismo. Entre alguns dos filósofos de destaque estão: Alcmeón de Crotono (séc. V a.C.) e Empédocles (séc. V a.C.), Protágoras (480-410 a.C.), Sócrates (469-399 a.C.), Platão (427-347 a.C.), Aristóteles (384-322 a.C.), Zenon (aprox. 340-270 a.C.), Epicuro (341-270 a.C) e Pirrô (aprox. 360-270 a.C.). Através da filosofia, buscavam explicar a natureza dentro da natureza. Com o desenvolvimento do método, das leis científicas e o estabelecimento de problemas de análise, pretendia-se compreender a substância fundamental da vida psíquica.

Apesar do que está registrado de Rosenfeld (2006), Nogueira e Guzzo (2016) afirmam que a maioria dos grandes pensadores gregos supramencionados foi iniciada no **pensamento kemetiano**, originário do Egito Antigo. Segundo elas, o antropólogo, historiador e físico senegalês Cheikh Anta Diop reúne evidências linguísticas, arqueológicas, matemáticas, históricas e filosóficas para afirmar que o Egito Antigo era uma civilização negra e que foi o berço da civilização grega. O autor senegalês considera que os gregos antigos como, por exemplo, Platão, Aristóteles, Heródoto, Pitágoras, entre outros, produziram suas famosas teorias com base nos conhecimentos de Kemet, contudo, sem fazer as devidas referências às fontes originais.

Boa parte das correntes da Antiguidade grega já fazia parte do período **helênico romano**. No entanto, são os anseios religiosos que justificam considerar tal época como uma transição histórica peculiar entre a filosofia da Antiguidade e o entendimento acerca da alma na Idade Cristã, ou seja, Idade Média. Em função da efervescência político-social e a busca por uma unificação doutrinária, houve um profundo ceticismo sobre o conhecimento racional da época pregressa. O que abriu caminho para as virtudes da fé. Apesar do prestígio da filosofia grega, nos inícios da era cristã vigorou uma filosofia religiosa. Assim, o cristianismo emergente buscou conhecer os mistérios da alma pelo próprio pensamento grego racional. Há

de se notar o sincretismo existente entre a obra teosófica de base judaica e a influência de tradição platônica, pitagórica e estoica. O que é manifestado, por exemplo, nos pensamentos de Filão de Alexandria (nasc. 25 a.C) e Plotino (203-269 a.C) (Rosenfeld, 2006).

Plotino é considerado a figura central do que é definido como neoplatonismo e que exerce grande influência sobre os **pensamentos medievais** posteriores, cujo maior representante, até então, é Sto. Agostinho (354-430). Plotino afirmava que a alma era uma substância imperecível e imaterial, de caráter interior, íntimo, abstrativo e que se eleva acima de si em busca da unidade com o divino. Era algo intermediário entre o inteligível e o sensível. O que já se distinguia dos gregos, cujas investigações, por sua vez, focavam-se na harmonia ou enteléquia¹ do corpo como fato natural, indissociado da natureza (Rosenfeld, 2006).

Sto. Agostinho, por sua vez, concebe a alma como análoga à Trindade Divina. O que corresponderia às ações da "memória", à "inteligência" e à "vontade" a serviço do esforço de se debruçar sobre si mesmo. Por meio das lembranças (memória), a alma conheceria a si mesma (inteligência) e, a partir daí, faria uso ou não do livre-arbítrio (vontade) para alcançar uma suposta graça divina (fé). Diferente de Plotino, em Agostinho não há a noção de substância intermediária entre corpo e alma. Para ele, o corpo depende da alma e suas funções vegetativas não são possíveis sem ela, pois é apenas veículo de sensações que são administradas pela alma. Os tópicos psicológicos fundamentais da Escolástica são pensamentos filosóficos ligados ao período da gênese dos dogmas teológicos cristãos. A primeira fase da filosofia medieval cristã é a **filosofia patrística**, representado por Sto. Agostinho, quando se começou a compreender a fé divina por um racionalismo metodológico. O auge da **Escolástica**, considerada um método de pensamento crítico de aprendizagem, tem como principal referência São Tomás de Aquino (1225-1274) (Rosenfeld, 2006).

Apesar da pouca contribuição para o campo das ciências positivas, tal corrente filosófica apresenta ricas análises de problemas lógicos, epistemológicos, ontológicos e éticos. Mesmo ainda dissociadas do naturalismo, no pensamento psicológico escolástico eram trabalhadas as noções de "anatomia", "fisiologia" e "percepção"; bem como de "razão", "vontade", "consciência", "unidade da alma" e acerca do "problema dos conceitos universais" de esferas ontológicas e epistemológicas. É o início da valorização da existência individual e da imortalidade da alma. Pela inteligência seria possível transcender os dados sensíveis

¹ Na filosofia aristotélica, significa o resultado, a plenitude ou a perfeição de uma transformação ou de uma criação, em oposição ao processo de que resulta tal criação ou transformação. Em outras palavras, seria a forma ou a razão que determina a transformação ou a criação de um ser (Dicionário Aurélio, 1986).

externos das coisas e alcançar a sua essência, chegando-se, por exemplo, a ler o interior dos seres humanos. Da Escolástica deriva o importante método de sistematização, que surgirá nas etapas posteriores e desembocará na psicologia moderna científica. Entretanto, o auge da Escolástica tomista é precedido **pela influência filosófica e antropológica árabe** (Rosenfeld, 2006).

Rosenfeld (2006) afirma que pensadores árabes proporcionaram à Europa cristã um resgate e um conhecimento mais exato das obras aristotélicas a partir do séc. XI. Alguns desses personagens são Alfarabi (aprox. 950), Ibb Sina (aprox. 980), Alhazen (aprox. 965), Ibn Ruchd Averroés (aprox. 1198). Eles contribuíram com noções mais abrangentes sobre o organismo, com o entendimento sobre os poderes vegetativos, sensitivos e motores. Também havia a compreensão de uma tendência conativa da alma, como disposições latentes a determinadas ações e que as faculdades psíquicas deveriam trabalhar em um esforço de elevação espiritual. Verifica-se ainda a descrição do espírito universal que parte de uma primeira divindade, além de outras contribuições.

Dentro da própria Escolástica, os fundamentos do racionalismo realista são abalados pelos do nominalismo empirista, ligados ao individualismo e ao irracionalismo. É um movimento muito mais associado à vontade do que à razão. Em contraposição à perspectiva "mística", recorre à experiência do próprio "eu", no lugar da "fé" e da teologia. Uma tendência científica que começa a surgir, através do experimento e da observação da própria natureza, em lugar da análise erudita da tradição escolástica cristã (Rosenfeld, 2006).

Imbuída de um novo sentimento de vida, surge a visão **naturalista**, no período do Renascimento. Nota-se uma mudança expressiva na descrição do conhecimento sobre o corpo humano que forma os traços essenciais da psicologia moderna. Na busca pela independência em torno da verdade, chegou-se ao racionalismo, um esforço por fazer da razão a mais alta autoridade na busca do conhecimento em lugar da fé espiritual. Por seu turno, o naturalismo tende a explicar a natureza exterior e interior sem os pressupostos sobrenaturais da teologia. Desse modo, fazia-se uso do empirismo por considerar a experiência como fonte legítima do conhecimento. Além disso, vislumbrava-se o cientificismo, procurando-se manter contato com as novas ciências, métodos e tradições de pensamento (Rosenfeld, 2006).

Figueiredo (2003) assinala que, com a desagregação das velhas tradições e a proliferação de novas alternativas, há a tendência dos humanos recorrerem ao foro "íntimo". A perda de referências coletivas como religião, povo, família e comunidade impele à construção de referências particulares. Na experiência renascentista, com a insubordinação da

tradição teocrática, ocorreria uma das maiores perdas de referências culturais. Existia uma descrença cética somada ao nascente **individualismo** que produziram reações para estabelecer novas bases e sistemas de crenças. Para além disso, a noção de "vontade" começa a sair da conotação da "fé" e passa a alimentar a de "livre-arbítrio", como contraponto à crença na onipotência e controle absoluto divinos. Isso, mais à frente, no campo religioso, passa a ser objeto de debate entre o catolicismo e o protestantismo, durante a Reforma e Contrarreforma.

Em acordo com tal ideia está Habermas (2014), ao sinalizar que, com a mudança na estrutura social de um sistema tradicional para o moderno, as imagens de mundo e as objetivações tradicionais perdem seu poder de mito e religião. Isso resulta na crítica ao dogmatismo das interpretações tradicionais do mundo, que passam a afirmar credos e éticas subjetivas. As modernas orientações de valores, sob a égide da ética protestante, são asseguradas, o que vem a legitimar novas ideologias que se apresentam pretensamente como ciência moderna.

Giddens (1991) afirma que a **modernidade** é uma expressão estrita do projeto civilizatório do Ocidente. Para ele, a modernidade consiste em negar não apenas as tradições, a história e a memória em nome de um **presentismo**, mas também todas as particularidades, as diversidades, as territorialidades culturais e as diferenças humanas na afirmação de uma “**humanidade absoluta**”. Com isso, em contrapartida, o entendimento de um ser humano universal e absoluto geraria, como consequência, outro tipo de ser, semanticamente oposto, ancorado no “**inumano universal**”. A outra face da moeda abriga todas as des/qualificações referentes a um "não homem", tido como bárbaro ou selvagem.

Não à toa, no referido período, século XV, uma série de bulas ou encíclicas papais davam aos reinos ibéricos, de Portugal e de Castela (atual Espanha), o direito legal de tomar as terras e escravizar povos não cristãos. Eram terras situadas na costa africana e no Novo Mundo ao ocidente além-mar. Estariam como objetos de escravidão, especificamente, os povos maometanos e pagãos (Oliva, 2002).

Priore e Venâncio (2004) afirmam que no período das inquisições e das cruzadas, as pessoas de cor negra, os mulçumanos e os indígenas eram associados, no imaginário europeu, à escuridão e ao mal, ao inferno e às criaturas das sombras.

Na transição da regência dos dogmas tradicionais para as crenças ideológicas que norteiam a modernidade, pode-se observar, segundo Dumont (1985), que o cristianismo primitivo e o medieval influenciaram algumas características do que viria ser a cultura ocidental moderna. Por exemplo, a noção de "individualidade" e "interioridade", mas,

também, a contribuição para o universalismo da mensagem ético-religiosa, componente central da noção de "amor universal". Na presente noção universalista, o que está em jogo é o desempenho e a expansão cultural cristã que, como experiência política, busca moldar eticamente o mundo e outras culturas.

Dumont (1985) ainda afirma que os valores “extramundanos”, religiosos e metafísicos foram adaptados à ética mundana, sob a narrativa de um mundo particular e individual. Elias (1994) também aponta neste sentido. Para ele a estratégia civilizatória foi sintetizada como uma transformação de repressão externa em repressão interna. Seja na organização afetiva, seja na organização racional ou valorativa, o propósito foi a edificação de um tipo humano uniforme e singular, como o pressuposto estrutural do cidadão moderno.

Konder (2000) assinala que o termo “moderno” deriva do dizer “agora mesmo” (presentismo), como também afirma Gyddens (1991). Ainda segundo ele, o uso do termo é sintomático para designar o novo período histórico adotado como marco inicial no momento em que se constata a mudança na sensibilidade ao tempo.

O isolamento individual cria uma sensação de insegurança no plano das necessidades emocionais do homem comum. Em compensação, direciona a força psicológica das narrativas religiosas para o estímulo ao trabalho. Direciona, por fim, as referências das necessidades cotidianas da vida para a moralidade da economia, estimulando atividades sob o princípio da responsabilidade individual e da conduta racional, instrumental e metódica (Dumont, 1985).

Rosenfeld (2006) destaca que, para o pensamento psicológico do séc. XVII, foi decisiva a emergência da modernidade e a paulatina eliminação do caráter teosófico. Por exemplo, a expansão da economia mercantil está associada à ruptura com os vínculos observados em sociedades pré-capitalistas e passagem para laços cada vez mais arregimentados pela produção. Além de Rosenfeld (2006), Figueiredo (2003) também narra que, na Europa, inicialmente, as relações que constituíam elementos feudais de exploração entre senhores e servos ou escravos, convertiam-se em regimes assalariados entre patronato e proletariado.

O progresso científico acerca do saber psicológico, por sua vez, é realizado na transição da compreensão de valores "extramundanos", para valores cada vez mais "mundanos". O que é assinalado pela observação experimental e a linguagem matemática no emprego de definições racionalistas e empiristas. Entre os **racionalistas**, que acreditavam que a fonte do conhecimento é inata, estavam, por exemplo, Descartes (1596-1650), Spinoza (1632-1677) e Leibniz (1646-1716). Entre os **empiristas**, convencidos que a verdadeira fonte

do conhecimento derivava dos sentidos, estariam Bacon (1561-1626), Hobbes (1588-1679), Locke (1632-1704) e Hume (1711-1776) (Rosenfeld, 2006).

A despeito da unilateralidade do sensorialismo francês e do empirismo inglês, a influência germânica (com a dicotomia entre ciências da natureza e ciências sociais), no pensamento filosófico e psicológico, passou a ganhar corpo, por exemplo, com Leibniz e Kant (1724-1804) (Rosenfeld, 2006).

O **associacionismo** é a vertente filosófica mais fortemente derivada das correntes empiristas. Seu princípio consiste em explicar o funcionamento da vida mental a partir das organizações das ideias com origem nas sensações proporcionadas pela experiência e pelos sentidos. Na psicologia, tem seu apogeu no séc. XIX, entre os ingleses. Pode-se dizer que tal vertente tentou criar uma mecânica do espírito, o que refinou o conhecimento sobre as funções psíquicas pelo estudo do sistema nervoso. Os progressos na anatomia e fisiologia auxiliaram o desenvolvimento dos estudos da frenologia, da fisiologia dos nervos e da percepção sensorial. Com a tentativa de transformar a psicologia em ciência exata, segundo o modelo das ciências naturais, reduziram-se os processos psíquicos à influência biológica. A perspectiva **funcionalista** dos estudos sobre a natureza adaptativa do sistema nervoso e dos processos mentais, do comportamento e da evolução espiritual foi a mesma que a de Charles Darwin (1809-1882). Esta última influenciou fortemente William James (1842-1910) e John Dewey (1859-1952) (Rosenfeld, 2006).

Rosenfeld (2006) assinala a forte influência de Darwin para a psicologia, pois a partir dele a ciência não poderia ignorar a noção de filogenia e ontogenia. Isso estimulou os estudos comparados na psicologia animal e na psicologia dedicada ao estudo das crianças, bem como pesquisas das relações entre o ambiente natural e social. Darwin era um estudioso das emoções, do processo consciente, da inteligência e seu sistema evolucionista. Contudo, foi com seu primo, Francis Galton (1822-1911), que a **teoria evolucionista** chamou a atenção dos que se detinham sobre o conhecimento psicológico, especificamente no tema das diferenças individuais. Galton buscou aplicar os princípios da variação, seleção e adaptação ao estudo de indivíduos e raças humanas, com propósitos do darwinismo social e da eugenia, tentando provar a hereditariedade dos traços psicológicos superiores (Rosenfeld, 2006).

A eugenia é um termo formulado por Francis Galton, fisiologista inglês, definido por estudo dos fatores socialmente controláveis que podem elevar ou rebaixar as qualidades raciais das gerações futuras, tanto física quanto mentalmente (Pequignot citado em Costa, 1989, p. 81).

A origem do **pensamento eugênico** moderno data da segunda metade do séc. XIX, logo após a teoria evolucionista de Darwin. A eugenia ganha destaque na cultura da burguesia industrial inglesa, quando adquire *status* de ciência. Então, expandiu-se e ganhou adeptos pelo mundo, pois prometia resolver demandas sociais, com base em pensamentos progressistas em prol da modernidade de uma sociedade industrial (Diwan, 2007). Conforme Diwan:

Mencionar vários tópicos mais ou menos conectados com aquele do cultivo da raça, ou, como podemos chamá-lo, com as questões “eugênicas”. Isto é, como problemas relacionados com o que se chama em grego “*eugenes*”, quer dizer, de boa linhagem, dotado hereditariamente com nobres qualidades. Esta e as palavras relacionadas, “*eugeneia*” etc. são igualmente aplicáveis aos homens, aos brotos e às plantas. Desejamos ardentemente uma palavra breve que expresse a ciência do melhoramento da linhagem, que não está de nenhuma maneira restrita à união procriativa, senão especialmente no caso dos homens, a tomar conhecimento de todas as influências que tendem, em qualquer grau, por mais remoto que seja, dar às raças ou linhagens sangüíneas mais convenientes uma melhor possibilidade de prevalecer rapidamente sobre os menos convenientes, que de outra forma não haja acontecido (Galton, citado por Diwan, 2007, p. 41-42).

Do ponto de vista metodológico, Galton se torna o proeminente pioneiro da época dos testes mentais. Galton em parceria com James Cattell (1860-1944) que, por sua vez, posteriormente teve seu Doutorado orientado por Wilhelm Wundt (1832-1926), em Leipzig, criaram o primeiro teste de inteligência. O seu teste de associação é considerado o primeiro banco de dados de diferenças individuais de processos psicológicos. Investigava a relação entre a acuidade sensorial e mental pelo tempo de reação nas associações (aquelas baseadas no som e sentido das palavras e as que remetem a uma ação) (Del Cont, 2008; Rosenfeld, 2006; Gomes, 2004).

Wundt é o fundador do primeiro Instituto de Psicologia Experimental, em 1879, em Leipzig. Tal marco é caracterizado como a oficialização da psicologia como ciência autônoma e empírica. O que influenciará tudo o que é conhecido sobre a história da psicologia moderna, que parte de um entendimento a partir da **epistemologia psicológica unitária**, como descrita por Abib (2009).

Houve também algumas correntes divergentes do atomismo psicológico, por exemplo, a escola gestáltica cujo fundador é Max Wertheimer (1880-1943). Outra vertente é a psicanálise, destacada como uma das maiores revoluções na ciência psicológica. É advinda do campo da psiquiatria, com a elaboração de técnicas terapêuticas para curar fenômenos psicopatológicos, cujo maior personagem é Sigmund Freud (1856-1939) (Rosenfeld, 2006).

Segundo Figueiredo (2003) a observância dos fenômenos psicológicos, desde a sua origem até o seu estabelecimento científico, desenvolveu-se marcada pela contradição. Por um lado, há a pressuposição do sujeito livre e diferenciado dos outros, que é detentor do

direito sobre a natureza; por outro, procura-se conhecer e dominar a própria subjetividade, reduzir ou eliminar as diferenças individuais, de forma a garantir a objetividade, ou seja, a validade dos achados subjetivos.

A trajetória apresentada aponta sinteticamente os caminhos dos saberes psicológicos na **história das culturas**, das épocas e contextos, os principais personagens e suas perspectivas, até se chegar a uma epistemologia única da psicologia. O registro das primeiras conjecturas alheias à base mitológica remete aos gregos antigos. Um segundo momento surgiria com o resgate da mitologia cristã, com o primeiro e segundo medievo, e com as principais figuras escolásticas de Sto. Agostinho e São Tomas de Aquino. E, sucessivamente, as teorizações modernas racionalistas e empiristas, que precedem a institucionalização científica autônoma da psicologia.

Não é pretensão desta pesquisa discorrer profundamente sobre a genealogia da epistemologia do pensamento psicológico científico. O breve histórico serve para ilustrar como os principais pensamentos foram desenvolvidos e indicar as influências cosmológicas e religiosas que os atravessam. É o caso das noções de "individualidade" e de "cultivo de si", que conciliavam a fé cristã com um sistema de pensamento racional. Tal influência do pensamento católico apresenta forte relação com a institucionalização dos saberes psicológicos no Brasil. O histórico serve também para observar a transição, na esfera psicológica, das condições de vida, fundamentadas até então na cosmologia religiosa cristã, para a moralidade econômica a partir da modernidade, que segue os contextos mercantis e liberais da época, na Europa.

Em todas as etapas, o desenvolvimento do conhecimento psicológico esteve inserido no contexto de interações entre povos, no qual, determinados objetos analíticos eram valorizados ou desvalorizados. Tal des/valorização está em considerar a Grécia Antiga o berço da civilização ocidental e do pensamento psicológico, sem fazer menção a suas referências civilizatórias pregressas (Egito Antigo). A des/valorização está também em atribuir humanidade universal aos cristãos europeus e inumanidade aos "bárbaros" e "selvagens" não cristãos, o que justificava a sua subordinação na condição escrava. Ou até pelos primeiros estudos e testes psicológicos sobre as diferenças individuais, dos quais um dos pioneiros foi o principal eugenista e darwinista social, que tinha a proposta de adaptar e melhorar as raças-etnias e linhagens mais convenientes, segundo atributos físicos e mentais.

1.2 - A modernidade frente aos "bárbaros" e "selvagens"

A partir da trajetória traçada anteriormente, pode-se afirmar que o processo civilizatório do Ocidente esteve associado ao desenvolvimento histórico dos saberes psicológicos. Em outras palavras, a história narrada do pensamento psicológico moldou e foi moldada pela civilização europeia, que conseqüentemente buscou definir o mundo conforme seu expansionismo e colonialidade.

Segundo Adorno (2004), a sociedade pré-moderna não conhecia ainda a psicologia. Ou seja, as sociedades que seguem o regime capitalista e liberal vêm se estabelecendo concomitantemente aos momentos históricos do foco individualizante da psicologia e sua institucionalização enquanto ciência.

Os saberes psicológicos e seus modelos evidenciam sua relação direta com a ordem econômica e social vigente ao longo da história europeia. Até se chegar ao modelo da epistemologia unitária científica, pode-se notar tal influência nos registros da história da psicologia. Estes são afetados pelas condições de vida, pelo estabelecimento das relações de trabalho entre patrão e assalariado, e pelo conflito na luta de classes; assim como pela formação de uma classe de consumo. .

De certo, deter-se sobre as lutas de classe e sobre a noção de pessoa individualizada auxilia na compreensão dos fenômenos psicológicos no contexto da contemporaneidade. Entretanto, no Brasil, nota-se uma história cultural da psicologia paralela à narrativa da história oficial da psicologia moderna. Na psicologia brasileira, bem como em toda a América Latina, o colonialismo atravessou efetivamente a trajetória do desenvolvimento dos saberes psis.

Borges (2018) afirma que a **colonialidade** está estritamente ligada ao estabelecimento da modernidade. Não como um produto derivado, mas primário para o expansionismo civilizatório europeu. A manutenção da lógica colonial geopolítica baseia-se na classificação racial, étnica, sexual e epistêmica dos seres humanos. Contudo, é no pressuposto da raça-etnia que está o fundamento do padrão universal de classificação e estratificação social e dominação política.

A raça-etnia, de fato, é a temática fundamental para o estabelecimento da ciência psicológica brasileira, pela medicina e pela educação. O tema surge mesmo antes de tal período. Desde a fase colonial, do séc. XVI, com o desenvolvimento do pensamento psicológico pelos jesuítas.

Como mencionado anteriormente, a partir do séc. XVI houve o direcionamento para a uniformização do ser e do viver, seguindo o domínio de uma supremacia eurocêntrica. Segundo Borges (2018), tal uniformização foi o pressuposto da modernidade, pois descreve o humano como um ser individualizado, racional e essencialmente superior à natureza.

Borges (2018) ainda salienta que as relações de dominação colonial de outros povos formavam novas estruturas de controle do trabalho, que ganharam capilaridade em diversas histórias locais e culturais pelo mundo. A partir da raça-etnia foram instituídas as estratificações na sociedade que constituem identidades e papéis sociais. Por exemplo, as associações entre ser negro e escravo, ser índio e servo, e ser branco e trabalhador assalariado. Assim, com a modernidade, efetiva-se a imposição e consolidação do domínio colonial. E, paralelamente, para que a universalização ocorresse, todas as outras versões de ser e existir foram silenciadas.

No processo civilizatório moderno da realidade brasileira, Assis (2014) também pensa o colonialismo enquanto um fenômeno geopolítico e histórico. Ele afirma que o colonialismo é uma matriz de poder de hierarquizações étnico-raciais que se reflete nos modos de apropriação de recursos naturais e na estratificação econômica pela divisão social do trabalho. Para o autor, a colonialidade possui três dimensões: há a **colonialidade do poder**, fruto do colonialismo histórico, que se refere à inter-relação entre as formas modernas de exploração e dominação; a **colonialidade do saber**, que se relaciona com a epistemologia e suas formas de reprodução de regimes hegemônicos de pensamento; e, consequentemente, a **colonialidade do ser**, que é referente à experiência vivida de colonização e seus impactos na linguagem e na visão de mundo dos povos colonizados. Com o entendimento das três dimensões, nota-se que a colonialidade transcende o colonialismo histórico, comumente conhecido. Mesmo com a independência ou descolonização sociopolítica dos povos dominados, as colonialidades do poder, do saber e do ser não desaparecem. Estão intrinsecamente vinculadas às formas modernas de estruturas de poder e subordinação em privilégios e desprestígios materiais e simbólicos (Assis, 2014).

Até o momento, é possível entender que a história cultural da psicologia é narrada por registros que seguem a linha lógica advinda da Antiguidade grega e romana, da escolástica medieval católica, do racionalismo e empirismo da tecnocracia moderna, até resultar na fundação de uma ciência autônoma com epistemologia única. Contudo, na mesma história cultural do desenvolvimento dos saberes psicológicos modernos há a colonialidade que se

manifesta como padronização do ser no mundo, do saber sobre ele, bem como das suas relações de poder.

Diante do que é apresentado na seção anterior, sobre a modernidade, e do que é afirmado nesta, sobre a colonialidade, é possível sintetizar a ideia de que enquanto a individualidade e a racionalidade são o modelo humano universal a ser seguido na **modernidade**, na **colonialidade**, é a raça-etnia que opera como hierarquizador de humanidades fora da Europa. Ou seja, é por meio do racismo, sistema de crenças que hierarquiza as raças-etnias, que são estabelecidas as relações de dominação. São relações fundadas no não reconhecimento social, pelo desvalor, desrespeito e desconfiança, o que interferirá, pela via da autoestima, do autorrespeito e da autoconfiança, no ser e existir dos que são alvo da desumanização.

Massini (2014), no texto "Matrizes de pensamento da psicologia social na América Latina" propõe o questionamento, do ponto de vista cultural, da identidade da psicologia latino-americana, no contexto marcado pela globalização da vida social e econômica local. Ela recupera exatamente a memória e história dos processos culturais e sociais, silenciados pelo processo civilizatório, a fim de encontrar o caminho para a compreensão de tal identidade. A proposta é restaurar a continuidade de uma história cultural, social e política latino-americana, compreendida até então pela descontinuidade fragmentada de uma identidade autônoma. A autora apresenta um tipo de **observação histórico-metodológica** para definir a natureza epistemológica da psicologia, oposta ao modelo derivado das ciências naturais, que reduz a complexidade e multiplicidade dos fenômenos estudados a uma única epistemologia.

Para avaliar e definir a especificidade latino-americana, a **perspectiva não deve ser unívoca**. Para haver o reconhecimento das características culturais e sociais, é necessário entender a pluralidade nos níveis das diferenças entre povos, raças, etnias, grupos sociais e manifestações culturais, que também é definida pela mescla cultural, ou mestiçagem (Massini, 2014).

A partir de tais problematizações, não reconhecer as colonialidades decorrentes do processo civilizatório brasileiro e latino-americano e seus resultados, impossibilita que as(os) psicólogas(os) brasileiras constituam uma atuação profissional condizente com suas realidades locais. Caso tal reconhecimento não ocorra, especificamente, no foco das relações étnico-raciais, a inteligibilidade e intervenção sobre o fenômeno do racismo e seus efeitos se tornarão mínimas e reduzidas.

Uma possibilidade crítica consiste na discussão do materialismo histórico. Saviani (2004), na obra "Crítica ao fetichismo da individualidade", baseia-se na perspectiva econômico-filosófica marxista de "**alienação**", na qual contextualiza a "essência" humana, que é fruto e que reside nas relações de trabalho. Ele apresenta alguns sentidos para a ideia do ser alienado como, por exemplo, "tornar objeto", "ser objetificado", "ser apropriado por outro", os quais são situados tanto no plano objetivo quanto subjetivo. No plano objetivo, pela dissociação do humano da sua própria função ativa no emprego da sua atividade vital, seja na esfera histórica, política ou social. O sujeito é isolado, convertido em força de trabalho e entendido como propriedade alheia. No plano subjetivo, o abstracionismo isolacionista da vida individual se torna a finalidade, o que aliena as atividades vitais gerais. Eis a problemática em questão, pois para a perspectiva do humano como sujeito histórico e social, detentor de sua função ativa na vida, a subjetividade não deve se manifestar alienada ou dissociada da intersubjetividade, condição das relações humanas.

Contudo, como já mencionado, para além da perspectiva histórica e social, que segue pela crítica da modernidade a partir das relações de trabalho, há a necessidade de se debruçar também sobre a colonialidade e sua consequente classificação étnico-raciais.

A **colonialidade deve ser um conceito destacado** na leitura histórico-metodológica sobre desigualdades brasileiras e sobre o racismo. É possível que essa perspectiva incline à concentração na leitura dos conflitos pela luta de classes, o que pode resultar em atenção exclusiva à perspectiva econômica e classista. Daí o alerta para o devido entendimento de que a complexidade dos fenômenos étnico-raciais em voga não seria contemplada por uma perspectiva reduzida à leitura econômica. Souza (2016) afirma que tal entendimento economicista, de explicar as desigualdades brasileiras unicamente pela problemática classista (luta de classes), invisibiliza o entendimento dos determinantes históricos e sociais que produziram e perpetuam o racismo no país.

Para ilustrar a diferenciação analítica, Eduardo de Oliveira e Oliveira, em 1977, no manuscrito "De uma ciência para e não tanto sobre negros", faz uma polarização entre Marx e Fanon, para discutir a problemática étnico-racial brasileira. Ele questiona se a compreensão dos conflitos sociais reduzida pela luta de classes, do marxismo tradicional, também não seria etnocentrismo. O texto pontua que Marx destaca a fidelidade do proletariado como classe revolucionária nos conflitos sociais, como foco nas áreas urbanas europeias. Por outro lado, Fanon eleva o campesinato e o lumpemproletariado, acentuado também nas áreas rurais do "terceiro mundo", buscando reconciliar os conflitos de classe e raça (Oliveira, 1977).

A afirmação de uma perspectiva não deve simplesmente anular a outra, pois ambas apresentam contribuições para a temática em foco. O que se pretende ressaltar é que, apesar de uma apresentar uma vasta literatura que pode ajudar na compreensão dos fenômenos estudados, o seu foco epistemológico pode apresentar **limitações** que são encontradas nas leituras sobre as relações étnico-raciais.

Por **exemplo**, Melo e Santos (2018) apresentam parte do ponto em questão. No manuscrito "Racismo, reconhecimento social e os efeitos psicossociais", os autores apresentam os benefícios e limitações do uso da teoria crítica frankfurtiana de reconhecimento social de Axel Honneth para analisar as relações étnico-raciais no Brasil. Na utilização desse referencial teórico para analisar o fenômeno em questão, tornou-se evidente a limitação, em especial, no que se refere às experiências de algumas comunidades indígenas. O limite se apresentou porque Honneth (2015) concebe o reconhecimento social através do desenvolvimento da identidade pela individuação do "Eu", que é questionável quanto à sua universalidade. O presente dado surgiu a partir da apresentação do trabalho "Reconhecimento social e produção de sofrimento: refletindo sobre a atuação dos/as psicólogos/as no tema das relações raciais", em 2017, no Estado do Amazonas. Uma estudante da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), de ascendência indígena *tukano*, interpelou sobre a premissa epistemológica da noção do reconhecimento utilizada por Honneth (2015). Ela expôs que, para a sua cultura tradicional e de muitas comunidades indígenas, o aprisionamento do ser em um "Eu" individualizado é sinônimo de sofrimento, não sendo então um ideal de modelo psicológico nos saberes indígenas (Melo & Santos, 2018). O exemplo mostra uma das restrições do modelo psicológico. E que foi estabelecido por um desenvolvimento epistemológico em torno da individualidade e universalidade.

Segundo o médico martinicano Franz Fanon, na obra "Pele negra, máscaras brancas", o racismo e o colonialismo devem ser entendidos por meio da manifestação da linguagem, através da qual são criados e vivenciados os significados das formas de ver o mundo e de viver nele; como, por exemplo, a premissa do reconhecimento pelos pares. É por tal meio que se estabelece a possibilidade de assumir a identidade social da cultura. Percebe-se que o processo de colonização engendra no sujeito oprimido um "não lugar" social linguístico identitário. Não tendo seu reconhecimento social e identitário legitimado pelo grupo opressor nem pelo grupo dos oprimidos, o sujeito desenvolve o sentimento de isolamento e vulnerabilidade (Fanon, 2008). Esse entendimento está associado ao que Nogueira e Guzzo (2016) apontam sobre o monopólio epistêmico e científico. Para elas, o **epistemicídio** seria

consequência desse monopólio, um tipo de conhecimento alienador que promove a incapacidade de reconhecer a diversidade de saberes e conhecimentos.

Nogueira e Guzzo (2016) tentam articular **as perspectivas epistemológicas do sul**, que concernem: à psicologia crítica, à psicologia da libertação latino-americana, à descolonização da psicologia, à psicologia indígena e aos estudos africanos em psicologia. As autoras conduzem à reflexão decolonial, entre as diferentes perspectivas, pela postura crítica em relação à hegemonia eurocêntrica da ciência ocidental colonial moderna. São posturas ético-políticas fundadas na busca da libertação, descolonização e produção de conhecimentos que atendam a demandas locais. Denunciam a crise do paradigma epistemológico hegemônico, que produz o epistemicídio. O que, por sua vez, é a lógica de hierarquização de saberes e desvalorização e exclusão dos modelos de saberes locais e particulares.

O **pluralismo epistêmico**, que as epistemologias do sul proporcionam, está associado à postura ético-política que não dissocia a produção de conhecimento de sua ação transformadora do mundo. A crítica é aplicada ao paradigma de neutralismo, racionalista e alienante de memória, história e contexto. A perspectiva crítica possui um caráter interdisciplinar na dimensão social, pois trabalha com acesso ao poder, distribuição de riqueza, identidade, alienação, autoimagem, saúde mental, oportunidade educacional, família e relações de gênero (Nogueira & Guzzo, 2016).

Para Nogueira (2013), a superação de uma condição desumanizada por aquela em que se busca a humanização é produzida pelo que se pode chamar de **mente descolonizada ou liberada** (*mind de-colonization*). A autora entende e sugere que, para potencializar o processo de humanização ou descolonização mental, há a necessidade do desenvolvimento da percepção de que há outras maneiras de ser e de viver no mundo, como as de outros povos e culturas.

Ansara e Dantas (2010) expõem os desafios e práticas comunitárias de intervenções psicossociais, recorrendo às ideias de Martin-Baró sobre **conscientização, fatalismo, ideologia e desideologização**. As autoras buscam trabalhar sobre as dimensões imagéticas, cognitivas, afetivas e psíquicas, dentro das condições sociais, emocionais, morais e culturais. Tem a finalidade de potencializar a emancipação e a possibilidade de uma expressão identitária legítima, que opere através da conscientização do desenvolvimento da experiência de vida para a própria ação social.

Para elas, o **fatalismo** é descrito como um **esquema ideológico** que se origina nas estruturas sociopolíticas e se enraíza psiquicamente, garantindo, assim, a reprodução da

dominação e a manutenção da ordem estabelecida. Isso pode ser expresso através da resignação, passividade e desmobilização com que as maiorias populares aceitam a realidade social, favorecendo, assim, as classes dominantes. Aqui é feita uma provocação à(ao) psicóloga(o) social e à(ao) profissional que realizam trabalhos comunitários. Através de seu papel, elas/eles podem criar condições para que seja desmontada a ideologia fatalista, para uma ruptura das crenças e representações dos indivíduos em relação ao seu mundo e ao seu destino até então considerado já determinado. É necessário que tais profissionais definam-se política e historicamente, no intuito de que optem por atuar de modo a reproduzir as estruturas sociais ou, então, por adotar uma postura de contestação frente à situação de opressão (Ansara & Dantas, 2010).

Já a **desideologização** pode conduzir à **conscientização**, sendo, assim, um processo relacional, social, comunitário, ético e político, que está diretamente vinculado à relação com os sujeitos sociais, à ação coletiva e à transformação da sociedade (Ansara & Dantas, 2010).

De um modo geral, cabe, na **intervenção psicossocial**, o desenvolvimento dos agentes de conscientização e emancipação frente às opressões classistas, sexistas e racistas, que tendem a engendrar os pensamentos, afetos, atitudes e comportamentos. Entender as características das violações, desde o plano discursivo até o prático, assim como construir possibilidades de intervir frente a isso tem, como finalidade, o desenvolvimento da experiência de ação solidária comunicativa e ética, promotora de estimas sociais, reciprocidade e reconhecimento (Ansara & Dantas, 2010).

Explora-se a ideia de como é narrada a história hegemônica dos pensamentos psicológicos até se chegar a uma afirmação epistemológica unitária, sob a égide da individualidade e do universalismo. Tais elementos representam o entendimento do humano moderno, base para o processo civilizatório europeu através do mundo. O que, na mesma direção, vai engendrar a condição da colonialidade daqueles entendidos como "bárbaros" e "selvagens". Enquanto a individualidade, a racionalidade e a universalidade são o modelo humano a seguir na modernidade, contrariamente, na colonialidade, a raça-etnia opera com um hierarquizador de humanidades. Ou seja, nas atribuições étnico-raciais está alocada a "inumanidade universal", que estabelece as relações de dominação no poder, no saber e no ser. Está na raça-etnia o principal vetor do processo civilizatório no Brasil e na América Latina. É com foco neste tema que se funda a ciência brasileira, nela incluída a psicologia. A temática constitui um dos principais objetos de análise já nos primórdios do pensamento psicológico brasileiro, desde o séc. XVI até a regulamentação e estabelecimento profissional

na segunda metade do séc. XX. Isso demonstra que a raça-etnia já era enxergada como a base da classificação, hierarquização e dominação social na colonialidade do processo civilizatório brasileiro.

1.3 - A institucionalização da Psicologia no Brasil

Na década de 1930, no Brasil, a disciplina “Psicologia” já era obrigatória nos cursos de filosofia, ciências sociais e pedagogia. Embora, no referido período, já houvessem ocorrido tentativas de formalização profissional, a psicologia somente foi regulamentada em 27 de agosto de 1962, através da Lei 4.119 (Chaves, 1992).

Segundo Campos (1992), foi somente em 1972, com a implementação do Conselho Federal de Psicologia, autarquia que regulamenta e fiscaliza a atuação profissional das(os) psicólogas(os), que se tornou visível o desenvolvimento da profissão. Tanto pelo amadurecimento da ciência Psicologia no sistema universitário, quanto pelo número de profissionais formadas(os), que somam na atualidade um total de 303.618 psicólogas(os) (CFP, 2017a).

Apesar dos marcos supramencionados, Antunes (2005) afirma que antes da modernização do Brasil e dos movimentos de institucionalização da profissão, os alicerces do pensamento psicológico no país começam a se estabelecer no período colonial, ainda sob as bases da ética religiosa cristã católica, com a influência escolástica e jesuítica. Por volta de 1920, nota-se a influência da hegemonia alemã na afirmação da psiquiatria brasileira, o que, entretanto, se interrompe após a Segunda Grande Guerra. A partir de 1950, empreende-se a institucionalização por meio da psicotécnica, seguindo-se a regulamentação da profissão na década 1960. Por volta de 1970, entra em vigência o Sistema Conselhos, para fins de fiscalização profissional, em virtude da ampliação do número de psicólogas(os). De 1980 em diante, o contingente de psicólogas(os) aumenta progressivamente, o que demonstra a importância da profissão nos debates sociais da época, em um contexto destacado pela constitucionalização de um Estado de Bem-Estar Social, representado pela Constituição Federal de 1988.

Diante da trajetória de institucionalização dos saberes psis no Brasil, cabe, então, expor na presente seção: 1) o estabelecimento da psicologia com raízes política e filosófica cristão-católica; 2) o marco-lógico-legal e regulatório da profissionalização, do início da psicologia científica no país até a afirmação de sua identidade e atribuições nos tempos atuais;

e 3) demonstrar que, por meio dos(as) seus pioneiros(as), a temática étnico-racial sempre foi uma das principais pautas na história da psicologia brasileira em todas as etapas da sua trajetória.

Além da raça-etnia surgir tanto como base para a dominação religiosa e política, no Brasil Colônia, quanto em prol da justiça e igualdade social, nas pastorais sociais do fim do séc. XX, a influência do pensamento católico se apresenta, ainda, sob outros aspectos. Destaca-se pela capilaridade da psicologia tomista e da fé entre os detentores do conhecimento psicológico no país ainda na década de 1960, evidenciado pela resistente e gradual aceitação da psicologia de epistemologia científica. Essa influência cristão-católica moldou a noção de indivíduo, pelo autoconhecimento e cultivo de si mediante a ideia de subordinação divina para o desenvolvimento da "vontade pela fé". Em detrimento da emergente noção laica e "insubordinada" da "vontade pelo livre-arbítrio".

O tema da raça-etnia está evidente em todas as etapas da institucionalização científica e profissional no país; era objeto de análise e intervenção pelos pioneiros da psicologia no período colonial, no desenvolvimento científico pela medicina e educação e nas primeiras disciplinas do país. As(os) personagens que se debruçavam sobre tal tema eram as(os) mesmas(os) que formaram, os primeiros laboratórios e institutos de psicologia, elaboraram as primeiras propostas de regulamentação da profissão, bem como implementaram o sistema conselhos de psicologia pra fiscalizar a atuação do crescente número de psicólogas(os). Ou seja, alguns(algumas) dos(as) principais protagonistas da psicologia nacional, apresentados(as) nesse marco lógico-regulatório, construíram suas carreiras em diálogo com a temática étnico-racial.

1.3.1- A influência do pensamento católico

A partir das narrativas historiográficas de Antunes (2005), Sanchi (2005) e de Jacó-Vilela e Rocha (2014), apresentamos a seguir os primórdios da psicologia no Brasil mediados pela intervenção colonialista católica.

Na obra "A psicologia no Brasil: leitura histórica sobre sua constitucionalização", de 2005, a autora Mitsuko Antunes apresenta a psicologia na perspectiva da construção histórica. Ela expõe as bases epistemológicas e os fatores contextuais para o desenvolvimento de ideias e práticas psicológicas. A trajetória resgatada parte do período colonial até a conquista da autonomia científica e interventiva em algumas instituições médicas e educacionais do começo séc. XX.

Pierre Sanchi, com o texto "O pensamento católico no Brasil", também publicado em 2005, mostra como a filosofia e política institucional católica influenciou a noção de indivíduo, o estabelecimento da psicologia no país, bem como, o quadro político nacional.

Já Ana Jacó-Vilela e Luiz Rocha, a partir da pesquisa documental intitulada "Uma perspectiva católica da psicologia no Brasil", de 2014, analisa como os intelectuais católicos perceberam e enfrentaram a emergência da psicologia científica no Brasil. Os autores utilizam como fonte artigos dos anos de 1920 até 1960, da Revista "A Ordem", direcionada ao público intelectual da época, e criada com vistas a recuperar a hegemonia da Igreja Católica no país.

Venância, Russo e Duarte (2005) mostram que a institucionalização dos saberes psicológicos no Brasil inicia-se no final do séc. XIX. Abrangeria o período que vai desde o Brasil do fim do Segundo Reinado, com o pensamento canônico católico, passando pela República Velha até chegar ao Estado Novo, com a afirmação da ciência como solução para os problemas nacionais. Eles afirmam que se tratava de um momento que buscava substituir os costumes de uma tradição religiosa de herança colonial e imperialista por comportamentos e práticas orientadas por saberes modernos científicos. Nesse princípio, o objeto de estudo e trabalho da lógica psicológica científica racional estava focado na resolução dos males sociais e os temas discorriam sobre "condições climáticas", "raça", "religiões afro-brasileiras", bem como, sobre a "educação" e a "saúde" do povo brasileiro.

Para Antunes (2005), a preocupação com os fenômenos psicológicos surge antes do período atribuído por Venância, Russo e Duarte (2005). Ela surgiria ainda no período colonial, orientada por outras áreas do saber, tais como a Teologia, a Escolástica, a Moral, a Pedagogia, a Medicina, a Política e a Arquitetura.

Antunes (2005) relata que foram encontradas referências a temas como: "Emoções, sentidos, autoconhecimento, educação das crianças e jovens, características do sexo feminino, trabalho, adaptação ao ambiente, processos psicológicos, diferenças raciais, aculturação e técnicas de persuasão de 'selvagens', controle político e aplicação do conhecimento psicológico" (p.18). As temáticas possuíam grande relação com as pautas posteriores desenvolvidas pela psicologia brasileira. Por exemplo, o autoconhecimento que é um dos assuntos que permanece como objetivo da prática psicológica, assim como a objetivação da experiência interior (Antunes, 2005). Como aponta Sanchi (2005), tais noções são elaboradas a partir das ideias escolásticas, agostiniana e tomista, de "interioridade" e da ética cristã do "cultivo de si" pelo desenvolvimento da fé.

Antunes (2005) afirma que, na referida época, havia uma dedicação ao tema do "trabalho". Da perspectiva moral, condenava-se o ócio e a preguiça, atribuídos especialmente aos indígenas. Julgado como pecado, o ócio deveria ser combatido/curado através do trabalho, como instrumento civilizatório. Em paralelo, observe-se que a "adaptação ao ambiente" era um tema muito abordado para a definição de um suposto "caráter brasileiro". O ambiente era considerado determinante para o comportamento, de maneira que se pensava que o clima brasileiro era a causa do ócio e da dissimulação. Tal concepção servirá de fundamento para a crença na personalidade cordial do brasileiro. Souza (2016) afirma que tal crença é a base para afirmar que o Brasil é um paraíso na interação pacífica entre povos, sem conflitos étnico-raciais. No fundo, o suposto perfil de cordialidade segundo o autor diz respeito a uma identidade nacional engendrada pelo sentido político de mestiçagem (tanto físico, quanto cultural), que tende a "silenciar" ou não manifestar diretamente qualquer tipo de conflito social.

Sanchi (2005) assevera que o pensamento cristão-católico é a base epistemológica dos saberes psicológicos brasileiros. Os ideários canônicos e escolásticos estão na base da afirmação de uma "alma individual". Para o autor, a dimensão figurada na individualidade se amolda à vivência comunitária como sinal de comunhão coletiva. O que, como já mencionado por Dumont (1985), indica que o cristianismo, desde os primórdios, se constituía como o berço do "indivíduo moderno". Contudo, por mais que a modernidade emergente se expressasse no tipo humano interiorizado, o universo de mediação que estabelecia as relações com outros indivíduos coletivos estava subordinado a um quadro institucional rigidamente pré-formado. O "cultivo do si" existia sob um rigoroso exame de consciência, pautado em uma obediência absoluta. Acompanhado pelo pecado, o "si" desenvolvido era enquadrado em um sistema sacramental e canônico, juridicamente reforçado pelo ensino da teologia moral (Sanchi, 2005).

A mencionada rigidez institucional ganha ainda mais vigor a partir do movimento católico de Contrarreforma. O protestantismo afirmava-se pela emergência do sujeito ocidental, detentor de uma consciência soberana e insubordinada em relação ao quadro institucional canônico. A partir do movimento da Reforma Protestante, passa-se a questionar a "mediação" pela confissão, pelo purgatório, pela indulgência, pela sacralização do sofrimento, entre outros fundamentos necessários para a "salvação" segundo a doutrina tradicional católica. O exame de consciência para o cultivo do "si" passa, então, a ser realizado pela razão e pela lógica. O "livre-arbítrio" torna-se o ponto fundamental para o indivíduo diante de

outros indivíduos e de Deus, a ponto de ser o responsável por sua própria salvação sem mais a necessidade de mediação (Sanchi, 2005).

Como resposta, a Igreja Católica Romana procede a uma série de renovações. No Brasil, por exemplo, na segunda metade do séc. XIX, podem ser observados ideais reformadores e romanizadores. Foram instituídos programas que visavam cercear a autonomização dos domínios da vida, em pauta no mundo moderno, entre os quais estava o estudo "científico" da psique. Contudo, mesmo que, a princípio, se opusesse à "laicização" dos saberes psicológicos, o pensamento católico tradicional estabelece ligações com os valores da modernidade emergente. Isso porque necessitava atualizar sua influência apoiado em fundamentos modernos. Precisava reconquistar os espaços sociais e políticos, perdidos diante dos projetos de ruptura cultural emancipacionista das elites brasileiras. Assim, passou a se utilizar da linguagem da psicologia moderna, principalmente, a psicanalítica (Sanchi, 2005).

Em torno de 1950, é desenhada na Europa uma outra renovação que opera na perspectiva da interioridade do sujeito, como um universo simbólico e interpretativo. No Brasil, com a industrialização e a consequente constituição de uma classe consumidora, havia ações engajadas no plano sociopolítico, econômico, humanista, com a finalidade de se apropriar das problemáticas da vida dos sujeitos de classe média. Na Igreja, o uso da psicologia, em especial da psicanálise, representa a passagem do que era pensado como a "tradição" para sua renovação (Sanchi, 2005). Como exemplo, com a adoção do discurso psicanalítico, firmava-se uma posição que permitia analisar os conteúdos internos no contexto dos valores morais impostos. Prevalece, então, a valorização da autonomia em detrimento da subordinação e indulgência; passa-se de uma moral "legalista, externa e extrínseca" para uma que enfatiza o processo de conversão para a ética que apela à liberdade. Do mesmo modo, dá-se a passagem de uma teologia da moralidade para uma teologia da espiritualidade, que estima a tolerância, abertura e atenção ao "outro". A preocupação com normas como o "dever ser" e o "pecado moral" dá espaço a uma reflexão sobre a ética humana pessoal com a atenção voltada para a subjetividade dos agentes (Sanchi, 2005).

A partir do estudo documental de Jacó-Vilela e Rocha (2014) é possível notar essa transição discursiva mais concretamente. Como mencionado, o objeto de estudo dos autores eram as publicações da revista católica "A Ordem", de 1920 a 1960, com o intuito de identificar como a intelectualidade religiosa percebia e lidava com a emergência da psicologia científica. Na análise da primeira década, de 1920, os autores observam que os textos consideravam a psicologia ameaçadora em virtude de seu caráter materialista e evolucionista.

Os intelectuais da época ressaltavam o lado moral e religioso para afirmar uma psicologia tomista e uma psicologia da fé. Contudo, na década seguinte, 1930, é notado o questionamento sobre o plano educacional da época, materializado pelo movimento da Escola Nova. De fato, os católicos consideravam a ciência e as práticas psicológicas ferramentas indispensáveis ao seu projeto pedagógico, desde que devidamente subordinadas ao seu ideal educativo canônico. Apesar disso, as principais propostas do escolanovismo miravam o ensino laico e gratuito para as camadas populares, dois propósitos que, na época, iam de encontro aos da Igreja. Assim, no período, são observadas críticas aos laboratórios experimentais e psicotécnicos de psicologia, junto ao Governo Vargas, o que ocasionou, por exemplo, a desativação do Instituto de Psicologia do Laboratório da Colônia de Psicopatas de Engenho de Dentro. Este Laboratório de Psicologia funcionava como uma Escola Superior de Psicologia, destinada à formação de "psicotécnicos", fato que mostra a influência institucional do grupo no cenário político brasileiro (Jacó-Vilela & Rocha, 2014).

Nas décadas de 1950 e 1960 nota-se uma transformação discursiva. A psicanálise não era o referencial preferido e ainda havia a crítica à análise materialista e associacionista freudiana. Entretanto, a presença dos temas voltados a ela fazia pensar sobre a relevância teórica no campo das relações entre a psicologia e a religião católica do momento. Registra-se a convicção de que a psicanálise não era bem aceita e seu conhecimento deveria ser restrito àqueles que têm a ilustração necessária para discernir o que é válido ou não em seus postulados (Jacó-Vilela & Rocha, 2014).

Jacó-Vilela e Rocha (2014) consideram os textos a partir da centralidade que a Revista “A ordem” teve no meio intelectual da época, pois essa salientou a relação entre ciência e religião, além de outros fatores, como os políticos. A investigação permite compreender a transição discursiva do viés religioso para o da psicologia. Nos anos iniciais, de 1920, parte-se de uma posição de rejeição, com fortes críticas e com a defesa da psicologia tomista, movida pelo receio da ameaça de perda do poder de “educar as almas”. Contudo, nos anos de 1960, se chega ao reconhecimento da ciência e da possibilidade de associar o saber psicológico com o modo de ser da tradição canônica, mesmo que sob a exigência de respeitar e de não se opor às verdades católicas (Jacó-Vilela & Rocha, 2014).

Diante da emergência da psicologia científica, viu-se a importância da criação dos cursos de psicologia nas universidades católicas como forma de manutenção de seu objetivo de educar as elites e, principalmente, cuidar das almas (Jacó-Vilela & Rocha, 2014). Destaque-se o primeiro curso autônomo de psicologia do Brasil, criado em 1953, na Pontifícia

Universidade Católica do Rio de Janeiro, antes mesmo da regulamentação da profissão (Yamamoto, 2006; Esch & Jacó-Vilela, 2001).

Não por acaso, na década de 1960, em consonância com a abertura cultural católica para o conhecimento científico da psicologia, ocorre a regulamentação da profissão na legislação brasileira.

Sanchi (2005) relata que, a partir da década de 1950, o Brasil passou a desenvolver ações cristãs de engajamento sociopolítico, econômico, humanista, de juventude, de movimento estudantil, entre outras. Criou-se a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em consonância com as tendências progressistas da política nacional. A Igreja sofre uma restauração e passa a conceber uma noção simbólica de pessoa inserida nas problemáticas sociais, engajando-se, posteriormente, em uma experiência pastoral de psicologia.

Em torno das décadas de 1960 e 70, em diferentes partes do Brasil, reformularam-se programas de formação de padres. Como estavam mais inseridos no tecido social, os programas visavam promover o seu desenvolvimento intelectual, pessoal e social. Foi estabelecido um processo sistemático de análise psicanalítica, que englobava a perspectiva coletiva e comunitária. Alguns mosteiros pelo Brasil se tornaram emblemas no campo da relação com a psicologia. Por exemplo, entre os mais destacados, está o mosteiro carmelita em Belo Horizonte que, em 1972, fundou o Centro de Integração Psicoteológica (CIPT) para religiosos(as), que mesclava a formação pastoral à terapia analítica psicológica (Sanchi, 2005).

Segundo Sanchi (2005), a partir da década de 1970, surge a Teologia da Libertação e Ética Social Cristã. A renovação proporciona o "cultivo de si", sob o viés subjetivista e construtivista. No esquema vivencial da ética social cristã, discute-se criticamente a moral decorrente da opressão e da injustiça, desenvolve-se um estado de alerta a qualquer suspeita de manipulação justificadora das injustiças estruturais. Diferente do que ocorrera nas renovações anteriores, a problemática da construção do sujeito e dos instrumentos psicanalíticos e psicológicos é deslocada da construção individual para a transformação social (Sanchi, 2005).

A década de 1980 é caracterizada pela psicologia pastoral na América Latina, que vem substituir a moral idealista, personalista e conservadora europeia. A tendência latino-americana volta-se para o sujeito social e coletivo empobrecido. O desafio concomitante não seria somente a autonomia e a construção da pessoa, mas, também, a construção de uma nova

sociedade pela prática do "Amor" e da "Justiça Social". Buscava-se a emancipar os grupos étnico-raciais, ou simplesmente minoritários, das alienações culturais tradicionalmente impostas pela sociedade brasileira. A exemplo disso, são formados os grupos de Agentes de Pastoral Negros, a Pastoral do Negro, o Conselho Indigenista Missionário, a Pastoral da Rua (Sanchi, 2005).

Embora o instrumental mais comum viesse da Antropologia, frente à demanda social, a problemática da "identidade" pressupunha ainda a abordagem psicológica. A presença do modelo psicanalítico nas pastorais é constatada pela importância da escuta, concebida como uma dimensão estrutural nas iniciativas sociais. A preocupação se voltava para a realidade das pessoas e para o seu mundo. O que levou não mais a se estudar apenas a história da teologia normativa, mas a escutar o que as pessoas têm a falar, investigando as suas motivações. As pessoas e suas realidades concretas são tornadas seu objeto de estudo nas pastorais (Sanchi, 2005).

Conforme apresenta os autores, a epistemologia psicológica brasileira, desde a sua origem, reflete a influência política e filosófica cristão-católica. Desde o período colonial, se buscava definir um "caráter brasileiro" por meio de objetos de análise, como por exemplo: "raça-etnia", "adaptação ao trabalho", "autoconhecimento".

Como descrito por Antunes (2005), há registro de abordagem do tema étnico-racial no primeiro momento do país, no período colonial, com as noções das diferenças das raças, das religiões afro-brasileiras e da adaptação dos indígenas ao trabalho. Assim como, em momento contemporâneo, conforme relato de Sanchi (2005), a partir da década de 1980, com a formação das pastorais negras e do conselho indígena, com o propósito de empoderamento e justiça social.

Além disso, nota-se que o desenvolvimento da vertente social da psicologia brasileira, no final do séc. XX, é orientada pelo propósito de justiça social da ética cristã e da teologia da libertação, com o fim de construir um Estado de Bem-Estar Social; o que, como consequência ou coincidência, precede o fim do regime militar e a redemocratização do Estado, com o marco da Constituição de 1988.

1.3.2 - O processo de institucionalização e seus personagens

A despeito da influência cristão-católica, o processo do estabelecimento dos saberes psicológicos no país, enquanto conhecimento científico e de regulamentação profissional, segue um marco lógico-histórico próprio. Tal institucionalização é concebida pelas primeiras produções científicas na medicina e na educação, pela busca da autonomia acadêmica na

primeira metade do séc. XX, bem como, pela regulamentação legal da profissão e promulgação do sistema conselhos de psicologia na segunda metade do século passado. Em todas as etapas estão assinalados(as) os(as) principais personagens responsáveis pelo estabelecimento da psicologia no Brasil. Os(as) mesmos(as) que desenvolveram suas carreiras acadêmicas e profissionais discutindo o pertencimento étnico-racial do brasileiro. Isso corrobora o argumento da seção anterior de que a raça-etnia foi um dos principais motes científicos da psicologia no processo civilizatório brasileiro, no contexto da oposição entre colonialidade e modernidade.

Na virada do séc. XIX para o XX, as ideias e práticas de natureza psicológica são produzidas no interior das áreas da medicina e da educação, com o propósito de desenhar uma característica nacional moderna. Na primeira metade do séc. XX, a psicologia buscava sua autonomia acadêmica e profissional, com as primeiras disciplinas, laboratórios e institutos. Na segunda metade, evidenciou-se a consolidação da profissão, com a regulamentação na legislação brasileira, com a instituição dos cursos de psicologia, bem como pela promulgação do Sistema Conselhos, com fins de fiscalização do exercício do crescente número de profissionais.

A historiografia da profissionalização da psicologia é apresentada mediante as versões de Pereira e Pereira Neto (2003), Soares (2010) e Baptista (2010). E o histórico do pensamento psicológico sobre as relações étnico-raciais, por Santos, Schucman e Martins (2012).

Antonio Soares, no texto "A Psicologia no Brasil", de 2010, define a trajetória histórica da psicologia da seguinte forma: inicia-se com as primeiras atividades acadêmicas escritas por médicos e educadores, passa pela legalização nacional da profissão, pelos encontros das sociedades de psicologia e culmina com as eleições, posses e atividades no Sistema Conselhos.

O processo de profissionalização também é objeto de pesquisa de Fernanda Pereira e André Pereira Neto, de 2003. No artigo "O psicólogo no Brasil", os autores apresentam a história da psicologia em três momentos, com base na teoria sociológica das profissões, a saber: pré-profissional, profissionalização e profissional.

Outro artigo que trata da história da psicologia é intitulado "A regulamentação da profissão psicologia", de Mariza Baptista, publicado em 2010. A partir de fontes documentais, demonstra-se como se deu o processo de regulamentação, que abrange o período do final de

1940 a 1970, que concerne às primeiras manifestações de organização de classe até a sua concretização.

Alessandro de Oliveira dos Santos, Lia Vainer Schucman e Hildeberto Vieira Martins, por sua vez, em 2012, publicam o texto "Breve histórico do pensamento psicológico brasileiro sobre relações étnico-raciais". Eles traçam um marco lógico-histórico, no qual são identificados três momentos de discussão da temática étnico-racial, da perspectiva dos modelos e teorias psicológicos, além de apresentar os principais personagens em cada uma das etapas. Os três momentos são definidos como de consolidação da Escola Nina Rodrigues, de crítica e desconstrução do determinismo biológico das raças, e de estudos sobre branqueamento e branquitude.

Com base na teoria da sociologia da profissão, Pereira e Pereira Neto (2003) afirmam que a profissão é um conceito que remete a um tipo específico de trabalho especializado e teoricamente fundamentado. Pressupõe-se que se detém um conhecimento complexo e institucionalizado, reconhecido pela sociedade e pelo Estado. Além disso, os interesses profissionais devem ser organizados em associações que padronizem a conduta dos pares, em função de uma autorregulação, através da fiscalização diante de um código de ética. Tais requisitos foram considerados importantes para que a profissão de psicóloga(o) conquistasse a autoridade e a autonomia de seus serviços, diante da sociedade, no mercado de trabalho. No entanto, a dimensão histórica da profissionalização também é uma categoria a ser observada (Pereira & Pereira Neto, 2003).

Como já exposto, Pereira e Pereira Neto (2003) entendem o processo de profissionalização da psicologia no Brasil em três etapas: 1) pré-profissional, 2) profissionalização, e 3) etapa profissional. Soares (2010), por sua vez, discrimina sete fases: 1) pré-história da psicologia (1830 a 1900), 2) história da psicologia escrita por médicos (1900 a 1920), 3) história da psicologia escrita por educadores (1920 a 1960), 4) a psicologia na Legislação Nacional (1890 a 1977), 5) os encontros das Sociedades de Psicologia (1971 a 1973), 6) eleição e posse da primeira gestão do Conselho Federal (1973 a 1976), 7) eleição e posse da segunda gestão Conselho Federal (1976 a 1979).

O primeiro período do processo de profissionalização da psicologia, entendido por Pereira e Pereira Neto (2003) como o período pré-profissional, vai de 1833 a 1890. Soares (2010), por sua vez, classifica o período de 1830 a 1900 como a pré-história da psicologia no Brasil. Tanto Pereira e Pereira Neto (2003) quanto Soares (2010) mencionam as produções de Teses nas Faculdades de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro, que apresentavam interesse

na psicologia. Ao observar as especificidades regionais, os autores perceberam as seguintes diferenças: enquanto, na Faculdade da Bahia, as principais preocupações eram relativas à aplicação social da psicologia na criminologia, psiquiatria forense e higiene mental; no Rio de Janeiro, os interesses estavam voltados para a relação da psicologia com a neuropsiquiatria e neurologia.

Pereira e Pereira Neto (2003) relatam que a psicologia científica, primeiro, se institucionaliza na educação com a Reforma Benjamim Constant, que incorporou a disciplina de psicologia no currículo das Escolas Normais, em 1890; bem como, com a inauguração do primeiro laboratório de psicologia experimental na educação, o *Pedagogium*, em 1906, no Rio de Janeiro. Por outra perspectiva, Soares (2010) afirma que a primeira etapa da história da psicologia foi escrita por médicos, no período de 1900 a 1920, e que posteriormente, numa segunda fase, havia sido escrita por educadores, de 1920 a 1960. Independentemente dessas diferenças de perspectiva, ambas as historiografias apresentam como principais personagens os nomes de **Raimundo Nina Rodrigues** (1862-1906), **Juliano Moreira** (1873-1933), **Afrânio Peixoto** (1876-1947) e **Arthur Ramos** (1903-1949) (Soares, 2010; Pereira & Pereira Neto, 2003).

Arthur Ramos, considerado por muitos o primeiro psicólogo social brasileiro, foi o responsável pela estruturação do Projeto UNESCO, no país, programa de pesquisa sobre relações étnico-raciais no Brasil, na década de 1950 (Maio, 1999). Marcado pela psicanálise, ele assume a primeira cátedra de psicologia no Brasil, em 1934, na Universidade do Distrito Federal do Rio de Janeiro (ver Silveira, 2018; ver Gutman, 2007).

Em função da grande produção científica na interface da psicologia com a educação, a partir da década de 1930, começam a ser formados laboratórios e institutos, especialmente, em São Paulo. Nota-se o desenvolvimento das áreas de Psicologia Industrial e do Trabalho. Em 1931, foi criado o Instituto de Organização Racional do Trabalho (IDORT), com a colaboração de **Aniela Meyer Ginsberg** (1902-1986), na área de Psicologia Experimental e Clínica (Soares, 2010). Na década de 1940, surgem novas cátedras de psicologia na Universidade de São Paulo. Primeiro, na Educação e, posteriormente, na Filosofia. Dois dos personagens em destaque são o canadense **Otto Klineberg** (1899-1992) (Soares, 2010) e o estadunidense **Donald Pierson** (1900-1995) (Lima & Techio, 2013).

Baptista (2010) afirma que, no final da década de 1940 e início da década de 1950, começaram a funcionar alguns cursos de especialização na área de psicologia. Criou-se, em São Paulo, em 1947, o primeiro deles, de Psicologia Educacional e, em 1953 e 1954, dois

outros, de Psicologia Clínica. A regulamentação da formação de especialistas confere à profissão respaldo acadêmico para, então, legitimá-la na sociedade (Baptista, 2010; Pereira & Pereira Neto, 2003).

Baptista (2010) ainda destaca que a década de 1950 é marcada pelo nacional-desenvolvimentismo. A modernização dos padrões sociais, ligados à industrialização, estava associada a políticas envolvendo grupos econômicos estrangeiros, à expansão dos órgãos públicos e ao consequente e intenso processo de urbanização. Isso fez ampliar significativamente a classe média e, por conseguinte, uma classe consumidora. A estrutura social industrial, mercantil e de consumo impulsiona mais ainda a modernização do sistema de ensino e, em especial, da universidade, no sentido de fundamentar e compreender o emergente tipo humano moderno brasileiro, o que fez gerar novas necessidades e expectativas na aplicação da psicologia.

A partir da década de 1950, com a proliferação da cultura psicológica, no senso comum, nota-se a linguagem individualista e intimista. A noção de "sujeito psicológico", como um indivíduo portador de especificidades internas e particulares, passa a ser dominante para a análise de si e do mundo (Baptista, 2010).

A cultura psicológica estimulou a regulamentação e a criação dos primeiros cursos de formação, além de contribuir com teorias, técnicas e modelos interventivos. Verifica-se uma cultura da psicologização da vida social e política, com ênfase na atividade da clínica curativa e do ajustamento. Amplia-se a perspectiva individualista e universalista, a qual considera o indivíduo livre, autônomo, consciente de si, independente e autorresponsável. As demandas e problemas sociais e políticos passam a ser demandas e problemas psicológicos, o que justifica e naturaliza as desigualdades sociais a partir da responsabilização individual pelo seu desajuste social (Baptista, 2010).

A partir dos anos 1950, foi ativa a movimentação para a profissionalização da psicologia. Registra-se que, em 1952, são iniciadas algumas discussões sobre a regulamentação, através da Sociedade de Psicologia de São Paulo. Institui-se uma comissão de carreira do "psicólogo" com a finalidade de realizar estudos e debates para caracterizar a profissão no Brasil. Entre os nomes presentes na comissão estão **Virginia Leone Bicudo** (1910-2003) e **Aniela Meyer Ginsberg**, e mais à frente, em 1957, **Dante Moreira Leite** (1927-1976) (Baptista, 2010).

Como relata Baptista (2010), o primeiro projeto de lei sobre a formação e regulamentação da profissão de "psicologista" foi apresentado em 1953, por alguns

profissionais de psicologia do Rio de Janeiro, filiados à Associação Brasileira de Psicotécnica. No documento apresentado ao Ministério de Educação e Cultura, os profissionais exerceriam as atividades de orientadores educacionais, "psicologistas" escolares, professores para anormais e desajustados, selecionadores de pessoal, conselheiros de formação profissional, técnicos em psicodiagnóstico e em ajustamento psicológico. O segundo documento propositivo de regulamentação foi formulado no mesmo ano. O texto foi produzido e assinado por **Aniela Meyer Ginsberg**, no âmbito do I Congresso Brasileiro de Psicologia, ocorrido em Curitiba, em 1953, na mesma ocasião do II Congresso Latino-Americano de Psicologia (Baptista, 2010).

Como profissão, a psicologia é regulamentada em 27 de agosto de 1962, pela Lei 4.119, inicialmente, sobre os auspícios do Conselho Nacional de Educação (Soares, 2010).

A partir das comissões instituídas na década 1960, foi elaborado o Sistema Conselhos de Psicologia. Com a promulgação da Lei 5.766 de 1971, foram criados o Conselho Federal e os Regionais de Psicologia. De 1971 a 1973 houve uma série de encontros de sociedades de psicologia com o intuito de organização e afirmação profissional da classe. De 1973 a 1976 gestou-se o primeiro grupo de conselheiros efetivos e suplentes no Conselho Federal de Psicologia. Foram eleitos representantes de diferentes regiões geográficas do país. Entre os(as) primeiros(as) conselheiros(as) está o nome de **Virgínia Leone Bicudo**, representando o Distrito Federal. Ela ocupou o cargo de vice-presidente na primeira gestão do CFP e chegou a ser presidente em exercício, em 1976 (Soares, 2010).

Em 1974, foram empossados os membros dos Conselhos Regionais de Psicologia de sete (07) jurisdições regionais. Foram estes: CRP01, com sede em Brasília, (com jurisdição em Distrito Federal, Acre, Amazonas, Goiás [Tocantins], Pará, Amapá, Roraima e Rondônia); CRP02, com sede em Recife (Pernambuco, Paraíba, Alagoas, Ceará, Rio Grande do Norte, Piauí, Maranhão e o então Território Federal de Fernando de Noronha); CRP03, com sede em Salvador (Bahia e Sergipe); CRP04, com sede em Belo Horizonte (Minas Gerais e Espírito Santo); CRP05, com sede no Rio de Janeiro (o então Estado da Guanabara e o Rio de Janeiro); CRP06, com sede em São Paulo (São Paulo e o então Estado do Mato Grosso); CRP07, com sede em Porto Alegre (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná) (Soares, 2010).

Em 1975, surge o "Código de Ética dos Psicólogos do Brasil", através da Resolução nº 08, sendo o primeiro documento direcionado à conduta moral no desempenho profissional (Soares, 2010). Em 1979, foi redigido um segundo Código de Ética. Um terceiro Código foi

produzido em 1987 (Resolução nº 002/1987), o qual, por sua vez, foi atualizado em 2005, tornando-se o Código de Ética em vigor (Resolução nº 010/2005).

Na formação do 1º Plenário, ou seja, na primeira gestão do Conselho Federal de Psicologia, em 1973, havia no Brasil, segundo Soares (2010), 895 profissionais de psicologia. Em 2017, no 17º Plenário do CFP, havia o montante de 303.618 psicólogas(os) registrados no país (CFP, 2017a).

Em 1988, quando se contavam 58.277 profissionais, foi feito o primeiro levantamento sobre a profissão e concluiu-se que esta era populacionalmente feminina, com 85% de psicólogas; era uma profissão jovem, com 73 a 90% das profissionais entre 22 e 30 anos de idade; e que se concentrava nos centros urbanos, localidades onde se encontra a maioria dos cursos de formação e, principalmente, um maior mercado de trabalho (Pereira & Pereira Neto, 2013). Em dados de 2012, não houve muita modificação em tal realidade, pois, com base no cadastro único do CFP, 89% da categoria profissional é composta de mulheres e 76% tem entre 30 e 59 anos de idade (Lhullier, Roslindo & Moreira, 2013).

Nos anos 1970 e 1980 existiam três grandes áreas na psicologia: educação, trabalho e clínica. Ao que parece, a clínica despertava maior interesse dos profissionais por se considerar que o consultório particular mirava um ideal de serviço de atendimento privado em um mercado liberal, no qual a(o) profissional não estaria subordinada(o) a outros cargos (Pereira & Pereira Neto, 2013), como, ao contrário, acontece na área médica da saúde ou nas aplicadas às organizações e trabalho.

Tanto Pereira e Pereira Neto (2013) quanto Soares (2010) afirmam que boa parte da identidade de classe da(o) psicóloga(o) define-se pela área da clínica psicoterápica, exatamente por oferecer essa liberdade no mercado de trabalho.

A partir da década de 1980, observou-se um maior direcionamento da categoria de psicólogos(as) para os setores públicos de saúde, educação, assistência social, justiça, entre outros. Isto em função do momento histórico brasileiro de construção de um sistema de garantia de direitos, estabelecido pelo Estado de Bem-Estar Social, concretizado com a Reforma Constitucional de 1988 (Cardoso Jr. & Jaccoud, 2005). O que fez com que muitas(os) psicólogas(os) passassem a ter como objeto de trabalho pessoas e populações no interior dos Estados, nas periferias dos centros urbanos, em comunidades tradicionais, e a atuar junto a populações não brancas e socialmente desfavorecidas.

Segundo Campos e Bernardes (2005), pode-se observar diferentes fases de atuação da(o) psicóloga(o) através da análise de artigos publicados pela Revista *Ciência e Profissão*,

do Conselho Federal de Psicologia, no período de 1980-2005. As autoras afirmam que, no plano ideológico, produziu-se uma identidade profissional comprometida com o social. Reverteu-se a identidade que se apresentava como uma profissão de elite direcionada a áreas clássicas da profissão (clínica, escola e trabalho), no início dos anos 1980, ainda pouco acessível às camadas da população menos favorecidas social e economicamente.

Nos tempos atuais, conforme a Resolução nº 013/2007 do CFP, a(ao) profissional de psicologia, podem ser concedidos os títulos relativos à Psicologia Escolar/Educacional, Organizacional e do Trabalho, de Trânsito, Jurídica, do Esporte, Clínica, Hospitalar, Psicopedagogia, Psicomotricidade, Psicologia Social e Neuropsicologia (Resolução nº 013/2007). A Classificação Brasileira de Ocupações (COB), por sua vez, feita pelo Ministério do Trabalho (Lupi *et al.*, 2010), na seção referente à ocupação de "Psicólogos e Psicanalistas", descreve-os resumidamente como aqueles que:

Estudam, pesquisam e avaliam o desenvolvimento emocional e os processos mentais e sociais de indivíduos, grupos e instituições, com a finalidade de análise, tratamento, orientação e educação; diagnosticam e avaliam distúrbios emocionais e mentais e de adaptação social, elucidando conflitos e questões e acompanhando o(s) paciente(s) durante o processo de tratamento ou cura; investigam os fatores inconscientes do comportamento individual e grupal, tornando-os conscientes; desenvolvem pesquisas experimentais, teóricas e clínicas e coordenam equipes e atividades de área e afins (p. 347).

O COB apresenta os mesmos títulos dispostos na CFP 013/2007, contudo, acrescenta os títulos de psicanalista e psicóloga(o) acupunturista.

Na trajetória descrita, destaca-se a institucionalização profissional por meio de fundamentos científicos desenvolvidos, incluindo as definições de suas atribuições nos tempos atuais. Passou-se pelo aperfeiçoamento laboral especializado, pela institucionalização como ciência e profissão nas associações profissionais, na sociedade, no Estado, assim como pela busca da caracterização dos serviços por um código que visasse a fiscalização da conduta profissional. Os tópicos retomam a abordagem de Pereira e Pereira Neto (2003) sobre a sociologia da profissão, na qual o resgate da história da prática da(o) psicóloga(o), desde seu surgimento e desenvolvimento até sua consolidação como profissão, revela algumas singularidades da categoria na busca de sua identidade profissional.

No histórico apresentado pelas versões de Pereira Neto (2003), Soares (2010) e Baptista (2010), são mencionados alguns personagens fundamentais para profissionalização e regulamentação da psicologia no Brasil. Destacam-se os nomes de **Raimundo Nina Rodrigues, Juliano Moreira, Afrânio Peixoto, Arthur Ramos, Anieli Meyer Ginsberg, Otto Klineberg, Donald Pierson, Virginia Leone Bicudo e Dante Moreira Leite.**

Santos, Schucman e Martins (2012) também destacam os mesmos nomes nos dois primeiros momentos do pensamento psicológico brasileiro sobre o tema das relações étnico-raciais no Brasil.

O primeiro momento ocorre no final do século XIX e início do XX. É caracterizado pelo surgimento e pela consolidação da Escola Nina Rodrigues, que configura o negro como sujeito psicológico. Os autores referem **Raimundo Nina Rodrigues, Juliano Moreira, Afrânio Peixoto e Arthur Ramos** relativos a tal período. Os assuntos estavam no campo das faculdades de medicina da Bahia e do Rio de Janeiro. Eram marcados pelo modelo médico psicológico e orientados pelas investigações acerca do caráter psicológico dos negros, até então escravizados ou ex-escravizados (Santos, Schucman & Martins, 2012).

O segundo momento, 1930 até 1950, é caracterizado pela crítica e pela desconstrução do determinismo biológico das raças. São mencionados(as) **Aniela Meyer Ginsberg, Otto Klineberg, Donald Pierson, Virginia Leone Bicudo e Dante Moreira Leite**, entre outros pesquisadores. O debate étnico-racial se intensifica na psicologia, buscando mostrar que as diferenças entre raças não eram biológicas, mas sim marcadas por fatores ambientais, pelas condições econômicas, educacionais e pela socialização. Os trabalhos resultantes foram fundamentais para desconstruir a visão determinista biológica das raças que prevalecia na psicologia até então. A etapa também é marcada pelo ingresso de tais pesquisadores no Projeto UNESCO (Santos, Schucman & Martins, 2012).

Já a terceira etapa descrita por Santos, Schucman e Martins (2012), emerge na década de 1990, com os estudos sobre branqueamento e branquitude. As noções de raça-etnia são trabalhadas como uma construção social, nas relações de poder, e como identidade étnico-racial, com destaque para os nomes de Jurandir Freire Costa, Iray Carone, Maria Aparecida Bento e Edith Pizza. Com base na historiografia apresentada por Baptista (2010) Soares (2010) e Pereira e Pereira Neto (2003), já se pode considerar tal etapa como contemporânea, porque ela já cumpre todo o processo de institucionalização dos saberes e regulamentação da profissão que, segundo tais autores, vão até a implementação dos órgãos fiscalizadores.

Assim, até o que registra o final da década de 1970 e início de 1980, a presente subseção ilustrou o desenvolvimento da identidade profissional através de sua história e contextos. Além de demonstrar que a presente identidade da(o) psicóloga(o) no Brasil apresenta o tema das relações étnico-raciais em todas as etapas do percurso de sua construção. O que é notado como objeto de pesquisa, análise e intervenção pelas(os) pioneiras(os) da institucionalização científica ou da regulamentação profissional.

É possível notar, na institucionalização da psicologia no Brasil, que alguns fatos e contextos do marco lógico da profissionalização coincidem com pontos descritos acerca da influência do pensamento católico. Por exemplo, é possível examinar se os temas da "individualidade", "autoconhecimento" e "adaptação ao trabalho", advindos dos moldes da matriz cristão-católica, estão presentes no cotidiano da atuação das(os) psicólogas(os) contemporâneas(os), na clínica curativa e no ajustamento psicológico. Além disso, há uma concomitância entre a regulamentação da profissão e a relativa abertura e reconhecimento da psicologia científica no cenário intelectual católico, por volta da década de 1960. E, por fim, por volta de 1980, tem-se a expansão da psicologia e da psicanálise nas ações sociais das pastorais católicas, em consonância com a popularização da psicologia para grupos sociais historicamente excluídos. O que levou à redemocratização do país, bem como, ao Estado de Bem-Estar Social, por fim, direcionando o trabalho da categoria profissional para os setores públicos de saúde, educação, assistência social, tribunais de justiça, entre outros.

A influência do pensamento católico está também na própria colonialidade assinalada na história da sociedade brasileira, como notado na próxima seção. Ressaltam-se as características do racismo brasileiro, de perfil sutil e cordial, julgadas decorrentes da herança de colonização ibero-latino-cristão-católica; diferente das de herança anglo-saxônico-nórdico-protestante de outras sociedades.

1.4 - As relações étnico-raciais no Brasil

Faz-se, aqui uma descrição de conceitos e noções. . São definidos os termos **raça**, **etnia**, **racismo**, **etnicidade** e **racismo**, com a exposição de suas diferenças e similaridades conceituais. A partir das noções teóricas de racismo, caracteriza-se o **perfil do racismo brasileiro**, manifesto pela "suteliza" e suposta "cordialidade", que é de complexa percepção, se comparado ao racismo flagrante, classicamente estudado. O perfil de racismo no Brasil é advindo de uma **herança colonialista ibero-latino-cristão-católica** que atualmente se apresenta pelo silenciamento dos conflitos étnico-raciais e resulta no mito da democracia étnico-racial. Por fim, decorrentes do sistema de crenças e de normatividade social, são expostos os **efeitos psicossociais do racismo** em razão do **preconceito**, **discriminação** e **humilhação social**; da mesma forma, apresenta-se a **literatura epidemiológica sobre a discriminação**, com base na neurofisiologia do estresse.

1.4.1 - Raça e etnia

Embora não seja biologicamente definível, a **raça** é utilizada para caracterizar um conjunto de predicados físicos que diferenciam grupos humanos como, por exemplo, traços faciais e cor de pele. Ou seja, é uma construção social de significados acerca de diferenças fenotípicas (Faro, 2010; Phinney & Alipuria, 2006; Munanga, 2004; Guimarães, 2002). Seria atribuída a conteúdos herdados e transmissíveis pela hereditariedade. Contudo, tal noção só ganha sentido sociológico quando interfere na explicação do comportamento de uns indivíduos em relação a outros, em função de características comuns que constituem uma fonte de atividade comunitária. Assim, com base nas referidas diferenças antropológicas físicas são fundamentadas a atração ou a repulsão, que são, entretanto, condicionadas pelo estabelecimento de relações de dominação (Poutignat & Streiff-Fenart, 2011).

O fato de ter sido utilizada como ferramenta de estratificação social demonstra a centralidade da noção de raça nas sociedades (Faro, 2010). Ela está associada a termos usuais, hoje, de muito compartilhamento, que, no entanto, remetem a ideias de épocas passadas (Guimarães, 2008; IBGE, 2011).

Para Munanga (2004), os conceitos entendidos como raciais (negro, preto, branco, orientais, indígenas ou mestiços) não significam a mesma coisa em diferentes localidades, tais como Estados Unidos, Brasil, África do Sul, Inglaterra. Desse modo, seus conteúdos são etno-semânticos, político-ideológicos e não biológicos.

No contexto da colonialidade, em particular, nas Américas, a raça seria um atributo para definir pessoa não branca, uma categoria imposta, e não uma dimensão de autocategorização. No entendimento de Phinney e Alipuria (2006), quanto mais forte a discriminação e as fronteiras entre as raças, a heterocategorização se torna mais relevante para a sociedade.

Etnia e raça representam diferentes formas de divisão da população humana em grupos, mesmo que os termos sejam frequentemente utilizados com significados intercambiáveis (Phinney & Alipuria, 2006). Poutignat e Streiff-Fenart (2011) chegam a apontar que, entre os teóricos modernos, os termos "etnia" ou "étnico" abrangem sentidos diversos e articulados às noções de "povo", "raça" e "nação". Contudo, a distinção entre "raça" e "etnia", que opera hoje no campo científico, é baseada nos aspectos socioculturais de cada grupo, e não mais em critérios biológicos ou psicológicos (Faro, 2010).

Um grupo étnico implica a crença em um ancestral e uma origem comum. Uma sensação de consciência de uma unidade subjacente que faz com que um indivíduo se sinta

parte de um povo ou de uma nação. Trata-se, portanto, de uma população autoconsciente, sob um consenso de qualidades essenciais, de continuidade histórica, de valores, costumes e práticas. Concebe-se como distinta de outros grupos, diretamente vinculada e pertencente a uma territorialidade (Phinney & Alipuria, 2006). A atração entre aqueles que se sentem de uma mesma etnia não está separada da repulsa diante daqueles que são percebidos como estrangeiros. O que quer dizer que a consciência de pertença decorre da comunicação das diferenças definidas para estabelecer fronteiras étnicas. O conteúdo da comunidade étnica é a crença em um estilo de vida particular carregado, por um lado, de valores que fundam a dignidade "essencial" daqueles que o praticam; e, por outro, de desprezo por aqueles que praticam costumes alheios. Eis aí a aproximação com a ideia de "etnocentrismo" através da convicção comum da excelência de seus próprios costumes e da inferioridade dos outros (Poutignat & Streiff-Fenart, 2011).

A etnia, geralmente, é usada para designar culturalmente grupos humanos, pois possibilita distinguir o indivíduo por mútua identificação coletiva. Em contrapartida, a raça se volta para a caracterização do indivíduo, segundo a noção de grupo por similaridade e não necessariamente compartilhamento de mútuo reconhecimento (Faro, 2010; Guimarães, 2008; Munanga, 2004).

Faro (2010) salienta que, no Brasil, não é habitual referir-se aos grupos sociais enquanto etnias. Segundo ele, nos diversos ramos do ativismo do movimento negro, o termo etnia é utilizado para encobrir e suavizar o preconceito e o racismo.

A raça, no Brasil, é um fenômeno oficialmente classificado através dos critérios de mensuração dos censos demográficos, que ocorrem periodicamente. O primeiro censo demográfico brasileiro ocorreu em 1872 e a classificação seguia o seguinte critério para raças: branca, preta livre/escravo e cabocla. (Anjos, 2013; Camargo, 2010; IBGE, 2011). No segundo censo, em 1890, decorreu a seguinte classificação das raças: branca, preta e mestiça (Anjos, 2013; Camargo, 2010; Guimarães, 2008; Dávila, 2006; Costa, 2001). No censo de 1920, não houve coleta de informações sobre cor ou raça (Anjos, 2013; IBGE, 2011). A partir de 1940, houve o uso dos termos: branca, preta e amarela (Anjos, 2013; Camargo, 2010; IBGE, 2008).

Em 1950, as pesquisas utilizam o termo "raças sociais", pois se difundiu a ideia de que raças humanas não têm realidade empírica, em função da problemática étnico-racial evidenciada na Segunda Grande Guerra (Guimarães, 2008). Nesse ano, no Brasil, constavam-se as raças: branca, preta, parda e amarela. Critério copiado em 1960 e em 1980. Em 1970 não

houve coleta sobre cor ou raça. Em 1991, houve o acréscimo da categoria indígena. Em 2000, copia-se a classificação: branca, preta, parda, amarela e indígena (Anjos, 2013). Por fim, no censo de 2010, as pessoas autoidentificadas como indígenas passaram a informar sobre sua etnia e língua falada (Anjos, 2013; IBGE, 2010).

O IBGE, em 2011, divulgou a pesquisa *Características Étnico-Raciais da População: um Estudo das Categorias de Classificação de Cor ou Raça*, no qual traz uma série de dados e análises. Por exemplo, os dados referentes à autoclassificação de cor ou raça das pessoas: 74% guiou-se pelo critério da "cor da pele", 62% guiou-se pela "origem familiar" e 54%, por outros "traços físicos" (como cabelo, boca, nariz). Já na heteroclassificação, ou seja, na classificação étnico-racial de outras pessoas, a dimensão mais citada foi a "cor da pele" (82,3%), depois, "traços físicos" (57,7%) e "origem familiar" (47,6%) (IBGE, 2011).

As transformações das caracterizações das raças e etnias, observadas na trajetória histórica dos recenseamentos brasileiros, apontam para a afirmação de Munanga (2004). Segundo ele, a raça-etnia não existe para as bases contemporâneas da genética ou da biologia molecular. No entanto, existem ainda raças construídas a partir das diferenças fenotípicas no imaginário da população. É a partir de tal noção que se reproduz e se mantém o racismo.

1.4.2 - Racialismo e etnicidade

Appiah (1997) considera que o racialismo é a doutrina que tentou desenvolver uma ciência sobre as diferenças raciais. É o entendimento de que existem características hereditárias, presentes em membros da espécie humana, que permitem um nível de taxonomia pela divisão em conjuntos de raças. Em outras palavras, os membros de uma raça compartilham entre si traços e tendências que não têm em comum com membros de outras raças. Para o autor, o racialismo em si não seria considerado perigoso. Pois, mesmo considerando a raça como atributo essencial, todas teriam qualidades morais positivas. O problema é quando tal doutrina serve de pressuposto para outros sistemas de crença com propósito de hierarquização, com destaque para o racismo.

O termo etnicidade, por sua vez, é de recente uso na literatura científica. Surgiu por volta dos anos de 1980, nos estudos sobre imigração, racismo, nacionalismo ou violência urbana. Antes dele, o termo utilizado para designar a consciência de pertença a um grupo étnico era "etinismo" (Poutignat & Streiff-Fenart, 2011). Interessante notar que suas primeiras acepções, segundo relato de Poutignat e Streiff-Fenart (2011), são de tradição inglesa e designavam a pertença a um grupo outro que não o anglo-americano. Ou seja, este seria o único grupo branco a não ter uma "origem nacional". Tratava-se de um caráter etnocêntrico,

que se manifestava, antes de tudo, por parte de quem tem o poder de nomear. A noção era usada como uma variável independente de outros grupos para o estudo do comportamento das pessoas, em especial relativo a raça ou religião.

1.4.3 - Racismo

É no racismo, segundo Appiah (1997), que está a fonte de inúmeros erros morais da qual decorreu muito sofrimento humano nos últimos séculos. Embora haja algumas diferentes definições sobre o significado de racismo, na linguagem cotidiana há certo consenso (Clark, Anderson, Clark e Williams, 1999).

Entre os diferentes entendimentos do fenômeno, ele pode ser concebido como estático e único, por meio de um comportamento ou uma atitude específica e inequívoca. Outro ponto de vista sugere que ele seja dinâmico, adaptável e manifesto por meio de pensamentos estereotipados, que conduzem a atitudes afetivas e, por conseguinte, a comportamentos discriminatórios (Lima & Vala, 2004; Bhui, 2002; Clark *et al.*, 1999). Greer (2011) e Clark *et al.* (1999), por sua vez, aproximam a definição à ideia de crenças, representações, atitudes, disposição, arranjo institucional e atos que tendem a depreciar indivíduos e grupos, seja por suas características fenotípicas ou por filiação étnico-grupal.

De um modo geral, o racismo seria um sistema complexo de crenças, no qual se estabelece uma hierarquização de raças. Por um lado, é mantido por valores que servem para limitar, excluir e/ou discriminar membros de grupos/categorias sociais que são minorias políticas raciais e étnicas. Contudo, por outro lado também, o mesmo sistema de crenças atribui diferenças e superioridade a membros de grupos privilegiados, com base em alguma marca física externa (real ou imaginada). Assim se justificaria que estes últimos detivessem direitos essenciais sobre recursos materiais e outras liberdades civis, prerrogativas sociais por *status*, em contraposição aos membros de outros grupos/categorias subordinados e rebaixados (Lima & Vala, 2004; Bhui, 2002; Clark *et al.*, 1999).

Segundo Lima e Vala (2004) e Bhui (2002), além de suas expressões clássicas ou tradicionais, que são mais abertas e flagrantes, há várias formas ou níveis de racismo. Na literatura estão descritos: o racismo simbólico (Lima & Vala, 2004; ver Sear & Henry, 2003), o racismo moderno (Lima & Vala, 2004; ver McConahay, 1986), o racismo aversivo (ver Dovidio & Gaertner, 2000; ver Dovidio & Gaertner, 1998), o racismo ambivalente (Lima & Vala, 2004; ver McConahay, 1986; ver Katz, Wackenhunt & Hass, 1986), o racismo cordial (Guimarães, 2008; Lima & Vala, 2004; ver Owensby, 2005), o racismo institucional (Geledés, 2013; Lópes, 2012) e o racismo ambiental (Santos *et al.*, 2016; Pacheco, 2008).

O racismo é comumente confundido com o preconceito, que é conceituado como uma atitude hostil contra um indivíduo por sua pertença a um grupo desvalorizado socialmente. Caracteriza-se, portanto, como uma antipatia, que pode ser sentida ou expressa e que pode ser dirigida a um grupo como um todo ou a um indivíduo membro de tal grupo. Já o racismo, como notado, diferentemente do preconceito, é um sistema de crenças que hierarquiza pessoas pelos seus atributos étnico-raciais.

1.4.4 - As características dos racismos latino e nórdico

No Brasil, o racismo está estruturado no quadro institucional das organizações e das interações entre pessoas e grupos sociais que decorrem do processo de colonialismo e da colonialidade. Tal quadro institucional foi estabelecido pela desigualdade de acesso aos recursos naturais e ambientais, assim como simbólicos e valorativos.

Enquanto, no âmbito das ciências sociais, o racismo de herança escravagista e colonial pode ser acusado como principal determinante das desigualdades brasileiras, o senso comum, é regido pela mentalidade da democracia étnico-racial. O mito da democracia étnico-racial é a crença de que no país não há racismo, escamoteando as desigualdades e suas causas. Em contextos de manifestação sutil e quase imperceptível do racismo, as situações flagrantes de ofensas são pouco inteligíveis no âmbito das relações interpessoais. Porém, quando se realizam leituras institucionais ou análises demográficas, a raça-etnia surge com um fator determinante nas disparidades sociais encontradas. Exemplo disso são os indicadores de violência, de acesso à educação, de renda familiar e distribuição de riquezas, entre outros.

Lima e Vala (2004) classificam o racismo brasileiro de perfil cordial. Este é caracterizado por uma polidez superficial que reveste atitudes negativas e comportamentos discriminatórios. Suas atitudes e comportamentos se expressam nas relações sociais e interpessoais através de piadas, ditos populares e brincadeiras de cunho racial supostamente "sem intenção de ser preconceituosos", no entanto, produzindo consequências que impactam a pessoa alvo do racismo.

Tal "cordialidade" pode ser observada através da pesquisa realizada por Camino, Silva, Machado e Pereira (2001) que apresentam a opinião de estudantes universitários sobre atitudes preconceituosas no Brasil. Os autores descrevem que 82% dos participantes concebem a existência do preconceito, mas não se consideram preconceituosos. Já para 16%, existe preconceito no Brasil e, sim, se consideram preconceituosos. E apenas para 2% não existe preconceito e não se consideram preconceituosos.

A pesquisa de Camino et al. (2001) foi inspirada na versão de Ventino e Paulino (1995, citado por Camino et al., 2001) de âmbito nacional, que constatou que 89% dos brasileiros reconhecia a existência de preconceito racial no Brasil, mas apenas 10% se definia pessoalmente como preconceituoso. Os dados de ambas as pesquisas refletem o perfil oculto do racismo brasileiro, também afirmado por Lima e Vala (2014).

No racismo cordial ou indireto, que pode ser observado pela via do preconceito sutil e cordial, não há diretamente elementos de discriminação, de cerceamento de direitos ou de naturalização das diferenças. O que é diferente do racismo clássico, abertamente manifesto e observado na forma de preconceito flagrante (Lima & Vala, 2004; Pettigrew & Meertens, 1995; Santos et al., 2006).

Os distintos perfis de racismo e manifestações de preconceitos são consequências de processos específicos de colonialidade. Em função da colonização portuguesa de matriz ibero-latino-católica, no Brasil, o racismo tem especificidades cordiais, cuja opressão e violência ocorrem em relações de intimidade e proximidade. Em contraposição à América do Norte ou África do Sul, por exemplo, onde, em função da colonização anglo-saxão-nórdico-protestante, manifesta-se o racismo declarado, sob forma de segregação e *apartheid* social (Sansone, 2014).

A colonialidade tida como ibero-católica é caracterizado pelo ideal de mestiçagem, no qual há maior aceitação da mistura biológica de diferentes fenótipos, e também do sincretismo e hibridismo cultural e linguístico. A mestiçagem pode ser justificada, por exemplo, como afirmação ideológica da identidade de nação, representada por tais misturas e sincretismo. Outro caráter da presente herança civilizatória colonialista está na estratégia de evangelização católica como forma de socializar os diferentes grupos e pessoas sob um mesmo padrão de humanidade cristã. No entanto, apesar de se conceberem sob um mesmo padrão, as pessoas de diferentes grupos representavam diferentes níveis de humanidade, de autoridades e assentimentos na estrutura social (Daflon, 2014; Sansone, 2014; Little, 1970).

Conforme Little (1970), por exemplo, apesar de estarem sob relações de caráter patrimonialista, na estrutura escravocrata, os brancos senhores de engenho, os negros escravizados e os mestiços estavam unidos por vínculos estreitos. Descritos até como sentimentais e supostamente "solidários", comparados às relações entre senhores e escravos no sul dos Estados Unidos.

Os filhos dos escravos viviam em íntimo contato com os dos senhores; e logo chegaram a falar quase que só o português, a vestir-se à européia e a participar da vida religiosa da família. O senhor admitia entre eles e seus escravos o liame de uma religião comum e que estes eram

seus iguais diante de Deus; regularmente fazia com que lhes fôsse ensinado o catecismo. (Little, 1970, p. 78)

Em tal expressão das relações étnico-raciais, não há o binarismo declarado de oposição entre brancos e não brancos nas estruturas sociais. Diferentemente do que se apresenta na matriz anglo-saxão-protestante, cuja discriminação direta e segregação são a estrutura do que se mostrou, por exemplo, no *apartheid* sul-africano. Na expressão das relações de matriz ibero-latino-católica, há uma grande interação étnico-racial. Ela se manifesta por um largo *dégradé* de cores de pele e sincretismos culturais, sob o qual o racismo, o preconceito e a discriminação se revelavam indiretamente (Daflon, 2014).

A concepção da herança ibero-latino-católica regida pela mestiçagem foi campo fértil para justificar as noção do racialismo monogenista. Segundo Santos (2005) e Gould (1999), os monogenistas se apoiavam em argumentos climáticos, geográficos, culturais para explicar as diferenças entre os seres humanos, e tinham como base a tradição religiosa apresentada no Gênesis da mitologia cristã. Já os poligenistas, adotavam uma linguagem científica e tinham como propósito condenar o ponto de vista monogenista, de base religiosa. No poligenismo acredita-se que as raças-etnias têm origens separadas, razão pela qual se abominava qualquer forma de intercuro entre povos.

Na concepção colonialista anglo-saxão-nórdico-protestante, vigora a lógica de segregação e *apartheid*, de binarismo racial na sociedade, em razão da influência de crenças como os mitos de "purismo do sangue" e da "inferioridade dos mestiços". Concebiam-se as misturas entre povos não como mestiçagem, mas como miscigenação, expressão que combina as palavras latinas *miscere* (mistura) e *genus* (raça). Ou seja, trata-se de uma noção cientificista com foco no cruzamento biológico. Por serem entendidas como antinaturais, as miscigenações eram desencorajadas, concebidas como cruzamentos entre seres desiguais (Comas, 1970; Daflon, 2014).

Há argumentos de que as fontes dos diferentes pontos de vista sobre as interações e misturas de povos e grupos étnica e racialmente distintos são resultado de interações precedentes entre povos e culturas na Península Ibérica e na Grã-Bretanha. Fontes essas, que são anteriores ao próprio período de exploração colonial (Daflon, 2014; Comas, 1970; Little, 1970).

A esse respeito, Comas (1970) destaca que os ibéricos são formados por maior mistura de povos e culturas, pois são fruto do permanente fluxo de interação na Península Ibérica entre fenícios, gregos, romanos, mouros, otomanos, árabes, celtas, magrebinos e vários outros

povos mediterrâneos e subsaarianos. Little (1970), por seu turno, considera que tal histórico fez com que portugueses e espanhóis concebessem mais abertamente as interações intergrupais como, por exemplo, o casamento misto e o nascimento de crianças mestiças.

Por outro lado, os povos nórdicos, a exemplo dos anglo-saxões, se concebem sob a crença no mito do "purismo de sangue" e da "inferioridade dos mestiços" (Comas, 1970; Dalfon, 2014; Little, 1970). Assim, sua superioridade racial biológica e psicológica se sustenta na crença da "pureza do sangue" e da superioridade "ariana" ou "nórdica" (Comas, 1970). Isso, apesar do "povo britânico" ser constituído pela mistura entre o Cro-Magno, do Paleolítico, e os anglos, celtas, romanos, saxões, vikings, normandos, francos, teutões, burgúdios e outros povos (Comas, 1970; Daflon, 2014). O arianismo ou nordismo, como notado, são doutrinas justificadoras, fonte comum de outros mitos secundários de superioridade étnico-racial tais como o germanismo, o anglo-saxonismo e o celtismo. O que, por sua vez, são as bases de nacionalismos surgidos, respectivamente, na Alemanha, Inglaterra, Estados Unidos e França (Comas, 1970).

Little (1970) mostra que as crenças em uma identidade hegemônica são o elo entre a conduta adotada em matéria de relações étnico-raciais e a estrutura da sociedade. Por onde se compreende que o racismo seja uma equação direta de um tipo de regime econômico, social e valorativo, para distintos grupos. Observe-se que, em qualquer local, quando se define uma identidade nacional hegemônica, a estruturação da ordem dos privilégios segue tal definição de hegemonia.

A ininteligibilidade do racismo brasileiro permeia as relações de poder no quadro institucional de interações entre grupos sociais. Remete-se espacial e temporalmente aos domínios da vida social, política, econômica, familiar e intelectual. O que, por sua vez, influencia diretamente nas constituições de personalidades, identidades, relações interpessoais, assentimento e reconhecimento social.

Pela configuração étnico-racial da população brasileira, bem como pelo seu enraizamento na colonialidade, o reconhecimento e o não reconhecimento no âmbito social sofrem interferência do racismo. São produzidos, conseqüentemente, efeitos psicossociais em função da longa história política de violações, desrespeitos a direitos e rebaixamento. O que impacta socialmente nas relações de confiança, respeito e estima e, psicologicamente, na construção de autoconfiança, autorrespeito e autoestima.

Santos, Tralci Filho, Santana e Fernandes (2015), Santos *et al.* (no prelo), Melo e Santos (2018) descrevem os **efeitos psicossociais do racismo** a partir dos fenômenos do preconceito, da discriminação e da humilhação social.

O **preconceito** se refere a um predicado atitudinal, pois se trata de uma resposta emocional negativa, baseada em um julgamento infundado e não facilmente modificável, podendo ser sentido e/ou expresso em relação a um grupo ou a uma pessoa que se supõe ser membro do grupo. Sua causa estaria no ambiente de competição e conflito, na aprendizagem social e conformidade e em fatores de personalidade (ver Melo & Santos, 2018; Rodrigues, Assmar & Jablonski, 2015; Santos *et al.*, 2015; Stangor, 2009; Harrison, 1995; Allport, 1979).

A **discriminação**, por sua vez, é criar, manter ou reforçar vantagens para alguns grupos e seus membros, à custa de desvantagens para outros grupos/membros. Trata-se de diferenciação nas formas de tratamento e de acesso aos bens públicos e privados e é derivada do estereótipo e do preconceito (ver Melo & Santos, 2018; Santos *et al.*, no prelo; Allport, 1979).

Por último, a **humilhação social** diz respeito ao sentimento de rebaixamento e vergonha pública. É um sofrimento que resulta em angústia associada ao sentimento de não possuir direitos e de ser alvo cotidiano da vigilância alheia e repressão. Está ligado a relações de dominação e opressão, que impedem o direito à cidadania, e é capaz de produzir a depreciação da integridade das pessoas rebaixadas (ver Melo & Santos, 2018; Gonçalves Filho, 2007; 2005; 1998).

Além da compreensão psicossocial dos efeitos do racismo, há também os impactos na saúde física e mental das pessoas atingidas por este fenômeno (ver Melo, 2014).

De um modo geral, o capítulo primeiro buscou entender como se sucedeu o desenvolvimento de uma epistemologia única na psicologia e quais entraves da sua aplicação no contexto das relações étnico-raciais brasileiras. Realizou-se uma linha lógica das narrativas sobre tal desenvolvimento, para compreender criticamente como se deu o estabelecimento de tal epistemologia hegemônica e quais as possibilidades de melhor adequar as atuações profissionais das(os) psicólogas(os) brasileiras(os) diante da sua realidade populacional, histórica, política, identitária, étnico-racial e civilizatória pela colonialidade.

Com intenção de caracterizar as peculiaridades do contexto da psicologia brasileiras(os), coube exatamente à atual tese investigar sobre as atuações profissionais no tema das relações étnico-raciais em diferentes locais do país.

Capítulo 2 - Método

A presente pesquisa é de natureza quantitativa e de cunho exploratório de caracterização, com delineamento transversal e comparativo. A Tese tem referência na Teoria Crítica e Psicologia Social do Racismo.

O processo metodológico da pesquisa decorreu conforme o seguinte procedimento: 1) estabelecimento dos objetivos; 2) hipóteses; 3) seleção das(os) participantes; 4) elaboração, estruturação, avaliação e aprovação do instrumento de coleta de dados; 5) articulação com as Entidades de Psicologia para divulgação do instrumento; 6) outros recursos de divulgação; 7) recursos utilizados para análise dos dados.

Pelo perfil metodológico, o capítulo descreve detalhadamente o passo-a-passo do processo. Em especial, sobre desenvolvimento do instrumento de coleta e suas etapas. O que vai desde o modelo inicialmente projetado, passando pelas alterações iniciais para a construção da primeira versão do instrumento, até as últimas alterações para se chegar à versão final utilizada para coleta. Além disso, estão apresentados os critérios de avaliações internos e externos que fizeram progredir no desenvolvimento do instrumento.

2.1 - Objetivo da Pesquisa

A investigação tem o objetivo primordial de caracterizar as atuações de profissionais de psicologia no tema das relações étnico-raciais nos Estados do Amazonas, da Bahia e de São Paulo.

2.1.1 - Objetivos derivados

1. Identificar os dados sociodemográficos de idade, de identidade de gênero, de raça/cor da pele, religiosidade.

2. Especificar o perfil da formação - pelos referenciais teóricos adotados, nível de titulação, perfil da IES (Instituição de Ensino Superior) formadora, acesso ao tema das relações étnico-raciais, interesse no tema e participação em grupos relativos ao tema.

3. Caracterizar a ocupação e atuação - pelo número e as áreas de trabalho das(os) profissionais, os territórios e perfis institucionais dos serviços de psicologia, as proporções étnico-raciais e socioeconômicas dos públicos assistidos nos serviços; além das situações de racismo e as experiências de debate no tema das relações étnico-raciais no trabalho; e as ações ou técnicas interventivas elaboradas pelas(os) profissionais para lidar com o referido tema.

4. Analisar, a partir das hipóteses descritas a seguir, as associações e comparação de médias entre atuação e formação das(os) profissionais com as variáveis mencionadas.

5. Analisar as crenças sobre as diferentes categorias étnico-raciais populares no Brasil, bem como, as crenças sobre a identidade e a atuação profissional da(o) psicóloga(o), baseado no método de Evocações Livres.

2.2 - Hipóteses

Como demonstra a Tabela 01, foi formulado um conjunto de 12 hipóteses agrupadas e subdivididas em três (03) blocos. Os agrupamentos foram definidos pelas variáveis específicas investigadas e os blocos pelos respectivos objetivos derivados. O primeiro bloco trata de questões relativas a formação profissional; o segundo bloco, de questões sobre atuação; o terceiro, de questões relacionadas às crenças evocadas pelas(os) profissionais de psicologia. Para entender a lógica das hipóteses construídas, as hipóteses 7b, 7c, 7d e 7e, 8a, 8b, 8c, 8d foram testadas com base na comparação de médias, pelo teste t de amostras independentes. As hipóteses 11 e 12 foram testadas com base no Método Reinert, de Classificação Hierárquica Descendente, bem como, a Análise de Especificidades, ambos do IRAMUTEQ; cuja classificação e análise partem do conteúdo lexical das Evocações Livres. Todas as outras hipóteses de associação foram testadas com Tabela de Referência Cruzada.

Bloco primeiro, sobre a formação:

Hipótese 01. Há associação entre a categoria étnico-racial do profissional e o nível de titulação.

Hipótese 2a. Há associação entre a categoria étnico-racial do profissional e o perfil da IES formadora.

Hipótese 2b. Há associação entre o acesso ao tema na formação e o perfil da IES formadora.

TABELA 01

Quadro de hipóteses

<i>Hipótese 01</i>	Nível de titulação	1. Raça/etnia da(o) profissional
<i>Hipótese 02</i>	Perfil da IES formadora	2a. Raça/etnia da(o) profissional 2b. Acesso ao tema
<i>Hipótese 03</i>	Grupos acadêmicos no tema	3. Raça/etnia da(o) profissional
<i>Hipótese 04</i>	Interesse no tema	4a. Raça/etnia da(o) profissional 4b. Acesso ao tema 4c. Referencial teórico 4d. Religiosidade/espiritualidade
<i>Hipótese 05</i>	Tempo de atuação	5a. Número de atuação 5b. Raça/etnia da(o) profissional
<i>Hipótese 06</i>	Áreas de atuação	6. Raça/etnia da(o) profissional
<i>Hipótese 07</i>	Perfil do serviço psicológico	7a. Raça/etnia da(o) profissional 7b. Pessoas Orientais 7b. Pessoas Orientais 7c. Pessoas Negras 7d. Pessoas Indígenas 7e. Pessoas Brancas
<i>Hipótese 08</i>	Situações de racismo no trabalho	8a. Raça/etnia da(o) profissional 8b. Acesso ao tema 8c. Acesso ao tema/Pessoas Brancas 8d. Acesso ao tema/Pessoas Negras
<i>Hipótese 09</i>	Pauta do tema no trabalho	9a. Estado de residência 9b. Áreas de atuação
<i>Hipótese 10</i>	Técnicas elaboradas no tema/Áreas de atuação	10a. Habilidade pessoal 10b. Instrumentos 10c. Procedimentos 10d. Técnicas grupais 10e. Materiais didáticos 10f. Participação institucional 10g. Recursos áudio/visuais
<i>Hipótese 11</i>	Crenças sobre atuação e identidade profissional	
<i>Hipótese 12</i>	Crenças sobre Humano e as Categorias étnico-raciais	

Nota. Tabela construída pelo autor.

Hipótese 03. Há associação entre a participação em grupos acadêmicos no tema e a categoria étnico-racial do profissional.

Hipótese 4a. Há associação entre o interesse no tema e a categoria étnico-racial do profissional.

Hipótese 4b. Há associação entre o acesso ao tema e o interesse no tema.

Hipótese 4c. Há associação entre o interesse no tema e referencial teórico.

Hipótese 4d. Há associação entre o interesse no tema e a religiosidade/espiritualidade.

O segundo bloco de hipóteses se refere à atuação profissional da amostra:

Hipótese 5a. Há associação entre o número de atuação e tempo de atuação.

Hipótese 5b. Há associação entre a categoria étnico-racial do profissional e o tempo de atuação.

Hipótese 06. Há associação entre as áreas de atuação e a categoria étnico-racial do profissional.

Hipótese 7a. Há associação entre o perfil do serviço e a categoria étnico-racial do profissional.

Hipótese 7b. Os serviços pagos de psicologia atendem mais pessoas orientais do que em serviços públicos.

Hipótese 7c. Os serviços públicos de psicologia atendem mais pessoas negras do que em serviços pagos.

Hipótese 7d. Os serviços públicos de psicologia atendem mais pessoas indígenas do que em serviços pagos.

Hipótese 7e. Os serviços pagos de psicologia atendem mais pessoas brancas do que em serviços públicos.

Hipótese 8a. As(os) profissionais negras(os) afirmam ter tido mais envolvimento e testemunhos em situações de racismo do que as brancas, em todas as situações.

Hipótese 8b. As(os) profissionais que tiveram acesso ao tema na formação afirmam ter tido mais envolvimento ou testemunhos nas situações de racismo do que as(os) profissionais que não tiveram acesso ao tema, em todas as situações.

Hipótese 8c. As(os) profissionais brancas(os) que tiveram acesso ao tema na formação afirmam ter mais envolvimento ou testemunho em situações de

racismo do que as(os) profissionais brancas(os) que não tiveram acesso ao tema, em todas as situações.

Hipótese 8d. As(os) profissionais negras(os) que tiveram acesso ao tema na formação afirmam ter o mesmo envolvimento ou testemunho de situações de racismo que as(os) profissionais negras(os) que não tiveram acesso ao tema, em todas as situações.

Hipótese 9a. Há associação entre a pauta no tema e o Estado de residência.

Hipótese 9b. Há associação entre a pauta no tema e as áreas de atuação.

Hipótese 10a. Há associação entre a técnica de habilidade pessoal no tema das relações étnico-raciais e as áreas de atuação.

Hipótese 10b. Há associação entre os instrumentos elaborados no tema das relações étnico-raciais e as áreas de atuação.

Hipótese 10c. Há associação entre os procedimentos elaborados no tema das relações étnico-raciais e as áreas de atuação.

Hipótese 10d. Há associação entre as técnicas grupais elaboradas no tema das relações étnico-raciais e as áreas de atuação.

Hipótese 10e. Há associação entre os materiais didáticos elaborados no tema das relações étnico-raciais e as áreas de atuação.

Hipótese 10f. Há associação entre as participações institucionais com foco no tema das relações étnico-raciais e as áreas de atuação.

Hipótese 10g. Há associação entre os recursos audiovisuais/interativos elaborados no tema das relações étnico-raciais e as áreas de atuação.

O terceiro e último bloco de hipóteses está relacionado a Evocações Livres a cerca de "Atuação do/a Psicólogo/a" e "Identidade do/a Psicólogo/a", bem como, de "Humano", "Pessoas Orientais", "Pessoas Indígenas", "Pessoas Negras" e "Pessoas Brancas":

Hipótese 11. As crenças sobre a Atuação e a Identidade da(o) Psicóloga(o) estão mais associadas aos termos descritos pelas(os) profissionais adeptas(os) das religiões de matriz judaico/cristã.

Hipótese 12. As crenças sobre Pessoas Brancas são mais associadas às crenças sobre Humanos, comparadas as das outras categorias étnico-raciais populares.

2.3 - Participantes

A população estudada foi as(os) profissionais de psicologia nos Estados do Amazonas, da Bahia e de São Paulo.

A escolha das(os) profissionais do Amazonas se deve por ser a Unidade Federativa (UF) com maior população autodeclarada indígena (proporção absoluta), sendo 168,7 mil pessoas, quase 5% do Estado, assim também como 73% de população negra, entre pardos e pretos (IBGE, 2010), como mostra a Tabela 01. Além disso, também é o Estado da região Norte com mais profissionais, sendo 3.345 ativos no CRP 20º Região (CFP, 2015). A Bahia, por sua vez, é o Estado com a maior proporção relativa de negros, sendo 76% da população, em torno de 10 milhões de pretos e pardos (IBGE, 2010). Além disso, tem registrado 9.124 profissionais ativos no CRP 3ª Região (CFP, 2015).

TABELA 02

Proporção de raça/cor em Amazonas, Bahia e São Paulo, segundo IBGE (2010).

	<i>Branca</i>	<i>Preta</i>	<i>Parda</i>	<i>Indígena</i>	<i>Amarela</i>
São Paulo	63,91%	5,50%	29,11%	0,10%	1,30%
Bahia	22,19%	17,10%	59,16%	0,40%	1,13%
Amazonas	21%	4,12%	68,88%	4,84%	0,91%

Nota. Tabela de dados construída pelo autor.

TABELA 03

Proporção de população negra em proporções relativas e absolutas nos Estados do Amazonas, Bahia e São Paulo, segundo IBGE (2010).

	<i>Proporção relativa (%)</i>	<i>Proporção absoluta (N)</i>
São Paulo	34,61%	14287843 pessoas
Bahia	76,26%	10690306 pessoas
Amazonas	73,00%	2543461 pessoas

Nota. Tabela de dados elaborada pelo autor.

Já São Paulo foi escolhido por ter a maior proporção absoluta de negros no Brasil, ou seja, maior número, com um pouco mais de 14 milhões de pessoas negras (pretos e pardos),

64% de brancos e 1,3% de amarelos, como mostra a Tabela 02 (IBGE, 2010). Além disso, também é a UF com o maior número de profissionais de psicologia no Brasil, somando um total de 86.058 ativos no CRP 6ª Região (CFP, 2015).

Foi utilizada a fórmula estatística, apresentada por Falco (2008), para a determinar o tamanho da amostra com base na estimativa da proporção populacional. Na fórmula, a taxa de equivalência para o intervalo de confiança de 95% é 1,96, como o erro amostral é de 5%; a proporção de indivíduos da população a ser estudada é de 80%; enquanto a proporção de indivíduos da população que não será estudada, corresponde a 20%. Essa proporção 80% e 20% tem como referência uma população homogênea a ser estudada, pois todas(os) são psicólogas(os). Os resultados deste cálculo amostral para cada UF é de 230 profissionais do Amazonas, 240 participantes da Bahia e 246 do Estado de São Paulo. Com base neste cálculo, se estimou a aplicação do questionário, tendo estes números de participantes nos respectivos Estados.

Em um (01) ano, foram coletados os dados de 2037 respondentes de quase todas as unidades federativas brasileiras, dos quais somente 1110 responderam completamente ao questionário. No entanto, atinentes aos três Estados investigados, contabilizam-se **657 profissionais**, como participantes válidas(os).

A taxa de conclusão do questionário foi de 54,49%, com o tempo de duração média de preenchimento de 16 minutos.

TABELA 04

Distribuição das(os) respondentes

Local de residência (UF):		
	N	%
Amazonas (AM)	63	9,58%
Bahia (BA)	257	39,11%
São Paulo (SP)	337	51,29%
Respondentes	657	100%
Ausentes	0	0

Nota. Cálculo gerado pelo SurveyMonkey. Tabela de dados construída pelo autor.

A Tabela 03 apresenta o total de respondentes que concluíram o questionário, 51,29% (337) residiam em São Paulo; 39,11% (257), na Bahia; e 9,58% (63), no Amazonas. Na soma, foi computado 657 profissionais nos três Estados da data de 01 de Agosto de 2017 a 31 de Julho de 2018. Em São Paulo foi alcançado 136,99% do estabelecido no calculo amostral,

ultrapassando 91 profissionais. No Estado da Bahia foram alcançados 107,08%, também ultrapassando o número de 17 profissionais. Já no Estado do Amazonas foi alcançado somente 27,39% do desejado, faltando 167.

A pesquisa foi executada com base no cálculo amostral. Nos Estados de São Paulo e da Bahia, os números de respondentes chegam a ultrapassar sensivelmente o estabelecido previamente. Contudo, no Amazonas a proporção ficou abaixo do planejado.

Como notado, com base no número total de respondentes válidos (1110) em todo o território brasileiro, nos outros Estados, o alcance do questionário se estendeu a mais 457 profissionais, além dos delimitados na investigação.

2.4 - Instrumento de Coleta de Dados

Foi utilizado um questionário *online* autoaplicável, um *WebSurvey* com hospedagem na plataforma SurveyMonkey, com perguntas fechadas e abertas.

O instrumento de coleta de dados foi um questionário, cuja versão inicial sofreu dois estágios de alteração até alcançar a versão final utilizada na coleta dos dados. As alterações foram motivadas, primeiro, pelo aprofundamento teórico-conceitual dos fenômenos investigados, com a ampliação de questões no instrumento; e, depois, com subtrações e reordenamento das questões, pois se buscava a exequibilidade das(os) respondentes em concluir o questionário.

Figura 01. Estágios de alteração do instrumento de coleta. Imagem produzida pelo autor.

Conforme ilustra a Figura 01, todo o processo de construção do instrumento de coleta será apresentado na presente seção. As etapas de tal processo vão desde a versão inicial do projeto, passa pelas alterações ocorridas, a aprovação pelo Comitê de Ética, as avaliações do instrumento realizadas pelo grupo de especialistas e pela Banca do Exame de Qualificação, até a estruturação da versão final e a sua testagem no estudo-piloto.

2.4.1 - Versão do instrumento no projeto inicial

No projeto inicial, o instrumento seria composto pelos blocos de questões abaixo no seguinte ordenamento:

1. **Questões Sócio-demográficas**, que coletaria dados pessoais, como idade, sexo-gênero e raça-cor.
2. **Questões sobre Atuação profissional**, às quais o participante responderia conforme o número de campos de atuações. Casos tivesse uma atuação, responderia o bloco uma única vez, se tivesse duas atuações, duas vezes, e assim sucessivamente. O bloco continha as seguintes subdivisões: 2.1. **Locais/territórios de atuação**, com menção ao Estado, Município e se localiza-se em região metropolitana, território urbano ou rural, além do tipo de serviço, se público, privado ou autônomo; 2.2. **Área de atuação**, instituição, cargo e/ou função; 2.3. **Intervenção técnica ou práticas interventivas**, que indagaria se a(o) profissional teria, na sua experiência profissional, alguma intervenção elaborada ou projeto interventivo com foco no tema das relações étnico-raciais. 2.4. **Referência ou abordagem teórica**, que investigaria quais abordagens teóricas seriam utilizadas, bem como, principais autores;
3. **Questões sobre Formação profissional**, as quais buscariam saber sobre o ano de formação em graduação e pós-graduação, caso houvesse; a motivação para se discutir as relações étnico-raciais em Psicologia – tendo para cada quesito a disponibilidade de até 60 palavras para descrição –; se na graduação teria havido disciplinas que discutisse tal tema; se teria pertencido a algum grupo de pesquisa ou estudo que abordasse tal temática na graduação; e se haveria alguma outra formação acadêmica.
4. **Questões sobre as Produções**, que referiria à autoria de textos e/ou comunicações orais das(os) profissionais no tema das relações étnico-raciais, com a descrição dos títulos e conteúdo.

5. **Evocações**, investigaria termos por associação livre, que buscaria a saliência dos elementos de representações sociais sobre “raça”, “etnia”, “racismo”, “preconceito racial” e “discriminação racial” dos profissionais. As perguntas solicitariam que a(o) participante descrevesse cinco (05) palavras que lhe viesse à mente frente a cada um dos termos.

Na seção de Materiais Complementares, encontra-se o esboço do esquema de questionário do projeto inicial (Anexo 01).

2.4.2 - Comitê de ética

O projeto inicial da pesquisa foi submetido no dia 24 de Novembro de 2016, via Plataforma Brasil, ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Para tanto, foi elaborado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), de acordo com a Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. A aprovação para execução da pesquisa foi recebida no dia 20 de Dezembro de 2016, sob o número de registro CAAE 62444316.3.0000.5561. Na seção de Materiais Complementares, encontra-se o parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa (Anexo 02).

2.4.3 - Alterações no projeto do instrumento

Com vistas a atingir o maior rigor na pesquisa, a partir do desenvolvimento da revisão de literatura, houve o aprofundamento da investigação de determinados conceitos teóricos, como por exemplo, preconceito e racismo. Tal aprofundamento investigativo resultou no maior detalhamento do procedimento metodológico e, por sua vez, no acréscimo de questões/variáveis julgadas importantes para a pesquisa.

Os estudos empreendidos para compreensão do **preconceito**, através da noção do **essencialismo** e do **controle do preconceito**, contribuíram para o estabelecimento de procedimentos metodológicos da investigação. Com a intenção de pesquisar sobre os construtos relativos ao preconceito das(os) profissionais de psicologia, buscou-se investigar sobre os perfis cognitivos e atitudinais no lidar com o tema das relações étnico-raciais. Em função disto, se fez uso da **Escala de Fechamento Cognitivo**, da **Escala de Motivação Externa e Interna para Responder Sem Preconceito**, **Escala de Racismo Moderno** e, também, pela investigação sobre a **Religiosidade**.

Julgou-se apropriado utilizar a **Escala de Necessidade de Fechamento Cognitivo (NFC)** (*Need for Closure Scale*) de Dhont *et al.* (2013). No fenômeno de NFC, há uma

barreira motivacional-cognitiva que impede que os efeitos positivos do contato intergrupar reduzam o preconceito. Isso acontece, pois há a necessidade de estabelecer um julgamento cognitivo regido por estereótipos e essencialização (Dhont *et al.*, 2013; Dhont, Roets & Van Hiel, 2011; Roets & Van Hiel, 2011). A escala mencionada tem a finalidade de investigar a moderação entre perfil cognitivo subjacente de Urgência ou Permanência, através dos preditores de Ordem, a Previsibilidade, a Determinação, a Ambiguidade e Fechamento Cognitivo (*Closedmindness*). A tendência de **urgência** refere-se à inclinação para concluir rapidamente uma experiência, situação ou interação vivenciada a um esquema mental classificador. Já a tendência de **permanência** se refere ao desejo de congelar ideias existentes, consolidando o conhecimento prévio em resistência a reconsiderá-lo em detrimento de um novo. Ambas as tendências servem para evitar a aversiva falta de fechamento cognitivo.

A **Escala de Necessidade de Fechamento Cognitivo** é composta por 15 afirmações que correspondem aos cinco (05) preditores citados acima. Esta escala apresenta o formato *Likert* de seis (06) pontos, indo de "Discordo totalmente" (1) a "Concordo Totalmente" (6). As afirmações são divididas em: três (03) quesitos sobre **Ordem** (e.g., "eu acho que uma vida bem ordenada, com o horário regular combine com meu temperamento"); três (03) quesitos sobre **Previsibilidade** (e.g., "eu não gosto de estar com pessoas que são capazes de ações inesperadas"); três (03) quesitos sobre **Determinação** (e.g., "quando eu tomo uma decisão, eu me sinto aliviado"); três (03) quesitos sobre **Ambiguidade** (e.g., "eu me sinto desconfortável quando eu não entendo a razão pela qual um evento ocorreu na minha vida"); e três (03) quesitos sobre **Fechamento Cognitivo** (e.g., "não gosto de perguntas que podem ser respondidas de muitas maneiras diferentes").

Foi integrada também ao instrumento de coleta uma segunda mensuração, a **Escala de Motivação Interna e Externa para Responder Sem Preconceito**, adaptada para o português por Palma e Maroco (2009). É uma escala de nove (09) pontos de tipo *Likert* que vai de "Discordo fortemente" (1) a "Concordo fortemente" (9). É composta por um conjunto de dez (10) afirmações, sendo cinco (05) quesitos de **controle de preconceito por motivação externa** e cinco (05) quesitos de **controle do preconceito por motivação interna**, aleatorizadas. Com este conjunto de afirmações, é possível mapear as regulações de controle e inibição da expressão do preconceito. Tal controle pode ser motivado por duas razões, ambas precedentes ao esforço para controlar o automatismo do preconceito. A motivação pode ser por **razões internas**, através do autovalor pelo autoconceito e autoimagem pessoal, como a afirmação "devido aos meus valores pessoais creio que é errado usar estereótipos sobre

negros, índios, orientais ou brancos". Por outro lado, tais motivações para o controle do preconceito podem ser por **razões externas**, através das normativas sociais, por avaliação negativa de pares e deseabilidade social, como a afirmação "tento parecer não preconceituoso face à negros, índios, orientais ou brancos de modo a evitar censura por parte de outras pessoas". Segundo os autores, quanto maior for a motivação interna para o controle do preconceito, menor será o nível de preconceito. Já quanto maior for o escore para a motivação externa para este controle, maior será o nível de preconceito. Por este controle externo estar relacionada à pressão normativa, o preconceito só não será manifestado, mas continua conservado como afeto e atitude (Palma & Maroco, 2009).

A terceira mensuração integrada foi a **Escala de Racismo Moderno**, adaptado para o contexto brasileiro (Santos, Gouveia, Navas, Pimente & Gusmão, 2006). É constituída por itens de sete (07) pontos de tipo *Likert*, que vai de "Discordo totalmente" (1) a "Concordo totalmente" (7). A escala mensura o componente cognitivo das atitudes sutis contra pessoas negras, adesão afetiva a determinadas crenças e preconceito disfarçado, através dos valores dados pelas(os) respondentes as afirmações enunciadas. Há a investigação de três fatores, que vão além da escala de racismo clássico. São: (a) **negação de preconceito e discriminação**, como na afirmação para cada grupo étnico-racial "eles não necessitam de ajuda, apenas devem se esforçar"; (b) **ameaça aos princípios de igualdade e justiça**, a exemplo da afirmação para cada grupo étnico-racial "Eles têm conseguido mais do que merecem"; e (c) **grupo de questões sem classificação**, a exemplo da afirmação "É compreensível estarem descontentes" - este quesito específico, por exemplo, possui peso fatorial invertido/revertido, que é quando a variável do item mensurado possui o valor oposto ao do restante da escala. A Escala foi ainda modificada no intuito de investigar a adesão atitudinal de estereótipos raciais frente as quatro (04) categorias étnico-raciais populares no Brasil, sendo estas: orientais, negros, índios e brancos. Para cada afirmação, as(os) respondentes assinalam um valor para cada grupo étnico-racial. Por exemplo, para cada item afirmado da escala, todas(os) as(os) respondentes balizavam um valor para "negros", um valor para "índios", um para "orientais" e um para "brancos".

O delineamento teórico-conceitual auxiliou também na compreensão sobre como os fenômenos das representações e/ou crenças sociais são preditores dos efeitos psicossociais do racismo. O que justifica a investigação com o uso da técnica de **Evocações Livres** ou **Análises Lexicais**. Foram acrescentadas questões/variáveis que relacionasse as relações étnico-raciais à xenofobia. Mantiveram-se os termos evocativos investigados na Evocação Livre,

“raça”, “etnia”, “racismo”, “preconceito racial” e “discriminação racial”, contudo pretendeu-se investigar também as crenças sobre "xenofobia". Tema este, igualmente, agregado nas questões sobre as atuações. Julgou-se interessante investigar as evocações logo na primeira parte do questionário, com o fim de reduzir o viés das(os) participantes nas respostas de tais termos.

Os progressos realizados durante o período de construção do instrumento, tanto pelo aperfeiçoamento conceitual para alcançar o detalhamento metodológico, dizem respeito à exigência de pesquisas de âmbito quantitativo dedutivo. Assim, as primeiras modificações da pesquisa tiveram o foco no procedimento metodológico, principalmente com sequência dos blocos de perguntas e também pelo acréscimo de questões e de três escalas de mensuração. Contudo, destaca-se previamente que tal estrutura de questionário ainda não concerne a sua versão final.

2.4.4 - Primeira versão do instrumento

Figura 02. Primeira versão do instrumento de coleta. Imagem produzida pelo autor.

Conforme os processos realizados com o aprimoramento teórico e consequente detalhamento metodológico, os blocos de questões da primeira versão do instrumento de coleta construída seguiram tal estrutura e ordenamento (Figura 02): 1) Evocações livres; 2) Questões sobre atuação profissional; 3) Questões sobre formação profissional; 4) Questões sobre produções acadêmicas; 5) Escala de Necessidade de Fechamento Cognitivo; 6) Escala de Motivação Externa e Interna para Responder Sem Preconceito; 7) Escala de Racismo Moderno; e 8) Questões Sócio-demográficas.

1. **Evocações**, que investigariam os seis (06) termos por associação livre, a fim de observar os elementos evocados para “raça”, “etnia”, “racismo”, “preconceito racial”, “discriminação racial” e “xenofobia” dos profissionais. As perguntas seguiriam o mesmo critério anterior de descrever as cinco palavras que lhe viesse à mente quando ouvisse cada um dos termos.
2. **Questões sobre Atuação profissional**, às quais a(o) participante responderia conforme o número de atuações – se tivesse uma atuação, responderia este bloco uma única vez; se tivesse duas atuações, duas vezes, e assim sucessivamente. O bloco conteria as seguintes subdivisões: 2.1. **Locais/territórios de atuação**, com menção ao Estado, município e se em região metropolitana, território urbano ou rural, além do tipo de serviço, se público, privado ou autônomo, sobre pessoas de outra nacionalidade; 2.2. **Área de atuação**, instituição, cargo e/ou função; 2.3. **Situações de racismo vivenciadas ou relatadas**, pedindo a descrição de tais situações, caso houvesse; 2.4. **Intervenção técnica ou práticas interventivas**, que indagaria se o/a psicólogo/a tem, na sua experiência profissional, alguma intervenção elaborada ou projeto interventivo com foco no tema das relações étnico-raciais; 2.5. **Referência ou abordagem teórica**, que buscaria saber quais abordagens teóricas são utilizadas e os principais autores;
3. **Questões sobre Formação profissional**, no qual se investigaria o perfil da Instituição de Ensino que teve sua formação, o nível de formação, caso houvesse, por exemplo, pós-graduação; a motivação que acreditam ter tido para discutir as relações étnico-raciais em Psicologia; se na graduação houve disciplinas que discutissem tal tema; e se pertenceu a algum grupo de pesquisa ou estudo que abordasse tal temática na graduação.

4. **Questão sobre as Produções**, que se referiam a autorias de textos e/ou comunicações orais destes/as profissionais no tema das relações étnico-raciais, com descrição do tipo de produção, os títulos e os conteúdos.
5. Aplicação da **Escala de Necessidade de Fechamento Cognitivo** (*Need for Closure Scale*), na versão resumida de 15 quesitos (Dhont, Roets & Van Hiel, 2013), a fim de investigar a moderação entre perfil cognitivo subjacente com viés cognitivo de julgamento preconceituoso e automatismo orientado por crenças essencialistas e de autoritarismo (Roets & Van Hiel, 2011; Dhont, Roets & Van Hiel, 2011).
6. **Escala de Motivação Interna e Externa para Responder Sem Preconceito**, adaptada para o português (Palma & Maroco, 2009), como possibilidade de observar as estratégias de regulação de controlar ou inibir a expressão do preconceito devido a razões internas (pessoais) ou/e razões externas (normativas), e que estas motivações precedem os esforços para controlar o preconceito.
7. **Escala de Racismo Moderno**, adaptado para o contexto brasileiro, podendo mensurar o componente cognitivo das atitudes raciais sutis, o qual estaria diretamente relacionado com o automatismo afetivo (Santos *et al.*, 2006).
8. **Questões Sócio-demográficas**, que conteriam os dados pessoais, como idade, sexo, raça-cor, local de nascimentos e religiosidade/espiritualidade.

Na seção de Materiais Complementares, encontra-se a primeira versão do Instrumento de Coleta de Dados (Anexo 03).

2.4.5 - Processo de avaliação do instrumento

Com a primeira versão do instrumento, agora descrita, composta na plataforma *online* do SurveyMonkey, foi necessário avaliar a estrutura e exequibilidade do mesmo. Foram realizados dois estudos-piloto, uma avaliação por grupo de especialista de diversas áreas e outra pela Banca do Exame de Qualificação. As principais e definitivas alterações no questionário foram resultado do crivo avaliador de tais instâncias.

A primeira etapa avaliativa do instrumento foi realizada por um grupo de especialistas, no período de Março e Abril de 2017. Concomitantemente, houve no mês de Abril do mesmo ano, a realização do **Exame de Qualificação**. O primeiro estudo-piloto ocorreu em Maio de 2017, que testou a primeira estrutura construída do questionário com a versão impressa em papel. O segundo estudo-piloto aconteceu em Julho de 2017 e verificou a aplicabilidade já da versão final do instrumento.

A primeira versão do instrumento seguiu para o Grupo de Avaliadores Especialistas. Houve o convite para que especialistas procedessem à avaliação do questionário quanto à relevância e clareza dos itens e o perfil do enquadramento dimensional afetivo para o respondente – se eram questões que remetessem à reação/surpresa, à experiência, à lógica/pensamento ou a alguma outra. Na seção de Materiais Complementares, encontra-se o Formulário de Avaliação de Especialista (Anexo 04).

Os/as especialistas foram convidados/as através de carta-convite encaminhada por *e-mail* e foram das áreas de: (a) atendimento psicológico; (b) ensino em psicologia; (c) pesquisa em psicologia; (d) relações étnico-raciais; (e) linguística; (f) demografia/estatística. O Modelo da carta-convite encontra-se na seção de Materiais Complementares (Anexo 05). Este procedimento de avaliação por grupo de especialistas foi inspirado no trabalho de pesquisa de Santa-Rosa (2017). Seguindo o modelo da pesquisadora, foram convidados/as dez (10) especialistas que, por meio de um formulário *online*, avaliam o questionário do ponto de vista de sua relevância e objetividade.

Dos/as dez (10) especialistas convidados/as, três (03) responderam. Uma da área da linguística, uma da área do ensino e pesquisa em psicologia e uma da área da demografia/estatística. De um modo geral, elas consideraram a relevância e a clareza das questões que constituíam o questionário, porém sugeriram pequenas modificações, em partes específicas do instrumento. Das sugestões de alteração, a especialista em linguística fez destaques designados para a utilização da norma culta, pontuando no questionário os locais e quais os termos para melhor uso. Quanto à especialista da área de demografia e da área de ensino e pesquisa em psicologia, as sugestões e pontuações foram diversas, podendo ser vistas alguns destes pontos, como exemplos, a seguir.

Na seção de **Apresentação da pesquisa**, a especialista de demografia sugeriu resumir o texto introdutório. Já a especialista de ensino e pesquisa em psicologia aconselhou extrair tal texto, por não considerar sua obrigatoriedade. No bloco sobre as **Evocações Livres**, a especialista de demografia sugeriu adequar às palavras que serviriam de estímulos evocativos na classificação de raça-cor do Instituto Brasileiro Geografia e Estatística (IBGE) - Amarelo, Branco, Indígena, Pardo e Preto. A especialista de ensino em pesquisa em psicologia não entende a proposta de um teste de evocações na investigação, acusando não conhecer a metodologia - embora o projeto de pesquisa tenha sido enviado para consulta. No bloco sobre a **Atuação**, a especialista de ensino e pesquisa em psicologia considerou ser uma ótima perspectiva de investigação e a de demografia sugeriu reformulação da pergunta sobre o

público de refugiado e imigrante, para facilitar o entendimento. Por exemplo, o tipo de sugestão dada foi substituir a sentença "Nesta atuação, há usuários/as deste serviço que são de outra nacionalidade, por exemplo, imigrantes refugiados", para a frase "você atende pessoas em situação de refúgio ou imigrantes". Ainda nesse bloco, mas especificamente sobre a faixa socioeconômica do público atendido, a especialista de demografia pergunta se vale a pena distinguir o público, enquanto opção de resposta, entre quem "não tem renda" e quem recebe "benefícios governamentais". No bloco sobre **Situações vivenciadas ou relatos de racismo**, a especialista em demografia sugere reelaborar a sentença, simplificando-a, com a finalidade de facilitar o entendimento das(os) respondentes. No bloco sobre **Intervenções técnicas**, até então uma questão aberta, a especialista de ensino e pesquisa em psicologia sugere a formulação das opções de resposta para as intervenções psicológica como uma questão objetiva simples fechada, deixando somente os relatos de experiências como questão aberta para resposta livre da(o) participante. Ela também, no bloco sobre o **Referencial teórico**, sugere relacionar a abordagem teórica com o tipo de serviço (do bloco de Atuação Profissional).

No bloco sobre a **Formação**, tanto a especialista em demografia, como a de ensino e pesquisa em psicologia, relataram a ideia de que uma parte das questões está deslocada, quando se investiga sobre "a instituição de ensino que teve a formação" e a sua "Unidade Federativa". Ambas sugerem colocá-la no bloco sobre a atuação profissional ou excluí-la. No entanto, mesmo assim, veem a importância de investigar sobre a trajetória formativa das(os) profissionais, por considerar a relevância em todas as outras questões. No bloco sobre a **Produção** não há sugestões ou comentários. Já nas **Escalas de Crenças e Atitudes I, II e III**, foi unânime a preocupação sobre as(os) respondentes já estarem cansados/as, depois de já terem respondido todo o instrumento, o que aumentaria a taxa de desistência. No bloco sobre **Perfil sócio-demográfico** há a sugestão, da especialista da área de demografia, em acrescentar questões sobre idade, situação conjugal e área de residência.

No mesmo período, no mês de Abril de 2017, houve a realização do **Exame de Qualificação**. No parecer dado e redigido pela banca examinadora, os/a professores/a destacam a relevância do estudo e os seus desafios. As principais sugestões a respeito do instrumento discorreram sobre: (a) a adequação de questões do instrumento de coleta de dados, visando sua maior exequibilidade e preenchimento completo pelos respondentes; (b) a substituição das palavras das evocações livres, por palavras mais direcionadas à investigação

com foco sobre a prática profissional - como, por exemplo, "atuação", "psicólogo/a", "relações étnico-raciais".

O primeiro estudo-piloto, sobre esta primeira versão construída do instrumento, sucedeu no **Seminário Psicologia e Relações Étnico-Raciais na Bahia**, entre 03 e 05 de Maio de 2017, no Conselho Regional de Psicologia 3ª Região/Bahia, em Salvador, Bahia. O evento contou com a participação de estudantes, pesquisadores e profissionais de psicologia da Bahia e de São Paulo. Durante o evento foi feita a apresentação da comunicação oral **Técnica e método quantitativo de pesquisa em psicologia sobre a atuação dos(as) psicólogos(as) no tema das relações étnico-raciais**. Foi o momento aproveitado para aplicar o estudo-piloto da versão inicial do instrumento que havia sido construída. Em parte do tempo da apresentação foi distribuído versões impressas em papel do questionário para o público-participante. Foram 14 profissionais de psicologia que responderam ao questionário. Em seguida, elas/eles depuseram sobre as questões, a exequibilidade das respostas e contribuíram com sugestões.

Como notado, houve alterações no plano do projeto inicial, com o acréscimo e reordenamento de questões, o que incidiu no desenvolvimento da primeira versão do instrumento na plataforma *online*. Com o questionário construído e submetido ao citado processo de avaliação – pelo crivo do grupo de especialistas, pela Banca do Exame de Qualificação e pelo primeiro estudo-piloto – adveio às alterações definitivas para a elaboração da versão final do instrumento de coleta de dados.

2.4.6 - Adaptações finais do instrumento

Ao longo do trabalho, houve a necessidade de alteração em dois momentos no processo da pesquisa. A primeira adaptação do instrumento foi descrita na subseção 2.4.3 e aconteceu entre idealização no projeto inicial (subseção 2.4.1, sobre a **versão do instrumento no projeto inicial**) e a sua estruturação na primeira versão (subseção 2.4.4, sobre a **primeira versão do instrumento**). O que ocorreu com base nas leituras, nas discussões em reuniões de orientação e no grupo de pesquisa. A outra adaptação estabelece a versão final do instrumento, que se refere a alterações no questionário que será apresentada na presente subseção. São alterações derivadas dos *feedbacks* obtidos em apresentações realizadas e do próprio processo de avaliação pelo grupo de especialistas e por ocasião do Exame de Qualificação.

O desenvolvimento do procedimento metodológico pode ser observado no processo pelo qual o instrumento de coleta teve adequações, do seu planejamento à sua construção, como

descrito acima. As modificações definitivas, que ocorreram no instrumento desenvolvido que sucedeu na versão final do instrumento, ocorreram principalmente na sequência dos blocos de perguntas, na reformulação das questões e nas opções de respostas, assim como, na subtração de duas escalas de mensuração.

A primeira alteração refere-se ao Bloco 01 do instrumento. As representações ou esquemas mentais investigados seriam, a princípio, sobre as categorias "raça", "etnia", "preconceito racial", "discriminação racial", "racismo" e "xenofobia". Porém, foi considerado que estes termos mais se aproximam de conceitos teóricos do que de representações ideológicas de crenças que influenciariam as atitudes dos profissionais de psicologia. Optou-se, então, por substituir tais categorias/termos por "humano", "pessoas orientais", "pessoas negras", "pessoas indígenas" e "pessoas brancas". Com isso, se pretendeu coletar informações capazes de evidenciar, por exemplo, se a noção de **humano** das(os) respondentes do questionário estaria associada a ideias metafísicas essencializadas ou a processos de socialização, e quais seriam estes. Destarte, com a realização do Exame de Qualificação, também ficou evidente a necessidade de adicionar palavras que apresentem ligação mais direta com a investigação das práticas psicológicas, como "Atuação do/a psicólogo/a" e "Identidade do/a psicólogo/a". Além disso, elegeu-se por colocar o bloco de evocações na primeira parte do questionário, evitando que as evocações ficassem enviesadas após os respondentes terem acesso a outras partes do questionário.

Contudo, avaliou-se a necessidade e foi decidida pela extração da "Escala de Necessidade de Fechamento Cognitivo" (*Need for Closure Scale*) e da "Escala de Motivação Interna e Externa para Responder Sem Preconceito", com a finalidade de reduzir o instrumento. Tal alteração teve o objetivo de amortizar a taxa de desistência de respondentes, bem como, de reduzir o enviesamento de respostas através do ordenamento das questões. As questões acrescentadas, na primeira versão do instrumento, sobre a "nacionalidade dos usuários do serviço" e "se eram pessoas que estavam em situação de refúgio ou não" também foram subtraídas. Uma pessoa refugiada seria aquela que está fora do seu país de origem devido a perseguições de raça, religião, nacionalidade, dentre outras razões.

Houve também modificações na investigação atitudinal dos vieses de preconceito racial, feitas com a Escala de Racismo Moderno, adaptada ao contexto brasileiro de Santos *et al.* (2006). A escala foi modificada para ampliar outros grupos étnico-raciais, como está descrita na seção a seguir, sobre a versão final do instrumento.

2.4.7 - Versão final do Instrumento

Como demonstrado na Figura 03 e Figura 04 a estrutura final do questionário segue as seguintes etapas: 1) **Instruções para participação na pesquisa**; 2) **Evocações livres** (gerais e randomizadas); 3) **Escala Modificada de Racismo Moderno** (geral e randomizadas); 4) **Atuação profissional**; 5) **Situações vivenciadas ou relatadas relacionadas ao racismo**; 6) **Pauta de reunião/sessão ou objeto de estudo/debate**; 7) **Técnica de intervenção elaborada ou ação específica**; 8) **Referencial teórico**; 9) **Formação profissional**; 10) **Perfil sócio-demográfico**; e 11) **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**. Na seção de Materiais Complementares, consta a versão final do instrumento de coleta utilizado (Anexo 06).

Figura 03. Estrutura da versão final do instrumento de coleta. Imagem produzida pelo autor.

Figura 04. Estrutura da versão final do instrumento de coleta (continuação).
Imagem produzida pelo autor.

As alterações tinham o objetivo de amortizar a taxa de desistência de respondentes, bem como, de reduzir o enviesamento de respostas através do ordenamento das questões. Além disso, parte do instrumento também sofreu adaptações em função de melhor acomodar as questões aos recursos disponíveis na plataforma do SurveyMonkey.

1) Instruções para participação na pesquisa

Na primeira etapa, na página 1 do questionário, estão às **instruções para participação na pesquisa**. A Questão 01 pergunta se a(o) profissional gostaria de contribuir com os dados de sua atuação profissional. Caso assinale "não", há o agradecimento e o encerramento do

instrumento. Caso assinale "sim", dá-se início ao questionário. Embora o título da presente pesquisa seja no tema das relações étnico-raciais, o convite para responder ao questionário de coleta de dados estava denominado como "**Atuação dos/as profissionais da psicologia junto à população brasileira**". Os objetivos da pesquisa somente foram expostos no final da aplicação do questionário, no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Tal estratégia ambicionou alcançar toda(o) e qualquer profissional da psicologia, não apenas os já sensibilizados pela temática das relações étnico-raciais. Buscou também não influenciar as(os) respondentes, possibilitando as(os) respondentes expressarem e manifestarem suas atitudes e crenças mais espontaneamente. A estratégia aplicada, bem como todo o projeto, teve a prévia apreciação e anuência do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPH) do Instituto de Psicologia da USP, como apresentado na subseção 2.4.2, sobre o Comitê de Ética.

2) Evocações Livres

A segunda etapa é referente às **Evocações Livres**. Na página 02 do instrumento, consta a instrução e observações de como responder a etapa. Foram investigados 07 evocativos, cada um apresentado isoladamente em uma página. Para todas(os) as(os) respondentes foram direcionadas os seguintes termos: Na página 03, questão 02, foi investigada a categoria "Ser Humano"; na página 04, questão 03, a "Atuação do/a psicólogo/a"; e na página 05, questão 04, a "Identidade do/a psicólogo/a". Na sucessão, contudo, com a aplicação do recurso de aleatoriedade de páginas, na página 06, questão 05, estavam "Pessoas Orientais", "Pessoas Negras", "Pessoas Indígenas" e "Pessoas Brancas". Como notado, ao invés do utilizado na classificação censitária brasileira, a noção trabalhada no presente trabalho é o de pessoas orientais. Segundo Ishikawa e Santos (2018) é o termo mais adequado para designar os imigrantes e os descendentes de japoneses, chineses, coreanos, no lugar dos termos amarelos ou asiáticos. Isto porque "amarelo" é dito como uma categoria analítica brasileira baseada na cor da pele e não uma categoria nativa popular de raça-etnia e utilizada no cotidiano do senso comum. Já o termo "asiático" é difundido na literatura internacional, no entanto, normalmente é atribuído a pessoas de origem vietnamita, filipina, indiana, paquistanesa, chinesa, coreana, indiana, etc. Como as páginas foram randomizadas, cada profissional tinha acesso e respondia sobre só uma das categorias étnico-raciais, o que fez com que cada uma das quatro categorias fosse respondida por 25% da amostra. Tal recurso foi aplicado com o propósito de redução do tempo de resposta do questionário, para aumentar a taxa de conclusão do mesmo. Além disso, intencionou dirimir o

viés das(os) participantes sobre as outras categorias étnico-raciais, bem como, sobre toda a sequência do instrumento.

Ao invés da aplicação das categorias de raça/cor empregadas pelo recenseamento do IBGE, como sugeriu a especialista em demografia do grupo de avaliadores do instrumento, os evocativos utilizados derivaram das categorias populares: negros, índios, orientais e brancos.

3) Escala modificada de Racismo Moderno

A terceira etapa do questionário é constituída pela versão modificada da **Escala de Racismo Moderno**, adaptado ao contexto brasileiro (Santos, *et al.*, 2006), já apresentada na seção 2.4.3, sobre as **Alterações no projeto do instrumento**. Com a intenção de ampliar o objeto de investigação do preconceito indireto, ocorreram modificações para a verificação de viés de racismo em outros grupos. A mensuração de Santos, *et al.* (2006) é adaptada para o contexto brasileiro e diz respeito somente a pessoas negras. As modificações incorreram para ampliar também para as variações: "Pessoas Orientais", "Pessoas Indígenas" e "Pessoas Brancas". Além desta alteração, houve uma subdivisão da Escala, uma alteração de sentença e o acréscimo de seis afirmações. A sentença original "A discriminação não é um problema do Brasil" foi modificada para "A discriminação por cor de pele ou raça-etnia não é um problema no Brasil". Com base na frase original, foram acrescentadas as duas afirmações "A discriminação por classe social não é um problema no Brasil" e "A discriminação por gênero não é um problema no Brasil". A sentença modificada e as duas acrescentadas, oriundas da sentença original, constam em uma página separada do restante da Escala, na página 7 do questionário, que é direcionada a todos as(os) respondentes (questões 06 à 08). Na sequência, há o restante da Escala de Racismo que foi modificada para as variações das quatro categorias descritas: Pessoas Orientais (página 08, questão 09), Pessoas Negras (página 09, questão 10), Pessoas Indígenas (página 10, questão 11) e Pessoas Brancas (página 11, questão 12). Cada variação segue em uma página separada, no qual também está aplicado o recurso de aleatoriedade. Ou seja, novamente, para cada 25% do público respondente foi disponibilizada uma das páginas. Todas as afirmações, tanto as da página geral, quanto as das randomizadas, são respondidas em uma linha graduada de 07 pontos, tipo *Likert*, que vai de "Discordo totalmente" (1) a "Concordo totalmente" (7), onde possuem peso fatorial positivo, que quando somadas gera uma média ponderada. Segundo Santos *et al.* (2006), mesmo negando o preconceito, indivíduos podem supervalorizar características particulares que exigem, presumivelmente, menor qualificação formal ou intelectual (p.e. bons dançarinos, ótimos cozinheiros). Quando

estas características são generalizadas a um grupo, há o disfarce de um preconceito. Em função disto, houve o acréscimo de uma afirmação, com o peso fatorial invertido, nas quatro escalas modificadas relativas a cada um dos grupos étnico-raciais, que foi "os (*orientais* ou *negros* ou *indígenas* ou *brancos*) parecem ser mais inteligentes".

Vale destacar que, apesar de constar no instrumento de coleta e ter os dados coletados das(os) 657 profissionais, tais dados não foram processados e analisados. Em função das modificações realizadas em cima da Escala adaptada para o contexto brasileiro (Santos et al., 2006), seria necessário justificar cada adequação com base na presente proposta investigativa, o que estaria associada a submissão do teste de confiabilidade do novo instrumento por meio do *alfa de Cronbach*. Além de ter que realizar a Análise Fatorial que, segundo Field (2009), tem o objetivo de identificar as dimensões de variabilidade comuns entre um conjunto de variáveis, que possa explicar seus relacionamentos.

Diante dos dados já trabalhados na forma de "Estatística Descritiva" (seção 3.1) e das 12 hipóteses na seção 3.2, sobre "Análises e Discussões dos Resultados", julgou-se adequado não dar seguimento as análises da Escala. Foi prospectada a extensão do detalhamento dos respectivos procedimentos analíticos e dos derivados resultados e discussões. Desse modo, os dados coletados pela Escala modificada de Racismo Moderno, apresentadas na subseção, não constam nos resultados do trabalho final.

4) Atuação profissional

A quarta etapa do questionário é direcionada a investigação sobre a **atuação profissional** e é subdividida em duas páginas. A primeira, página 12, pergunta sobre o tempo de atuação (questão 13), o número de campos de atuação (questão 14) e qual/is a/s área/s deste/s campo/s de atuação (questão 15). Todas foram questões de assinalar, de múltipla escolha. A possibilidade de respostas para o tempo de atuação, mesmo sob o recurso de lista suspensa, é classificada anualmente, de "menos de 01 ano" a "25 anos ou mais". Quanto as respostas para o número de atuações, também sob lista suspensa, é classificada de "01 campo" à "04 campos ou mais". As áreas de atuação foram descritas, seguindo os critérios da Classificação Brasileira de Ocupações, do Ministério do Trabalho e Emprego (Brasil, 2010) e os da pesquisa do CFP intitulada "Psicologia: uma profissão de muitas e diferentes mulheres" (Lhullier *et al.*, 2013). Caso a(o) profissional atuasse em mais de um campo, ela/ele pôde assinalar mais de um item. Foram classificadas as alternativas: Educacional (Psicóloga(o) Escolar, Psicopedagoga(o), Socioeducação); Clínica (Psicoterapia, Psicólogo/a da saúde

mental, etc.); Esporte; Hospitalar; Jurídico (Juizados, Psicólogo Criminal, Psicólogo Forense, Penitenciária); Social (Assistência Social, ONG, etc); Trânsito; Trabalho (Seleção e Treinamento, Organizacional); Neuropsicologia; Comunicação Social; Gestão institucional de órgãos governamentais ou não governamentais; Fiscalização ou acompanhamento de órgãos governamentais ou não governamentais; Docência em Nível Superior; Docência em Ensino Médio; Pesquisa; além do item "Outros", com uma caixa de texto onde as(os) profissionais puderam especificar alguma área não descrita acima.

A página posterior, página 13, solicitou que a(o) respondente escolhesse um campo de atuação para descrição mais detalhada no questionário, daquele ponto em diante (questão 16). Tal detalhamento quis saber sobre "o critério ou motivação utilizada para escolher o campo específico" (questão 17). Quis saber também sobre "o tempo de atuação" no campo escolhido (questão 18), sobre "o seu território" (questão 19), "o Estado (UF)" (questão 20), "se o mesmo se localiza no município de residência do/a respondente" (questão 21) "o perfil do serviço" (questão 22) e a "proporção étnico-racial" (questão 23) e "faixa socioeconômica" (questão 24) das pessoas assistidas nele, segundo o julgamento da(o) própria(o) profissional.

A estrutura de resposta da questão 16, no qual a(o) participante escolhe um campo de atuação para descrever, é replicada da questão 15. No entanto, com a possibilidade de assinalar um único item, enquanto que na questão 15 eram apontados todos os campos de atuação da(o) profissional respondente. A questão seguinte, a 17, era referente ao critério da escolha do campo de atuação. A(o) respondente pôde decidir por "Só tenho este campo de atuação na Psicologia", "É o trabalho mais antigo", "Maior remuneração", "Maior carga horária", "Maior impacto ou relevância social" e "Maior importância pessoal", além do item "Outros" com uma caixa de texto, onde as(os) profissionais puderam especificar alguma área não descrita acima. A questão 18, referente aos anos neste campo de atuação específico, esteve como lista suspensa e repetiu a mesma classificação da questão 13, descrita anteriormente, no qual solicitou a/ao respondente que escolhesse um campo de atuação. A questão 19 possibilitou descrever o território em "Capital do Estado/Zona Urbana (Capital ou Região metropolitana)", "Cidade no Interior/Zona Urbana (Município do Interior do Estado)", "Campo/Zona Rural (Sítio/Distrito/Assentamento)" e "Floresta (Aldeia/Reserva)". Caso, tal atuação circunscrevesse vários territórios, houve a possibilidade de assinalar mais de um item. A questão 20, onde se buscou saber o Estado – Unidades Federativas/UF – do trabalho descrito, as possibilidades de respostas foram os 27 Estados e o Distrito Federal. Na questão 21, sobre se a atuação seria localizada no mesmo município de residência, houve a viabilidade

de responder em múltipla escolha, entre "sim" e "não". Na questão 22, foi perguntado o perfil do serviço onde atuava, e a classificação dos itens que seguiu foi "Autônomo", "Público (Municipal)", "Público (Estadual)", "Público (Federal)", "Privado", "ONG", "Autarquia (Sistemas Conselhos, Fundações)", além da alternativa "Outros", com uma caixa de texto, onde as(os) profissionais puderam especificar algum perfil não descrito acima. A questão 23 perguntou sobre a proporção étnico-racial das pessoas atendidas, segundo o critério de observação da(o) própria(o) profissional. A possibilidade de resposta dessa questão esteve em formato de uma escala, onde a(o) respondente assinalava em uma linha graduada de 05 pontos, tipo *Likert*, que vai de "Nunca" (1) a "Sempre" (5), o grau de presença de "pessoas orientais", "pessoas indígenas", "pessoas negras" e "pessoas brancas" no serviço que estava sendo descrito. Cada grupo de pessoas era sinalizado na linha de frequência mencionada, com peso fatorial positivo, que quando somadas gerava uma média ponderada.

A questão 24 investigou sobre as faixas socioeconômicas das populações assistidas nos serviços descritos e as alternativas de respostas estavam em múltiplas escolhas, no qual foi possível assinalar mais de um item, entre "Não sou capaz de descrever", "Sem renda", "Com auxílio governamental (ex.: Bolsa Família, BPC, etc.)", "Até R\$1.000", "De R\$1.000 a R\$3.000", "De R\$3.000 a R\$5.000", "De R\$5.000 a R\$10.000" e "Acima de R\$10.000".

5) Situações vivenciadas ou relatadas relacionadas ao racismo

Na página 14 do instrumento localiza-se a quinta etapa do instrumento. A questão 25 versou sobre **situações relacionadas ao racismo** que tivesse vindo à tona e que foram vivenciadas ou relatadas na prática profissional. As(os) participantes assinalaram em uma linha graduada de 05 pontos, tipo *Likert*, que foi de "Nunca" (1) a "Sempre" (5). As afirmações eram se estiveram "diretamente envolvidos em situações", se "testemunharam situações com outras pessoas", se foram "situações relatadas por terceiros" e se foram "observações sobre a estrutura organizacional e institucional". Cada uma possuía peso fatorial positivo, que quando somadas gerava uma média ponderada. Houve ainda uma caixa de comentário, no qual as(os) profissionais tiveram a opção de descreverem alguma situação específica ou algo que considerasse relevante.

6) Pauta de reunião/sessão ou objeto de estudo/debate

Na página 15 se encontra a sexta etapa do questionário, que interrogava se os temas das relações étnico-raciais, racismo, ou identidade étnico-racial foram ("Sim" ou "Não")

pauta de reunião/sessão ou objeto de estudo/debate no seu trabalho. Ao final, houve uma caixa de comentário, com a opção de descrição de algo específico que julgasse merecer destaque.

7) Técnica de intervenção elaborada ou ação específica

Na página 16, que apresenta a sétima etapa do instrumento, a questão 29 investigou sobre algum tipo de **técnica elaborada ou ação específica**, por parte da(o) profissional, para discutir e/ou trabalhar o tema na sua atuação. Foram listadas: "Não", "Escuta Clínica Atenta e Sensível", "Palestra ou Comunicação Oral", "Grupo Terapêutico", "Oficina, Dramatização, Jogo Lúdico ou Dinâmica de Grupo", "Curso Formativo ou de Capacitação", "Grupo Operativo ou Grupo de Mobilização social", "Círculo Restaurativo", "Roteiro de Entrevista", "Protocolo de Acolhimento", "Protocolo de Acompanhamento", "Protocolo de Aconselhamento", "Protocolo de Avaliação", "Protocolo de Observação", "Teste ou Escala psicométrica", "Produção e Publicação de Textos (artigos, livros, capítulos de livros, textos em jornais, blogs/sites/mídias sociais, catálogos, etc.)", "Gestão ou Fiscalização de Serviços ou Políticas específicas no tema", "Fundação ou participação em Grupo de Estudo ou Trabalho específico no tema", "Jogo Virtual", "Vídeo".

Também foi dada a possibilidade das(os) profissionais especificarem "Outros" tipos de ações, escrevendo-os em uma caixa de texto, com limite de 50 caracteres. Era possível que a(o) participante assinalasse mais de um item, caso tivesse mais de uma técnica ou intervenção. Como continuidade, na página 17, constou a opção da(o) profissional descrever cada uma das ações que possuísse, em caixas de comentários, com limite de até 200 caracteres cada. Tais descrições eram opcionais e iam das questões 30 a 50.

8) Referencial teórico

A página 18 do instrumento apresenta a oitava etapa do questionário. A questão 51 perguntou sobre o **referencial teórico utilizado no cotidiano de trabalho**, dos quais foram listados: "Sem abordagem", "Psicanalista, psicodinâmica ou de bases analíticas (Psicodrama, Junguiana, Bioenergética, etc.)", "Comportamentalista", "Cognitivista", "Evolucionista", "Humanista ou Existencial", "Gestaltista", "Construtivista", "Interpessoal", "Transpessoal", "Sócio-histórico" e "Histórico-cultural". Além desses, houve a possibilidade de assinalar em "Outros" e especificar por escrito o seu referencial, no limite de até 30 caracteres. Foi possível, também, sinalizar mais de um item na questão.

9) Formação profissional

A etapa nona, presente na página 19 do questionário, indaga sobre a **formação**. A questão 52 pergunta sobre as titulações acadêmicas da(o) profissional. Foi pedido que fossem considerados apenas cursos concluídos e certificados, além de informar sobre a possibilidade de sinalizar mais de um item, caso convenha. Estavam listados os títulos de "graduação", "especialização", "mestrado" e "doutorado". A questão 53 foi sobre o perfil da instituição de ensino onde teve a formação/graduação em psicologia. Como múltipla escolha foram apresentadas as opções de "Privada/particular", "Pública (Federal)", "Pública (Estadual)", "Confessional, comunitária ou filantrópica (Religiosas, fundações, etc.)". Como opção houve o item "Outros", onde foi possível escrever um perfil institucional não descrito acima, no limite de até 50 caracteres.

A questão 54, por sua vez, perguntava em qual Estado/UF tal formação foi realizada, no qual constou como opção de resposta todos os Estados e o Distrito Federal, sob o recurso de lista suspensa. Na questão 55 se indagou, se durante a formação, teve disciplinas direcionadas ao tema no plano curricular do curso. Como múltipla escolha houve as opções de resposta "não tive", "tive disciplinas obrigatória com tema específico em Psicologia", "Tive disciplina optativa com tema específico em Psicologia", "Tive em outra disciplina geral (ex. Psicologia Social, Antropologia, Sociologia, Avaliação Psicológica, etc.)", "Tive disciplina específica, mas em outro curso ou departamento diferente de Psicologia", "Tive palestra/s ou oficina/s como atividade/s extracurricular/es", bem como, "Outros", onde a(o) respondente pôde descrever especificamente, no limite de até 30 caracteres, o acesso dela/dele ao tema durante a formação. Como recurso de resposta, houve a possibilidade de assinalar mais de um item.

Na questão 56, foi perguntado se a(o) psicóloga(o) participou de grupos nas faculdade/universidade que discutisse especificamente o tema das relações étnico-raciais. Com o recurso de múltipla escolha, foi dada as alternativas "Não" "Grupo de pesquisa", "Grupo de estudo", "Coletivo do movimento social", além de "Outros", onde puderam descrever a modalidade do grupo de participação, no limite de até 30 caracteres. Se tivesse pertencido a algum grupo, houve a possibilidade de assinalar mais de um item.

A questão 57 buscou saber sobre a motivação da(o) respondente em relação ao trabalho com o tema das relações étnico-raciais e quando surgiu, caso houvesse. As opções de resposta listadas eram "não tenho interesse nesta discussão", "gostaria de ter mais interesse nesta discussão", "este interesse surgiu antes da formação em psicologia", "surgiu durante a

formação em psicologia", "surgiu depois da formação em psicologia", "surgiu paralelamente à formação de psicologia (a partir de outros grupos ou vivências fora da faculdade/universidade, mas durante o mesmo período)".

10) Perfil sócio-demográfico

A décima etapa do questionário, apresentada na página 20, investigou sobre o **perfil sócio-demográfico** das(os) participantes da pesquisa. A questão 58 perguntou o ano de nascimento, onde a/ao profissional podia digitar os quatro dígitos do ano – por exemplo, 1974. A questão 59 foi sobre o seu local de nascimento, onde foram apresentados, em lista suspensa, todas as UFs, o DF e o item "Estrangeiro". A questão 60 quis saber sobre o local de residência, no qual foram apresentados também em lista suspensa, todas as UFs e o DF.

Com a questão 61 se buscou saber sobre o gênero da(o) participante, se "feminino", "masculino" ou "não binário", independente se cisgênero ou transgênero. Cisgêneros são pessoas cujo gênero é o mesmo que o designado em seu nascimento. Já transgêneros são pessoas cuja expressão de gênero e/ou identidade de gênero é diferente daquelas atribuídas ao gênero designado no nascimento. Tais opções de resposta estiveram em lista suspensa, bem como, as alternativas da questão 62, que investigou sobre a autodefinição de sua cor/raça e seguiu critérios utilizados pelo IBGE - "amarelo", "branco", "pardo", "preto", "indígena".

A questão 63, por sua vez, perguntou sobre a autoconcepção de religiosidade/espiritualidade. Como respostas, sob o recurso de lista suspensa, estavam: "Ateu/ateia", "Agnóstico/a", "Gnóstico/a", "Budista", "Católico/a", "Candomblecista", "Confucionista", "Evangélico/a Protestante ou Congregacionistas (Pentecostais, Neopentecostais, Metodistas, Luteranos, Batistas, Anglicanos, Adventista, Calvinista, Mórmons, Testemunhas de Jeová)", "Espírita Kardecista", "Espiritualista", "Hindu", "Judeu/Judia", "Mulçumano/a", "Ortodoxos", "Rastafari", "Seicho-no-ie", "Tradicional Chinesa", "Umbandista", "Xitoísta (Tradicional japonesa)" e "Não me defino religiosamente/espiritualmente". Além das alternativas listadas, houve a opção da(o) respondente assinalar "Outros" e escrever, na caixa de texto, especificamente sobre sua religiosidade/espiritualidade, no limite de 30 caracteres. Para complementar tal quesito, foi apresentada a questão 64, que buscou conhecer o grau de religiosidade, por meio da autodefinição. Foi disposta uma linha graduada de 07 pontos, tipo *Likert*, que foi de "Pouco religioso" (1) a "Muito Religioso" (7), onde as afirmações possuem peso fatorial positivo, que quando somadas gera uma média ponderada.

11) Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Como última etapa do questionário esteve o **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**. Em tal página era revelada explicitamente o objetivo da pesquisa, a linha de pesquisa, os termos de confiabilidade da participação, os riscos, a afirmação da garantia da recusa da participação e retirada do consentimento a qualquer momento. Além dos contatos do pesquisador. No final, havia a pergunta sobre a autorização da inclusão dos dados respondidos para participação na pesquisa, com a possibilidade de assinalar "sim" ou "não". Em caso do desejo de ser comunicada(o) da devolutiva da pesquisa, foi disposto uma caixa de texto, onde a(o) respondente poderia registrar um email pessoal.

2.4.8 - Avaliação final do instrumento

O segundo momento do estudo-piloto testou a versão final do instrumento de coleta. Ocorreu via *Internet*, entre os dias 14 e 22 de Julho de 2017 e foi feito com quatro profissionais de psicologia, dois da Bahia, um de São Paulo e uma do Pará. Três foram contatadas(os) para que respondessem ao instrumento, acompanhada de uma breve conversa por telefone para dar o retorno acerca da experiência e relatar algum tipo de dificuldade no processo. Um dos respondentes preencheu o questionário na presença do pesquisador e logo em seguida houve a manifestação de sua experiência.

2.5 - Procedimento de Coleta de Dados

O procedimento de coleta de dado ocorreu por três vias. A primeira, por meio do acionamento de entidades de psicologia, pelas quais a divulgação do questionário circularia por lista de emails de profissionais cadastradas(os) em tais entidades. A segunda, mediante divulgação do *web link* de acesso ao questionário, que circulou livremente por *email*, Whatsapp e Facebook. E a terceira, através do recurso de impulsionamento de postagem no Facebook.

O principal procedimento de coleta foi feito mediado por instituições da psicologia. O trabalho de contatar tais entidades foi constante. No dialogo com as entidades realizou-se encaminhamento do documento de solicitação de apoio. Na seção de Materiais Complementares, encontra-se o modelo da carta de solicitação de apoio (Anexo 07). No Estado do Amazonas foi realizado o contato com o Conselho Regional de Psicologia 20ª Região (CRP20), o Sindicato de Psicologia do Estado do Amazonas e o Núcleo Regional da Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO). No Estado da Bahia foi feito contato

com o Conselho Regional de Psicologia 3ª Região, o Programa de Pós-graduação do Instituto de Psicologia da Universidade Federal da Bahia e a Rede Dandaras de Psicólogas Negras. No Estado de São Paulo o contato ocorreu com o Conselho Regional de Psicologia 6ª Região, o Sindicato de Psicologia do Estado de São Paulo e o Programa de Pós-graduação do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Enquanto Entidades de Psicologia de cunho nacional, foram acionados a ANPSINEP - Articulação Nacional de Psicólogas(os) Negras(os) e Pesquisadoras(es), o Conselho Federal de Psicologia e a ABRAPSO Nacional.

Das instituições acima, somente o Conselho Regional de Psicologia de São Paulo 6ª Região, São Paulo, optou por não dar o solicitado apoio de divulgação. O Conselho Federal de Psicologia não deu resposta ao pedido feito. Todas as outras instituições, de algum modo, acolheram e deram apoio ao estudo. Alguns apoios foram por mala direta, ao enviar o *weblink* de acesso ao questionário para os emails das(os) profissionais. Outros deram apoio através de publicação no *site* institucional ou nas redes sociais, como Whatsapp e Facebook. Houve também instituições que disponibilizaram abertamente a lista de *emails* de suas/seus cadastradas(os).

Recursos alternativos de divulgação foram acionados. A circulação do *web link* de acesso foi divulgado na rede pessoal de emails e Whatsapp do próprio pesquisador, nos grupos de colegas profissionais da faculdade, de formação, de especialização, de mestrado, doutorado e de antigos trabalhos. Divulgou-se também por grupos de Whatsapp específicos com foco em algumas áreas de atuação na psicologia, de eixos mais gerais aos mais específicos. Por exemplo, o Grupo "Encontros com a psicologia" ou o Grupo "NASF Idéias", que é direcionado a psicólogas(os) que atuam no NASF e tem proposta de compartilhamento de ideias e estratégias de aprimoramento da prática e experiência profissional.

Outro recurso empregado foi a postagem de Facebook, no qual foi acionado o recurso de impulsionamento de publicação. Foi construída uma Página para a pesquisa, cuja sua informação de usuário estava definida como "@atuacoespsis". Tal impulsionamento teve início no dia 24 de Maio e terminou em 31 de Julho de 2018. Foram 67 dias de anúncio ativo sob o orçamento de 500 reais. Para delimitar o público alcançado foram utilizados os seguintes filtros: 03 Localizações "morando nos Estados do Amazonas, Bahia e São Paulo"; Idade "de 18 a 65 ou mais"; Pessoas correspondentes à instituição de ensino "psicologia", empregadores "psicologia" e cargo "psicologia" ou "psicólogo clínico".

Segundo resumo de atividades gerado pelo Facebook, o alcance da publicação para participação na pesquisa foi de 10226 pessoas, o que significa terem visto o anúncio. Houve

691 cliques no *link*, que são os números de novos cliques recebidos devido ao anúncio da pesquisa, o que totalizou 107 seguidores na Página. Além disso, foram 98 curtidas na Página, 06 (seis) comentários e 58 compartilhamentos. Computaram-se 84,5% de mulheres e 15,5%, homens; bem como, 85,1% de São Paulo, 10,2% da Bahia e 4,7% do Amazonas (Figura 05, Figura 06 e Figura 07).

Figura 05. Acessos e atividades do anúncio. Figura gerada pelo Facebook.

Figura 06. Proporção de homens e mulheres por faixas de idade. Figura gerada pelo Facebook.

Figura 07. Distribuição de profissionais por Estado (UF). Figura gerada pelo Facebook.

2.6 - Processamentos Preliminares dos Dados Parciais

Aos seis (06) meses de coleta foi realizado um processamento estatístico de dados. Ocorreu uma manipulação preliminar, na etapa parcial da coleta, o que gerou uma análise descritiva, que foi computado como Relatório Parcial de Pesquisa, do processo FAPESP

2016/00577-4, cujo período de cobertura do relatório concerne a Maio de 2017 até Abril de 2018.

Como o primeiro dado válido foi coletado no dia 03 de Agosto de 2017, que constitui o início do processo da coleta de dados, a data de corte para a análise parcial foi 09 de Março de 2018. Coletaram-se dados de 1051 respondentes, de quase todos os Estados do Brasil, dos quais 581 responderam completamente o questionário. Os dados concernentes à pesquisa, das(aos) profissionais do Amazonas, Bahia e São Paulo, somaram 349 respondentes.

Neste primeiro momento, não foi utilizado o SPSS. As associações e médias eram geradas pelos próprios recursos analíticos da Plataforma *online* SurveyMonkey. O IRAMUTEQ foi empregado, mas não sob o recurso de Classificação Hierárquica Descendente (CHD) e de Análise de Especificidades. Foi usada a Análise Prototípica, que segundo Justos e Camargo (2016), se trata de uma técnica que visa identificar a estrutura representacional a partir dos critérios de frequência e ordem de evocação das palavras. O resultado gerado pelo *software* apresenta um diagrama com quatro quadrantes, indicando um núcleo central de representação, assim como, os seus conteúdos periféricos. Porém, ao interpretar os resultados, no momento de análise dos resultados parciais, no mês de Abril de 2018, foi possível identificar algumas limitações.

A Análise de Matriz, conhecida como Prototípica, processa a ordem das palavras evocadas e as frequências médias, mas não codifica o vocabulário pelo radical da palavra, na sua forma reduzida. O que faz com que palavras lexicalmente próximas se repitam, dificultando a interpretação. Além disso, foi julgado que o processamento que melhor se adequaria para a obtenção da análise desejada das Evocações Livres, seriam os resultados produzidos não pela Análise de Matriz, mas pela Análise Textual, com os recursos da CDH e com os da Análise de Especificidades, seguindo o modelo de análise utilizado por Souza (2017).

Tais resultados gerados pela análise de matriz, no IRAMUTEQ, serviram para ajustar o processamento metodológico dos dados coletados pela plataforma *online*. Bem como, serviu para caracterizar a interpretação dos dados gerados por cada um dos recursos analíticos. O processamento de tais resultados ajudaram a estabelecer parâmetros para o desenvolvimento, afirmação e refutação de teses para a análise e interpretação final dos resultados da amostra total da coleta.

2.7 - Processamento Final dos Dados

As operações que compõe a presente pesquisa foram realizadas por diferentes ferramentas metodológicas para a análise dos dados. Concebido por 04 (quatro) etapas, é possível descrevê-las da seguinte forma.

A primeira constitui a Estatística Descritiva, apresentada na seção 3.1. Buscou-se descrever o conjunto de dados da pesquisa, demonstrando como foram distribuídos por frequência absoluta (N) e percentual (%). A tendência central foi descrita sob a medida de média (M) e desvio padrão (DV). Como Estatística Descritiva, estão os dados dos Perfis Sociodemográfico, Formativo e Ocupacional das(os) participantes da pesquisa. Tais produtos foram gerados pelo *software* SPSS, versão 20.

A segunda etapa trata das análises para testar as *hipóteses de 01 a 12*, apresentadas na seção 3.2, em "Análises e Discussões dos Resultados". Foram realizadas teste de associação, com a Tabela de Referência Cruzada, bem como, comparação de médias, com o Teste t de Amostras Independentes. Como a etapa anterior, as análises foram processadas pelo SPSS. Para as análises estatísticas, foi adotado o intervalo de confiança de 95%, com o nível de significância de 5%.

A terceira etapa apresenta as análises lexicais sobre evocações livre a acerca de "Atuação e Identidade do/a Psicólogo/a" e de "Humano e as categorias étnico-raciais" populares no Brasil, que são testadas pelas *hipóteses 11 e 12*. Com a utilização do *software* IRAMUTEQ - *Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires* -, foram aplicados tanto o método Reinert, processamento baseado na Classificação Hierárquica Descendente, como a Análise de Especificidades. Pelo grande volume de dados textuais, para a interpretação das formas ativas nas classes categorizadas, como será descrita a seguir foi adotado o intervalo de confiança de 99%, com o nível de significância de 1%.

Segundo Wachelke e Wolter e (2013) a técnica de associação verbal, também denominada de técnica de associação livre de palavras ou **evocação livre**, é muito popular nos estudos sobre as representações e crenças. Tal técnica consiste em pedir aos respondentes para evocarem o que têm em mente quando se deparam com o indutor evocativo, que geralmente é o fenômeno do objeto da representação em estudo. É comum que os/as pesquisadores/as solicitem de três (03) a cinco (05) evocações sobre a forma de palavras ou expressões.

A **Análise Lexical**, por sua vez, é uma técnica que explora o material textual cursivo, por meio de métodos estatísticos ao texto, o que viabiliza a construção de categorias naturais

dos segmentos de textos que são os ambientes das palavras no texto, onde elas estão e com quais outras elas se relacionam. O recurso é processado também pelo *software* IRAMUTEQ, que permite empregar cálculos estatísticos sobre variáveis essencialmente qualitativos do texto. O IRAMUTEQ é um software de análise de material textual cursivo. Ele permite diferentes formas de análise estatísticas sobre o corpus textual e sobre os segmentos de texto, gerando uma série de recursos gráficos e de classificações temáticas, que auxiliam na análise qualitativa dos dados encontrados (Camargo & Justo, 2013; Justo & Camargo, 2014). Tal análise estatística dos contextos em que as palavras ocorrem, viabiliza diferentes tipos de análises de dados textuais que vai da lexicografia básica até análises multivariadas (Justo & Camargo, 2014).

A análise textual é um tipo específico de análise de dados de material verbal transcrito, como textos, entrevistas, documentos, redações. Ela pode ser usada para inúmeras finalidades, pois, pode descrever um material produzido por um produtor, seja individual ou coletivamente, como também se pode utilizar com a finalidade comparativa e relacional de diferentes produções em função de variáveis específicas que descrevem quem produziu o texto (Camargo & Justo, 2013).

Segundo Justo e Camargo (2014) a análises lexicais possui características que permite contribuições aos estudos nas áreas das ciências humanas, sociais e da saúde, onde os conteúdos simbólicos provenientes dos materiais textuais são fontes primordiais dos dados de pesquisa (Camargo & Justo, 2013).

O IRAMUTEQ realiza a análise lexical por contexto de um segmento de texto, podendo analisar estatisticamente o contexto em que as palavras ocorrem, viabilizando diferentes tipos de análise de dados textuais que vai da lexicografia (lematização e cálculo de frequência de palavras) a até análises multivariadas (como especificidades de grupos, classificação hierárquica descendente, análise pós-fatorial e correspondência e análise de similitude e nuvem de palavras) (Justo & Camargo, 2014). A análise lexográfica clássica e identifica a quantidade de palavras, frequência média, além de pesquisar o vocabulário pelo radical da palavra, na sua forma reduzida. Gera também Especificidades e Análise Fatorial de Correspondência, ao associar textos em função das variáveis de caracterização, oferecendo uma análise fatorial de correspondência por variáveis. Além disso, aplica o método de Classificação Hierárquica Descendente, pois a partir do cruzamento das formas reduzidas de palavras e dos Segmentos de Texto se obtém um dendograma, no qual há a classificação dos vocabulários semelhantes entre si e dos diferentes de outras classes, facilitando a interpretação

a ser feita. . Já Análise de Similitude possibilita a identificação da ocorrência entre as palavras e seu resultado, indicando as conexões entre as palavras e a estrutura do conteúdo de um *corpus* textual. E o último recurso, a Nuvem de Palavras, agrupa e organiza as palavras, graficamente em função da sua frequência, apresentando no meio da imagem as palavras com maior hierarquia de importância e repetição. Embora faça análises lexicográficas complexas, organiza a distribuição do vocabulário de forma facilmente compreensível e visualmente nítida, podendo os resultados serem lidos por representações gráficas (Camargo & Justo, 2013; Justo & Camargo, 2014).

Nesta pesquisa foi utilizado o método Reinert, ancorado no processamento de Classificação Hierárquica Descendente (CHD). É uma análise multivariada de dados categóricos e funciona na ocorrência de palavras em segmentos de texto, no sentido de definir os vocabulários que são utilizados para falar sobre um objeto. Esse procedimento é utilizado para identificar campos semânticos específicos. Ou seja, compreender "lugares comuns" ou "posicionamentos" de discursos dos sujeitos no ato de enunciar (Souza, 2017).

Além da CHD, também com auxílio do IRAMUTEQ, foi feita a análise de especificidades linguísticas, relativa a cada categoria étnico-racial. Buscou-se associar as evocações com as variáveis das(os) profissionais, ou seja, possibilitar a análise da produção textual em função das variáveis de caracterização (Camargo & Justo, 2016). Desse modo, é possível identificar ocorrências (evocações) associadas a diferentes classificações para as raças-etnias em temas particulares. O teste foi realizado a partir de matriz de contingência, no qual o qui-quadrado (χ^2) foi utilizado para identificar a associação entre as formas linguísticas evocadas (ocorrências reduzidas) e as categorias étnico-raciais (modalidades de variável).

As vias operacionais são realizadas em quatro etapas (ver Souza, 2017):

- 1) No primeiro, o *software* faz uma leitura automática dos textos, uma lematização, que calcula os dicionários acoplados que serão utilizados nas etapas a seguir. Os verbos são transformados no infinitivo, os substantivos são colocados no singular e adjetivos no singular e masculino. Além disso, cada texto, ou Unidade de Contexto Inicial (UCI) é decomposto em Segmentos de texto (ST), ou Unidade de Contexto Elementar (UCE). No contexto da pesquisa, cada conjunto de evocações livres - cerca de cinco palavras - foram consideradas como um segmento de texto; e cada texto confere ao *Corpus* de conjunto de todas as evocações enunciadas por cada participante.

- 2) Na segunda etapa são construídas as matrizes de contingência, que comportam todas as UCE, a partir do qual ocorre a CHD, por meio da análise de *Cluster*, após sucessivas

divisões do material, há o agrupamento em classes homogêneas. A partir do contrates entre os vocabulários utilizados, há a primeira divisão do conjunto total de segmentos de texto, em duas classes. Em um procedimento de divisão continua até que novos agrupamentos não produzam mais classes. Ao final da CHD, o software realiza o calculo de qui-quadrado (χ^2) para verificar o grau de associação entre as formas linguísticas reduzidas e suas classes pertencentes. Daí é fornecido um dendograma com a representação gráfica das classes encontradas e suas ocorrências mais características.

3) Na terceira etapa é produzido o descritivo dos perfis de cada classe, com as formas ativas características como variáveis de caracterização relacionadas às UCI, que são igualmente testadas através de cálculos de qui-quadrado (χ^2). As ocorrências se baseiam em tais indicadores: a frequência na classe, frequência total, porcentagem e qui-quadrado (χ^2), que indica a força de ligação entre a ocorrência e a classe em questão.

4) Por fim, a quarta etapa, se dedica a cálculos complementares, como exemplo, a identificação dos segmentos de texto mais característicos em cada classe, o que torna viável o resgate dos contextos de enunciação em que são atualizados os vocabulários típicos das classes.

Nesta pesquisa, o *Corpus* foi processado com 657 conjuntos de evocações livres, cujas classes lexicais são entendidas como constituinte de dois campos de imagens. Um, sobre "Atuação e Identidade Profissional", e o outro, sobre "Humano e Categorias étnico-raciais populares". Vale lembrar que foram investigadas as concepções das(os) psicólogas(os) sobre: Humano, Atuação Profissional, Identidade Profissional, Pessoas Orientais, Pessoas Negras, Pessoas Indígenas e Pessoas Brancas.

Além de o método Reinert possibilitar as formas específicas de se pensar sobre um dado objeto, com a constituição de classes lexicais distintas, como mencionado; possibilita também o estabelecimento de variáveis independentes que funcionam como marcadores para cada indivíduo respondente, com o intuito de verificar as relações entre as(os) participantes e as classes resultantes.

Os marcadores e as classes sociais estão relacionados pela mensuração do teste de qui-quadrado, representados por "var. χ^2 ". O que serve para diferenciar as medidas das modalidades de uma variável independente categórica das medidas relacionadas a uma forma linguística de mesmo nome (Souza, 2017). Por exemplo, o termo "raça" pode ser associado a determinada classe, o que seria indicado por um alto valor de qui-quadrado (χ^2). Enquanto a modalidade relacionada aos termos evocativos sobre a raça podem não estar associados ao

mesmo campo léxico, o que poderia ser verificado com baixo valor de qui-quadrado (χ^2) correspondente a variável. Na pesquisa, para cada respondente, foram incluídas 18 variáveis: 1) Tempo de atuação, 2) Número de campos de atuação, 3) Eixo da área de atuação, 4) Território de atuação, 5) Tipo de serviço, 6) Grau de presença de pessoas orientais no atendimento, 7) Grau de presença de pessoas negras no atendimento, 8) Grau de presença de pessoas indígenas no atendimento, 9) Grau de presença de pessoas brancas no atendimento, 10) Pauta do tema no ambiente de trabalho, 11) Referencial teórico, 12) Acesso ao tema na formação, 13) Idade, 14) Estado de residência, 15) Gênero, 16) Raça, 17) Matriz religiosa, 18) Termo étnico-racial respondido. As variáveis são atribuídas na linha de comando, ilustrada a seguir. Na presente análise, o corpus foi preparado de maneira temática, relativo a cada termo evocativo solicitado. A seguir mostramos o extrato do Corpus, para exemplificação.

```
**** *subj_1 *tempo_1 *campos_2 *eixo_2 *Territorio_1 *servico_1 *proporçãoorientais_1
*proporçãonegras_2      *proporçãoindígenas_1      *proporçãobrancas_2      *pauta_2
*referencialteorico_3 *acesso_0 *idade_4 *estado_25 *gênero_2 *raca_2 *religião_2
*termo_indigenas
```

```
-*humano
complexo incongruente pessimista fantástico divino
-*atuação
intervenção Necessidade humanista solidária procura
-*identidade
importante aprimoramento paz lúcido paciência
-*categoriaétnica
sofrimento incompreendidas abandonada confusas extermínio
```

Destaca-se que o método Reinert é um procedimento baseado em operações estatísticas de tratamento automático de dados. O que quer dizer que não é a análise em si. Neste sentido, como descreve Souza (2007), a análise lexical combina vantagens de enfoques quantitativos e qualitativos, mas se distingue da análise de conteúdo, que é realizada pelo pesquisador, com a finalidade de interpretação.

Ou seja, seguindo o mesmo padrão quantitativo do cunho da pesquisa, a análise lexical serve de ponte de integração para a interpretação dos dados ocupacionais, formativos e sociodemográfico das(os) profissionais, para a análise de conteúdo proposto por Puglisi e Franco (2005). Para eles, o agrupamento dos principais significados é colocado em categorias que expressam a convergência dos conteúdos que surgiram, favorecendo a análise da presença

ou ausência de uma dada característica de conteúdo ou conjunto de características num determinado fragmento das mensagens.

Os dados coligidos por meio das etapas de coleta e processamento delinearão um quadro de informações que permitiu compreender e sistematizar diferentes aspectos da atuação das(os) psicólogas(os) no tema das relações étnico-raciais.

Capítulo 3 - Resultados

O presente capítulo foi redigido em dois (02) blocos. O primeiro bloco apresenta a Estatística Descritiva dos dados da Amostra, composta pelas(os) 657 participantes. O segundo apresenta as análises das provas de hipóteses. As análises estatísticas são de associação entre variáveis e de comparação de médias e foram realizadas com auxílio do *software* SPSS, versão 20. No teste de algumas hipóteses, foram realizadas análises lexicais dos materiais das Evocações Livres, efetuadas com o *software* IRAMUTEQ, versão 0.7, alpha 2.

3.1 - Estatística descritiva da Amostra

A primeira parte do presente capítulo consiste em oferecer as Frequências Simples (*N*) e Distribuições (%), bem como as tendências centrais, pela Média (*M*) e Desvio Padrão (*DV*) dos dados. A etapa de descrição corresponde à manipulação preliminar dos dados gerais da amostra, na qual são observadas as distribuições de escores dos dados. Isso possibilita a detecção, limpeza, correção e/ou adequação de valores digitados incorretamente. Segundo Field (2009), em tal processo se propõe quantificar a forma das distribuições e detectar valores atípicos. Por exemplo, com agrupamentos de variáveis ou com sua extração.

A Estatística Descritiva está contida em três (03) subseções, a saber: 1.1) Perfil Sociodemográfico; 1.2) Perfil Formativo; 1.3) Perfil Ocupacional.

3.1.1 - Perfil Sociodemográfico da Amostra

Nesta subseção são apresentados dados sobre a) **idade**, **gênero** e **raça-etnia**; e b) **religiosidade/espiritualidade** das(os) profissionais; além disso, são feitos os agrupamentos categóricos dos itens relacionados, que constam também como variáveis nas hipóteses testadas na seção 3.2, sobre a *Análise das hipóteses*.

Conforme apresenta a Tabela 04, a **idade** média das(os) psicólogas(os) participantes é de 38 anos e, ao agrupar as idades em faixas de cinco em cinco anos, verifica-se que a maioria está entre "30 e 34 anos". Na distribuição por **gênero**, há uma proporção majoritariamente "feminina", de 79,6% (523). Quanto aos dados **étnico-raciais**, as(os) profissionais "brancas(os)" são maioria 46,6% (306). Contudo, quando as(os) pardas(os) e pretas(os) são

agrupadas(os) como única categoria, as(os) participantes "negras(os)" passam ser a maioria, com 51% (335).

TABELA 05

Distribuição e frequência de Idade, Gênero, Raça-etnia e Religiosidade/Espiritualidade

		<i>N</i>	%
Idade	24 a 29	138	21
	30 a 34	159	24,2
	35 a 39	139	21,2
	40 a 49	111	16,9
	50 a 59	84	12,8
	60 acima	26	4
	Total	657	100
Gênero	Feminino	523	79,6
	Masculino	131	19,9
	Não-binário	3	0,5
	Total	657	100
Raça-etnia	Amarela	15	2,3
	Branca	306	46,6
	Indígena	1	0,2
	Parda	217	33
	Preta	118	18
	Total	657	100
Religiosidade/ espiritualidade	Outros	24	3,7
	Sem religião	62	9,4
	Matriz Judaico-cristã	317	48,2
	Matriz Africana	35	5,3
	Matriz Oriental	13	2
	Sem Matriz	206	31,4
	Religiosa		
	Total	657	100

Nota. Cálculos gerados e extraídos do SPSS. Tabela de dados construída pelo autor.

Quanto à **religiosidade/espiritualidade**, as religiões de "matriz judaico-cristã" são as prevalentes, com 48,2% (317) de adeptas, e destaque para o "catolicismo", com 26% (171) (Tabela 04). As religiões de matriz judaico-cristã são a católica, as evangélicas, a judaica e a espírita kardecista. As de matriz africana são o candomblé e a umbanda. As de matriz oriental são o budismo, o islamismo, a *Seicho-no-ie* e a tradicional chinesa. Há adeptas(os) que definiram suas crenças sem matrizes religiosas definidas, que são as(os) agnósticas(os),

gnósticas(os), espiritualistas; outras(os) que não se definem religiosamente/espiritualmente. As(os) que não têm religião definiram-se como ateias/ateus. Depois do catolicismo, os cinco (05) seguimentos religiosos/espirituais prevalentes são da(o)s que "não se definem religiosamente", 12,9% (85); que se definem como "evangélicas protestantes ou congregacionistas", 11,4% (75); como "espíritas kardecistas", 10,5% (69); e como "espiritualistas", 9,6% (63); como "ateias/ateus", 9,4% (62).

Embora o catolicismo seja a religião com maior número de adeptos, suas(seus) adeptas(os) não são as que possuem maior grau de religiosidade ($M=3,74$), posição alocada para as(os) que se afirmam espíritas kardecistas ($M=4,17$), como é possível ver na Tabela 05.

TABELA 06

Médias dos Graus de Religiosidade da Amostra e das três religiões mais prevalentes

<i>Grau de religiosidade</i>	<i>N</i>	<i>Mínimo</i>	<i>Máximo</i>	<i>Média</i>	<i>Desvio padrão</i>
Grau da Amostra	595	1,00	6,00	3,4235	1,68638
Sem as(os) ateias/ateus					
Católicas(os)	171	1,00	6,00	3,7427	1,50427
Evangélicas(os)	75	1,00	6,00	4,0933	1,69397
Espíritas Kardecistas	69	1,00	6,00	4,1739	1,59001

Nota. Cálculos gerados e extraídos do SPSS. Tabela de dados construída pelo autor.

3.1.2 - Perfil Formativo da Amostra

Quanto à **titulação**, a maioria das(os) respondentes, 60% (394), alcançou nível de "especialização". Quando a(o) participante marcou mais de um item, foi computado somente o título mais elevado. Ou seja, se a(o) participante tem especialização e mestrado, foi contado somente o título de mestrado. A maioria das(os) profissionais é egressa de **IES Pagas**, o que equivale a 70,5% (463). São 65,8% (432) formadas(os) em instituição "Privada/particular" e 4,7% (31) em "Confessional, Comunitária ou Filantrópica". Entre as(os) 28% (184) formadas em **IES Públicas**, 18,3% (120) cursaram "Pública Federal" e 9,7% (64) "Pública Estadual" (Tabela 06).

A maior parte teve **acesso ao tema**, na sua formação, de algum modo, 56,9% (374). Do total, 51,8% (340) teve acesso ao tema das relações étnico-raciais dentro do plano programático do currículo no curso, considerando-se que as(os) participantes podiam marcar mais de um item. Quando as(os) profissionais tiveram acesso ao tema "Dentro do Curso", isso ocorreu por meio de "disciplinas obrigatórias", por "disciplinas optativas" ou por "disciplinas

gerais, como Psicologia Social ou Avaliação Psicológica". No que se refere às(aos) 24,5% (161) que tiveram Acesso "Fora do Curso", ele se deu por "palestras ou oficinas" e por "disciplinas específicas em outro curso diferente do de Psicologia". Destacam-se 18,7% (123) que tiveram acesso "tanto Dentro quanto Fora" do plano curricular do curso. As(os) psicólogas(os) tiveram mais acesso ao tema por "Disciplinas Gerais", 44% (289), e depois, por "Atividades Extracurriculares", 24% (158) (Tabela 06).

TABELA 07

Distribuição e frequência de Titulação, do Perfil de IES e do Acesso ao tema das relações étnico-raciais

		<i>N</i>	%
Titulação	Graduação	145	22,10%
	Especialização	394	60,00%
	Mestrado	158	24,00%
	Doutorado	43	6,50%
	Total	657	100,00%
IES	Pagas	463	70,5
	Públicas	184	28
	Outras	10	1,5
	Total	657	100
Acesso ao tema	Não teve	283	43,1
	Disciplina obrigatória em Psicologia.	70	10,7
	Disciplina optativa em Psicologia.	47	7,2
	Disciplina geral (ex. Psicologia Social, etc.).	289	44,0
	Disciplina específica em outro curso	13	2,0
	Palestra/s, oficina/s ou extracurricular/es.	158	24,0
	Outros	16	2,4

Nota. Cálculos gerados e extraídos do SPSS. Tabela de dados construída pelo autor.

A maioria, 81,6% (531), não participou de qualquer **grupo ou coletivo** específico que tematizasse as relações étnico-raciais. Foram 60,6% (398) que destacaram que **o interesse** no tema surgiu "Fora do curso", o que ocorreu "antes", "depois" ou em "paralelo ao curso". Para 15,2% (100) o interesse surgiu "No curso", "durante sua formação"; e 24,2% (159) negaram "proximidade" com o tema, seja por "falta de interesse" ou até pelo fato de "querer ter mais interesse" (Tabela 06).

TABELA 08

Distribuição e frequência de Participação em Grupo ou Coletivo de temática étnico-racial, Interesse no tema e Referenciais Teóricos

		<i>N</i>	%
Grupo ou coletivo	Sim	121	18,4
	Não	536	81,6
	Total	657	100,0
Interesse no tema	NÃO TEM	54	8,2
	GOSTARIA DE TER	105	16
	Surgiu ANTES da formação	173	26,3
	Surgiu DURANTE a formação	100	15,2
	Surgiu DEPOIS da formação	129	19,6
	Surgiu PARALELO à formação	96	14,6
	Total	657	100
Referenciais Teóricos	Cientificista	136	20,7
	Romântica ou pós-romântica	384	58,4
	Ambas	71	10,8
	Outros	66	10
	Total	657	100

Nota. Cálculos gerados e extraídos do SPSS. Tabela de dados construída pelo autor.

Relativamente ainda à Tabela 07, 5,9% (39) das(os) respondentes disseram não adotar um **referencial teórico** específico. No entanto, 94,1% (618) assinalou pelo menos uma

abordagem. A maior parte, 58,4% (384), segue referenciais teóricos do pensamento psicológico de matriz "Romântica ou pós-romântica"; e 20,7% (136) segue a "Cientificista". As(os) que adotam o Ecletismo, são 10,8% (71). O ecletismo, como mencionado, representa as(os) que se sentem mais confortáveis em adotar referenciais teóricos de ambas as matrizes de pensamento. As(os) que se alinham à matriz romântica ou pós-romântica, aplicam a psicanálise, a psicodinâmica ou abordagens de base analítica, a sócio-histórica, a humanista ou existencial, a histórico-cultural, a construtivista, a *gestalt*, a interpessoal e a transpessoal. As(os) que adotam a matriz cientificista são as(os) que assinalaram a abordagem comportamentalista, cognitivista ou evolucionista. As(os) ecléticas(os) são as(os) que assinalaram seguir abordagens de ambas as matrizes.

3.1.3 - Perfil Ocupacional da Amostra

Os dados ocupacionais são apresentados por Frequências Simples (*N*) e Distribuições (%) ou pela tendência central, com o Descritivo de Médias (*M*) e o Desvio Padrão (*DP*). Caracterizam o tempo, o número e as áreas de atuações totais; a atuação específica escolhida para descrição, o seu território, o perfil de serviço, o grau de presença de públicos étnico-raciais e as faixas socioeconômicas atendidas.

TABELA 09

Distribuição e frequência de Faixa de Tempo, Número e Áreas de Atuação

		<i>N</i>	%
Faixas de tempo de atuação	0 a 4 anos	228	34,7
	5 a 9 anos	195	29,7
	10 a 14 anos	112	17
	15 a 25 anos ou mais	122	18,6
	Total	657	100
Áreas de atuação	Saúde	428	65,1
	Ausentes	229	34,9
	Total	657	100
	Educação	312	47,5
	Ausentes	345	52,5
	Total	657	100
	Sociedade	265	40,3
	Ausentes	392	59,7
	Total	657	100

Nota. Cálculos gerados e extraídos do SPSS. Tabela de dados construída pelo autor.

Além disso, com a atuação mais direcionada ao tema das relações étnico-raciais, verifica-se o grau de afirmação de vivência ou testemunho de situações vivenciadas ou relatadas de racismo no trabalho, o comparecimento do tema como pauta no trabalho e, por fim, as técnicas e ações elaboradas em função do tema.

A média encontrada de **tempo de atuação** é de 8,5 anos, com a **faixa de tempo** prevalente entre 00 e 04 anos na profissão, 34,7% (228). Com a possibilidade das(os) respondentes assinalarem o **número de atuações**, verificou-se entre elas/eles uma média aproximada de duas (02) atuações na psicologia ($M=1,78$) (Tabelas 08 e 09).

TABELA 10

Médias de Tempo e de Número de atuações

	<i>N</i>	<i>Mín.</i>	<i>Máx.</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Tempo de atuação	657	0	25	8,4795	6,95499
Números de atuações	657	1	4	1,7854	0,84531

Nota. Cálculos gerados e extraídos do SPSS. Tabela de dados construída pelo autor.

Conforme a Tabela 08, as(os) respondentes trabalham mais no Eixo da "Saúde", 65,1% (428), o que inclui as áreas de Clínica, Esporte, Hospitalar e Neuropsicologia. No Eixo Educação, 47,5% (312) vinculam-se a atuações em Psicologia Educacional, em Docência em ensino superior, em Docência em ensino médio e em Pesquisa. No Eixo Sociedade, 40,3% (265) atuam nas áreas Jurídica, Social, de Trânsito, de Trabalho, Comunicação social, Gestão institucional e Fiscalização institucional. A área de atuação na "Clínica" foi a mais assinalada, com 63,2% (415). A de Pesquisa, foi a segunda, com 24,2% (159). Na sequência estão as áreas de Social, com 23,3% (153); Educacional, com 18,6% (122); Docência em nível superior, com 18,3% (120); Trabalho, 9,6% (63); Hospitalar, 6,7% (44); Jurídica, 5,6% (37); Gestão de órgãos governamentais ou não governamentais, 4,6% (30); Neuropsicologia, 4,4% (29); Trânsito, 1,5% (10); Esporte, 0,9% (6); Comunicação Social, 0,8% (5); Docência de nível médio, 0,6% (4); Fiscalização de órgãos governamentais ou não governamentais, 0,5% (3). Houve 8,5% (56) das(os) profissionais que assinalaram o item "Outros".

Após investigar o número e as áreas de atuações, foi solicitado que as(os) respondentes **escolhessem um dos campos de atuação para detalhamento**. Como ilustra a Figura 08, a seguir, 42,8% (281) escolheram detalhar atuações do Eixo da "Saúde"; 25,6%

(168), do Eixo "Sociedade"; e 21,8% (143), do Eixo "Educação". Entre as cinco (05) áreas de atuação mais escolhidas, estavam a "Clínica", com 36,1% (237); a "Social", com 15,2% (100); a "Docência em nível superior", com 7,6% (50); a "Educacional", com 7,5% (49); e a da "Pesquisa", com 6,2% (41). As(os) profissionais que assinalaram a área de Docência de Nível Superior ($M=2,30$) são as(os) que demonstram acumular mais números de trabalho (Figura 09).

Figura 08. Frequência acumulada das áreas de atuações por Eixos escolhidas para descrição. Imagem de gráfico gerada pelo SPSS.

Figura 09. Áreas de atuações por número de atuações. Imagem de gráfico gerada pelo SPSS.

TABELA 11

Distribuições e frequências de Território, Perfil de serviço e Faixas socioeconômicas

		<i>N</i>	%
Território	Capital ou Região metropolitana	458	69,7
	Cidade no Interior/Zona Urbana	216	32,9
	Campo/Zona Rural	18	2,7
	Floresta	3	0,5
Perfil do serviço	Pagos	340	51,8
	Públicos	287	43,7
	Outros	30	4,6
	Total	657	100
Faixa socioeconômica atendida	Não sou capaz de descrever	119	18,10%
	Sem renda	168	25,60%
	Com auxílio governamental	262	39,90%
	Até R\$1.000	241	36,70%
	De R\$1.000 a R\$3.000	274	41,70%
	De R\$3.000 a R\$5.000	158	24,00%
	De R\$5.000 a R\$10.000	123	18,70%
	Acima de R\$10.000	75	11,40%

Nota. Cálculos gerados e extraídos do SPSS. Tabela de dados construída pelo autor.

Figura 10. Frequência de atendimentos por faixas socioeconômicas. Imagem de gráfico gerada pelo autor.

TABELA 12

Média das populações étnico-raciais atendidas nos serviços

	<i>N</i>	<i>Mín.</i>	<i>Máx.</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Pessoas Orientais	657	1	5	1,9604	0,92143
Pessoas Negras	657	1	5	3,4003	1,17372
Pessoas Indígenas	657	1	5	1,6058	0,82353
Pessoas Brancas	657	1	5	3,761	1,01624

Nota. Cálculos gerados e extraídos do SPSS. Tabela de dados construída pelo autor.

Como apresenta a Tabela 10, o **território** mais comum entre as atuações escolhidas para detalhamento circunscrevia as capitais ou regiões metropolitanas dos Estados, 69% (458). Os **perfis dos serviços** descritos são, em grande parte, pagos (51,8%), o que soma 33% (217) de perfil Autônomo e 18,7% (123) de perfil Privado. Os perfis públicos são 43,7% (287), que soma 18,7% (123) de perfil Público (Municipal), 11,4% (75) de perfil Público (Estadual), 7,3% (48) de perfil Público (Federal), 4,6% (30) de perfil de ONG e 1,7% (11) de perfil de Autarquia.

A **faixa socioeconômica** mais atendida é a de R\$1.000 a R\$3.000, direcionada aos serviços de 41,7% (274) das(os) profissionais (Figura 10 e Tabela 10). Além disso, o **público étnico-racial** com maior presença nos serviços é branco ($M=3,76$), como ilustra a Tabela 11.

Como demonstram a Figura 11 e a Tabela 12, a seguir, foram descritas características étnico-raciais das faixas socioeconômicas atendidas pelas(os) psicólogas(os). À medida que a

faixa socioeconômica é sem ou de baixa renda, a população atendida é descrita como negra. Inversamente, quanto mais se eleva a renda, mais o grupo étnico-racial atendido passa a ser branco.

Figura 11. Média de atendimentos das populações étnico-raciais por faixas socioeconômicas. Imagem de gráfico gerada pelo autor.

TABELA 13

Médias de atendimentos das populações étnico-raciais por faixas socioeconômicas

		Pop. Oriental	Pop. Negra	Pop. Indígena	Pop. Branca
	N	(M/DP)	(M/DP)	(M/DP)	(M/DP)
Sem Renda	168	1,77(0,80)	4,09 (0,99)	1,78 (0,93)	3,56 (1,07)
Aux. Governamental	262	1,80 (0,83)	4,01 (0,99)	1,79 (0,85)	3,54 (1,03)
Até R\$1000	241	1,88 (0,88)	3,82 (1,08)	1,69 (0,85)	3,73 (1,05)
R\$1000 a R\$3000	274	2,00 (0,85)	3,42 (1,11)	1,56 (0,76)	3,96 (0,92)
R\$3000 a R\$5000	158	2,10 (0,83)	3,11 (1,15)	1,43 (0,68)	4,21 (0,83)
R\$5000 a R\$10000	123	2,28 (0,92)	3,00 (1,13)	1,38 (0,67)	4,23 (0,84)
Acima de R\$10000	75	2,29 (0,88)	2,91 (1,09)	1,40 (0,59)	4,49 (0,72)
Não sabe descrever	119	1,96 (0,92)	3,40 (1,17)	1,60 (0,82)	3,76 (1,02)

Nota. Cálculos gerados e extraídos do SPSS. Tabela de dados construída pelo autor.

Ao estratificar por Estado, observa-se que, no Amazonas, a população branca tem a maior média nos serviços de psicologia (M=3,74), seguida pela população negra (M= 2,90), depois, a população indígena (M=2,43) e, por último, a população oriental (M=1,98). Na Bahia, a população com maior média é a negra (M=3,91), depois, a branca (M=3,57), a oriental (M=1,63), que é quase equivalente à presença da população indígena (M=1,62). São Paulo foi o único Estado que seguiu as médias da amostra geral. As pessoas brancas são as que têm maior presença nos serviços (M=3,91), em seguida, as pessoas negras (M=3,11), as pessoas orientais (M=2,21) e as indígenas (M=1,44) (Figura 12).

Figura 12. Média das populações étnico-raciais atendidas por Estado. Imagem de gráfico gerada pelo SPSS.

Figura 13. Média das afirmações de vivências e testemunhos de situações de racismo. Imagem de gráfico gerada pelo SPSS.

Figura 14. Distribuição do tema como pauta no ambiente de trabalho. Imagem de gráfico gerada pelo SPSS.

Conforme a ilustração da Figura 13, as situações de racismo com maiores médias têm a característica de impessoalidade, isto é, quando as(os) respondentes não estão diretamente envolvidas(os). A situação ligada à maior média é "ter ouvido falar, de situações de racismo, sendo relatadas por terceiros" ($M=3,25$). A segunda situação mais reportada concerne a "observações sobre a estrutura organizacional e institucional" ($M=2,83$). Em seguida, as "situações envolvendo outras pessoas, mas testemunhadas pelas(os) respondentes" ($M=2,58$). A situação referente à menor média é descrita com aquela em que "as(os) profissionais estivessem diretamente envolvidas(os)" ($M=2,47$). Além disso, basicamente metade das(os) profissionais, 50,1% (329), relata que não teve **o tema das relações étnico-raciais como pauta no ambiente de trabalho**, enquanto que 49,9% (328) afirma que já teve (Figura 14).

Com base na Tabela 13, 52,7% (346) das(os) respondentes afirmam ter a Escuta Atenta e Sensível. Entre as **ações e técnicas específicas no tema das relações étnico-raciais** esse é o recurso prevalente. Com a possibilidade de assinalar mais de um item, 28,9% (190) das (os) profissionais afirmaram não ter alguma ação ou técnica elaborada no tema. Depois da Habilidade Pessoal, que é a Escuta Atenta e Sensível, estão os recursos agrupados como Materiais Didáticos, com 32,3% (212) (Palestra ou Comunicação Oral, Curso Formativo ou de Capacitação, Produção e Publicação de Textos). Na sequência, estão as Técnicas Grupais,

com 23,7% (156) (Grupo Terapêutico, Grupo Operativo ou Grupo de Mobilização Social; Oficina, Dramatização, Jogo Lúdico ou Dinâmica de Grupo); os Procedimentos, com 19,2% (126) (Protocolo de Observação, Protocolo de Acolhimento, Protocolo de Avaliação, Protocolo de Acompanhamento, Protocolo de Aconselhamento); os Recursos Audiovisuais ou Interativos, com 12,2% (80) (Vídeos ou Jogos Virtuais); os Instrumentos, com 10,4% (68) (Roteiro de Entrevista, Teste ou Escala psicométrica); e, por fim, a Participação Institucional, com 4% (26) (Gestão ou Fiscalização de Serviços Governamental ou Não-governamental).

TABELA 14

Distribuição e frequência de ações e técnicas elaboradas e usadas no tema das relações étnico-raciais

	<i>N</i>	<i>%</i>
Nenhuma	190	28,9
Habilidade pessoal	346	52,7
Escuta Atenta e Sens.	346	52,7
Instrumentos	68	10,4
Roteiro de Entrevista	63	9,6
Teste Psicométrico	10	1,5
Procedimentos	126	19,2
Observação	34	5,2
Acolhimento	89	13,5
Avaliação	27	4,1
Acompanhamento	60	9,1
Aconselhamento	36	5,5
Técnicas Grupais	156	23,7
Grupo Terapêutico	59	9,0
Grupo Operativo	63	9,6
Oficina, Dramatiz., etc.	101	15,4
Círculo Restaurativo	05	0,8
Material didático	212	32,3
Palestra	167	25,4
Curso Formativo	65	9,9
Texto	69	10,5
Participação institucional	26	4
Gestão de serviço	26	4,0
Audiovisuais ou Interativos	80	12,2
Vídeos	78	11,9
Jogos Virtuais	05	0,8
Outros	41	6,2

Nota. Cálculos gerados e extraídos do SPSS. Tabela de dados construída pelo autor.

Com relação ao número de técnicas utilizadas pelos respondentes, 26,5% (174) adotam somente uma técnica; 11,6% (76), duas; 11,4% (75), quatro; 5,6% (37), cinco; 3,8% (25), seis; 2,7% (18), sete. Das(os) que afirmam utilizar somente uma ação ou técnica, 71,3% (124) assinalaram recorrer somente à habilidade pessoal da Escuta Atenta e Sensível.

3.2 - Análises das hipóteses

Esta seção é focada nos resultados das provas de hipóteses. São 12 hipóteses que estão organizadas em três (03) blocos de análises, a saber: 1) Formação Profissional; 2) Atuação Profissional; e 3) Crenças sobre Identidade e Atuação profissional e sobre as Categorias Étnico-Raciais.

O primeiro bloco, sobre a Formação, apresenta os resultados das hipóteses de 01 a 04, que investigam as associações com o **nível de titulação** (*Hipótese 01*), o **perfil da IES formadora** (*Hipótese 2a e 2b*), a **participação em grupos acadêmicos sobre o tema** (*Hipótese 03*) e o **interesse no tema** (*Hipótese 4a, 4b, 4c e 4d*).

O segundo bloco, que destaca a ocupação, é referente às hipóteses de 05 a 10. Investigam-se as associações com ou comparam-se as médias acerca de **número e tempo de atuação** (*Hipótese 5a e 5b*), **áreas de atuação** (*Hipótese 06*), do **perfil do serviço** (*Hipótese 7a, 7b, 7c, 7d e 7e*), da **situação de racismo no trabalho** (*Hipótese 8a, 8b, 8c e 8d*), **pauta do tema relações étnico-raciais no trabalho** (*Hipótese 9a e 9b*) e **ação ou técnica elaborada no tema** (*Hipótese 10a, 10b, 10c, 10d, 10e, 10f e 10g*).

Por último, no terceiro bloco, que indaga sobre as **crenças evocadas**, estão as *hipóteses 11 e 12*. Busca-se compreender as crenças sobre Atuação e Identidade profissional (*Hipótese 11*) e sobre as categorias de Humano e as categorias Étnico-raciais (*Hipótese 12*).

Foram realizadas análises estatísticas de associação entre variáveis, por meio da Tabela de Referência Cruzada, para testar as hipóteses 01, 02, 03, 04, 05, 06, 08, 09 e 10. Na análise, estava ativa a função estatística de *qui-quadrado de Pearson*, que apresenta a significância da dependência ou independência entre as variáveis testadas. Estavam também acionadas as células que exibiam as "Contagens Observadas", as "Contagens Esperadas" e os "Residuais Não Padronizados", que demonstram especificamente as associações, na relação de dependência. As comparações de médias, pelo Teste *t* de Amostras Independentes, também no SPSS, foram aplicadas para testar as Hipóteses 07 e 08. Para pôr à prova as hipóteses 11 e 12 foram efetuadas análises lexicais, com o Método Reinert e Análise de Especificidades, conforme o IRAMUTEQ.

Dado o baixo número de respondentes, os grupos de profissionais indígenas ($N=01$) e orientais/amarelos ($N=15$) foram subtraídos quando a variável **categoria étnico-racial da(o) profissional** foi utilizada nas análises estatísticas dos testes de hipóteses.

Na redação desta seção, foram priorizadas as presenças das hipóteses que caracterizam diretamente a atuação da psicologia no tema das relações étnico-raciais. Além disso, estão presentes também somente as hipótese confirmadas pela significância estatística. Por isso, não estão apresentadas na seção, mas constam como apêndices: a *hipótese 03* (Apêndice A), a *hipótese 5a* (Apêndice B), a *hipótese 7b* (Apêndice C), as *hipóteses 8b 8c e 8d* (Apêndice D) e as *hipóteses 10b, 10c e 10e* (Apêndice E).

3.2.1 - Resultados das hipóteses sobre a Formação

Conforme a *hipótese 01*, os títulos de mestra(e) e de doutor(a) estão associados às(aos) respondentes brancas(os), enquanto que a especialização *lato sensu*, às(aos) negras(os).

Através das *hipóteses 02*, identificou-se que o perfil das IES está associado à raça-etnia das(os) profissionais tanto na amostra total, quanto na de São Paulo. A formação das(os) psicólogas(os) brancas(os) está vinculada às IES públicas estaduais, enquanto a das(os) negras(os), às IES públicas federais e às privadas/particulares.

Conforme as *hipóteses 04*, o interesse no tema das relações étnico-raciais tem relação de dependência com a raça-etnia das(os) profissionais, com o acesso ao tema na formação, com o referencial teórico adotado, bem como com a religiosidade/espiritualidade das(os) profissionais. As(os) psicólogas(os) brancas/as estão associadas(os) não ter interesse pelo tema ou do mesmo ter surgimento durante a formação. Em contraposição, as(os) negras(os) estão associadas(os) ao surgimento do interesse antes ou em paralelo à formação. As(os) que não tiveram acesso ao tema na formação estão associadas(os) ao surgimento do interesse depois de concluído o curso, já no mercado de trabalho. Há também associação entre acesso ao tema durante a formação e surgimento de interesse durante o curso. As(os) profissionais que adotam os referenciais teóricos da matriz humanista-vitalista estão associadas(os) a ter interesse no tema, enquanto que as(os) que adotam a matriz cientificista estão associadas(os) a não ter interesse. As(os) psicólogas(os) adeptas(os) de religiões da matriz judaico-cristã estão associadas(os) ausência de interesse no tema das relações étnico-raciais, em especial, as(os) evangélicas(os) e as(os) católicas(os). Enquanto isto, as(os) respondentes sem matriz religiosa específica são as mais interessadas(os), com destaque para as(aos) que não se definem religiosamente e as(os) espiritualistas.

Hipótese 01. *Há associação entre a categoria étnico-racial profissional e o nível de titulação.*

TABELA 15

Nível de titulação por raça-etnia das(os) profissionais

		PÓS-GRADUAÇÕES			Total
		Especialização	Mestrado	Doutorado	
Branco	N	131	80	29	240
	N	153,6	66,2	20,2	240,0
	Esperado				
	%	40,9%	58,0%	69,0%	48,0%
	Residual	-22,6	13,8	8,8	
Negro	N	189	58	13	260
	N	166,4	71,8	21,8	260,0
	Esperado				
	%	59,1%	42,0%	31,0%	52,0%
	Residual	22,6	-13,8	-8,8	
Total	N	320	138	42	500
	N	320,0	138,0	42,0	500,0
	Esperado				
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
Sig.					0,000

Nota. Cálculos gerados e extraídos do SPSS. Tabela de dados construída pelo autor.

Evidencia-se a significância estatística ($p < 0,001$), ao associar a **categoria étnico-racial das(os) profissional** (agrupada) e a **titulação**, conforme a Tabela 14. Das(os) profissionais com título máximo de especialista no *lato senso*, 59,1% (189) são negras(os), 23 participantes acima da contagem esperada. Das(os) mestras(es), 58% (80) são brancas(os), 14 participantes acima do esperado; e 69% (29) das doutoras(es) também são brancas(os), 09 acima do esperado.

Hipótese 2a. *Há associação entre a categoria étnico-racial profissional e o perfil da IES formadora.*

Com relação à **categoria étnico-racial profissional** (agrupada) e o **perfil da IES formadora** (original), observa-se associação forte ($p < 0,001$). Nota-se que entre as(os) psicólogas(os) brancas(os), 77% (47) se formaram em IES Públicas Estaduais, somando 18

indivíduos acima da contagem esperada, bem como em IES Confessionais, Comunitárias ou Filantrópicas. Do outro lado, as(os) negras(os) estão mais associadas aos perfis de IES Privada/Particular e Pública Federal, em torno de 12 contagens residuais positivas, como visto na Tabela 15.

TABELA 16
Perfil da IES por raça-etnia das(os) profissionais

		Perfil da IES				Total
		Privada/Particular	Pública (Federal)	Pública (Estadual)	Confessional,etc.	
Branços	N	191	45	47	18	301
	N Esperado	200,3	56,8	29,1	14,8	301,0
	%	45,5%	37,8%	77,0%	58,1%	47,7%
	Residual	-9,3	-11,8	17,9	3,2	
Negros	N	229	74	14	13	330
	N Esperado	219,7	62,2	31,9	16,2	330,0
	%	54,5%	62,2%	23,0%	41,9%	52,3%
	Residual	9,3	11,8	-17,9	-3,2	
Total	N	420	119	61	31	631
	N Esperado	420,0	119,0	61,0	31,0	631,0
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
Sig.						0,000

Nota. Cálculos gerados e extraídos do SPSS. Tabela de dados construída pelo autor.

A **hipótese 02a é confirmada**, existe associação entre a categoria étnico-racial profissional e as IES formadoras. A formação das(os) psicólogas(os) brancas(os) está associada aos perfis de IES Pública Estadual, enquanto a formação das(os) negras(os) está associada às IES Públicas Federais e às Privadas/Particulares.

Há também relação de dependência entre o perfil da IES e a raça-etnia das profissionais quando se estratifica por Estado, somente em São Paulo ($p=0,029$) (Tabela 16).

TABELA 17

Perfil de IES por raça-etnia das(os) profissionais de São Paulo

		Perfil da IES				Total
		Privada/ Particular	Pública (Federal)	Pública (Estadual)	Confessional, etc.	
Branços	N	136	6	42	16	200
	N Esperado	145,8	6,5	33,3	14,4	200,0
	%	61,0%	60,0%	82,4%	72,7%	65,4%
	Residual	-9,8	-,5	8,7	1,6	
Negros	N	87	4	9	6	106
	N Esperado	77,2	3,5	17,7	7,6	106,0
	%	39,0%	40,0%	17,6%	27,3%	34,6%
	Residual	9,8	,5	-8,7	-1,6	
Total	N	223	10	51	22	306
	N Esperado	223,0	10,0	51,0	22,0	306,0
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
					Sig.	0,029

Nota. Cálculos gerados e extraídos do SPSS. Tabela de dados construída pelo autor.

Diferentemente das(os) profissionais formadas no Amazonas ($p=0,471$) e na Bahia ($p=0,743$), nota-se que as(os) profissionais brancas(os) em São Paulo são formadas(os) em IES Públicas Estaduais, em uma proporção maior do que as negras(os) (pretas e pardas). Enquanto do total de formadas(os) com esse perfil de IES, em São Paulo, apenas 17,6% (09) são negras(os), em contrapartida, 82,4% (42) são brancas(os).

Hipótese 2b. *Há associação entre o acesso ao tema na formação e o perfil da IES formadora.*

No âmbito da amostra total, ao associar **o acesso ao tema** (agrupado) com **o perfil das IES** (agrupado), referente à hipótese 2b, não houve associação significativa ($p=0,520$) entre variáveis.

Contudo, quando seccionou-se por Estado, houve associação ($p=0,022$) entre as IES da Bahia. Como apresenta a Tabela 17, 69,7% (105) das(os) que tiveram acesso ao tema das relações étnico-raciais são profissionais advindas(os) de IES pagas, 08 acima do que se esperava na contagem. Enquanto isso, 48,7% (37) das(os) egressas(os) de IES Públicas não tiveram acesso ao tema, o que equivale a também 08 participantes acima do esperado.

TABELA 18

Perfil da IES por acesso ao tema na Bahia

		IES Pagas ou Públicas		Total	
		Pagas	Públicas		
Acesso ao tema	Tive	N	105	39	144
		Esperado	97,0	47,0	144,0
		%	66,9%	51,3%	61,8%
		Residual	8,0	-8,0	
	Não tive	N	52	37	89
		Esperado	60,0	29,0	89,0
		%	33,1%	48,7%	38,2%
		Residual	-8,0	8,0	
Total	N	157	76	233	
	Esperado	157,0	76,0	233,0	
	%	100,0%	100,0%	100,0%	
			Sig	0,022	

Nota. Cálculos gerados e extraídos do SPSS. Tabela de dados construída pelo autor.

Hipótese 03. *Há associação entre a participação em grupos acadêmicos no tema e a categoria étnico-racial profissional.*

Hipótese não confirmada (Ver Apêndice A).

Hipótese 4a. *Há associação entre o interesse no tema e a categoria étnico-racial profissional.*

Como apresenta a Tabela 18, referente à *hipótese 4a*, sobre a associação entre o **interesse no tema** (original) e a **categoria étnico-racial profissional** (agrupado), nota-se a dependência ($p=0,020$). Entre as(os) respondentes que não têm interesse no tema, 63% (34) são brancas(os), 08 indivíduos acima da contagem esperada; enquanto que 37% (20) são negras(os).

Entre aquelas(es) cujo interesse surgiu durante a formação, 54,7% (52) são brancas(os), em torno de 07 participantes além do que se esperava; e 45,3% (43) são negras(os). Para 64,1% (61) das(os) profissionais negras(os) o interesse surgiu no mesmo período da formação, mas em paralelo a este, vindo a ser promovido fora da faculdade/universidade, o que equivale a 11 respondentes acima do esperado. O mesmo vale para 35,8% (34) das brancas(os). Aquela(e)s cujo interesse surge antes da formação,

correspondem a 55,9% (95) de participantes negras(os), aproximadamente 06 indivíduos acima do esperado; e 44,1% (75) de brancas(os).

TABELA 19

Interesses no tema das relações étnico-raciais pelas raças-etnias das(os) profissionais

			Brancos	Negros	
Interesse no tema	NÃO TENHO	N	34	20	54
		N Esperado	25,8	28,2	54,0
		%	63,0%	37,0%	100,0%
		Residual	8,2	-8,2	
	GOSTARIA DE TER	N	50	51	101
		N Esperado	48,2	52,8	101,0
		%	49,5%	50,5%	100,0%
		Residual	1,8	-1,8	
	ANTES da formação	N	75	95	170
		N Esperado	81,2	88,8	170,0
		%	44,1%	55,9%	100,0%
		Residual	-6,2	6,2	
	DURANTE a formação	N	52	43	95
		N Esperado	45,4	49,6	95,0
		%	54,7%	45,3%	100,0%
		Residual	6,6	-6,6	
	DEPOIS da formação	N	61	65	126
		N Esperado	60,1	65,9	126,0
		%	48,4%	51,6%	100,0%
		Residual	,9	-,9	
	PARALELAMENTE à formação	N	34	61	95
		N Esperado	45,4	49,6	95,0
		%	35,8%	64,2%	100,0%
		Residual	-11,4	11,4	
Total		N	306	335	641
		N Esperado	306,0	335,0	641,0
		%	47,7%	52,3%	100,0%
				Sig.	0,020

Nota. Cálculos gerados e extraídos do SPSS. Tabela de dados construída pelo autor.

Hipótese 4b. *Há associação entre o acesso ao tema e o interesse no tema.*

Na associação referente à *hipótese 4b*, entre o **acesso ao tema na formação** (agrupado) e o **interesse no tema** (original), se verifica a significância forte ($p < 0,001$). Entre as(os) profissionais cujo interesse no tema surgiu depois da formação, 74,4% (96) não tiveram acesso a disciplinas ou atividades curriculares na sua formação, em torno de 40 participantes acima da contagem esperada. Ou seja, o interesse no tema surgiu quando já estavam diante da demanda no exercício da profissão. Em contraposição, nota-se que, entre aquelas(es) cujo interesse surgiu durante a formação, 73% (73) tiveram acesso ao tema, o que soma 16 acima do esperado (Tabela 19).

TABELA 20

Interesse no tema das relações étnico-raciais por acesso ao tema

		Interesse no tema					Total
		NÃO TENHO	GOSTARIA DE TER	ANTES da formação	DURANTE a formação	DEPOIS da formação	
Acesso ao tema	Tive						
	N	33	67	113	73	33	374
	N Esperado	30,7	59,8	98,5	56,9	73,4	374,0
	%	61,1%	63,8%	65,3%	73,0%	25,6%	56,9%
	Residual	2,3	7,2	14,5	16,1	-40,4	,4
	Não tive						
	N	21	38	60	27	96	283
	N Esperado	23,3	45,2	74,5	43,1	55,6	283,0
	%	38,9%	36,2%	34,7%	27,0%	74,4%	43,1%
	Residual	-2,3	-7,2	-14,5	-16,1	40,4	-,4
Total	N	54	105	173	100	129	657
	N Esperado	54,0	105,0	173,0	100,0	129,0	657,0
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
Sig.							0,000

Nota. Cálculos gerados e extraídos do SPSS. Tabela de dados construída pelo autor.

Esses dados sugerem que a falta de acesso ao tema das relações étnico-raciais está associada ao surgimento do interesse no tema depois da formação. Inversamente, o acesso ao tema está associado ao surgimento do interesse durante e antes da formação. Houve também associação entre ter acesso ao tema e o desejo das(aos) respondentes de ter mais interesse.

Hipótese 4c. *Há associação entre o interesse no tema e o referencial teórico.*

Existe associação forte ($p < 0,001$) entre o **interesse no tema das relações étnico-raciais** (agrupado) e o **referencial teórico** (agrupado). Das(os) que afirmam o interesse pelo

tema, (surgido antes, durante, depois ou em paralelo à formação), 69,3% (314) adotam a matriz de pensamento romântica ou pós-romântica, em torno de 20 participantes acima do esperado. Enquanto que 19% (86) utilizam como referência abordagens da matriz cientificista; e 11,7% (53), de ambas as matrizes. Entre as(os) que afirmam não ter interesse ou que gostariam de ter mais, 36,2% (50) utiliza referenciais cientificistas, cerca de 18 acima do previsto (Tabela 20).

TABELA 21

Matrizes do pensamento psicológico por interesse no tema das relações étnico-raciais

		MATRIZES DE PENSAMENTO NA PSICOLOGIA			Total
		Cientificista	Romântica ou pós- romântica	Ambas	
Sem proximidade ou interesse	N	50	70	18	138
	N Esperado	31,8	89,7	16,6	138,0
	%	36,2%	50,7%	13,0%	100,0%
	Residual	18,2	-19,7	1,4	
Com proximidade ou interesse	N	86	314	53	453
	N Esperado	104,2	294,3	54,4	453,0
	%	19,0%	69,3%	11,7%	100,0%
	Residual	-18,2	19,7	-1,4	
Total	N	136	384	71	591
	N Esperado	136,0	384,0	71,0	591,0
	%	23,0%	65,0%	12,0%	100,0%
				Sig.	0,000

Nota. Cálculos gerados e extraídos do SPSS. Tabela de dados construída pelo autor.

Verifica-se que o interesse no tema está associado às(aos) adeptas(os) da matriz romântica ou pós-romântica, enquanto a ausência de interesse, às(aos) da matriz cientificista.

Hipótese 4d. *Há associação entre o interesse no tema e a religiosidade/espiritualidade.*

Referente à *hipótese 4d*, foi testada a associação ($p=0,008$) entre o **interesse no tema** (agrupada) e a **religiosidade/espiritualidade** (agrupada). A matriz judaico-cristã é aquela cujas(os) adeptas(os) vinculam-se a não ter interesse ou proximidade no tema, comparada às de outras cosmovisões. Como apresenta a Tabela 21, são 62,1% (95), em torno de 18 pessoas acima da contagem esperada.

TABELA 22

Matrizes religiosas/espirituais por interesse no tema das relações étnico-raciais

		MATRIZES RELIGIOSAS					Total
		Sem religião	Matriz Judaico- cristã	Matriz Africana	Matriz Oriental	Sem Matriz Religiosa	
Sem proximidade ou interesse	N	12	95	4	4	38	153
	N Esperado	15,0	76,6	8,5	3,1	49,8	153,0
	%	7,8%	62,1%	2,6%	2,6%	24,8%	100,0 %
	Residual	-3,0	18,4	-4,5	,9	-11,8	
Com proximidade ou interesse	N	50	222	31	9	168	480
	N Esperado	47,0	240,4	26,5	9,9	156,2	480,0
	%	10,4%	46,2%	6,5%	1,9%	35,0%	100,0 %
	Residual	3,0	-18,4	4,5	-,9	11,8	
Total	N	62	317	35	13	206	633
	N Esperado	62,0	317,0	35,0	13,0	206,0	633,0
	%	9,8%	50,1%	5,5%	2,1%	32,5%	100,0 %
						Sig.	0,008

Nota. Cálculos gerados e extraídos do SPSS. Tabela de dados construída pelo autor.

Na Tabela 21, nota-se também que o interesse no tema está associado às(aos) profissionais sem matriz religiosa, 35% (168), o que totaliza em torno de 12 indivíduos acima do esperado.

Quando essa mesma associação é testada com as religiões/espiritualidades originais, a dependência ($p=0,013$) apresenta-se mais forte. Por insuficiência numérica, foram extraídos da análise, os adeptos do Candomblé, da Umbanda, do Budismo, do Islamismo, da *Seicho-no-ie*, da Tradicional Chinesa, do Judaísmo e as(os) gnósticas(os). Foram excluídos também as(os) que assinalaram a opção "Outros". Verificou-se que as(os) de religiões evangélicas apresentam associação com a falta de interesse no tema. Das(os) evangélicas(os), 41,3% (31) não têm interesse no tema, em torno de 13 indivíduos acima da contagem esperada.

O segundo segmento associado ao desinteresse no tema é o catolicismo, 28,7% (49), contando com aproximadamente 08 respondentes acima do esperado. Em contraposição, as(os) respondentes que expressam mais associação de interesse no tema são aquelas(es) que não se definem religiosamente, 83,5% (71) do segmento, por volta de 06 participantes acima

do esperado. Em seguida, estão as(os) que se definem como espiritualistas, com 82,5% (52) do grupo, 04 indivíduos acima da contagem esperada.

As(os) respondentes com interesse no tema são sem matriz religiosa específica, sem religião ou são adeptas(os) de matriz africana. Já as(os) respondentes sem interesse são de matriz judaico-cristã. Observou-se que, entre as religiões (sem o agrupamento por matrizes), o interesse está associado às/aos que não se definem religiosamente e aos espiritualistas; já o desinteresse, às(aos) evangélicas(os) e às(aos) católicas(os).

3.2.2 - Resultados das hipóteses sobre a Ocupação

Conforme demonstra as provas da *hipótese 05*, as(os) profissionais mais recém-chegadas(os) na profissão se limitam a menor número de atuações. As(os) psicólogas(os) brancas(os) estão associadas(os) a maior tempo de atuação na psicologia do que as(os) negras(os), o que remete ao tempo de influência da política de ações afirmativas e financiamentos estudantis.

A análise da *hipótese 06* demonstra que as atuações do Eixo Saúde e do Eixo Educação são associadas as(aos) brancas(os) e às atuações do Eixo Social, às(aos) negras(os).

As provas da *hipótese 07* mostram que as(os) psicólogas(os) brancas(os) estão associadas(os) aos serviços pagos, em especial, ao serviço autônomo e ao privado. Já as(os) negras(os), aos serviços públicos, com destaque para o público municipal e ONGs. Mostram também que os serviços pagos são associados às(aos) profissionais brancas(os) e ao atendimento de pessoas brancas e orientais. Já os serviços psicológicos públicos, são direcionados às(aos) psicólogas(os) negras(os) e ao atendimento de pessoas negras e indígenas.

As provas das *hipóteses 08* apontam que as(os) profissionais negras(os) estão mais vigilantes quando envolvidas(os) em situações de discriminação étnico-racial. Os níveis de consciência sobre tais situações das(os) negras são significativamente maiores do que os das(os) brancas(os). Há também o intrigante dado de que as(os) profissionais que não tiveram acesso ao tema na formação manifestaram estar mais envolvidas(os) do que as(os) que tiveram acesso ao tema.

As provas da *hipótese 09* afirmam a associação da difusão da pauta no tema das relações étnico-raciais no trabalho com as(os) psicólogas(os) do Estado da Bahia. A pauta está

também associada às áreas de atuações dos Eixos de Educação e de Sociedade, enquanto que dissociada das áreas da Saúde.

Relativamente à *hipótese 10*, demonstra-se haver associação do uso da técnica de habilidade pessoal com a área da Clínica; do uso de técnicas grupais com a área Social; das técnicas agrupadas como materiais didáticos com a área de Docência de Nível Superior; das ações agrupadas em participação institucional com a área de Gestão Institucional de Órgãos Governamentais e Não Governamentais.

Hipótese 5a. *Há associação entre o número de atuações e tempo de atuação.*

Hipótese não dialoga com as relações étnico-raciais (Ver Apêndice B).

Hipótese 5b. *Há associação entre a categoria étnico-racial profissional e o tempo de atuação.*

Em relação à *hipótese 5b*, há também associação entre as **categorias étnico-raciais das profissionais** (agrupadas) e o seu **tempo de atuação** (agrupado) na psicologia. Houve significância ($p=0,001$), pois as(os) profissionais brancas(os) estão associadas(os) a tempo de atuação maior, de 10 anos em diante (Figura 15). São 53,3% (57) que atuam entre 10 e 14 anos, em torno de 06 acima do esperado; e 62,2% (74) entre 15 a 25 anos ou mais, por volta de 17 indivíduos acima do esperado. As(os) negras(os) estão associadas ao tempo de atuação menor, de até 09 anos, 58,5% (131) estão na faixa de 00 a 04 anos, 14 pessoas além do que se esperava; e 57,1% (109), na faixa de 05 a 09 anos, que soma 09 acima do esperado.

Seguindo o mesmo perfil de associação, quando se secciona por Estado, o Amazonas ($p=0,216$) e São Paulo ($p=0,067$) não apresentam associação de dependência entre tempo de atuação e a categoria étnico-racial das(os) profissionais.

Figura 15. Tempo de atuação na Psicologia por raça-etnia das(os) profissionais. Imagem de gráfico gerada pelo SPSS.

Figura 16. Tempo de atuação na Psicologia por raça-etnia das(os) profissionais da Bahia. Imagem de gráfico gerada pelo SPSS.

No entanto, há significância no Estado da Bahia ($p=0,032$), como ilustra a Figura 16. As(os) brancas(os) compõem 45,2% (19) das(os) que atuam na faixa de 10 a 14 anos, o que

conta 07 participantes acima do esperado; e 35,5% (11) das que atuam há 15 anos ou mais, 02 pessoas acima do esperado. As(os) negras(os) são 75% (72) das(os) que atuam até 04 anos na profissão, 03 acima do número esperado; assim como 78% (64) das que já atuam desde há 05 até 09 anos, 05 profissionais acima do esperado.

Hipótese 06. *Há associação entre as áreas de atuação e a categoria étnico-racial profissional.*

Nota-se associação forte ($p < 0,001$) entre a **área de atuação escolhida para detalhamento** (agrupada) e a **categoria étnico-racial profissional** (agrupada). Do total de brancas(os), 51,8% (142) estão atuantes no Eixo Saúde, o que totaliza 12 indivíduos acima do esperado; bem como 27,4% (75) compõe o Eixo Educação, em torno de 08 pessoas acima do esperado. Das(os) profissionais negras(os), 34,7% (105) estão no Eixo Sociedade, o que equivale a 20 participantes acima do esperado (Figura 17).

Figura 17. Eixos de atuação por raça-etnia das(os) profissionais. Imagem de gráfico gerada pelo SPSS.

Hipótese 7a. *Há associação entre o perfil do serviço e a categoria étnico-racial profissional.*

Como apresenta a Tabela 22, há associação de dependência ($p < 0,001$) entre o **perfil do serviço** (agrupado) e a **categoria étnico-racial profissional** (agrupada). Das(os) profissionais brancas(os), 63% (184) atuam em serviços pagos, o que representa 25 participantes acima da contagem esperada, enquanto que, das(os) negras(os), 53,6% (171) estão nos serviços públicos, também 25 pessoas acima do esperado.

TABELA 23

Perfil do serviço psicológico por Raça-etnia das(os) profissionais

		CATEGORIAS ÉTNICO-RACIAIS			Total
		Brancos	Negros		
PERFIL DO SERVIÇO	Pagos	N	184	148	332
		N Esperado	158,7	173,3	332,0
		%	63,0%	46,4%	54,3%
		Residual	25,3	-25,3	
	Públicos	N	108	171	279
		N Esperado	133,3	145,7	279,0
		%	37,0%	53,6%	45,7%
		Residual	-25,3	25,3	
	Total	N	292	319	611
		N Esperado	292,0	319,0	611,0
%		100,0%	100,0%	100,0%	
		Sig.	0,000		

Nota. Cálculos gerados e extraídos do SPSS. Tabela de dados construída pelo autor.

Ao investigar a associação entre a raça-etnia das(os) profissionais com o perfil do serviço não agrupado (Autônomo, Privado, Público Municipal, Público Estadual, Público Federal, ONG e Autarquia), nota-se que as(os) brancas(os) estão associadas(os) principalmente ao serviço autônomo e ao privado. Dentre essas(esses), 38,2% (117) estão nos serviços autônomos, 16 acima do esperado; e 21,9% (67), nos privados, o que perfaz 10 indivíduos acima do esperado. As(os) profissionais negras(os) estão associadas(os) ao serviço público municipal e a ONGs. Dentre essas(esses), 24,5% (82) estão nos públicos municipais, 19 acima do esperado; e 6,9% (23), em ONGs, com 08 indivíduos acima do esperado.

Hipótese 7b. Os serviços pagos de psicologia atendem mais pessoas orientais do que em serviços públicos.

Hipótese não confirmada (Ver Apêndice C).

Hipótese 7c. Os serviços públicos de psicologia atendem mais pessoas negras do que em serviços pagos.

TABELA 24

Comparação de médias de atendimento de pessoas negras nos serviços pagos e públicos

	PERFIL DO SERVIÇO	N	Média	Desvio padrão	Erro padrão da média
PESSOAS NEGRAS	Pagos	340	2,9588	1,07454	,05828
	Públicos	287	3,8955	1,08529	,06406
				Sig.	0,000

Nota. Cálculos gerados e extraídos do SPSS. Tabela de dados construída pelo autor.

A hipótese 7c foi testada e confirmada ($p < 0,001$). As pessoas negras são mais atendidas em serviços públicos do que em pagos (Tabela 23). O mesmo perfil confirma a hipótese também na Bahia ($p < 0,001$) e em São Paulo ($p < 0,001$), quando estratificado por Estado.

Hipótese 7d. Os serviços públicos de psicologia atendem mais pessoas indígenas do que em serviços pagos.

TABELA 25

Comparação de médias de atendimento de pessoas indígenas nos serviços pagos e públicos

	PERFIL DO SERVIÇO	N	Média	Desvio padrão	Erro padrão da média
PESSOAS INDÍGENAS	Pagos	340	1,3824	,67900	,03682
	Públicos	287	1,8502	,89003	,05254
				Sig.	0,000

Nota. Cálculos gerados e extraídos do SPSS. Tabela de dados construída pelo autor.

A hipótese 7d foi também confirmada. Os indígenas são mais atendidos em serviços públicos do que em pagos (Tabela 24). Nos Estados, verifica-se a confirmação da hipótese também na Bahia ($p<0,001$) e em São Paulo ($p<0,001$).

Hipótese 7e. *Os serviços pagos de psicologia atendem mais pessoas brancas do que em serviços públicos.*

TABELA 26

Comparação de médias de atendimento de pessoas brancas nos serviços pagos e públicos

	PERFIL DO SERVIÇO	N	Média	Desvio padrão	Erro padrão da média
PESSOAS BRANCAS	Pagos	340	4,0000	,94697	,05136
	Públicos	287	3,4739	1,00966	,05960
				Sig.	0,000

Nota. Cálculos gerados e extraídos do SPSS. Tabela de dados construída pelo autor.

Como demonstra a Tabela 25, a hipótese 7e apresenta diferença significativa no atendimento de pessoas brancas ($p<0,001$). Elas são mais atendidas nos serviços pagos do que nos públicos. Tal comparação possui significância em todos os Estados, no Amazonas ($p=0,001$), na Bahia ($p<0,001$) e em São Paulo ($p=0,028$).

Hipótese 8a. *As(os) profissionais negras(os) afirmam ter tido mais envolvimento e testemunhos em situações de racismo do que as(os) brancas, em todas as situações.*

Como demonstra a Figura 18, as(os) profissionais negras(os) ($M=2,61$) demonstram ter significativamente ($p=0,001$) maior **envolvimento direto em situações de racismo** no seu ambiente de trabalho do que as(os) brancas(os) ($M=2,29$). O mesmo ocorre nas **situações de racismo que envolvem outras pessoas, testemunhadas por elas/eles**. Verifica-se que as(os) profissionais negras(os) testemunharam ($M=2,72$) significativamente ($p=0,001$) mais situações de racismo que as(os) brancas(os) ($M=2,41$). No caso de **situações de racismo relatadas por terceiros**, observa-se que as(os) negras ($M=3,39$) ouviram significativamente ($p=0,001$) mais relatos que as(os) brancas(os) ($M=3,10$). Por fim, as(os) profissionais negras(os) ($M=3,01$) demonstram estar significativamente ($p<0,001$) mais atentas(os) a

observações de racismo sobre a estrutura organizacional ou institucional do que as(os) brancas(os) (M=2,63).

Figura 18. Comparações das médias das situações de racismo pela raça-etnia das(os) profissionais. Imagem de gráfico gerada pelo SPSS.

Hipótese 8b. As(os) profissionais que tiveram acesso ao tema na formação afirmam ter tido mais envolvimento ou testemunhos nas situações de racismo do que as(os) profissionais que não tiveram acesso ao tema, em todas as situações.

Hipótese não confirmada (Ver Apêndice D).

Hipótese 8c. As(os) profissionais brancas(os) que tiveram acesso ao tema na formação afirmam ter mais envolvimento ou o testemunho em situações de racismo do que as(os) profissionais brancas(os) que não tiveram acesso ao tema, em todas as situações.

Hipótese não confirmada (Ver Apêndice D).

Hipótese 8d. As(os) profissionais negras(os) que tiveram acesso ao tema na formação afirmam ter o mesmo grau de envolvimento ou de testemunho em situações de racismo que as(os) profissionais negras(os) que não tiveram acesso ao tema, em todas as situações.

Hipótese não confirmada (Ver Apêndice D).

Hipótese 9a. Há associação entre a pauta no tema e o Estado de residência.

Figura 19. Pauta do tema das relações étnico-raciais no trabalho por Estado. Imagem de gráfico gerada pelo SPSS.

No que se refere à *hipótese 9a*, houve associação forte ($p=0,009$) entre **a pauta no tema** e o **Estado de residência**. Como apresenta a Figura 19, as(os) profissionais da Bahia são as(os) únicas(os) que estão associadas(os) à discutirem o tema no trabalho, 55,6% (143), o que soma em torno de 15 participantes acima do esperado.

Hipótese 9b. Há associação entre a pauta do tema no trabalho e as áreas de atuação.

No que se refere à *hipótese 9b*, houve associação significativa ($p=0,002$) entre **a pauta do tema** e a **área de atuação** (agrupado) das(os) profissionais. Conforme ilustra a Figura 20, no Eixo Saúde, o tema não é pautado na atuação de 58% (163) dos(as) profissionais, o que equivale a 20 participantes acima do que se esperava. Por outro lado, no Eixo Sociedade, o tema é pautado na atuação de 51,2% (86) das respondentes, em torno de 04 pessoas acima do esperado; nas atuações relativas ao Eixo Educação, 60,1% (86) das pessoas já discutiram o tema como pauta no trabalho, o que perfaz em torno de 16 indivíduos acima do esperado.

Figura 20. Pauta do tema das relações étnico-raciais no trabalho por Eixo de atuação. Imagem de gráfico gerada pelo SPSS.

Como comprovado na *hipótese 9b*, as(os) profissionais que atuam no Eixo Educação demonstram pautar o tema no trabalho. Ao realizar a mesma associação entre as áreas de atuação da Educação, notou-se relevância estatística ($p=0,017$). Das(os) profissionais da área específica de Docência em Nível Superior, 76% (38) afirmam ter discutido e pautado o tema, o que conta 08 participantes acima do esperado. Na área Educacional, 51% (25) nunca discutiram o tema no trabalho, o que representa 06 pessoas acima do esperado. Neste teste de associação, por insuficiência numérica, houve subtração das(os) profissionais da área de Docência de nível médio (Figura 21).

Como comprovado na *hipótese 9b*, as(os) profissionais que atuam no Eixo Saúde demonstram não pautar o tema no trabalho. Procedeu-se o mesmo teste de associação

relativamente aos casos das atuações do Eixo Saúde e não houve significância estatística ($p=0,108$) entre as suas áreas de atuação sem agrupamento. Ou seja, no Eixo Saúde, de um modo geral, não se costuma discutir o tema das relações étnico-raciais em nenhuma área.

Também não há associação ($p=0,087$) entre as áreas do Eixo Sociedade.

Figura 21. Pauta do tema das relações étnico-raciais no trabalho por área de atuação do Eixo Educação. Imagem de gráfico gerada pelo SPSS.

Hipótese 10a. Há associação entre a técnica de habilidade pessoal elaborada no tema e as áreas de atuação.

Figura 22. Uso da habilidade pessoal por eixo de atuação. Imagem de gráfico gerada pelo SPSS.

A associação entre a **técnica de habilidade pessoal** (Escuta Atenta e Sensível) e as **áreas de atuação** (agrupadas), atinente à *hipótese 10a*, apresenta significância estatística ($p<0,001$) (Figura 22). Das(os) atuantes no Eixo Saúde, 71,2% (200) afirmam possuir aquela técnica, 51 indivíduos acima da contagem esperada. Com números abaixo do que se esperava, estão as(os) profissionais do Eixo Sociedade e as do Eixo Educação. As(os) primeiras(os) correspondem a 39,3% (66), o que contabiliza 23 abaixo do esperado; e as(os) últimas(os) representam 32,9% (47), 29 abaixo do que se esperava.

No Eixo Saúde, das(os) profissionais que possuem a habilidade pessoal da Escuta Atenta, 88,9% (177) estão na área da Clínica, o que soma em torno de 09 indivíduos além do esperado. Diferentemente das(os) profissionais das áreas Hospitalar e de Neuropsicologia, que estão representadas em proporção abaixo da esperada.

Hipótese 10b. *Há associação entre as técnicas elaboradas no tema como instrumentos e as áreas de atuação.*

Hipótese não confirmada (Ver Apêndice E).

Hipótese 10c. *Há associação entre as técnicas elaboradas no tema como procedimentos e as áreas de atuação.*

Hipótese não confirmada (Ver Apêndice E).

Hipótese 10d. *Há associação entre as técnicas grupais no tema e as áreas de atuação.*

No que se refere à *hipótese 10d*, é forte ($p=0,001$) a *associação entre as técnicas que são grupais* (Grupo Terapêutico, Grupo Operativo ou Grupo de Mobilização social, Oficina, Dramatização, Jogo Lúdico ou Dinâmica de Grupo e Círculo Restaurativo) e as **áreas de atuação** (agrupadas), por eixos (Figura 23).

Nota-se que 33,9% (57) das(os) respondentes utilizam tais técnicas estão no Eixo Sociedade, o que perfaz 17 indivíduos acima do esperado. Diferentemente das(os) profissionais dos Eixos de Saúde e Educação, que afirmam não ter ou usar tais tipos de técnica. No Eixo Saúde, as(os) profissionais são em torno de 14 abaixo do esperado; e, no da Educação, são 03 abaixo do esperado.

Realizou-se teste de associação das técnicas grupais com as áreas de atuação do Eixo Sociedade. Nota-se a associação ($p<0,001$) entre as áreas atinentes ao Eixo Sociedade com a

área da Psicologia Social vinculada ao uso de tais técnicas, somando-se 17 participantes acima do esperado; enquanto, ao contrário, as técnicas grupais não estão associadas às áreas da Psicologia do Trabalho, com 12 profissionais abaixo do esperado, e da Psicologia Jurídica, com 05 pessoas abaixo do esperado.

Figura 23. Uso de técnicas grupais por eixo de atuação. Imagem de gráfico gerada pelo SPSS.

Hipótese 10e. *Há associação entre as técnicas elaboradas no tema como materiais didáticos e as áreas de atuação.*

Nota-se a associação ($p < 0,001$) entre grupos de técnicas que são **materiais didáticos** (Palestra ou Comunicação Oral, Curso Formativo ou de Capacitação, Produção e Publicação de Textos) com **as áreas de atuação** (agrupadas) por eixos (Figura 24). Das(os) profissionais que adotam tais técnicas, 34,2% (63) estão no Eixo Educação, o que equivale a 19 indivíduos acima do esperado; 36,4% (67) estão no Eixo Sociedade, com um número de 15 pessoas como residual positivo. Entre as(os) profissionais do Eixo Saúde, há 33 abaixo da contagem esperada.

Figura 24. Uso de materiais didáticos por eixo de atuação. Imagem de gráfico gerada pelo SPSS.

Foi realizado teste de associação das técnicas agrupadas em materiais didáticos com as áreas de atuação dos Eixos que apresentaram relevância estatística. Não houve significância estatística nas áreas do Eixo Sociedade ($p=0,186$). Porém, houve nas áreas do Eixo Educação ($p=0,001$). Enquanto o uso de materiais didáticos relativos ao tema das relações étnico-raciais está associado à área de Docência de Nível Superior, com 10 participantes além do esperado; não está associado às áreas Educacional e de Pesquisa, contando-se, respectivamente, 03 e 07 indivíduos abaixo do esperado.

Hipótese 10f. Há associação entre as ações no tema elaboradas em participação institucional e as áreas de atuação.

O grupo de ações relativas à **participação institucional** (Gestão e/ou Fiscalização de Serviços ou Políticas específicas no tema) está associado ($p=0,033$) às **áreas de atuação** (agrupadas) por eixos (Figura 25). Das(os) profissionais que adotam tais ações elaboradas no tema das relações étnico-raciais, 50% (11) estão no Eixo Sociedade, o que perfaz 05 participantes acima do esperado. O oposto do que ocorre nas áreas do Eixo Saúde, com 05 abaixo.

Figura 25. Participação institucional por eixo de atuação. Imagem de gráfico gerada pelo SPSS.

Aplicou-se teste de associação das participações institucionais com as áreas de atuação do Eixo Sociedade, onde foi notada associação ($p < 0,001$). A área de Gestão Institucional de Órgãos Governamentais ou Não-Governamentais, bem como a área de Psicologia do Trabalho estão associadas ao uso de ações agrupadas como relativas à participação institucional, que viria a ser gestão ou fiscalização no tema das relações étnico-raciais de órgãos governamentais ou não governamentais. A primeira área apresenta em torno de 03 indivíduos acima da contagem esperada com o uso de tais ações. A segunda, 02 acima do esperado. Do outro lado, está a área da Psicologia Social, contando 05 abaixo do esperado.

Hipótese 10g. *Há associação entre as técnicas elaboradas no tema como recursos audiovisuais/interativos e as áreas de atuação.*

Hipótese não confirmada (Ver Apêndice E).

3.2.3 - Resultados das hipóteses sobre as Crenças

Conforme demonstra a *hipótese 11*, as(os) psicólogas(os) apresentam crenças sobre atuação e identidade profissional associadas a termos descritos pelas adeptas(os) das religiões de matriz judaico/cristão.

Relativamente a *hipótese 12*, as crenças sobre Pessoas Brancas são mais associadas a crenças sobre Humanos, comparada às crenças das outras categorias étnico-raciais. As crenças sobre pessoas orientais estão associadas a atributos do potencial humano que, no entanto, surgem desumanizados na medida em que são vinculados a uma ação instrumental e à mecanização da racionalidade; além disso, ligam-se, também, ao exotismo cultural. As crenças acerca de pessoas indígenas também apegam-se ao exotismo cultural, mas ligado ao ufanismo nacionalista e histórico. A desumanização passa pela ideia de indissociação à natureza, o que se opõe à lógica moderna civilizatória que faz a dicotomia entre humano e natureza. Já as crenças sobre as pessoas negras estão relacionadas a ideias de privação de direitos e necessidade de reconhecimento da dignidade humana, enquanto que as crenças vinculadas a pessoas Brancas estão associadas à afirmação dos mesmos direitos e dignidade, incluindo até noções de privilégio em detrimento dos outros grupos.

Hipótese 11. *As crenças sobre a Atuação e a Identidade da(o) Psicóloga(o) estão mais associadas aos termos descritos pelas(os) profissionais adeptas(os) das religiões de matriz judaico-cristã.*

Na descrição do primeiro *Subcorpus*, sobre **Atuação e Identidade Profissional**, constam 657 textos, com 1.317 segmentos de texto, 7.314 ocorrências e 1.860 formas. Na descrição do segundo, há também 657 textos sobre Categorias de Humano e Étnico-raciais, com também 1.317 segmentos, com 6.953 ocorrências e 1.825 formas.

O *Subcorpus* foi submetido à Classificação Hierárquica Descendente, pelo Método Reinert. Como resultado da análise de 1.317 segmentos de texto, foram classificados 80,79% (1.064), em 03 classes.

Organizou-se o material classificado a partir de dois eixos. O primeiro constituído pela Classe 01 e Classe 02 e outro pela Classe 03. A Classe 01 contém 50,28% (535) dos conjuntos de evocações, que são tratados como Segmentos de Texto (ST). A Classe 02 é composta por 18,7% (199) conjuntos de evocações e a Classe 03, por 31,02% (330).

O ordenamento das palavras nas classes é baseado no *qui-quadrado* (χ^2), produto da associação entre a recorrência efetiva do termo e a relação com outras formas ativas, segmentos de texto e variável, dentro do subgrupo. Em função do grande volume de evocações para os termos, o nível de significância adotado é $p \leq 0,01$, o χ^2 equivale a 6,63, com 01 grau de liberdade. O mesmo nível de significância foi aplicado para associar as classes de termos com as características profissionais apontadas na linha de comando.

Figura 26. Dendrograma de classes e formas encontradas ao final do CHD do Subcorpus acerca das crenças sobre Atuação e Identidade Profissional. Imagem de dendrograma gerada pelo IRAMUTEQ.

Como se nota a partir do dendrograma da Figura 26, há três classes resultantes da CHD. A Classe 01 surge mais próxima da Classe 02, comparada à Classe 03. Pode-se afirmar que a proximidade léxico-temática das Classes 01 e 02 as atribuem à Atuação Profissional, pois retratam o compromisso social e ético das(os) profissionais (Classe 01) e os objetos de estudo e trabalho na Psicologia (Classe 02). Já a Classe 03 pode ser aplicada às ideias sobre a Identidade Profissional, uma vez que é expressa a realidade concreta da prática cotidiana ao lidar com os antagonismos profissionais, humanos e sociais.

Como se nota a partir do dendrograma da Figura 26, há três classes resultantes da CHD. A Classe 01 surge mais próxima da Classe 02, comparada à Classe 03. Pode-se afirmar que a proximidade léxico-temática das Classes 01 e 02 as atribuem à Atuação Profissional, pois retratam o compromisso social e ético das(os) profissionais (Classe 01) e os objetos de estudo e trabalho na Psicologia (Classe 02). Já a Classe 03 pode ser aplicada às ideias sobre a Identidade Profissional, uma vez que é expressa a realidade concreta da prática cotidiana ao lidar com os antagonismos profissionais, humanos e sociais.

A ordem de significância das palavras demonstra que a Classe 01 é relativa ao compromisso social e ético das(os) profissionais. Os termos destacam o compromisso com os valores **Éticos** generalistas (**Empatia, Respeito, Compromisso, Amor, Responsabilidade, Cuidado, Acolhimento, Dedicação e Confiança**). Bem como a valores mais específicos da **Profissão** (**Sigilo, Atenção, Escutar, Técnica, Estudo, Competência e Atuação**). É também evidenciado que tal classe de ideias está associada a **Religião_2* ($\chi^2 = 13,62$), o que quer dizer, a profissionais adeptas(os) da matriz religiosa judaico-cristã.

A Classe 02, a mais próxima lexicalmente da Classe 01, está relacionada aos **objetos de estudo e trabalho da psicologia** (**Mudança, Sofrimento, Vida, Subjetividade, Comportamento, Desenvolvimento, Consciência, Emocional, Mente e Cultura**). Além das formas de segmentos estarem relacionadas ao objeto, os termos circundam a promoção e qualidade de vida (**Saúde Mental, Apoio, Bem estar, Suporte, Alívio, Auto[estima] e Qualidade [de vida]**).

A Classe 03, pertencente a um eixo distinto do das Classes 01 e 02, resulta de noções que poderiam ser definidas como os desafios da profissão. Os termos estão ligados a ser uma profissão em **Construção** (**Difícil, Frágil, Construir e Indefinido**), e que é de extrema **Importância** social (**Necessidade, Essencial, Fundamental, Múltiplo, Amplo, Único e Multifacetado**); porém, mal compreendida frente ao senso comum (**Confuso, Desvalor, Complexo, Desconhecido, Mal e Elite**).

Hipótese 12. *As crenças sobre Pessoas Brancas são mais associadas às crenças sobre Humanos, comparadas as das outras categorias étnico-raciais populares.*

Como referido, os dados de evocações livres foram submetidos ao *software* IRAMUTEQ, conforme dois (02) procedimentos de análise lexical. Em relação à presente hipótese, foram utilizados o método Reinert, com base no CHD e o de Análise de Especificidades. O segundo *Subcorpus* trata das crenças acerca do Humano, de Pessoas Orientais, Pessoas Negras, Pessoas Indígenas e Pessoas Brancas.

Como resultado da CHD, na análise de 1.317 segmentos de texto, foram classificados 86,33% (1137), em 07 classes. As Classes 01, 04, 06 e 07 pertencem a um mesmo eixo de classificação. As Classes 02, 03 e 05 a outro.

Assim como na análise do *Subcorpus* anterior, o ordenamento das palavras nas classes é baseado no *qui-quadrado* (χ^2). O nível de significância adotado é $p \leq 0,01$, o X^2 equivaleria a 6,63, com 01 grau de liberdade.

Como se vê no dendrograma da Figura 27, como resultado do CHD, surgiram dois grandes eixos léxico-temáticos. O primeiro composto pelas classes 01, 04, 06 e 07, que reúne elementos atribuídos à categoria "Humano" (notada pelas associações com **humano*). São abordados desde valores abstratos e conceitos sobre o humano até suas manifestações concretas e de potencialidade. No contexto, as imagens estão caracterizadas em discursos sobre valores humanos abstratos (Classe 01); conceitos ou construtos sobre o humano, desenvolvidos na psicologia ou nas ciências humanas (Classe 04); ideias concretas de humano próximas às suas manifestações identitárias ou epistemológicas (Classe 06); e noções sobre as potencialidades humanas (Classe 07).

O segundo eixo é constituído pelas classes 02, 03 e 05 e trata de elementos de "racialização" (pelas associações com **categ_ethnic*), pois elas estão relacionadas às categorias étnico-raciais e à sua evidente dissociação das ideias que foram atribuídas a humano. As crenças circundam as ideias racializadas, mas estão mais próximas das atribuídas aos valores do outro eixo, relativas à humanidade (Classe 05); aos enfrentamentos relativos ao sofrimento e exclusão oriundos do racismo (Classe 03); e aos aspectos da etnia e cultura ligados à valorização de costumes e tradições (Classe 02).

Figura 27. Dendrograma de classes e formas encontradas ao final do CHD do *Subcorpus* acerca das crenças sobre Humano e das crenças sobre as categorias étnico-raciais. Imagem de dendrograma gerada pelo IRAMUTEQ.

A Classe 01 é a predominante, sendo constituída por 222 conjuntos de evocações (19,53%), tratados como segmentos de texto (ST). Em função do grande volume de dados relativos a cada evocativo, apresentam-se, no dendrograma e no texto, somente os 20 termos mais sobre-representados. Relativamente à Classe 01, o dendrograma realça termos cuja organização lexical demonstra atribuições ao evocativo categórico "Humano" (**humano*, com $\chi^2 = 105,86$). Verifica-se que essa classe é orientada por sistemas de valores humanos abstratos, como juízo de valor positivo, que representa horizontes utópicos para a humanidade.

Na Classe 01 são manifestos valores éticos (**Amor, Respeito, Cuidado, Compaixão, Dignidade, Bondade/Maldade, Esperança, Ético, Paz, Honestidade e Altruísmo**) e emoções (**Empatia e Alegria**), que estão articulados a categorias abstratas ou até epistemológicas (**Essência, Individual e Vínculo**). Contudo, a Classe 01 também está relacionada a dimensões práticas da humanidade (**Vida, Saúde e Trabalho**).

A Classe 04, lexicalmente, mais próxima da Classe 01, como se nota no eixo do dendrograma, é constituída por 176 (15,48%) conjuntos de evocações (Segmentos de Texto). Pelo estabelecido, limite de 20 termos para a análise consecutiva, a Classe 04 é também associada a "Humano" (**humano*, com $\chi^2 = 124,94$). A organização apresenta um sistema de conceitos, construtos e entendimentos sobre o humano, que são abordados na psicologia. São atributos intrapsicológicos (**Racional, Comportamento, Emoção/Emocional, Singular, Animal, Único, Escolha e Cognição**) e sociopsicológicos (**Relação, Inconsciente/Irracional, Subjetividade, Diverso, Social, Sociedade, Linguagem, Conflito e Complexidade**). Há, ainda, o termo "**Desafio**" que não apresenta uma taxonomia conceitual específica na psicologia.

A Classe 06 é constituinte de 115 (10,11%) conjuntos de evocações (Segmentos de Texto), que também possuem associação com noções centrais de humanidade (**humano*, com $\chi^2 = 54,97$). Entre os 17 termos principais, estão realçadas ideias mais concretas de humano, próximas a manifestações identitárias (**Homem, Mulher, Gente, Criança, Espécie e Mundo**) ou epistemológicas (**Pessoa, Mente, Indivíduo, Sujeito, Alma, Infinito, Vivo, Corpo, Pensar, Ser e Eu**). Os outros três (03) termos, "**Frágil**", "**Próximo**" e "**Mistério**", não se encaixam em tais definições.

A Classe 07, a última do eixo de associação à Humanidade (**humano*, com $\chi^2 = 33,42$), é formada por 167 (14,34%) conjuntos de evocações (ST). As 20 ocorrências são

noções psicológicas ligadas ao potencial desenvolvimento de criatividade (**Criativo**), capacidade (**Capaz**), **Inteligência**, felicidade (**Feliz**), bondade (**Bom**), solidariedade (**Solidário**), responsabilidade (**Responsável**), amabilidade (**Amável**), dinamismo (**Dinâmico**), espontaneidade (**Espontâneo**) e mutabilidade (**Mutável**). Parte desses são valores éticos e abstratos pontuados na Classe 01, como por exemplo, bondade e amor. Há também noções que remetem à dubiedade (**Complexo, Imprevisível, Surpreendente e Ambíguo**) ou juízo de valor negativo (**Egoísmo, Falho, Complicado e Imperfeito**). Apesar de tal classe não está associada às respostas das(os) profissionais temáticas de categorias étnico-raciais (**categ_étnico*), os termos utilizados, que remetem ao "potencial humano", são os mesmos adjetivos sobre-representados nas evocações atribuídas para "Pessoas Orientais" (**P_Oriental*, com $\chi^2 = 13,06$). A Classe 07 também está associada às(aos) psicólogas(os) que atuam desde há 15 até 25 anos na profissão (**Tempo_4*, com $\chi^2 = 8,32$).

No segundo eixo, atinente a sistemas lexicais associados à racialização, estão as classes 02, 03 e 05. A Classe 05 é formada por 166 (14,60%) conjuntos de evocações ou segmentos de texto e apresenta noções de Pessoa/humano, associadas, entretanto, segundo o prisma do racismo (**categ_étnico*, com $\chi^2 = 150,73$) e seus efeitos. As 20 ocorrências mais sobre-representadas vinculam-se ao reconhecimento humano pela igualdade de direitos (**Igual, Normal, Humano, Pessoa, Comum, Indiferença, Semelhante e Direitos**), mas também à ambivalente desigualdade nas relações políticas sociais (**Distante, Diferença, Oportunidade e Privilégio**). Outras evocações, no mesmo sistema léxico classificado, tratam da racialização (**Cor, Raça, Vítima e Pele**) e dos efeitos psicossociais (**Vítima, Distinção e Preconceito**) do racismo nas relações étnico-raciais (**Negro e Branco**) no Brasil. São imagens associadas ao que foi evocado pelo termo "Pessoas Brancas" (**P_Branca*, com $\chi^2 = 23,46$).

Nota-se pelo dendrograma (Figura 27), que a Classe 05 apresenta os termos mais distantes dos vocabulários atribuídos às categorias étnico-raciais. E não por acaso são os termos associados aos evocados relativamente a pessoas brancas.

No segundo eixo, está a Classe 03 que é formada por 159 (13,98%) conjuntos de evocações ou segmentos de texto. Tal classe apresenta noções de sofrimento e exclusão social, bem como de enfrentamento do racismo. É uma classe associada às respostas temáticas dadas à categoria étnico-racial (**categ_étnico*, com $\chi^2 = 144,16$) e, em particular, ao que foi evocado pelo campo relativo a "Pessoas Negras" (**P_Negras*, com $\chi^2 = 56,92$). Os 20 termos retratam sofrimento e exclusão social (**Preconceito, Racismo, Desigual, Minoria, Sofrimento, Exclusão, Desrespeito, Discriminação, Segregação e Injustiça**), além do

enfrentamento do racismo (**Luta, Força, Resistência, Empoderar/Empoderamento, Política, Superação, História, Ancestral, Acesso e Demarcação**).

A Classe 02 é constituída por 136 (11,96%) conjuntos de evocações ou segmentos de textos, associados às respostas temáticas de categorias étnico-raciais (**categ_étnico*, com $\chi^2 = 143,23$), direcionadas para Pessoas Indígenas (**P_Indígena*, com $\chi^2 = 54,32$) e Pessoas Orientais (**P_Oriental*, com $\chi^2 = 7,41$). Trata-se de uma classificação de aspectos da etnia e cultura ligados à valorização de costumes e tradições (**Cultura, Origem, Nativo, Valorização, Costume, Tradição, Língua, País, Identidade, Raiz, Hábito e Respeito**) referentes a povos **Nativos do Brasil** ou de **Países** advindos do **Oriente**. Há também atribuições de **Natureza**, ligadas a Pessoas Indígenas, assim como relativas a **atenção, inclusão e massacre**. Já o termo **disciplina** faz referência a Pessoas Orientais.

Quanto ao resultado da Análise de Especificidades, é possível notar as sobre representações em cada categoria étnico-racial. O ordenamento das palavras é baseado pelo *qui-quadrado* (χ^2) e o nível de significância adotado é $p \leq 0,01$, o X^2 equivalendo a 6,63, com 01 grau de liberdade. Como os resultados do χ^2 são apresentados pelo número inteiro, foram aproveitadas as palavras com o $\chi^2 \leq 6$.

As pessoas brancas são fortemente associadas a **Privilégio, Elite, Oportunidade e Normal**. As pessoas indígenas são associadas a **Natureza, Cultura, Terra, Respeito e Origem**. As pessoas negras são associadas a **Luta, Força e Igualdade**. As pessoas orientais, a **Inteligência, Japonês, Disciplina, Chinês, Cultura, Diferença e Sabedoria** (Figura 28).

P_Branca	χ^2	P_Indígena	χ^2	P_Negra	χ^2	P_Oriental	χ^2
Privilégio	26	Natureza	15	Luta	11	Inteligência	27
Elite	12	Cultura	10	Força	6	Japonês	24
Oportunidade	6	Terra	9	Igual	6	Disciplina	15
Normal	6	Respeito	6			Chinês	14
		Origem	6			Cultura	13
						Diferença	7
						Sabedoria	6

Figura 28. Especificidades de "sobre-representação" de crenças acerca das categorias étnico-raciais. Imagem de gerada pelo IRAMUTEQ.

A despeito de não haver *qui-quadrado* negativo ($-\chi^2$), os resultados apresentados como $-\chi^2$ ilustram a "sub-representação" de ideias ou crenças em cada uma dessas categorias (Figura 29). Por exemplo, as pessoas brancas estão hierarquicamente dissociadas da noção de **Cultura, Luta, Força, Respeito e Inteligência**. As pessoas indígenas, por sua vez, são dissociadas das ideias de **Racismo, Privilégio, Igualdade, Inteligência e Pessoa**. As pessoas negras, dissociadas da **Cultura, Privilégio, Sabedoria, Natureza e Elite**. E as pessoas orientais são dissociadas das ideias de **Racismo, Igualdade, Privilégio, Social e Beleza**.

P_Branca	χ^2	P_Indígena	χ^2	P_Negra	χ^2	P_Oriental	χ^2
Cultura	-11	Racismo	-5	Cultura	-8	Racismo	-4
Luta	-5	Privilégio	-4	Privilégio	-6	Igual	-3
Força	-4	Igual	-3	Sabedoria	-3	Privilégio	-3
Respeito	-4	Inteligência	-3	Natureza	-3	Social	-2
Inteligência	-4	Pessoa	-3	Elite	-3	Beleza	-2

Figura 29. Especificidades de "sub-representação" de crenças acerca das categorias étnico-raciais. Imagem de gerada pelo IRAMUTEQ.

Capítulo 4 - Discussões

A partir dos dados de Estatística Descritiva, são apresentadas as hipóteses que buscam conhecer as dependências entre as variáveis de sociodemografia, formação e atuação. Além do teste de hipóteses relativas a crenças das(os) profissionais.

4.1 - Discussões sobre a Sociodemografia Profissional

A **idade** média das(os) psicólogas(os) participantes é de 38 anos e ao agrupar as idades em faixas de cinco (05) em cinco anos (05), a maioria está entre 30 e 34 anos. Na distribuição por **gênero**, há uma proporção majoritariamente feminina (79,6%), o que condiz com os dados da pesquisa CFP (Lhullier, Roslindo & Moreira, 2013).

A pesquisa do CFP (Lhullier *et al.*, 2013), proveniente de um estudo nacional, apresentou algumas considerações referentes às psicólogas brasileiras. Foram realizadas 1.331 entrevistas com o intuito de investigar formas de pensar e viver das profissionais, além de sua condição como mulheres. Identificou-se que a maioria das(os) profissionais de psicologia tem entre 30 e 59 anos (Lhullier *et al.*, 2013), o que coincide com os dados da amostra desta pesquisa, pois 75% (493) estão na mesma faixa de idade. Outra similaridade existente entre as pesquisas é o grande número de profissionais ter até 34 anos, 45,2% (297). Segundo o CFP (Lhullier *et al.*, 2013), tal proporção não surpreende frente ao fato de que a maioria das(os) profissionais se gradua a partir dos 22 anos. A causa também se encontra na recente expansão dos cursos de graduação em Psicologia no país e o consequente aporte de jovens profissionais no mercado de trabalho. Além disso, a proporção de gênero da amostra não é tão discrepante da verificada pelo CFP (Lhullier *et al.*, 2013), apesar de representar 10% a menos que a média nacional: enquanto nesta pesquisa são 79,6% de mulheres, na pesquisa nacional são 89%.

Os dados **étnico-raciais** da amostra não são condizentes com os dados da pesquisa nacional do CFP (Lhullier *et al.*, 2013). Apesar da maioria das(os) psicólogas(os) ser branca (46,6%), quando agrupadas(os) as(os) pardas(os) e pretas(os) como única categoria, as(os) participantes "negras(os)" passam ser a maioria (51%). Segundo os dados do CFP (Lhullier *et al.*, 2013), entre as(os) profissionais de psicologia, há 67% de brancas(os), 25% de pardas(os), 3% de pretas(os), 3% de amarelas(os) e 1% de indígenas. Comparando os dados, a presente pesquisa encontrou uma proporção maior de profissionais negras(os) em detrimento de brancas(os). Muito provavelmente, essa diferença está em função do questionário ter obtido

apoio e divulgação de instituições de psicologia que são redes de psicólogas(os) negras(os), por exemplo, a ANPSINEP e a Rede Dandaras de Psicólogas Negras. Além disso, mesmo que o título da pesquisa não fizesse referência direta ao tema das relações étnico-raciais, é possível que um número maior de profissionais negras(os) tenha concluído o questionário. Isto porque a motivação e o interesse no tema são significativamente mais presentes em profissionais negras, como se verifica na *hipótese 4a*.

Quanto à **religiosidade/espiritualidade**, as religiões de matriz judaico-cristã são as prevalentes (48%), com destaque para o catolicismo (26%). Isso se justifica em razão do processo colonizador religioso em que se enraíza a história brasileira. A religião cujas(os) adeptas(os) apresentaram o maior grau de religiosidade foi a espírita kardecista ($M=4,17$). Comparada aos dados censitários nacionais, a amostra das(os) 657 respondentes se comporta religiosamente de forma diversa. Os dados do IBGE (2010) mostram que a expressão de religiosidade hegemônica da população brasileira é católica, em torno de 65% de adeptos. Em seguida, estão as religiões evangélicas, com 22%. Os que não se definem religiosamente constam em torno de 7%; e os espíritas, 2%. Ao comparar esta pesquisa com os dados nacionais, há uma similar predominância religiosa, quanto ao catolicismo, entretanto, não segue a mesma ordem de predominâncias religiosas/espirituais. Como será ilustrado na comprovação das hipóteses, a religiosidade/espiritualidade é vista como importante para verificar sua influência quanto ao interesse das(os) profissionais no tema das relações étnico-raciais (*Hipótese 4d*). Além disso, o direcionamento religioso/espiritual está associado a crenças coletivas que circundam a atuação e a identidade da psicóloga (*Hipótese 11*); assim como, conforme exposto no Capítulo 01, tem influência sobre a característica do racismo indireto brasileiro, que, por sua vez, se manifesta indiretamente nas crenças das(os) profissionais sobre as categorias de humano e étnico-raciais populares no Brasil (*Hipótese 12*).

4.2 - Discussões sobre a Formação Profissional

A maioria das(os) respondentes possui **título** de especialista (60%). Além disso, nota-se que a pós-graduação *stricto sensu* (Mestrado e Doutorado) está associada ao nível acadêmico de profissionais brancas(os), enquanto à pós-graduação *lato sensu* (especialização) está associada as(os) profissionais negras(os) (*Hipótese 01*).

A confirmação dessa hipótese expressa o que Melo (2014) destaca sobre o acesso e desempenho educacional da população negra. Os negros e brancos diferem substancialmente quanto ao acesso e desempenho educacional, e essas diferenças de performances estão vinculadas a várias formas de discriminação social. A desigualdade acumulada em função da discriminação histórica reflete-se em indicadores como anos de estudo, reprovação, evasão, distorção idade-série até a localização, mobilidade e equipamento escolar.

Para ilustrar a associação manifesta na *hipótese 01*, notam-se as disparidades entre brancos e negros em todos os níveis educacionais. Segundo dados da UFBA (2010), no Brasil, observa-se o analfabetismo relativo à população negra de 22%, enquanto à população branca, é de 9%. No ensino médio, na faixa de 15 a 17 anos, na população negra, 45,3% são estudantes, enquanto que na população branca são 60% (IBGE, 2012). Quanto à faixa de 18 a 25 anos de idade, 7,7% da população negra frequentam o curso superior, enquanto que, na população branca, esta proporção é de 20,3% (IBGE, 2009). Já quanto ao o ensino superior concluído, em relação à faixa de 25 anos de idade ou mais, entre os negros, esta proporção era de 4,7% do seu total, em 2008. Em contrapartida, entre os brancos, era de 14,7% (IBGE, 2009).

A confirmação de tal hipótese sobre o nível de titulação de psicólogas(os) negras(os) e brancas(os) em pós-graduação reflete a configuração social e histórica educacional no Brasil.

A maioria das(os) profissionais são é egressa de **IES** pagas (70,5%). Tal proporção quanto ao perfil da IES coincide com os dados da pesquisa de Macedo e Dimenstein (2011). Nos cálculos feitos em 2009, as IES somavam 424 cursos de psicologia no Brasil, 84,9% eram privados e 15,1% eram públicos. A variável do "perfil da IES" é importante para investigar a proporção de profissionais brancas(os) e negras(os) formadas(os) em IES Públicas ou Pagas (*Hipótese 2a*); bem como auxilia a caracterizar a disponibilização e "acesso ao tema das relações étnico-raciais" nos cursos (*Hipótese 2b*).

Com base na *hipótese 2a*, as(os) respondentes brancas(os) estavam associadas às IES Públicas Estaduais (Figura 30). O mesmo fenômeno não se manifesta nas IES Públicas Federais, provavelmente, em função da política de ação afirmativa, com a Lei de Cotas Universitárias.

Figura 30. Perfil da IES por raça-etnia das(os) profissionais. Imagem de gráfico gerada pelo SPSS.

A associação da categoria étnico-racial profissional com perfil da IES formadora é explicada pelo fato de que IES Públicas Federais aplicam o sistema de cotas conforme a Lei 12.711 de 29 de agosto de 2012, que estabelece no seu Art 1º, que:

As instituições federais de educação superior, vinculadas ao Ministério da Educação reservarão, em cada concurso seletivo para ingresso nos cursos de graduação, por curso e turno, no mínimo 50% (cinquenta por cento) de suas vagas para estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas.

Parágrafo único. No preenchimento das vagas de que trata o *caput* deste artigo, 50% (cinquenta por cento) deverão ser reservados aos estudantes oriundos de famílias com renda igual ou inferior a 1,5 salário-mínimo (um salário-mínimo e meio) per capita.

O critério racial e étnico é apresentado no Art 3º:

Em cada instituição federal de ensino superior, as vagas de que trata o art. 1º desta Lei serão preenchidas, por curso e turno, por autodeclarados pretos, pardos e indígenas, em proporção no mínimo igual à de pretos, pardos e indígenas na população da Unidade da Federação onde está instalada a instituição, segundo o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

As Universidades Estaduais não são regidas por uma única legislação, como ocorre nas Instituições Federais, onde vigora a Lei de Cotas Universitárias. Por isso, a dependência entre o perfil da IES e a raça-etnia das profissionais ocorreu também em São Paulo.

Considerando os cenários políticos e legais nos Estados, verifica-se que, em virtude de São Paulo ter a mais recente implementação do sistema de cotas, em comparação aos outros dois Estados (Amazonas e Bahia), ele é o único que apresenta tal desproporcionalidade.

A Universidade Estadual de São Paulo (UNESP) foi a primeira universidade estadual do Estado de São Paulo a implementar a política de cotas nos moldes da Lei de Cotas (nº 12.711/12). Em 2014, passou a reservar 15% das vagas a estudantes vindos do ensino médio público, dos quais 35% são dirigidos para estudantes pretos, pardos ou indígenas (Guarnieri & Melo-Silva, 2017). Já a UNICAMP e a USP exerciam políticas de bonificação (Batista, 2018). A UNICAMP adotava o Programa de Ação Afirmativa e Inclusão Social (PAAIS), definido como “ação afirmativa sem cotas”. Tratava-se de um sistema de bônus, no qual os alunos advindos de escola pública recebiam bônus de 30 pontos a mais na nota final da segunda fase do vestibular. Além disso, os egressos de escola pública que se autodeclaram pretos, negros ou indígenas recebem mais 10 pontos de bônus (Guarnieri & Melo-Silva, 2017).

A USP, por sua vez, segundo Guarnieri e Melo-Silva (2017), era a mais relutante em relação à implementação do sistema. Segundo as autoras, a instituição utilizou como principal alternativa de inclusão social o Programa de Inclusão com Mérito no Ensino Público Paulista (PIMESP). Foi definido um bônus racial, estabelecido pelo acréscimo de 20% na nota do vestibular a alunos da rede pública e de até 25% para os autodeclarados negros.

Bocchini (2017) afirma que a USP passa a aderir ao sistema de reserva de vagas para negros e indígenas a partir de 2018, com um sistema similar à Lei de Cotas que vigora nas instituições federais. Já na UNICAMP, tal adesão ocorre a partir de 2019.

No Estado do Amazonas, a regulamentação que estabelece a Política de Cotas surge em 2004, com a Lei Estadual nº 2894 de 2004, que é aplicada à Universidade Estadual do Amazonas (UEA). No entanto, ela versa sobre egressos de ensino médio público e privado. O único critério étnico-racial descrito é para a população indígena (Resolução nº 2894/2004).

Na Bahia, no ano de 2002, o Comitê Universitário da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) estabeleceu o sistema de cotas para negros de escolas públicas, de forma autônoma, ao reservar 40% de suas vagas relativas aos cursos de graduação e pós-graduação. Outras instituições estaduais, no contexto baiano, também passaram a aderir ao sistema de cotas, como a Universidade Estadual do Sul da Bahia (UESB), a Universidade Estadual de Santa

Cruz (UESC) e a Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Além dessas, com destaque para o pioneirismo local, já em 2004, ocorreu a aprovação do sistema de cotas sociais e raciais na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Houve o direcionamento de vagas para candidatos oriundos da rede pública de ensino, para autodeclarados negros (pretos e pardos), não negros (brancos e/ou amarelos), e oriundos de comunidades quilombolas (Queiroz & Santos, 2006; Santos & Queiroz, 2013; Resolução nº 01/2004). Em 2007, o programa foi reformulado e passou a incluir candidatos indígenas (Resolução nº 196/2002; Resolução nº 370/2006; Resolução nº 468/2007; Resolução nº 710/2009).

Tais resultados demonstram a influência da Política de Ação Afirmativa em diferentes Estados. Por exemplo, a Bahia, com a execução histórica do sistema de cotas e, São Paulo, em processo atual de implementação.

Com base na **hipótese 02b** a relação de dependência entre o acesso ao tema das relações étnico-raciais e o perfil da IES formadora ocorre somente no Estado da Bahia. A associação aparece forte, com as IES Pagas disponibilizando mais acesso ao tema que as IES Públicas (Figura 31).

Figura 31. Perfil da IES por acesso ao tema das relações étnico-raciais na Bahia. Imagem de gráfico gerada pelo SPSS.

Para tentar compreender o desigual acesso ao tema das relações étnico-raciais entre os dois perfis de IES, convém mencionar a Resolução nº 01/2004, do Conselho Nacional de Educação. O documento estabelece que as IES devem incluir a Educação das Relações Étnico-Raciais nos conteúdos de disciplinas e atividades curriculares dos seus cursos, com base na Lei 10.639/2003 e Lei 11645/2008. Além de exigir ações que tratem de questões e temáticas que dizem respeito à inclusão e permanência educacional de afrodescendentes.

O Ministério da Educação também apresenta o Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana. Tal documento propõe o desenvolvimento de estratégias para o cumprimento das determinações legais em todo o sistema de ensino, visando enfrentar o preconceito, o racismo e a discriminação e garantir o direito de aprender e a equidade educacional. O referido Plano Nacional de Implementação abrange toda a educação brasileira, que é organizada por níveis e modalidades de ensino, o que significa que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação compete também ao ensino superior (Brasil, s.d.).

Como os cursos de psicologia incluem também licenciatura, além de bacharelado e formação em psicologia, há necessidade de se enquadrar aos parâmetros e diretrizes do Conselho Nacional de Educação sobre o tema, tendo no horizonte a supramencionada legislação brasileira. As IES precisam seguir tais critérios regulamentadores para que seus cursos sejam credenciados, recredenciados, para terem autorização e reconhecimento junto ao MEC.

No âmbito da psicologia, algumas entidades fazem recomendações aos cursos formadores sobre a disseminação do tema das relações étnico-raciais, que estão em conformidade com as regulamentações do CNE e com a execução de tal projeto de implementação. Trata-se de entidades como, por exemplo, o Sistema Conselhos de Psicologia ou da Articulação Nacional de Psicólogas(os) Negras(os) (ANPSINEP).

No âmbito do Sistema Conselhos há um marco legal do CFP, a "Resolução nº 18/2002", que "estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação ao preconceito e à discriminação racial" (Resolução nº 18/2002). Além dessa, o CFP publicou o documento "Relações Raciais: Referências Técnicas para a Prática da(o) Psicóloga(o)", elaborado pelo Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas (Crepop) (CFP, 2017b). Há ainda ações mais regionalizadas, por exemplo, a elaboração do Guia de Referência Psicologia e Relações Raciais, de 2010, pelo CRP03, da Bahia (CRP03, 2010); bem como o documento chamado "Carta de Salvador", produzido a partir do "I Seminário de Psicologia e Relações

Étnico-Raciais da Bahia", promovido pelo também CRP03 Bahia, em parceria com a USP, em 2017. Trata-se de recomendações para formação e atuação em psicologia no tema, direcionadas às Faculdades de Psicologia, ao Sistema Conselhos e às Entidades de Psicologia, assim como aos/as psicólogos/as (CRP03, 2017). No âmbito da ANPSINEP há a "Carta de São Paulo", desenvolvida a partir do "I Encontro Nacional da ANPSINEP", ocorrido em 2010. E na qual é afirmado o entendimento da tomada de consciência da necessidade de organização e mobilização das(os) psicólogas(os) negras(os) e pesquisadoras(es).

O material gerado pelo Sistema Conselhos de Psicologia e por outras entidades, como por exemplo, o CEERT (Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades) e o Instituto AMMA Psique e Negritude, apesar de não serem expressamente justificadas como quadro regulador do Ministério da Educação e do CNE, são consoantes com o que é solicitado pela Resolução nº 01/2004 e pelo Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana. Cabe então questionar por que os cursos de IES Pagas, pelo menos na Bahia, oferecem mais acesso ao tema das relações étnico-raciais, enquanto conteúdo programático, em comparação com as IES Públicas.

Nota-se que, nos casos das IES pagas, o cumprimento da Resolução nº 01/2004 é pré-requisito para obtenção o credenciamento institucional periódico do curso pelo MEC. Contudo, o mesmo procedimento parece não ocorrer nas Universidades Federais, pois seu gerenciamento passa pelo próprio poder executivo federal (Ministério da Educação) e pelas próprias agências reguladoras da educação brasileira. Isso pode ser ilustrado pelo Mandato de Segurança com Pedido de Liminar, expedido pelo Instituto de Advocacia Racial e Ambiental (IARA).

Em 2013, o documento jurídico do IARA foi elaborado contra a então Presidenta da República, o Ministro da Educação, o Secretário-Geral de Ensino Superior do Ministério da Educação e mais outros cinco (05) representantes gestores federais da Educação Nacional (Ver Mandato de segurança, 2013). Tal ação judicial solicitou providências administrativas junto ao Ministro da Educação, propondo representação por descumprimento da obrigatoriedade do Estudo da História da África e dos Afro-brasileiros. Averiguou-se, em todas as IES federais do Brasil, se existiam disciplinas no tema e se havia professores para tais disciplinas. Foi constatado, com base na Resolução nº 01/2004, que "A Educação étnico-racial NÃO faz parte do conceito de avaliação das instituições de ensino superior, ou seja, não é cobrada ou avaliada, quiçá implementada." (Mandato de segurança, 2013, p. 23-24).

Com a proposta de expor um processo de implementação em uma instituição federal, Santos e Domingues (2016) investigaram as discussões sobre a Educação das Relações Étnico-Raciais no contexto da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e da Lei Federal 10.639/03. Elas buscaram compreender como se deu a recepção e implementação dessa legislação pela UFU. Consideram que o processo decorreu primordialmente pela atuação determinante do Movimento Negro e colaboradores na Universidade, com o intermédio do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros (NEAB/UFU). Foi realizada uma articulação com o Ministério Público Federal e Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), que contribuiu para a assinatura da Portaria 1.132/2010, determinante para o cumprimento da Resolução nº 01/2004 na instituição de ensino.

Apesar de haver diferença nos critérios de execução da Resolução nº 01/2004, em IES pagas ou públicas, a estratégia judicial parece ser o principal motivador para a implementação do tema no conteúdo programático dos cursos. Nas IES pagas, isso se dá pela periódica avaliação de órgãos reguladores, o que coloca em xeque o credenciamento do curso. No entanto, parece que, nas IES públicas, em especial as federais, o credenciamento não está em xeque, como nas IES pagas. O que leva a crer que a implementação em IES públicas ocorre muito mais por boa vontade institucional e atuação do movimento estudantil e movimento negro do que pelo prévio cumprimento da lei.

Um pouco mais da metade das(os) psicólogas tiveram **acesso ao tema** na sua formação (56,9%). Sendo que do total, 51,8% teve acesso ao tema dentro do plano programático do currículo no curso. A maioria não participou de qualquer **grupo ou coletivo** específico que tematizasse as relações étnico-raciais. Os **referenciais teóricos** que seguem o pensamento da matriz romântica ou pós-romântica são os mais adotados pelas(os) respondentes. Segundo definição de Figueiredo (2008), tal matriz de pensamento psicológico valoriza os atos e vivências do sujeito, com a preocupação de apreender a experiência concreta, que é considerada anterior às abstrações e objetivizações, tal como é concebida no cientificismo. A matriz romântica ou pós-romântica é atribuída a uma vertente com raízes na parareligiosidade e na metafísica. No Brasil, pode estar relacionado à influência religiosa e filosófica da escolástica e à institucionalização da psicologia, como se mostrou no Capítulo 01. Como já mencionado, o "referencial teórico" auxiliou na caracterização do "interesse no tema" (*Hipótese 4c*).

A maior parte do **interesse no tema** surgiu fora do curso; seja antes, depois ou em paralelo ao curso. O "interesse no tema", foi mais bem caracterizado pelos testes de

associação com a "raça-etnia das(os) profissionais" (*Hipótese 4a*), pelo "acesso ao tema" (*Hipótese 4b*), pelo "referencial teórico" (*Hipótese 4c*), e pela "religiosidade/espiritualidade" (*Hipótese 4d*).

Com base na *hipótese 4a*, as(os) profissionais brancas(os) estão associadas(os) a não ter interesse no tema, bem como a manifestar esse interesse durante a formação. Enquanto isso, as(os) negras(os) estão associadas ao interesse manifesto antes da formação ou em paralelo a ela, em outros ambientes (Figura 32). Isso leva a entender que o tema das relações étnico-raciais, que é disponibilizado na formação de psicologia, mobilizou mais as(os) brancas(os) do que as(os) negras(os). O acesso ao tema nos cursos parece ser pouco mobilizador para a(o) profissional negra(o). Quando elas(eles) já não chega à faculdade/universidade interessada no tema, o interesse surge majoritariamente em paralelo à formação, por outros grupos ou coletivos.

Figura 32. Interesse no tema das relações étnico-raciais por raça-etnia das(os) profissionais. Imagem de gráfico gerada pelo SPSS.

Com base na *hipótese 4b* identifica-se a dependência entre o acesso ao tema e o interesse no tema das relações étnico-raciais. A significância do fenômeno destaca a importância do desenvolvimento do tema para a formação da(o) psicóloga(o), independente da modalidade de acesso. A possibilidade de acesso a um letramento étnico-racial desperta o

interesse no tema expressivamente, fazendo com que a(o) psicóloga(o) vá para o seu campo de atuação sensível e consciente da problemática do racismo, bem como com habilidades e competências desenvolvidas para lidar com as demandas decorrentes do racismo (Figura 33).

Figura 33. Interesse no tema das relações étnico-raciais por acesso ao tema das(os) profissionais na formação. Imagem de gráfico gerada pelo SPSS.

O tema se tornou, expressivamente, matéria de interesse para as(os) respondentes quando já formadas(os). As problemáticas advindas das relações étnico-raciais são motivadoras para que elas/eles passem a se interessar no momento posterior a sua formação. Ou seja, já no campo de atuação e mercado de trabalho, com destaque para aquelas/es que não tiveram acesso ao tema no plano curricular, que são em torno de 73%.

Santos & Schucman (2015) apontam que **letramento racial ou étnico-racial** consiste no desenvolvimento de um vocabulário que viabilize a discussão sobre as relações étnico-raciais. Ocorre pela compreensão do racismo e o entendimento das identidades étnico-raciais na prática social e política. Ele produziria a competência de traduzir, interpretar códigos e práticas sociais e analisar o racismo em seus valores simbólicos e suas manifestações. Santos (2017) mostra que tal letramento deve estar na formação do repertório de conteúdo e habilidades das(os) profissionais de psicologia, através do currículo. Em outras palavras, através da formação profissional, seja na graduação, pós-graduação ou até propiciada pelas associações ou órgãos fiscalizadores da profissão.

Figura 34. Matriz de pensamento psicológico adotada como referencial teórico por interesse e proximidade com o tema das relações étnico-raciais. Imagem de gráfico gerada pelo SPSS.

Relativamente à *hipótese 4c*, como ilustra a Figura 34, evidencia-se uma associação forte entre o interesse no tema das relações étnico-raciais e o referencial teórico utilizado, agrupado por matriz do pensamento psicológico. As(os) psicólogas(os) com interesse no tema estão associadas(os) à adoção de referenciais teóricos da matriz de pensamento humanista-vitalista. Já as(os) que não manifestaram interesse ou proximidade estão associadas(os) às abordagens da matriz de pensamento cientificista. A predominância do referencial teórico ser de matriz romântica ou pós-romântica, cujas raízes, como já mencionado por Figueiredo (2008), são ligadas a vertentes parareligiosas e metafísicas, o que, por sua vez, remeteria a influência do pensamento católico na institucionalização da psicologia brasileira. Supôs-se que a temática étnico-racial estivesse relacionada ao interesse da(os) que adotam tal referencial teórico. Isso porque a "raça-etnia" era objeto de estudo e trabalho no retrospecto histórico da psicologia, no ambiente católico, tanto os jesuítas no período colonial, quanto as pastorais nos anos de 1970 e 80, como apresentado por Antunes (2005) e Sanchi (2005), no capítulo primeiro.

Apesar de esperar uma associação entre o interesse no tema e a religião católica, com base no citado retrospecto, a *hipótese 4d* contesta tal fato.

Com a *hipótese 4d*, constatou-se a associação entre o interesse no tema das relações étnico-raciais e a religiosidade/espiritualidade (Figura 35). As(os) profissionais adeptas(os) das religiões de matriz judaico-cristã são as(os) que apresentam desinteresse no tema das relações étnico-raciais, em especial as(os) das religiões evangélicas e católica. Do outro lado, as(os) profissionais que apresentam interesse são as(os) que se expressam sem matriz religiosa, não se definindo religiosamente ou se definindo como espiritualistas.

O índice de desinteresse pelo tema associado às(aos) adeptas das religiões judaico-cristãs, em especial, as evangélicas, é congruente com a pesquisa realizada em 1992 e apresentada na obra "Novo Nascimento: os evangélicos em casa, na política e na igreja", de Fernandes, Carneiro, Mariz e Mafra (1998). Segundo eles, os evangélicos, de um modo geral, estabelecem um padrão de rejeição de outras religiões, com uma acentuada desvalorização da cultura negra afrodescendente.

Figura 35. Matriz religiosa/espiritual por interesse e proximidade com no tema das relações étnico-raciais. Imagem de gráfico gerada pelo SPSS.

Sob outro ponto de vista, Geledes (2018) afirma que, na história do movimento protestante no Brasil, a temática negra já foi assumida através de pastorais antirracistas. Em 1973, por exemplo, foi criada a Comissão Nacional de Combate ao Racismo (oficializada pela Igreja Metodista, em 1985), que depois se transformou em Comissão Ecumênica Nacional de

Combate ao Racismo (CENACORA). Assim, afirma que na mesma denominação "evangélicos" podem haver igrejas com experiências religiosas muito diferentes, a depender do pertencimento étnico-racial de seus membros e do lugar ocupado na geografia urbana.

Pereira (2018) considera também a influência da Igreja Católica na implementação e manutenção da escravidão no Brasil. Ele aponta suas ações evangelizadoras em prol da justificação colonial sob uma economia de cunho mercantilista, voltada para a estratificação de riquezas, que necessitava da escravidão racializada. O autor mostra que esse sistema de exploração humana estava ligado à instituição de crenças que promoviam a fraternidade, a justiça, a paz e, também, como relata Campos (2007), o culto à indulgência, à sacralização do sofrimento, à confissão, à subordinação e à obediência absoluta a uma ordem social preestabelecida pela teologia moral (ver também Sanchi, 2005). Contudo, há versões que destacam a participação da Igreja Católica na extinção da escravidão no Brasil. Pereira (2018) afirma que, apesar da ausência de membros do alto clero da Igreja, a campanha abolicionista possuía extensa ligação com grupos católicos específicos. Passa-se a debater a questão servil a partir da segunda metade do séc. XIX por meio de alguns de seus membros eclesiais e alguns civis de notoriedade social. Assim como já destacado por Sanchi (2005), evidenciou-se as pastorais negras e indígenas com o propósito de promoção da justiça social, no final do séc. XX. Atualmente, o Sistema Conselhos de Psicologia tem debatido a laicidade da psicologia, por meio de notas, de vídeos, de debates e por uma articulação nacional chamado Grupo de Trabalho Nacional Psicologia, Religião e Espiritualidade. Tal grupo apresentou uma nota de posicionamento, na qual afirma ser contrária a qualquer fundamentalismo de imposição dogmática religiosa sobre o Estado, a Psicologia e a qualquer estratégia de naturalização a desigualdade social, a pobreza ou o cerceamento dos direitos constitucionais (ver CRP06, 2014). Isso é justificado com base no que Lionço (2017) acusa. A autora afirma que as normas éticas da psicologia (profissão) tem sido alvos de ofensiva fundamentalista com a reivindicação de uma "psicologia cristã". E em defesa das diretrizes democrática da psicologia, ela destaca que a Resolução nº18/2002, do CFP, é uma das proposições como marco de referência para a afirmação da defesa da laicidade (Lionço, 2017).

A laicidade está para as relações étnico-raciais, assim como a intolerância religiosa está para o racismo religioso. Para o Géledes (2016) **racismo religioso** é qualquer ato, declarado ou nas entrelinhas, que afirme o discurso de demonização das religiões de matriz africana, contra seus adeptos ou contra seus símbolos. Segundo o Geledes (2018), o racismo

teológico ou doutrinário prega a crença na maldição hereditária e da batalha espiritual, que resgata a legitimação da escravidão e da segregação social.

4.3 - Discussões sobre a Ocupação Profissional

Observa-se que a média do **tempo de atuação** das(os) profissionais é de 8,5 anos. A **faixa de tempo** prevalente é de até quatro (04) anos na profissão (34,7%). Com o propósito de melhor caracterizar o tempo de atuação das profissionais foi investigada sua associação com a raças/etnia da(o) profissional (Hipótese 5b). As(os) psicólogas(os) brancas(os) estão associadas(os) a maior tempo de atuação na psicologia do que as(os) negras(os), o que pode remeter a uma associação com o tempo de influência da política de ações afirmativas e financiamentos estudantis para essa população.

Figura 36. Tempo de atuação na Psicologia por raça-etnia das(os) profissionais. Imagem de gráfico gerada pelo SPSS.

A dependência confirmada na *hipótese 5b* demonstra que as(os) psicólogas(os) brancas(os) estão associadas ao maior tempo de atuação na psicologia, de 10 anos em diante, e as(os) negras(os), às faixas de tempo mais recentes, de até 09 anos de atuação (Figura 36). Os tempos de inserção no mercado profissional, entre profissionais brancas(os) e negras(os), em torno de 10 anos, coincide com o período das primeiras turmas de psicologia formadas após implementações locais da política de ação afirmativa e financiamentos estudantis.

Diferente do Amazonas e São Paulo, a Bahia segue o mesmo perfil de associação da amostra. Tais estimativas correspondem ao período no qual as(os) profissionais negras(os) ingressaram nas IES e se formaram, na vigência da implementação da política de cotas. Tanto as IES Estaduais (UNEB, UESB, UESC e UEFS), a partir de 2003; quanto na UFBA, em 2004, ano a partir do qual também ocorre a ampliação dos financiamentos estudantis em instituições pagas.

O **território** mais comum das atuações é o das Zonas Urbanas, que são as Capitais e Regiões Metropolitanas. A concentração da atuação da(o) psicóloga(o) nas zonas urbanas configura o direcionamento de serviço para um perfil de modelo humano que corresponde à estrutura de relações sociais na sociedade industrial e mercantil. Com base em dados de 1988, Pereira e Pereira Neto (2013) afirmam que as atuações se concentravam nos centros urbanos, localidades onde se encontra a maioria dos cursos de formação e, principalmente, um maior mercado de trabalho.

Figura 37. Eixos de atuação por raça-etnia das(os) profissionais. Imagem de gráfico gerada pelo SPSS.

Como apresenta a Figura 37, as(os) participantes trabalham majoritariamente nas **áreas de atuações** do Eixo Saúde, com destaque para a Clínica. Como aponta Pereira e Pereira Neto (2013) e Soares (2010), boa parte da identidade de classe da(o) psicóloga(o) é definida pela área da clínica psicoterápica. A clínica despertava o maior interesse das(os)

profissionais desde a década de 1970, por se considerar o consultório particular um ideal de serviço de atendimento privado, em um mercado liberal, no qual a(o) profissional não está subordinada(o) a outros cargos. Com o propósito de aprofundar a caracterização das "áreas de atuação" investigou-se sua associação com as raças-etnias das(os) profissionais (*Hipótese 06*). Com base na *hipótese 06* as atuações do Eixo Saúde e do Eixo Educação são associadas as(aos) brancas(os) e às atuações do Eixo Sociedade, às(aos) negras(os).

Para melhor caracterizar as áreas de atuação foi observada a dependência ($p < 0,001$) entre as áreas de atuação, agrupadas em eixos, e o perfil de serviço, agrupado em pago ou público. As(os) profissionais que escolheram descrever atuações do Eixo Saúde estão associadas(os) aos serviços pagos e as(os) que atuam no Eixo Sociedade estão associadas(os) ao serviço público (Figura 38).

Pode-se notar que a *hipótese 06* tem relação com a *hipótese 7a*, que investiga a associação entre o perfil do serviço (pago/público) e a categoria étnico-racial profissional. Contudo, embora a análise da *hipótese 7a* confirme a associação das(os) profissionais brancas(os) ao serviço privado, as(os) profissionais do Eixo Educação estão associadas(os) ao serviço público, o que mostra que não há uma regra de associação tão direta entre as áreas de atuação, categoria étnico-racial e tipo de serviço.

Figura 38. Eixos de atuação por Perfil do serviço psicológico. Imagem de gráfico gerada pelo SPSS.

No que se refere as **populações étnico-raciais atendidas nos serviços psicológicos**, as pessoas brancas são as mais atendidas nos serviços, depois, as negras e, em menor grau, estão as orientais e as indígenas. Os dados censitários mais atualizados mostram que a população brasileira corresponde a uma maioria de negros (53,1%), depois brancos (46,1%), indígenas (0,4%) e amarelos/orientais (0,4%) (Petruccelli e Saboia, 2013). Ao se estratificar por Estado, São Paulo foi o único que seguiu a ordem das médias da amostra geral. As pessoas brancas são as mais presentes nos serviços, em seguida, as pessoas negras, as pessoas orientais e as indígenas. Segundo o IBGE (2010), o Estado tem a maior proporção de população branca (63,9%), depois a de negra (34,61%), a amarela(o) oriental, (1,3%) e a indígena (0,10%). No Amazonas, as pessoas brancas também são as mais atendidas nos serviços de psicologia, seguidas por pessoas negras, depois, indígenas e, por último, orientais. A localidade não seguiu os dados da amostra geral, sendo as pessoas indígenas mais notadas que as pessoas orientais. A explicação está na proporção absoluta de autodeclarados indígenas e orientais no Estado. Segundo os dados do IBGE (2010), no Amazonas, há mais indígenas (4,8%) que amarelos/orientais (0,9%). Por outro lado, ao somar pretos (4,1%) e pardos (68,8%) no Estado, constam 73,0% de pessoas negras. Enquanto que são 21% de pessoas autodeclaradas brancas. Quando relacionada aos dados da pesquisa, a população negra, mais presente na UF, apresenta um percentual de presença nos serviços psicológicos em média menor que o de brancos. Na Bahia, as pessoas com a maior média de presença são as negras, depois, as brancas, as orientais e as indígenas. Tal ordem de presença nos serviços está em consonância com a maior prevalência étnico-racial do Estado que é de negras (76,2%) (IBGE, 2010).

A **faixa socioeconômica** mais atendida é a de R\$1.000 a R\$3.000 e depois a que recebe auxílio governamental. Foram também notadas as características étnico-raciais com base nas faixas socioeconômicas atendidas. À medida em que a faixa socioeconômica é sem renda ou de baixa renda, a população atendida é descrita como negra. Inversamente, quanto mais se eleva a renda, mais o grupo étnico-racial atendido passa a ser branco. O resultado de proporção étnico-racial de pessoas atendidas por faixas socioeconômicas está em consonância com os dados apresentados pelo IBGE (2009). Há diferenças expressivas dos rendimentos dos pretos e pardos em relação aos brancos. No rendimento total das famílias, se evidencia uma situação mais favorável aos brancos, pois entre os 10,0% mais pobres do país, 25,4% se declararam brancos, enquanto 73,7% são pretos e pardos. Essa relação se inverte entre o 1,0%

mais rico, que é composto por 82,7% de pessoas brancas e 15,0% de cor preta e parda (IBGE, 2009).

Figura 39. Comparação das médias de atendimentos das populações étnico-raciais nos perfis de serviço psicológico. Imagem de gráfico gerada pelo SPSS.

Um pouco mais da metade dos **perfis dos serviços psicológicos** descritos são pagos. Com o propósito de aprofundar a caracterização dos perfis dos serviços foi investigada a associação com as "raça-etnia da(o) profissional" (*Hipótese 7a*), bem como com as médias das "populações étnico-raciais atendidas" em serviços pagos e públicos (*Hipóteses 7c, 7d e 7e*).

A prova da *hipótese 7a* mostra que as(os) psicólogas(os) brancas(os) estão associadas(os) aos serviços pagos, em especial, ao serviço autônomo e ao privado. Já as(os) profissionais negras(os), aos serviços públicos, com destaque para o público municipal e ONGs.

As *hipóteses 7c, 7d e 7e* mostram também que os serviços pagos são associados ao atendimento de pessoas brancas. Já os serviços psicológicos públicos, são direcionados ao atendimento de pessoas negras e indígenas (Figura 39).

Além do caráter racializado das(os) profissionais segundo o tipo de serviço apresentado, há também tal racialização entre as populações atendidas. Nota-se também a hegemonia significativa de atendimento de pessoas brancas nos serviços pagos em todos os Estados, o que não ocorre com outros grupos étnico-raciais.

Como supramencionado sobre as Faixas Socioeconômicas das populações atendidas nos serviços psicológicos, à medida em que se classifica a faixa populacional como sem ou de baixa renda, as pessoas atendidas são descritas como negras. Contudo, quanto mais se eleva a renda, mais o grupo étnico-racial atendido passa a ser branco. Isso demonstra uma consonância com os dados de rendimento de famílias brancas e negras, segundo o IBGE (2009), que conferem situação socioeconômica mais favorável aos brancos. Ao se relacionar com os dados da presente pesquisa, verifica-se que determinados tipos de serviços são direcionados a brancos e outros a negros, tanto relativamente às(aos) profissionais quanto ao público atendido. O que leva à discussão sobre o racismo institucionalizado na prática dos serviços psicológicos.

O racismo institucional e estrutural induz, mantém e condiciona a organização e a ação do Estado, políticas públicas ou instituições privadas, produzindo e reproduzindo a hierarquia étnico-racial, como um mecanismo estrutural que garante a exclusão seletiva de grupos subordinados. Além disso, o racismo institucional garante resultados positivos da produção de riquezas pelos segmentos privilegiados na sociedade, ao mesmo tempo em que ajuda a manter a fragmentação social e a desigualdade (Geledés, 2013; López, 2012).

As **situações de racismo** com maiores médias, na Estatística Descritiva, têm a característica de impessoalidade, isto é, são aquelas em que as(os) profissionais não estão diretamente envolvidas(os). De fato, a afirmação mais frequente é "ouvi relatos de terceiros" e, depois, as "observações de racismo institucional". O caráter de impessoalidade da sensibilidade de racismo é congruente com o perfil de racismo sutil e indireto que configura as relações étnico-raciais no Brasil. A *hipótese 8a* aponta que as(os) profissionais negras(os) afirmam estar mais envolvidas(os) em situações de discriminação étnico-racial. Ou seja, as(os) negras tem significativamente um maior nível de consciência sobre tais situações do que as(os) brancas(os), justificado pelo que Major e O'Brian (2005) definem como **vigilância automática**. Segundo os autores, trata-se de um recurso de avaliação de ameaça à identidade, que faz, por exemplo, com que pessoas que são alvos da manifestação de racismo tornem-se receosas e previamente já esperem algum tipo de rejeição ou hostilidade. A avaliação vigilante está associada à consciência ou sensibilidade para as situações de discriminação ou manifestação de preconceito. Faz com que as pessoas expostas ao racismo fiquem mais atentas às manifestações subliminares de ameaça à identidade social, no caso, a étnico-racial. A consciência, com base nas experiências anteriores de desvalorização, também pode aumentar a vigilância para eventos similares subsequentes (Major & O'Brien, 2005; Spears, 2011). Com base nos dados da pesquisa, as pessoas com elevada vigilância para as diferentes situações de racismo, neste caso, as(os) profissionais negras(os), percebem e experimentam mais situações de racismo do que as(os) profissionais brancas(os), que não são objeto de desvalorização do racismo, no contexto brasileiro. Diante desse dado, questiona-se qual o efeito da formação dos cursos ofertados em psicologia no que se refere a identificação, consciência e instrumentalização frente ao racismo na prática profissional.

Basicamente, metade das(os) profissionais relata que não teve **o tema das relações étnico-raciais como pauta no ambiente de trabalho** (50,1%). A caracterização do "tema como pauta" foi aprofundada com a investigação da associação com os "Estados" (*Hipótese 9a*) e com as "áreas de atuação" (*Hipótese 9b*).

Com base na *hipótese 9a*, as(os) psicólogas(os) da Bahia estão associadas a ter o tema das relações étnico-raciais discutido no trabalho, enquanto que as(os) do Amazonas e de São Paulo, não. O fenômeno pode ser explicado pelo histórico de difusão do tema, promovida pelo Sistema Conselho em cada Estado. Na Bahia, o CRP03, instituído em 1973 (Soares, 2010), possui o Grupo de Trabalho de Psicologia e Relações Raciais (GTPRR) dentro da Comissão de Direitos Humanos (CDH). Embora o GTPRR surja em 2007, o debate do tema está

institucionalmente presente no CRP03 desde 2005, com a formação da CDH. O GT tem os seguintes objetivos:

garantir uma discussão com profundidade, contribuindo para uma maior visibilidade e reconhecimento dos efeitos psicossociais do racismo como fatores de sofrimento psíquico; convidar amplamente as(os) profissionais e estudantes de psicologia para debater sobre a categoria no seu campo de atuação, lidar com as questões raciais que emergirem no seu cotidiano; além de estabelecer parcerias com entidades locais, estaduais e nacionais que atuam no combate ao racismo e na promoção da igualdade racial (CRP03, 2010, p. 07).

Em São Paulo, o CRP06 foi fundado também em 1973 (Soares, 2010). Contudo, o Núcleo de Temático Psicologia e Questões Raciais só foi instituído em 2017 (Resolução nº 002/18; Resolução nº 002/17), 10 anos depois do GT da Bahia.

No Amazonas, o CRP20 foi criado em 2011 (Resolução nº005/11) e circunscreve os Estados de Rondônia, Roraima e Acre. No Sistema Conselho local não há registro institucional de algum grupo que promovesse discussões sobre o racismo, a fim de propiciar orientação profissional, assim como há na Bahia e em São Paulo.

É possível ilustrar a difusão do tema em cada Estado pelas histórias institucionais de cada Conselho Regional, o que pode explicar por que as(os) profissionais pautam ou não o tema das relações étnico-raciais no seu cotidiano de trabalho em cada localidade.

Com base na *hipótese 9b*, evidencia-se que a discussão do tema está associada às atuações do Eixo Educação e do Eixo Sociedade, mas não nas do Eixo Saúde. Embora o tema seja pautado de forma uníssona em todas as áreas do Eixo Sociedade, não é no Eixo Educação. Evidencia-se que o tema é pautado na área de Docência de Nível Superior e que não é na área da Psicologia Educacional. Em contrapartida, nas áreas do Eixo Saúde, nota-se a associação em não pautar ou discutir o tema, independente da área. A proporção significativa de docentes (profissionais da área de Docência de Nível Superior) que afirmam discutir o tema das relações étnico-raciais sugere que o assunto está sendo introduzido na formação dos estudantes de psicologia. Contudo, cabe questionar se o conteúdo parece ser suficiente. Tal questionamento é baseado no tipo de impacto do acesso ao tema na consciência e vigilância das(os) profissionais sobre as situações cotidianas de racismo, como evidenciou-se na prova da *hipótese 8b* (ver no Apêndice D).

Entre as **ações e técnicas específicas ao tema das relações étnico-raciais**, prevalece o recurso de habilidade pessoal, que consta como Escuta Atenta e Sensível. Com o propósito de melhor caracterizar as ações e técnicas específicas no tema investigou-se a sua associação

com as "áreas de atuação" (*Hipótese 10a, 10b, 10c, 10d, 10e, 10f e 10g*). Demonstra-se associação do uso da técnica de habilidade pessoal com a área da Clínica (*Hipótese 10a*); do uso de técnicas grupais com a área de atuação em Psicologia Social (*Hipótese 10d*); dos materiais didáticos com a área de Docência de Nível Superior (*Hipótese 10e*); das ações agrupadas em participação institucional com a área de Gestão Institucional de Órgãos Governamentais e Não Governamentais (*Hipótese 10f*).

Como disposto na Estatística Descritiva, sobre os dados ocupacionais da amostra, destaca-se que 52,7% (346) das profissionais afirmam possuir tal habilidade de Escuta Atenta e Sensível para o tema das relações étnico-raciais. Das(os) que afirmam utilizar somente uma ação ou técnica, 71,3% (124) assinalaram recorrer a essa habilidade. A associação das(os) profissionais da Clínica à Escuta Atenta e Sensível ao tema das relações étnico-raciais diz também respeito à sua dissociação de outros tipos de técnicas ou ações, como exemplo mais específico, o uso clínico de procedimentos (observação, acolhimento, avaliação, acompanhamento e aconselhamento específico ao tema). Tal fato levanta duas questões.

A primeira questiona a influência escolástica na psicologia brasileira, que pode inclinar a uma cultura psicológica de densas análises e profundas erudições acerca do tema do racismo e seus efeitos. Eventualmente, isso se refletiria em uma cultura profissional pouco baseada em evidências investigativas, que seriam resultados de práticas interventivas na assistência e de pesquisas científicas (como por exemplo, evidências de pesquisa no próprio campo clínico). Como referido no Perfil Formativo da Amostra, essa influência pode ser observada pela predominância dos referenciais teóricos da matriz romântica ou pós-romântica. Além disso, tal influência pode ser também constatada pela confirmação da *hipótese 11*, a saber, que as crenças acerca da atuação e identidade profissional das(os) psicólogas(os) respondentes estão associadas a noções de matriz religiosa judaico-cristã, em especial, o catolicismo.

A segunda questão diz respeito à prevalência isolada da Escuta Sensível no campo clínico. Segundo Fennell (2005), tal isolamento pode resultar em **condições de incerteza** no tratamento de pessoas étnica e racialmente contingenciadas, condições que, por sua vez, podem ser componentes da disparidade étnico-racial no atendimento. A autora Mary Fennell, no artigo teórico "Racial Disparities in Care: Looking Beyond the Clinical Encounter" sustenta a diferença entre o "saber" e o "saber fazer" ante o fenômeno do sofrimento psíquico decorrente do racismo no encontro clínico. Ou seja, o terapeuta pode ter o entendimento da problemática de fato, todavia, caso ainda não tenha a devida instrumentalização prévia nem

adquirido as habilidades para fazer o diagnóstico e dar os devidos encaminhamentos prognósticos, persistirá uma condição de incerteza acerca da decisão necessária para a condução do tratamento. Para a autora, tal condição de incerteza e a resultante discriminação no campo clínico estão na diferença entre o "saber" do fenômeno e o "saber fazer" frente ao fenômeno. Ela aponta que parte dos fatores são processos individuais, por se tratar de utilização de estereótipos e ativação de viés de preconceitos que afetam os resultados do encontro clínico. A incerteza da(o) profissional, relativa à raça-etnia, faz com que ela(ele) seja influenciada(o) por estereótipos, baseando-se em indicadores ruidosos e probabilidades previamente assumidas ou preferidas para organizar e processar informações e decidir por diagnósticos e tratamentos. Tais condições são de incerteza no cuidado, no tratamento e na orientação oferecidos aos pacientes não brancos, pois serão inferiores ao ideal, comparadas às das pessoas brancas (Fennell, 2005).

A Clínica é descrita, historicamente, como uma área clássica e elitista na psicologia. Isso se evidencia com o teste de associação entre as áreas de atuação (sem agrupamento) e o perfil de serviço. O resultado demonstra que a área da clínica está fortemente associada ($p < 0,001$) ao tipo de serviço pago. Fica também evidente, quando se seleciona as(os) profissionais dessa área para investigar a tendência de atendimento a populações étnico-raciais. As pessoas brancas são as mais atendidas ($M=3,86$) pelas profissionais da Clínica, depois as pessoas negras ($M=3,06$), as pessoas orientais ($M=1,89$) e as pessoas indígenas ($M=1,37$). Assim, ao cruzar as evidências, quais sejam, que a Clínica está associada ao serviço psicológico pago e que suas(seus) profissionais atendem mais pessoas brancas, deduzem-se as condições de incerteza determinadas pela diferença cultural e linguística acerca das relações étnico-raciais na área, como indica Fennell (2005).

A autora vislumbra que o desenvolvimento da **competência cultural** pode reduzir a discriminação nos encontros clínicos. O objetivo é criar um sistema ou ambiente de saúde e força de trabalho capaz de ofertar cuidados da mais alta qualidade a todos os pacientes, independentemente da raça-etnia, cultura ou proficiência linguística. A competência pode influenciar a prestação de cuidados em vários níveis, desde o encontro clínico até estratégias para organizar o serviço com uma força de trabalho mais diversificada racial e etnicamente. Os programas de competência cultural seriam direcionados à formação e treinamento das(os) profissionais, através da promulgação de padrões de competência de órgãos formadores e reguladores (Fennell, 2005).

No caso do contexto da psicologia brasileira, tais padrões de competência são promulgados pelo MEC e pela Associação Brasileira de Ensino em Psicologia, por exemplo, através da exigência da implementação, nas IES, da já mencionada Resolução nº 01/2004 do CNE, que institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Além disso, tais padrões podem também ser promulgados pelo Sistema Conselhos de Psicologia, para orientação e fiscalização das(os) profissionais e dos serviços de psicologia, mediante resoluções, campanhas, informativos ou programas específicos.

Consoante a ideia de **competência cultural** (Fennell, 2005), está o já mencionado **letramento racial ou étnico-racial** (Santos & Schucman, 2015). Fennell (2005) aponta a qualificação das(os) profissionais como meio para desenvolvimento da desejada competência cultural, a fim de que haja redução da condição de incerteza e da consequente discriminação no campo clínico. A qualificação profissional na formação também é divisada por Santos (2017) e Santos e Schucman (2015) para um letramento étnico-racial mais efetivo. Na esteira desse pensamento, é possível verificar, pelos dados da pesquisa, o pouco acesso ao tema no processo formativo das(os) profissionais respondentes, demonstrando o fraco letramento, ou competência cultural, necessário, entretanto, para se saber atuar perante a problemática das relações étnico-raciais.

4.4 - Discussões sobre as Crenças das(os) Profissionais

Confirme a *Hipótese 11*, as(os) psicólogas(os) apresentam **crenças sobre atuação e identidade profissional** que são associadas a termos que foram descritos por adeptas(os) das religiões de matriz judaico/cristão.

As evocações da Classe 01 (Figura 26), que remetem a valores **éticos** gerais (**Empatia, Respeito, Compromisso, Amor, Responsabilidade, Cuidado, Acolhimento, Dedicação e Confiança**) e a valores específicos da **Profissão** (**Sigilo, Atenção, Escutar, Técnica, Estudo, Competência e Atuação**) parecem estar reguladas pelas normas apresentadas no próprio Código de Ética Profissional do Psicólogo (Resolução nº 10/2005). O documento norteador da prática profissional estabelece padrões técnicos segundo normas éticas para estabelecer a relação das(os) psicólogas(os) com seus pares e com a sociedade, por meio da reflexão sobre a responsabilidade pessoal e coletiva. Dos sete (07) princípios fundamentais, os (03) três primeiros afirmam que:

I. O psicólogo baseará o seu trabalho no respeito e na promoção da liberdade, da dignidade, da igualdade e da integridade do ser humano, apoiado nos valores que embasam a Declaração Universal dos Direitos Humanos. II. O psicólogo trabalhará visando promover a saúde e a qualidade de vida das pessoas e das coletividades e contribuirá para a eliminação de quaisquer formas de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. III. O psicólogo atuará com responsabilidade social, analisando crítica e historicamente a realidade política, econômica, social e cultural (Resolução nº 010/2005, p.7).

Ao evidenciar a "sobre-representação" de tais valores éticos, na Classe 01, associada aos termos usados pelas(os) profissionais adeptas(os) das matrizes religiosas judaico-cristãs (**Religião_2*), resgata-se a história da própria psicologia e das instituições brasileiras, de herança colonial, ambas fundadas sobre epistemologias cristão-católicas. Por exemplo, remete-se a noções cristãs de amor universal, do sigilo no âmbito da confissão, do sofrimento, de justiça e ética social e da função mediadora da função salvacionista da(o) psicóloga(o) frente as formas de desigualdade e opressão.

Os valores "sobre-representados" na Classe 01 são congruentes com o que é observado concretamente no Código de Ética Profissional, bem como a forma como são vistos os **objetos de estudo e trabalho** da psicologia (Classe 02) (**Mudança, Sofrimento, Vida, Subjetividade, Comportamento, Desenvolvimento, Consciência, Emocional, Mente e Cultura; Saúde Mental, Apoio, Bem estar, Suporte, Alívio, Auto[estima] e Qualidade [de vida]**) (Figura 26).

Por outro lado, as ideias que expressam os desafios na profissão estão associadas àquelas(es) cuja crença não vem de uma matriz religiosa definida e que estão mais distantes em relação aos dois primeiros centros de crenças (Classe 03). São termos ligados uma profissão em **Construção (Difícil, Frágil, Construir e Indefinido)**, e que é de extrema **Importância** social (**Necessidade, Essencial, Fundamental, Múltiplo, Amplo, Único e Multifacetado**), mas, mal compreendida frente ao senso comum (**Confuso, Desvalor, Complexo, Desconhecido, Mal e Elite**) (Figura 26).

Com a evidência da *hipótese 11* confirmada, tal dado remete a própria histografia da psicologia brasileira com referência a sua institucionalização sob grande influência da tradição filosófica, política e cultural cristão-católica, com base no que apresenta Jacó-Vilela (2014), Sanchi (2005) e Antunes (2005).

A *hipótese 12*, por sua vez, confirma que as **crenças das(os) profissionais sobre Pessoas Brancas são mais associadas a crenças sobre Humanos**, comparadas às crenças ligadas a outras categorias étnico-raciais.

Os valores abstratos e conceituais atribuídos à categoria humana estão intimamente ligados à prevalência dos elementos éticos e práticos da atuação e identidade profissional apresentados na *hipótese 11*. Tanto é que a orientação da **Ética** passa pela influência emocional da **Empatia** e de **Vínculo** positivo de confiança, representadas na Classe 01 (Figura 27), o que ainda está associado aos elementos da Classe 02, objeto da ciência e profissão psicológica (**Saúde mental, Sofrimento, Subjetividade, Comportamento**, etc.).

Sobre as categorias étnico-raciais, nota-se o reconhecimento de igualdade e de direito quando o evocativo é "Pessoas Brancas". Por exemplo, foi significativa a atribuição da ideia de humanidade e normalidade para essa categoria étnico-racial, diferente do que está associado a outras categorias. Diante disto, de um modo geral, evidencia-se que o vocabulário com maior "sobre-representação" de termos evocados para se falar de "Pessoas Brancas" distancia-se dos vocabulários que estão associados a outras categorias étnico-raciais.

A Classe 05 (Figura 27), associada a "Pessoas Brancas", também está intimamente vinculada a ambivalentes desigualdades políticas provenientes da racialização, que remetem aos efeitos psicossociais do racismo nas relações étnico-raciais. Já, na Classe 03, o sofrimento e a exclusão social são remetidos à racialização de Pessoas Negras. Porém, também estão vinculados a ideias de enfrentamento do racismo e exclusão. A classificação atinente à etnia, cultura e tradição é associada a Pessoas Indígenas, mas também, em menor proporção, a Pessoas Orientais (Classe 02).

Ao relacionar a interpretação semântica realizada sobre as análises de CHD com a Análise de Especificidades, as(os) profissionais associam atributos de humanidade a Pessoas Orientais, a que são atribuídas individualidade e potencialidades humanas. No entanto, cabe a crítica aos atributos de potenciais humanos a que os orientais induzem evocações. Esses atributos são imagens de inteligência, capacidade e disciplina que, apesar da ideia de potencialidade, podem representar mecanização psicológica humana, que é diagnóstico de desumanização pela instrumentalização e mecanização racional. Por exemplo, Hilário (2013) analisa, com o uso da Teoria Crítica, os efeitos da barbárie que se manifestam em determinados tecido sociais e, nesse sentido, explica que o controle da subjetividade e o uso da hipertecnologia estabelecem uma mecanização civilizatória. Ele aponta que a literatura de gênero distópico surge como uma forma de resistência crítica face a tais mecanizações. As análises distópicas tem como alvo a problemática da razão calculada e o mecanicismo transmitidos através da linguagem matemática característica da modernidade. Preocupa-se,

enfim, com a regressão histórica que anula o ordenamento ético, político e estético (Hilário, 2013).

Para Adorno (1996; 1986) e Horkheimer e Adorno (1985), a racionalidade é um instrumento de dominação burocrática da atividade econômica capitalista, por via do cientificismo e da tecnocracia. Residiria, assim, na modernidade, o produto de uma sociedade burguesa que define um processo civilizatório centrado em um projeto humano universal, individual e desatado do passado, da territorialidade cultural e da diversidade. Os autores designam a racionalidade como a forma da atividade econômica capitalista, das relações de direito privado burguês e da dominação burocrática. Isso corresponderia à industrialização do trabalho social e à penetração dos critérios da ação instrumental em outros âmbitos da vida. A progressiva racionalização da sociedade encontra-se diretamente ligada à industrialização do processo científico e técnico.

A racionalidade produz a subjetividade mecanizada que, por sua vez, resulta em um produto humano de evidente valorização do econômico e desvalorização das interações políticas, no sentido da ação e transformação conjunta da esfera social (Habermas, 2014). Na imagem sobre as Pessoas Orientais, isto pode ser constatado pelas "sub-representações". Nota-se a baixa associação com **Racismo, Igualdade, Privilégio e Social**, termos atinentes às relações sociais, mesmo que de desigualdade (Figura 29). Há a "sobre-representação" do termo **Cultura** ($\chi^2 = 13$), indicando que, assim como as Pessoas Indígenas ($\chi^2 = 10$), são identificadas como exóticas (Figura 28). Tanto as Pessoas Orientais quanto as Pessoas Indígenas são remetidas a ideias de "outgroup" (outros), já que as(os) respondentes são predominantemente negras(os) e brancas(os). Isso é ratificado, não por acaso, pela "sub-representação" do mesmo termo na evocação para Pessoas Brancas ($-\chi^2 = -11$) e Pessoas Negras ($-\chi^2 = -8$) (Figura 29). Diante da análise, apesar da associação com noções do potencial humano, as imagens evocadas sobre Pessoas Orientais evidenciam desumanização por sua atribuição à mecanização humana pela racionalidade, bem como ao exotismo.

O exotismo é também característico nas representações predominantes para Pessoas Indígenas, bem como a desumanização, mas não por atribuição de uso mecanicista das ideias. As imagens sobre os indígenas são fortemente induzidas por ideias de **natureza e terra**, o que, para Ferreira e Hamlin (2010), configura a representação do limiar da humanidade. Os indígenas são representados pelo dualismo fundamentado entre a natureza e a civilização, identificado nos hiatos entre mente e corpo, prazer e razão, forma e essência, matéria e ideia. No discurso civilizador, a natureza apresenta-se como o que alimenta e nutre, mas também

como caos e corrupção da existência. Os autores consideram que o discurso não se estrutura exclusivamente pela afirmação de um dos polos da oposição. A ambiguidade relativa à alteridade manifesta a força do paradoxo no qual o "outro" é incluído e reconhecido na relação, mas sob o estigma da exclusão. O que se evidencia na forte associação a **Cultura** e **Respeito**, desvinculada, entretanto, das ideias de **Igualdade**, **Inteligência** e **Pessoa**. Relativamente à atribuição de **Cultura** às Pessoas Indígenas, assim como às Pessoas Orientais há exotismo ou folclorismo. No entanto, quanto aos povos indígenas, o perfil retrata o ufanismo cultural derivado do processo histórico brasileiro.

As(os) profissionais atribuem a Pessoas Negras e Pessoas Brancas uma zona lexical aproximada, integrada aos conflitos das relações sociais modernas. Estabelece-se uma relação de disputa entre privilégio e resistência, ao que parece, oriunda de vínculos sociais modernos mercantis e industriais. Como destacado, em ambas, há interposições negativas de representação da **Cultura**.

As evocações sobre Pessoas Negras são direcionadas a privações de direitos e de reconhecimento da dignidade humana, o que se inverte no caso das Pessoas Brancas; quando se evidenciam, tanto pela CHD, quanto pela Análise de Especificidades, ideias de afirmação de direitos e reconhecimento da dignidade, seja pela **Oportunidade**, **Privilégio**, **Elite**, **Normalidade**, bem como de **Igualdade**, de **Comum**, de **Indiferença**, de **Semelhança** e do próprio **Direito**, de **Pessoa** e de **Humano**.

Diante de tais ponderações, é possível afirmar que as crenças sobre Pessoas Brancas são mais associadas às crenças sobre Humanos, comparadas as relativas a outras categorias étnico-raciais populares. A confirmação ocorre tanto pelos termos associados ("sobrerrepresentação") e dissociados ("sub-representação") das categorias étnico-raciais na Análise de Especificidades, quanto pela CHD, pelo vocabulário com maior "sobrerrepresentação" de termos evocados para falar de Pessoas Brancas (Classe 05 da Figura 27), que se distanciam, pelo eixo do dendrograma, dos vocabulários associados às outras categorias étnico-raciais. Isso evidencia o perfil indireto do racismo sutil e cordial, presente na configuração das relações étnico-raciais brasileiras.

Síntese da tese

Essa pesquisa buscou caracterizar as atuações das(os) profissionais de psicologia no tema das relações étnico-raciais, sobre a proposta de investigação multicêntrica em três (03) Estados brasileiros, Amazonas, Bahia e São Paulo. Em busca da especificidade dessa atuação se identificou elementos sociodemográficos, formativos e ocupacionais das(os) psicólogas(os) brasileiras(os). Identificaram-se também suas crenças acerca da própria atuação e identidade profissional e acerca das categorias de raça-etnia populares no Brasil.

O quadro teórico da tese parte da Teoria Crítica e da Psicologia Social do Racismo.

O capítulo primeiro apresenta, inicialmente, a narrativa hegemônica do desenvolvimento dos saberes psicológicos na sua história cultural até o estabelecimento de uma epistemologia única científica, no final do séc. XIX. Por meio da história cultural eurocentrada, os registros partem da Grécia Antiga, Império Romano, passam pela Escolástica cristã medieval de Sto. Agostinho e São Tomaz de Aquino e chegam à modernidade com uma episteme psicológica já bem delimitada acerca da "individualidade universal". Após isto, seguem-se as leituras racionalistas e empiristas, que precedem ao associacionismo e ao funcionalismo do séc. XIX.

Enquanto a modernidade regia a orientação existencial dos europeus derivados do cristianismo católico, a Colonialidade orientava os não europeus pagãos. À medida que a modernidade buscava expressar uma ideia de "humanidade universal absoluta" pela episteme individual e racional; a Colonialidade ancorava a "inumanidade" pela classificada pela raça-etnia, para estabelecer a inferioridade de outros povos no processo civilizatório moderno. O que pode ser notado pelo padrão racializado do fenômeno da estratificação social nas colônias.

Ao mesmo tempo em que, na Europa, a epistemologia unitária da psicologia científica estava delineada acerca do indivíduo; no final do séc. XIX, no Brasil, a psicologia científica busca ainda se afirmar, contudo, sobre a episteme da raça-etnia.

O lado oculto da modernidade é a Colonialidade, que, por sua vez, interfere nas inter-relações de dominação no poder, no saber e no ser e existir no mundo. Por não serem encarnados no ideal absoluto e universal de humanidade, os que são entendidos historicamente como "bárbaros" e "selvagens" sofrem impactos no seu não reconhecimento social. Por meio da desvalorização, desrespeito e desconfiança, manifesta-se os efeitos psicossociais do racismo.

A psicologia latino-americana busca definir uma natureza epistemológica histórico-metodológica para melhor lidar com a realidade local, conforme a complexidade e a pluralidade dos fenômenos estudados. A psicologia decolonial engloba as "epistemologias do sul", na qual está incluída a latino-americana. Há o destaque para não buscar superar as problemáticas e desigualdades sociais sob a leitura exclusiva da economia moderna, presente no conflito de luta de classes. A colonialidade, como visto, abrange questões mais complexas, por exemplo, cosmovisões religiosas, relações de gênero, relação entre campo-cidade, trabalho assalariado e trabalho escravo, com destaque, entretanto, para o lugar e não lugar linguístico de identidade humana proporcionado pela raça-etnia. No âmbito da epistemologia decolonial, o principal foco é que a individualidade moderna não é universal ou absoluta.

A partir disto, as(os) profissionais brasileiras(os) e latino-americanas podem intervir psicossocialmente com a proposta de descolonização mental, por meio da conscientização e desideologização. Para que, enfim, se possam estabelecer expressões identitárias legítimas em prol da própria ação social cotidiana.

Ainda no primeiro capítulo é apresentada a institucionalização da psicologia no Brasil, o qual foi marcadamente orientado pelo pensamento católico. Desde o período colonial, com a influência política e filosófica dos jesuítas, os saberes psicológicos foram se desenvolvendo, tendo como pautas de discussão as raças-etnias (diferenças entre povos, as religiões afro-brasileiras e a adaptação dos indígenas ao trabalho), o trabalho e o autoconhecimento cultivado pela fé, com o propósito de definir desde já um "caráter brasileiro". É notada, na intelectualidade nacional, a transição da então afirmada psicologia tomista e da fé para a aceitação da psicologia científica, com fins de atualizar o discurso sobre o "ser" e a "alma" diante da modernização brasileira. E, por fim, por volta do final do séc. XX, há a psicologia pastoral, orientada pela ética social cristã e da teologia da libertação, que influenciou toda a psicologia nacional da época; além da formação das pastorais negras e do conselho indígena.

A despeito da influência católica, é apresentado um marco lógico-histórico próprio da psicologia no Brasil. Foi observado o estabelecimento de uma ciência psicológica nacional, com início na medicina e educação na virada do séc. XIX para o séc. XX; ganhando autonomia com as cátedras universitárias, institutos e laboratórios, na primeira metade do séc. XX; e com a regulamentação e o estabelecimento da profissão, na segunda metade do séc. XX. Em todas as etapas descritas, foram apontados(as) os(as) principais personagens responsáveis pela institucionalização da psicologia. Os(as) mesmos(as) que desenvolveram suas carreiras acadêmicas e profissionais discutindo o fenômeno étnico-racial brasileiro.

Dentre os nomes destacados estão os de Raimundo Nina Rodrigues, Juliano Moreira, Afrânio Peixoto, Arthur Ramos, Aníela Ginsberg, Otto Klineberg, Donald Pierson, Virginia Leone Bicudo e Dante Moreira Leite. Tal dado demonstra que a presente identidade das(os) psicólogas(os) brasileiras foi construída, desde o início, tendo o tema das relações étnico-raciais como objeto de análise e intervenção. Com o propósito de apresentar o cenário das relações étnico-raciais no Brasil, o terceiro ponto do capítulo define os termos raça, etnia, racialismo, etnicidade e racismo. A partir disso, busca distinguir o perfil do racismo brasileiro pela sua sutileza e cordialidade, advindas da colonialidade de herança ibero-latino-cristão-católica. Característica que manifesta o silenciamento dos conflitos étnico-raciais.

Com o capítulo teórico buscou-se entender como se sucedeu o desenvolvimento de uma epistemologia única na psicologia e quais entraves da sua aplicação no contexto das relações étnico-raciais brasileiras. Realizou-se uma linha lógica das narrativas sobre tal desenvolvimento, para compreender criticamente como se deu o estabelecimento de tal epistemologia hegemônica e quais as possibilidades de melhor adequar as atuações profissionais das(os) psicólogas(os) brasileiras(os) diante da sua realidade populacional, histórica, política, identitária, étnico-racial e civilizatória pela colonialidade.

Com intenção de caracterizar as peculiaridades do contexto da psicologia brasileiras(os), coube exatamente à atual tese investigar sobre as atuações profissionais no tema das relações étnico-raciais em diferentes locais do país.

Por meio de uma linha metodológica quantitativa e exploratória caracterizou as atuações com base nos resultados da estatística descritiva, de análises estatísticas (Tabela Cruzada e Teste *t*), bem como, nos resultados de análises lexicais (método Reinert e análise de especificidades).

De forma sintética, os principais achados da tese são os seguintes:

A idade média das(os) psicólogas(os) participantes é de 38 anos, sendo que a maioria está entre 30 e 34 anos. Na distribuição por gênero, há uma proporção majoritariamente feminina (79,6%).

Quanto aos dados étnico-raciais, apesar da maioria das(os) psicólogas(os) ser branca (46,6%), quando agrupadas(os) as(os) pardas(os) e pretas(os) como única categoria, as(os) participantes "negras(os)" passam ser a maioria (51%).

Quanto à religiosidade/espiritualidade, as religiões de matriz judaico-cristã são as prevalentes (48%), com destaque para o catolicismo (26%). Isso se justifica em razão do processo colonizador religioso em que se enraíza a história brasileira. A religião cujas(os)

as(os) adeptas(os) apresentaram o maior grau de religiosidade foi a espírita kardecista ($M=4,17$).

A maioria das(os) respondentes possui titulação de especialista (60%). Nota-se que a pós-graduação *strito sensu* (Mestrado e Doutorado) está associada ao nível acadêmico de profissionais brancas(os), enquanto à pós-graduação *lato sensu* (especialização) está associada as(os) profissionais negras(os).

A maior parte é egressa de IES pagas (70,5%), sendo particulares/privadas ou confessionais, filantrópicas, etc. As(os) profissionais brancas(os) estão associadas a terem se formado em IES Públicas Estaduais e as(os) negras(os), em IES Particulares/privadas e em IES Públicas Federais. Exclusivamente na Bahia, as IES pagas disponibilizam significativamente mais acesso ao tema das relações étnico-raciais que as IES Públicas.

Um pouco mais da metade das(os) psicólogas(os) tiveram acesso ao tema na sua formação (56,9%). Sendo que do total, 51,8% teve acesso ao tema dentro do plano programático do currículo no curso.

A maioria não participou de qualquer grupo ou coletivo específico que tematizasse as relações étnico-raciais (81,6%). A maior parte do interesse no tema surgiu fora do curso; seja antes, depois ou em paralelo ao curso. Foi notado que as(os) profissionais brancas(os) estão associadas(os) a não ter interesse no tema, bem como, a ter interesse surgido durante a formação. Enquanto que as(os) negras(os) estão associadas ao interesse surgido antes da formação ou paralela a ela, em outros ambientes. Evidencia-se que o tema das relações étnico-raciais que é disponibilizado na formação de psicologia mobilizou mais as(os) brancas(os) do que as(os) negras(os).

O surgimento do interesse no tema foi expressivo para as(os) psicólogas(os) quando já formadas(os), já atuando no mercado de trabalho. O interesse no tema está associado as(aos) profissionais que adotam referenciais teóricos da matriz de pensamento humanista-vitalista, em contraposição, as(aos) que adotam unicamente abordagens da matriz de pensamento cientificista associam-se com o desinteresse. Outro destaque é que as(os) profissionais adeptas(os) das religiões de matriz judaico-cristã são as(os) que menos apresentam interesse no tema das relações étnico-raciais, em especial as(os) das religiões evangélicas e católicas. Do outro lado, as(os) profissionais que apresentam maior proporção de interesse são as(os) que se expressam sem matriz religiosa, vindo a não se definirem religiosamente ou como espiritualistas.

Por sua vez, os referenciais teóricos que seguem o pensamento da matriz romântica ou pós-romântica são os mais adotados pelas(os) respondentes.

Observa-se que a média do tempo de atuação das(os) profissionais é de 8,5 anos. A faixa de tempo prevalente é de até quatro (04) anos na profissão (34,7%). Nota-se que as(os) profissionais mais recém-chegadas(os) na profissão se limitam ao menor número de atuações. As(os) psicólogas(os) brancas(os) estão associadas(os) ao maior tempo de atuação na psicologia do que as(os) negras(os). O que remete ao tempo de influência da política de ações afirmativas e financiamentos estudantis para essa população.

As(os) participantes trabalham majoritariamente nas áreas de atuações do Eixo Saúde, com destaque para a Clínica. As atuações do Eixo Saúde e Educação são associadas as(aos) profissionais brancas(os) e as atuações do Eixo Sociedade, as(aos) profissionais negras(os).

O território mais comum das atuações é o das Zonas Urbanas, que são as Capitais e Regiões Metropolitanas. Sobre as populações étnico-raciais atendidas nos serviços psicológicos, as pessoas brancas são as mais atendidas, depois, as negras e, em menor grau, estão as orientais e as indígenas. Ao se estratificar por Estado, São Paulo foi o único que seguiu a ordem das médias da amostra geral. As pessoas brancas são as mais presentes nos serviços, em seguida, as pessoas negras, as pessoas orientais e as indígenas. No Amazonas, as pessoas brancas também são as mais atendidas nos serviços de psicologia, seguidas por pessoas negras, depois, indígenas e, por último, orientais. Na Bahia, as pessoas com a maior média de presença são as negras, depois, as brancas, as orientais e as indígenas.

Um pouco mais da metade dos perfis dos serviços psicológicos descritos são pagos. As(os) psicólogas(os) brancas(os) estão associadas(os) a trabalhar nos serviços pagos, em especial, ao serviço autônomo e ao privado. Já as(os) negras(os) estão associadas aos serviços públicos, com destaque ao público municipal e a ONG. Mostra-se também que os serviços psicológicos pagos são associados ao atendimento de pessoas brancas e orientais; e os serviços públicos são direcionados ao atendimento de pessoas negras e indígenas. Além disso, evidencia-se as características étnico-raciais com base nas faixas socioeconômica atendidas. À medida em que a faixa socioeconômica é sem renda ou de baixa renda, a população atendida é descrita como negra. Inversamente, quanto mais se eleva a renda, mais o grupo étnico-racial atendido passa a ser branco. A faixa socioeconômica mais atendida é a de R\$1.000 a R\$3.000 e depois a que recebe auxílio governamental.

As situações de racismo com maiores médias têm a característica de impessoalidade, isto é, são aquelas em que as(os) profissionais não estão diretamente envolvidas. Como

constatado, o caráter de impessoalidade da sensibilidade de racismo é congruente com o perfil de racismo sutil e indireto que configura as relações étnico-raciais no Brasil. Constatase que as(os) profissionais negras(os) afirmam estar mais envolvidas(os) em situações de discriminação étnico-racial. Ou seja, as(os) negras tem significativamente um maior nível de consciência sobre tais situações do que as(os) brancas(os), com base na noção de vigilância automática (Major & O'Brien, 2005; Spears, 2011).

Basicamente, metade das(os) profissionais relata que não teve o tema das relações étnico-raciais como pauta no ambiente de trabalho (50,1%). Afirma-se a associação da difusão da pauta no trabalho com as(os) psicólogas(os) do Estado da Bahia. A pauta está também associada às áreas de atuações dos Eixos Educação e Sociedade, enquanto que dissociado das áreas do Eixo Saúde.

Entre as ações e técnicas específicas ao tema, prevalece o recurso de habilidade pessoal, que consta como Escuta Atenta e Sensível. Demonstra-se associação do uso da técnica de habilidade pessoal com a área da Clínica; do uso de técnicas grupais com a área da Psicologia Social; dos materiais didáticos com a área de Docência de Nível Superior; das ações agrupadas em participação institucional com a área de Gestão Institucional de Órgãos Governamentais e Não Governamentais. Na área de Clínica, a disposição do uso da Escuta Atenta e Sensível, isolada de outras técnicas ou procedimentos, remete à denúncia de Fennell (2005) sobre a condição de incerteza no encontro clínico, no tratamento de pessoas étnico-racialmente contingenciadas.

As(os) psicólogas(os) apresentam crenças sobre atuação e identidade profissional associadas a termos descritos por adeptas(os) das religiões de matriz judaico/cristão. Assim como, as crenças sobre Pessoas Brancas são mais associadas a crenças sobre Humanos, comparada às crenças das outras categorias étnico-raciais.

Considerações finais

Algumas limitações operacionais ocorreram no processo da pesquisa e investigação. Por exemplo, como já detalhado no capítulo do "Método", foram coletados os dados da Escala de Racismo modificada com as variações para as quatro categorias étnico-raciais populares no Brasil, no entanto, tais dados não foram processados e analisados. Também não foram analisadas as descrições opcionais de cada uma das técnicas elaboradas ou ações específicas no tema (questões 30 a 50).

Apesar das limitações operacionais apontadas, a pesquisa alcançou o seu objetivo, com base nos dados trabalhados na forma de "Estatística Descritiva" (seção 3.1) e análise das 12 hipóteses (seção 3.2 e Apêndices).

A despeito do vasto volume de dados, procedimentos e análises, tal pesquisa ainda apresenta possibilidades de novas pesquisas em potencial. Tais evidências demonstram a necessidade da produção de conhecimento ainda mais específico acerca das peculiaridades do tema das relações étnico-raciais nas diversas atuações da(o) profissional de psicologia. É imperativo melhor caracterizar como o tema é trabalhado e desenvolvido em cada tipo de serviço psicológico, em cada área de atuação, com cada população étnico-racial, com cada faixa socioeconômica. Do mesmo modo, é importante conhecer como o tema das relações étnico-raciais são cotidianamente trabalhados e desenvolvidos por profissionais negras(os) e brancas(os), já que as mesmas apresentam ter perfis formativos e ocupacionais significativamente tão distintos.

Como mencionado, os dados utilizados foram das(os) 657 psicólogas(os) alocadas(os) nos Estados do Amazonas, Bahia e São Paulo, no entanto, foram coletados dados sociodemográficos, formativos, ocupacionais e de crenças de 1110 profissionais de quase todas as Unidades Federativas do país. Novos estudos podem partir do processamento e análise da completude desses dados. Além disso, há os dados da Escala modificada de Racismo Moderno adaptado ao contexto brasileiro, que foi respondida pelas mesmas(os) 1110 participantes.

Por fim, a pesquisa realizada sustenta (05) cinco principais argumentos:

O primeiro argumento é que há disparidades formativas e ocupacionais entre profissionais brancas(os) e negras(os). Essas são evidenciadas pelo nível de titulação, pelo perfil da IES (pagos/públicos) onde se formaram, pelo interesse no tema, pelo tempo de

atuação na psicologia, pelas áreas de atuação e perfis dos serviços (pagos/públicos) onde trabalham, bem como pela vigilância e consciência de envolvimento em situações de racismo.

O segundo, é que há também a disparidades no atendimento das populações étnico-raciais. Os serviços psicológicos pagos são associados ao atendimento de pessoas brancas e orientais; e os serviços públicos são direcionados ao atendimento de pessoas negras e indígenas. As faixas socioeconômicas atendidas são caracterizadas pelas raças-etnias das pessoas. Na medida em que a faixa socioeconômica é sem renda ou de baixa renda, a população atendida é descrita como negra. Inversamente, quanto mais se eleva a renda, mais o grupo étnico-racial atendido passa a ser branco.

O terceiro argumento é acerca da influência política e filosófica cristão-católica na atuação das(os) profissionais de psicologia. O que é evidenciada pela historiografia da psicologia brasileira e manifesta nas crenças sobre atuação e identidade profissional das(os) psicólogas. A influência cristão-católica também pode ser notada no perfil do racismo brasileiro, que também pode ser identificado nas crenças das(os) participantes sobre as categorias étnico-raciais.

O quarto diz respeito às ações, técnicas e procedimentos específicos no tema das relações étnico-raciais elaborados ou utilizado pelas(os) profissionais, pois se nota a prevalência do uso do recurso da habilidade pessoal, que consta como Escuta Atenta e Sensível e como a mesma está associada a área de atuação na Clínica. Tal fato levanta duas problematizações. Uma, relativa à influência escolástica da herança do pensamento cristão-católico na psicologia brasileira, que pode inclinar a uma cultura psicológica de atuação na área pouco baseada em evidências investigadas e procedimentos específicos. A outra, relacionada a condição de incerteza no diagnóstico e tratamento de pessoas étnico e racialmente contingenciadas. Pela distinção entre a(o) profissional "saber" sobre o fenômeno do racismo e a(o) mesma(o) "saber fazer" ante a tal fenômeno e seus efeitos está a referida condição de incerteza e a provável discriminação no atendimento do campo clínico.

O quinto e último achado versa sobre a influência dos históricos institucionais dos respectivos Conselhos Regionais de Psicologia na difusão do tema das relações étnico-raciais, como pauta no ambiente de trabalho das(os) profissionais, em cada estado pesquisado. A Bahia, com o CRP03, apresenta um protagonismo institucional de atuação no tema, o que pode ser visto pela significância das(os) profissionais que tem discutido o tema no seu trabalho, comparadas(os) as(os) dos estados do Amazonas e São Paulo. Isto mostra que a competência cultural e o letramento étnico-racial das(os) psicólogas(os), para o seu serviço

junto a população brasileira, podem ser desenvolvidos, a longo prazo, a partir do modelo de transmissão de conhecimento cotidiano realizado pelo Sistema Conselhos de Psicologia. Tal modelo pode ser ampliado para outras instituições como Associações Profissionais, Sindicatos ou até instituições formadoras e universidades. Entretanto, além do trabalho de difusão da importância do tema, que mira a longo prazo, as instituições profissionais e científicas da psicologia brasileira precisam também desenvolver e transmitir sobre instrumentos, procedimentos e técnicas evidenciadas em resultados investigados para a atuação mais efetiva e direcionada no tema das relações étnico-raciais, do racismo e seus efeitos psicossociais. Como destacado anteriormente, o uso isolado da habilidade pessoal da Escuta Atenta e Sensível, alheia de outros instrumentos, procedimentos e técnicas, pode se configurar como mais uma condição de discriminação no atendimento do campo clínico.

O intuito maior da pesquisa foi de contribuir para a formação de pesquisadores e psicólogas(os) que, nas suas várias frentes de trabalho, têm sido interpeladas(os) pela construção sociocultural das diferenças e desigualdades. A proposta exploratória de caracterização da profissão no tema de relações étnico-raciais no Brasil, sob um recorte multicêntrico, buscou contribuir nessa direção.

Referências

- Abib, J. (2009). Epistemologia pluralizada e história da psicologia. *Scientiae Studia*, 7(2), 195-208. <https://doi.org/10.1590/S1678-31662009000200002>.
- Adorno, T. W. (2004). Sobre la relación entre Sociología y Psicología (A. G. Ruiz, Trad.). In T. W. Adorno, *Escritos Sociológicos: Vol. I. Obra Completa* (pp. 39-78). Madri, España: Akal. (Original publicado em 1955).
- Adorno, T. (1996). Teoria da Semicultura. Trad. Newton Ramos-de-Oliveira. *Educação e Sociedade*. n. 56, ano XVII, dez. p. 388-411.
- Adorno, T. W. (1986) Capitalismo Tardio ou Sociedade Industrial. In Adorno T. W. Theodor W. Adorno. *Coleção Sociologia*, São Paulo: Ática.
- Anjos, G. dos. (2013). A questão "cor" ou "raça" nos censos nacionais. *Indicadores Econômicos FEE*, Porto Alegre, v.41, n.1, p. 103-118.
- Articulação Nacional de Psicólogas(os) Negras(os) e Pesquisadoras(es) (ANPSINEP, 2010). *Carta de São Paulo*. São Paulo, Encontro Nacional da ANPSINEP, Universidade de São Paulo. Disponível em: http://r1.ufrj.br/lapsiafro/arquivos/Carta_de_Sao_Paulo_USP_2010.pdf
- Ansara, S. & Dantas, B. S. do A. (2010). Intervenções psicossociais na comunidade: desafios e práticas. *Psicologia & Sociedade*; 22 (1): 95-103.
- Antunes, M. A. M. (2005). *A psicologia no Brasil: leitura histórica sobre sua constituição*. São Paulo: Unimarco Editora/Educ 4a. (Original publicado em 1998).
- Appiah, K. A. (1997). *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*; tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Assis, W. F. T. (2014). *Do colonialismo à colonialidade: expropriação territorial na periferia do capitalismo*. Caderno CRH, Salvador, v. 27, n. 72, p. 613-627.
- Baptista, R. (2018, 01 de agosto). Cotas em universidades estaduais. *Vestibular mundo educação*. Recuperado de <https://vestibular.mundoeducacao.bol.uol.com.br/cotas/sistema-cotas-universidades-estaduais.htm>.
- Baptista, T. D. da S. (2010). A regulamentação da profissão psicologia: Documentos que explicam o processo histórico. *Psicologia: ciência e Profissão*. Número especial ANO 30. 8 (41), 7-42.

- Batisde, R. & Fernandes, F. (2008). *Branços e negros em São Paulo: ensaio sociológico sobre aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulista*. 4. ed. rev. – São Paulo: Global. (Original publicado em 1955).
- Bhui, K. (2002). Race and Racial Discourse. In: *Racism and mental health : prejudice and suffering*. British Library Cataloguing in Publication Data.
- Brasil, Ministério do Trabalho e Emprego (2010). *Classificação Brasileira de Ocupações: CBO-2010 – 3ª ed*. Brasília: MTE, SPPE.
- Brasil, Ministério da Saúde. (2008). *Painel de Indicadores do SUS nº 5*. Brasília.
- Brasil, Ministério da Educação (s.d.). *Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana*. Brasília.
- Bocchini, B. (2017, 06 de agosto). Pioneira no debate, USP é última das grandes universidades a adotar cota racial. *Agência Brasil*. Recuperado em <http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2017-08/pioneira-no-debate-usp-e-ultima-das-grandes-universidades-adotar-cota>.
- Borges, C. (2018). Para mulheres marginais, epistemologias marginais: religião, interculturalidade e descolonização. *Mandrágora*, v.24. n. 2, p. 201-214.
- Camargo, A. (2010) Classificações raciais e formação do campo estatístico no Brasil (1872-1940). In: SENRA, N. de C.; CAMARGO, A. de P. R. (Org.) *Estatísticas nas Américas: por uma agenda de estudos históricos com parados*. Rio de Janeiro: IBGE. p. 229-263.
- Camargo B. V. & Justo, A. M. Tutorial para uso do *software IRAMUTEQ (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires)*. Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição. Universidade Federal de São Carlos. Brasil.
- Camino, L. Silva, P. Machado, A. & Pereira, C. (2001). A face oculta do racismo no Brasil: uma análise psicossociológica. *Revista de Psicologia política*, 1, 13-36.
- Campos, R. (2014). Para além do milagre do Juazeiro: sofrimento como sacralização do espaço, o caso dos Ave de Jesus – Juazeiro do Norte. *Estudos de Sociologia - ISSN: 2317-5427*, 1(13), 161-173. Recuperado de <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revsocio/article/view/235384>
- Campos, R. H. de F. (1992). 30 anos de regulamentação. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 12(2), 4-9. Retrieved May 27, 2015, from [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931992000200002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931992000200002&lng=en&tlng=pt). 10.1590/S1414-98931992000200002.
- Campos, R. H. de F. & Bernades, L. H. G. (2005). A Revista Psicologia Ciência e Profissão: um registro da história da Psicologia Brasileira. *Psicologia Ciência e Profissão*, 25 (4), 508-525.

- Cardoso Jr. J. C. & Jaccoud, L. (2005). Políticas sociais no Brasil: organização, abrangência e tensões da ação estatal. Em Jaccoud, L. (org). *Questão Social e Políticas Sociais no Brasil Contemporâneo*. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Brasília.
- Chaves, A. M. (1992). 30 anos de regulamentação. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 12(2), 4-9. Retrieved May 27, 2015, from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931992000200002&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S1414-98931992000200002.
- Clark, R., Anderson, N. B., Clark V. R. & Williams, D.R. (1999). Racism as a Stressor for African Americans: A Biopsychosocial Model. *American Psychologist Association*. Vol. 54. No. 10, 805-816. Disponível em: <http://psycnet.apa.org/journals/amp/54/10/805.pdf>.
- Coimbra Jr., C. E. A., & Santos, R. V. (2000). Saúde, minorias e Desigualdade:. Algumas teias de inter-relações, com ênfase nos Povos Indígenas no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 5 (1), 125-132. Retirado 19 de maio de 2015, a partir de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232000000100011&lng=en&tlng=pt. 10.1590 / S1413-81232000000100011
- Comas, J. (1970). Os mitos raciais. In: Comas, J., Little, K. L., Shapiro, H. L., Leiris, M. & Levi-Strauss, C. (Orgs.). *Raça e Ciência I*. São Paulo: Perspectiva.
- Conselho Federal de Psicologia (2017a). *A Psicologia brasileira apresentada em números*. Dado atualizado em 17 de novembro de 2017. Disponível em: <http://www2.cfp.org.br/infografico/quantos-somos/>
- Conselho Federal de Psicologia (2017b). *Relações Raciais*: Referências técnicas para atuação de psicólogas/os. Brasília.
- Conselho Federal de Psicologia (2015). *A Psicologia brasileira apresentada em números*. Dado atualizado em 12 de outubro de 2015. Disponível em: <http://www2.cfp.org.br/infografico/quantos-somos/>
- Conselho Federal de Psicologia (2014). *CFP retoma debates de GT de Relações Raciais*. Dado atualizado em 09 de março de 2015. Notícias de 14/08/2014. Disponível em: <http://site.cfp.org.br/cfp-retoma-debates-de-gt-de-relacoes-raciais/>
- Conselho Federal de Psicologia (2013). *Referências técnicas para Prática de Psicólogas(os) em políticas públicas de relações raciais* / Conselho Federal de Psicologia. - Brasília: CFP.
- Conselho Regional de Psicologia 3ª Região. (2017). *Carta de Salvador*. Salvador, Seminário Psicologia e Relações Étnico-Raciais na Bahia, Conselho Regional da Bahia. Disponível em: <https://www.crp03.org.br/wp-content/uploads/2015/08/Vers%C3%A3o-final-da-Carta-de-Salvador.pdf>
- Conselho Regional de Psicologia 3ª Região. (2010). *Guia de Referências Psicologia e Relações Raciais*. 2ª edição. Salvador, Conselho Regional da Bahia. Disponível em:

<http://anpsinep.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/06/psicologia-e-relacoes-raciais-2a-ed.pdf?issuusl=ignore>

- Conselho Regional de Psicologia 6ª Região. (2014). *Laicidade e Psicologia*. GT Nacional Psicologia, Religião e Espiritualidade. São Paulo. Conselho Regional de São Paulo. Disponível em: http://www.crpasp.org.br/portal/midia/fiquedeolho_ver.aspx?id=758
- Costa, S. (2001). A mestiçagem e seus contrários - etnicidade e nacionalidade no Brasil contemporâneo. *Tempo Social: Rev. Sociol. USP*, São Paulo, 13(1): 143-158, maio. Acessível em: www.scielo.br.
- Costa, J. F. (1989). *História da Psiquiatria no Brasil: um corte ideológico*. Rio de Janeiro.
- Cunha, R. R. T. da. & Santos, A. de O. dos. (2014). Aníela Meyer Ginsberg e os estudos de raça-etnia e intercultura no Brasil. *Psicol. USP*, vol.25 no.3 São Paulo Sept./Dec.
- Daflon, V. T. (2014). Mestiçagem. Em Sansone, L. & Furtado, C. A. (org.) *Dicionário crítico das ciências sociais dos países de fala oficial portuguesa*. - Salvador:EDUFBA.
- Dávila, J. (2006). *Diploma de brancura: política social e racial no Brasil – 1917-1945*; tradução Cláudia Sant’ana Martins. São Paulo: Editora UNESP.
- Del Cont, V. (2008). Francis Galton: eugenia e hereditariedade. *Scientle Studia*, v.6, n.2.
- Dhont, K., Roets, A. & Van Hiel, A (2013). The intergenerational transmission of need for closure underlies the transmission of authoritarianism and anti-immigrant prejudice. *Personality and Individual Differences*. Volume 54, Issue 6, April 2013, Pages 779–784.
- Dhont, K., Roets, A. & Van Hiel, A. (2011). Opening Opening Closed Minds: The Combined Effects of Intergroup Contact and Need for Closure on Prejudice. *Pers Soc Psychol Bull.* April, vol. 37 no. 4 514-528.
- Dimenstein, M. (2000). Cultura Profissional do Psicólogo e o ideário individualista: implicações para a prática no campo da assistência pública à saúde. *Estudos de Psicologia*, 5(1), 95-121.
- Diwan, P. (2007) *Raça Pura: Uma História da Eugenia no Brasil e no mundo*. São Paulo: Contexto.
- Dovidio, J. F., & Gaertner, S. L. (2000). Aversive racism in selection decisions: 1989 and 1999. *Psychological Science*, 11, 319-323.
- Dovidio, J. F., & Gaertner, S. L. (1998). On the nature of contemporary prejudice: the causes, consequences, and challenges of aversive racism. In J. L. Eberhardt & S. T. Fiske (Orgs.), *Confronting racism: the problem and the response* (pp. 3-32). Thousand Oaks, Califórnia: Sage.
- Dumont, L. (1985) *O Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco.

- Elias, N. (1994) *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Esch, C. F., & Jacó-Vilela, A. M. (2001). A regulamentação da profissão e os currículos de formação psi. In A. M. Jacó-Vilela, A. C. Cerezzo, & H. B. C. Rodrigues (Orgs.), *Clio-Psyché hoje: fazeres e dizeres psi na história do Brasil*(pp. 17-24). Rio de Janeiro: Relume Dumará; FAPERJ.
- Falco, J. G. (2008). *Estatística aplicada*. Curitiba: EdUFMT/UFPR.
- Fanon, F. (2008). *Peles negras, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA.
- Faro, S. A. (2010). *Determinantes psicossociais da capacidade adaptativa: um modelo teórico para o estresse*. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Universidade Federal da Bahia. 318p. Salvador.
- Fernandes, F. (2007). *O negro no mundo dos brancos*. 2. ed. revista – São Paulo: Global. (Original publicado em 1972).
- Fennell, M. L. (2005). Racial Disparities in Care: Looking Beyond the Clinical Encounter. *Health Services Research*, v. 40 n.6, 1713-1721.
- Fernandes, F. ([1965]1978). *A integração do negro na sociedade de classes*. 3. ed. – São Paulo: Ática. (Original publicado em 1965).
- Fernandes, R. C., Carneiro, L. P., Mariz, C. & Mafra, C. (1998). *Novo nascimento: os evangélicos em casa, na igreja e na política*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.
- Ferreira, J., & Hamlin, C. (2010). Mulheres, negros e outros monstros: um ensaio sobre corpos não civilizados. *Revista Estudos Feministas*, 18(3), 811. Recuperado de <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2010000300010>
- Field, A. (2009). *Descobrimos a estatística usando SPSS*; tradução Lorí Viali. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed.
- Figueiredo, L. C. N. (2008). *Matrizes do pensamento psicológico*. 14.ed. Petrópolis: Vozes.
- Figueiredo, L. C. N. (2003). *Psicologia, uma (nova) introdução: uma visão histórica da psicologia como ciência*. 2ª ed. São Paulo: EDUC.
- Geledés. (2018). O racismo religioso também atinge os pentecostais. *Geledés - Instituto da Mulher Negra*. Acessível em: <https://www.geledes.org.br/o-racismo-religioso-tambem-atinge-os-pentecostais/>
- Geledés. (2016). Racismo religioso é o retrato da intolerância no Brasil. *Geledés - Instituto da Mulher Negra*. Acessível em: https://www.geledes.org.br/racismo-religioso-e-o-retrato-da-intolerancia-no-brasil/?gclid=CjwKCAiA2fjjBRAjEiwAuewS_Ug5esOUOGg33SqPZTjMkzAEDp0wcGAgdrhVqRDTHlAPShAB1FTFXxCdFcQAvD_BwE

- Geledés. (2013). *Racismo Institucional: uma abordagem teórica*. Geledés - Instituto da Mulher Negra. Acessível em: <http://www.seppir.gov.br/publicacoes/publicacoes-recentes>
- Gomes, M. P. (2012). *Os índios e o Brasil: passado, presente e futuro*. São Paulo: Contexto.
- Gomes, W. (2004). Avaliação psicológico no Brasil: Tests de Medeiros e Albuquerque. *Revista Avaliação Psicológica*, 3(1), 59-68.
- Gonçalves Filho, J. M. (2007). Humilhação social: humilhação política. In: Souza, B. P. (Org.). *Orientação à queixa escolar*. 2. ed., São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 01-30.
- Gonçalves Filho, J. M. (2005). Problemas de método em Psicologia Social: algumas notas sobre a humilhação política e o pesquisador participante. Em Bock, A. M. B. (Org.). *Psicologia e o compromisso social*. 2. ed., São Paulo: Cortez, p. 193-239.- 65.
- Gonçalves Filho, J. M. (1998). Humilhação social: um problema político em psicologia. *Psicologia USP*, v. 9, n. 2, p.11-67.
- Gould, S. J. (1999) *A Falsa Medida do Homem*. Tradução de Valter Lellis Siqueira. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Greer, T. M. (2011). Coping strategies as moderators of the relationship between race- and gender-based discrimination and psychological symptoms for African American women. *Journal of Black Psychology*. 37: 42.
- Guarnieri, F. V. & Melo-Silva, L. L. (2017). Cotas Universitárias no Brasil: Análise de uma década de produção científica. *Psicologia Escolar e Educacional*, SP. Volume 21, Número 2, Maio/Agosto. 183-193
- Guimarães, A. S. A. (2008). *Preconceito Racial: modos, temas e tempos*. – São Paulo: Cortez.
- Guimarães, A. S. A. (2007). O Projeto UNESCO na Bahia. Pereira, C. L. & Sansone, L., (org's). *Projeto UNESCO no Brasil: textos críticos*. Salvador: EDUFBA.
- Guimarães, A. S. A. (2002). *Classes, raças e democracia*. FUSP / Fundação Ford. São Paulo: Ed. 34.
- Gutman, Guilherme. (2007). Raça e psicanálise no Brasil. Ponto de origem: Arthur Ramos. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 10 (4), 711-728. <https://dx.doi.org/10.1590/S1415-47142007000400014>
- Gyddens, A. (1991). A Crítica da Modernidade. Em: Gyddens, A. *As Conseqüências da Modernidade*. São Paulo: Ed Unesp, 2ªed.
- Habermas, J. (2014). *Técnica e ciência como “ideologia”*. São Paulo: Editora Unesp.
- Harrison, L. (1995). Affect, Cognition, and Stereotyping: Interactive Processes in Group Perception. *Sex roles: A Journal of Research*, vol:33 iss:1 2 pg:142

- Hilário, L. (2013). Teoria Crítica e Literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. *Anuário de Literatura*, 18(2), 201-215. doi:<https://doi.org/10.5007/2175-7917.2013v18n2p201>
- Honneth A. (2015). *Luta por reconhecimento: gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo: editora 34.
- Horkheimer, M. & Adorno, T. (1985). *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Instituto Brasileiro Geografia e Estatística (2012). *Censo Demográfico 2010: características gerais dos indígenas – resultados do universo*.
- Instituto Brasileiro Geografia e Estatística (2011). *Características étnico-raciais da população: um estudo das categorias de classificação de cor ou raça 2008*. Coordenação de População e Indicadores Sociais. IBGE: Rio de Janeiro.
- Instituto Brasileiro Geografia e Estatística (2010). Tabela 1.2.1 - População residente, por cor ou raça, segundo o sexo, a situação do domicílio e os grupos de idade - Brasil –2010. Em *Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência*. Censo Demográfico 2010. Acessado em 13/01/2013.
- Instituto Brasileiro Geografia e Estatística (2009). Raça ou cor – Brasil – 2009. Em *Sínteses de indicadores sociais: Uma análise das condições de vida da população brasileira*. Acessado em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicsoais2009/indic_sociais2009.pdf
- Mandado de segurança (15 de fevereiro de 2013). Rio de Janeiro, *Instituto de Advocacia Racial e Ambiental*. Disponível em <http://i0.statig.com.br/ultimosegundo/educacao/peticao-inicial-mandado-de-seguranca-stf-universidades.pdf>
- Ishikawa, T. Y. & Santos, A. de O. (2018). Psicólogos orientais, estereótipos e relações étnico-raciais no Brasil. *Pesquisas e Práticas Psicossociais* 13(2), São João del Rei, mai-ago.
- Jacó-Vilela, Ana Maria, & Rocha, Luiz Felipe Dias da. (2014). Uma Perspectiva Católica da Psicologia no Brasil: Análise de Artigos da Revista "A Ordem". *Psicologia em Pesquisa*, 8(1), 115-126. <https://dx.doi.org/DOI: 10.5327/Z1982-1247201400010011>
- Justo, A. M. & Camargo, B. V. (2014). Estudos qualitativos e o uso de softwares para análise lexicais. Em Novikoff, C., Santos, S. R. M. dos, & Mithidieri, O. B. (Orgs.). *Caderno de artigos: X SIAT & II Serpro*. Larares/Unigranrio: Duque de Caxias. Caderno Digital.
- Katz, I., Wackenhut, J., & Hass, R.G. (1986). Racial ambivalence, value duality, and behavior. In J. F. Dovidio & S. L. Gaertner (Orgs.), *Prejudice, discrimination, and racism* (pp. 35-59). Nova York: Academic.

- Konder, L. (2000) *Os Sofrimentos do Homem Burguês*. São Paulo: Editora Senac, São Paulo.
- Lei 11.645 de 10 de março de 2008 (2008). Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. *Diário Oficial da União*.
- Lei nº 12.711 de 29 de agosto 2012 (2012). Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. *Diário Oficial da União*.
- Lhullier, L. A., Roslindo, J. J. & Moreira, R. A. L. C. (2013). *Uma profissão de muitas e diferentes mulheres: resultado preliminar da pesquisa 2012*. Conselho Federal de Psicologia, Brasília.
- Lima, M. E. O. & Techio, E. M. (2013). Academic training in Social Psychology in Brazil and South America. *Estudos de Psicologia* (Natal), 18(1).
- Lima, M. E. O. & Vala, J. (2004). As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. *Estudos em Psicologia* (Natal), 9, 3.
- Lionço, T. (2017). Psicologia, Democracia e Laicidade em Tempos de Fundamentalismo Religioso no Brasil. *Psicologia: Ciência e Profissão* v. 37 (núm. esp.), 208-223.
- Lópes, L. C. (2012). O conceito de racismo institucional: aplicações no campo da saúde. *Interface - Comunic., Saúde, Educ.*, v.16, n.40, p.121-34, jan./mar.
- Little, K. L. (1970). Raça e Sociedade. In: Comas, J., Little, K. L., Shapiro, H. L., Leiris, M. & Levi-Strauss, C. (Orgs.). *Raça e Ciência I*. São Paulo: Perspectiva.
- Lupi, C., Nascimento, E. S. do, Torelly, R. P., Costa, S. L., Paiva, C. M. V. de C., Cunha, A. R. da, ... Vitorino, G. dos S. (2010). Classificação Brasileira de Ocupações. *Ministerio Do Trabalho E Emprego*, 1–828.
- Maio, M. C. (1999). O Projeto Unesco e a agenda das ciências sociais no Brasil dos anos 40 e 50. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* - vol. 14 no 41.
- Major, B. N. & O'Brien, L. T. (2005). The Social Psychology of Stigma. *Annual Review of Psychology*. 56:15.1–15.29.
- Massini, M. (2014). Matrizes de pensamento da psicologia social na América Latina. Em Campos, H. de F. & Guareshi, P. (org.). *Paradigmas em psicologia social: a perspectiva latino-americana*. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Martins, E., Santos, A. O. & Colosso, M. (2013) Relações étnico-raciais e Psicologia: publicações em periódicos no SCIELO e LILACS. *Psicologia: Teoria e Prática* 15:118-133.

- McConahay, J.B. (1986). Modern Racism, ambivalence and the modern racism scale. Em J.F. Dovidio & S.L. Gaertner (Eds.) *Prejudice, Discrimination and Racism*, New York, Academic Press.
- Melo, C. V. G. (2014). *Estratégias de enfrentamento de pessoas negras e com deficiência frente ao duplo estigma*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Instituto de Psicologia, Salvador.
- Melo, C. V. G. M. & Castelar, M. (2009). A história da psicologia e do afrodescendente com deficiência. Em: *Anais de trabalhos completos do XV Encontro Nacional da ENABRAPSO*. Psicologia social e políticas de existência: Fronteiras e conflitos, Maceió-AL. Disponível em: http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/625.%20%20a%20hist%20ria%20da%20psicologia%20e%20do%20afrodescendente%20com%20defici%C3%Aancia.pdf.
- Melo, C. V. G., Dantas, G. S., Fernandez, Z. M. B., Pereira, M. E. & Chaves, A. M. (2014) Representações sociais de estudantes da UFBA sobre as cotas universitárias. *Psicologia e Saber Social*, v.3, p.55-69.
- Melo, C. V. G. e Santos, A. de O. dos (2018). Racismo, reconhecimento social e os efeitos psicossociais. Em Calegare, M. & Albuquerque, R. (org.) *Processos Psicossociais na Amazônia: reflexões sobre raça, etnia, saúde mental e educação*. Alexa Cultural: São Paulo.
- Munanga, K. (2004). Psicologia e Racismo – Uma autocrítica necessária I. Em Silva, M. V. de O. (org.) *Psicologia e Direitos Humanos: Subjetividade e Exclusão*. São Paulo: Casa do Psicólogo; Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia.
- Muniz, J. O. (2010). Sobre o uso da variável raça-cor em estudos quantitativos. *Rev. Sociol. Polít.*, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 277-291.
- Nogueira, S. G. (2013). Ideology of white racial supremacy: colonization and de-colonization processes. *Psicologia & Sociedade*; 25(n. spe.): 23-32.
- Nogueira, S. G. & Guzzo, R. S. L. (2016). Psicologia africana: diálogos com o sul global. *Revista Brasileira de Estudos Africanos* e-ISSN 2448-3923 | ISSN 2448-3907 | v.1, n.2, Jul./Dez. 2016 | p.197-218
- Oliva, A. R. A História da África nos bancos escolares: Representações e imprecisões na literatura didática. *Estudos afro-asiáticos*, vol. 25, nº3, 2003. <<http://www.scielo.br/>>.
- Oliveira, E. de O. e. (1977). *De uma ciência para e não tanto sobre negros*. Manuscrito não-publicado.
- Owensby, B. (2005). Toward a History of Brazil's "Cordial Racism": Race Beyond Liberalism. *Society for Comparative Study of Society and History*. Vol.47(2), pp.318-347. Disponível em: <http://www-periodicos-capes-gov-br.ez10.periodicos.capes.gov.br/index.php>

- Pacheco, T. (2008) Racismo Ambiental: expropriação do território e negação da cidadania. SUPERINTENDÊNCIA DE RECURSOS HÍDRICOS (Org.). Justiça pelas Águas: enfrentamento ao Racismo Ambiental. Salvador: *Superintendência de Recursos Hídricos*. p.11-23. Disponível em: <<http://racismoambiental.net.br/textos-e-artigos/racismo-ambiental-expropriacao-do-territorio-e-negacao-da-cidadania-2/>>. Acesso em: 16 mar. 2017.
- Paixão, M., Rossetto, I., Montovanele, F. & Carvalho, L. M. (2010). *Relatório anual das desigualdades raciais no Brasil; 2009-2010*: Constituição cidadã, seguridade social e seus efeitos sobre as assimetria de cor e raça. Editora Garamond Ltda. Rio de Janeiro – Brasil
- Palma, T. & Maroco, J. (2009). Escalas de motivação interna e motivação externa para responder sem preconceito: estudo de validação cruzada da versão portuguesa. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 10 (2), 267-275
- Passos, J. C. dos. (2010). *Juventude negra na EJA: os desafios de uma política pública*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 339p.
- Pereira, T. A. de P. (2018) A Igreja Católica e a Escravidão Negra no Brasil A Partir Do Século XVI. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*. Ano 03, Ed. 05, Vol. 05, pp. 14-31, Maio. ISSN:2448-0959
- Pereira, F. M., & Pereira Neto, A. (2003). O psicólogo no Brasil: notas sobre seu processo de profissionalização. *Psicologia Em Estudo*, 8(2), 19–27. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722003000200003>
- Petrucelli, J. L. & Saboia, A. L. (org's) (2013). *Características étnico-raciais da população: classificações e identidades*. Estudos e Análises: Informação demográfica e socioeconômica. Instituto Brasileiro Geografia e Estatística.
- Phinney, J. S. & Alipuria, L. L. (2006). Multiple social Categorization and identity among multiracial, multiethnic, and multicultural individuals. In Crisp R. J & Hewstone M. (Org). *Multiple social categorization: processes, models, and applications*, Psychology Press: New York.
- Priore, M. del; Venâncio, R. (2004). *Ancestrais: uma Introdução à História da África*. Rio de Janeiro: Campus.
- Poutignat, P. & Streiff-Fenart, J. (2011). *Teoria da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. 2. ed.São Paulo: Ed.Unesp.
- Puglisi, M. L. & Franco B. (2005). *Análise de Conteúdo*. Brasília, DF: Liber Livro.
- Queiroz, D. M., & Santos, J. T. (2006). Sistema de cotas: um debate dos dados à manutenção de privilégios e de poder. *Educação e Sociedade*, 27 (96 – Especial), 717-737. Recuperado de www.scielo.br.

Resolução n 01, de 17 de junho de 2004 (2004, 17 de junho). Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações ÉtnicoRaciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Conselho Nacional de Educação.

Resolução n. 01 de 26 de julho de 2004 (2004, 26 de julho). Altera a Resolução 01/2002 do CONSEPE. Estabelece reserva de vagas na seleção para os cursos de graduação da UFBA realizada através do Vestibular. Serviço Público Federal. Ministério da Educação Universidade Federal da Bahia.

Resolução n. 02 de 24 de setembro de 2018 (2018, 24 de setembro). Dispõe sobre os Núcleos Temáticos no âmbito do Conselho Regional de Psicologia da 6ª Região - CRP-06 e regulamenta o seu funcionamento e revoga a Resolução 002/2017 e a Resolução 005/2017.

Resolução n. 02 de 03 de fevereiro de 2017 (2017, 03 de fevereiro). Cria Núcleos Temáticos no âmbito do Conselho Regional de Psicologia da 6ª Região e regulamenta o seu funcionamento.

Resolução n. 02 de 15 de agosto de 1987 (1987, 15 de agosto). Ementa - aprova o Código de Ética Profissional do Psicólogo. Conselho Federal de Psicologia.

Resolução n. 05 de 27 de fevereiro de 2011 (2011, 27 de fevereiro). Cria o Conselho Regional de Psicologia da 20ª Região, fixa novas jurisdições e dá outras providências.

Resolução n. 10 de 21 de julho de 2005 (2005, 21 de julho). Aprova o Código de Ética Profissional do Psicólogo. Conselho Federal de Psicologia.

Resolução n. 13 de 14 de setembro de 2007 (2007, 14 de setembro). Institui a Consolidação das Resoluções relativas ao Título Profissional de Especialista em Psicologia e dispõe sobre normas e procedimentos para seu registro. Conselho Federal de Psicologia.

Resolução n. 18 de 02 de dezembro de 2002 (2002, 02 de dezembro). Estabelece a atuação profissional sobre o preconceito e discriminação racial. Conselho Federal de Psicologia.

Resolução n. 370 de 07 de abril de 2006 (2006). Cria Comissão para estudos e análise sobre Cotas de Índios no Processo Seletivo/Vestibular da UNEB. Universidade do Estado da Bahia.

Resolução n. 466 de 12 de dezembro de 2007 (2012). Trata de pesquisas e testes em seres humanos. Conselho Nacional de Saúde. Diário Oficial da União.

Resolução n. 468 de 16 de agosto de 2007 (2007). Aprova a reformulação no sistema de reservas de vagas para negros e indígenas e dá outras providências. Universidade do Estado da Bahia.

Resolução n. 710 de 01 de agosto de 2009 (2009, 01 de agosto). Altera as alíneas “a” e “b” do Artigo 4º da Resolução CONSU n.º 468/2007. Universidade do Estado da Bahia.

Resolução n. 2894 de 31 de maio de 2004 (2004, 31 de maio). Dispõe sobre as vagas oferecidas em concursos vestibulares pela Universidade do Estado do Amazonas e dá outras providências.

Rodrigues, A. Assmar, E. M. L. & Jablonski, B. (2015). *Psicologia social*. 32.ed. Petrópolis, RJ: Vozes.

Roets, A. & Van Hiel, A. (2011). Allport's Prejudiced Personality Today: Need for Closure as the Motivated Cognitive Basis of Prejudice. *Current Directions in Psychological Science*. December. vol. 20 no. 6349-354

Rosenfeld, A. (2006). *O pensamento psicológico*. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva.

Sansone, L. (2014). Raça. Em Sansone, L. & Furtado, C. A. (org.) *Dicionário crítico das ciências sociais dos países de fala oficial portuguesa*. - Salvador:EDUFBA.

Santa-Rosa, P. L. F. (2017). *Desenvolvimento do instrumento de medida das percepções sobre discriminação racial interpessoal nos serviços de saúde* [tese]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo.

Santos, A. de O. dos. (2017). *Atuação do psicólogo no tema das relações étnico-raciais: um estudo na região metropolitana de São Paulo*. Processo FAPESP 2013/11199-2. Período de Cobertura do Relatório Parcial 30/01/2017 até 30/09/2017.

Santos, J. T., & Queiroz, D. M. (2013). O impacto das cotas na Universidade Federal da Bahia (2004-2012). In J. T. dos Santos (Org). *O impacto das cotas nas universidades brasileiras*. Salvador: CEAO.

Santos, W. S. dos, Gouveia, V. V., Navas, M. S., Pimente, C. E. & Gusmão, E. E. da S. (2006). Escala de Racismo Moderno: adaptação ao contexto brasileiro. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 11, n. 3, p. 637-645, set./dez.

Santos, G. A. dos. (2005). *A invenção do ser negro: um percurso das idéias que naturalizam a inferioridade dos negros*. São Paulo: EDUC-Pallas-Fapesp.

Santos, A. O., Massola, G. M., Silva, L. G. G. & Svartman, B. P. (2016) Racismo ambiental e lutas por reconhecimento dos povos de floresta da Amazônia. *Global Journal of Community Psychology Practice*, v. 7, n. 1, mar. Disponível em: <<http://www.gjcpp.org/en/article.php?issue=21&article=117>>. Acesso em: 16 mar. 2017.

Santos, Alessandro de Oliveira dos, & Schucman, Lia Vainer. (2015). Desigualdade, relações raciais e a formação de psicólogo(as). *Revista EPOS*, 6(2), 117-140.

Santos A. de O. dos, Tralci Filho, M. A., Santana M. F., Frias, R. R. & Fernandes, S. L. (no prelo). Efeitos psicossociais do racismo e juventude negra. *Revista da ABPN*.

Santos, A. O., Schucman, L. V. & Martins, H. V. (2012). Breve histórico do pensamento psicológico brasileiro sobre relações étnico-raciais. *Psicologia: Ciência e Profissão* 32:166-175.

- Sanchi, P. (2005). A Igreja Católica no Brasil e a dimensão do "sujeito". Em Duarte, L. F. D. & Venancio, A. T. (orgs.). *Psicologização no Brasil: atores e autores*. Contra Capa Livraria.
- Stangor, C. (2009). The Study of Stereotyping, Prejudice, and Discrimination Within Social Psychology: A Quick History of Theory and Research. Em *Handbook of prejudice, stereotyping, and discrimination*. Taylor & Francis Group, LLC.
- Saviani, D. (2004). Perspectiva marxiana do problema subjetividade-intersubjetividade. Em Duarte, N. (org.) *Crítica ai fetichismo da individualidade*. Campinas, SP: Autores Associados.
- Schwarcz, L. M. (2007). Apresentação – Raça Sempre Deu o que Falar. Em Fernandes, F. (2007). *O negro no mundo dos brancos*. 2. ed. revista – São Paulo: Global.
- Sear, D.O. & Henry, P.J. (2003). The Origins of Symbolic Racism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 2003, Vol.85(2), p.259-275.
- Silveira, M. H. da (2018). A "obra científica" de Arthur Ramos: um médico na Educação. *Anais do XXIV Encontro Estadual da Associação Nacional de História*, seção São Paulo.
https://www.encontro2018.sp.anpuh.org/resources/anais/8/1533216502_ARQUIVO_MatheusHenriquedaSilveira.pdf
- Soares, A. R. (2010). A Psicologia no Brasil. *Psicologia: ciência e Profissão*. Número especial ANO 30. 8 (41), 7-42.
- Souza, Y. S. O. (2017). *Drogas e normalização: uma análise psicossocial desde a perspectivas das representações sociais*. Tese (doutorado). Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-graduação em Psicologia.
- Souza, J. (2016). *A ralé brasileira: quem é e como vive*. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Souza, J. (2010). Batalhadores e racismo. Em *Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?* Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Spears, R. (2011). Group Identities: The Social Identity Perspective. In Thornicroft, G., Rose, D., Kassam, A. e Sartorius, N., (2007). Stigma: ignorance, prejudice or discrimination? *British Journal of Psychiatry* 190,192–193.
- Telles, E. E. (2012). *O significado de raça na sociedade brasileira*. Tradução de Ana Arruda Callado. Princeton e Oxford: Princeton University Press.
- Universidade Federal da Bahia. (2010). Faculdade de Medicina. *Programa de Atenção a Saúde da População Negra (PRONEGRO)*. Acessível em:
http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/pop_negra/inf_est_politicas.php > e <
<http://www.medicina.ufba.br/pronegro/pronegro.pdf> >

- Venancio, A. T. A, Russo, J. & Duarte, L. F. D. (2005). Apresentação. Em Duarte, L. F. D., Russo, J. & Venancio, A. T. A. (orgs) (2005). *Psicologização no Brasil: atores e autores*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.
- Yamamoto, O. H. (2006). Graduação e pós-graduação em psicologia: relações possíveis. *Revista Brasileira de Pós-Graduação*, 3(6), 270-281.
- Yelvington, K. A. (2007). Melville J. Herskovits e a institucionalização dos Estudos Afro-Americanos. Em *Projeto UNESCO no Brasil : textos críticos* / Cláudio Luiz Pereira e Livio Sansone, organização. - Salvador : EDUFBA.
- Waiselfisz, J. J. (2013). *Mapa da violência 2013*. Instituto Sangari. Ministério da Justiça.
- Wolter, R. P., & Wachelke, J. F. R. (2013). Índices de distribuição de evocações: Raridade, diversidade e comunidade de corpora de representações sociais. *Revista de Psicologia: Teoria e Prática*, 15, 119-129.

Apêndices

Apêndice A Hipótese 03

Apêndice B Hipótese 5a

Apêndice C Hipótese 7b

Apêndice D Hipóteses 8b, 8c e 8d

Apêndice E Hipóteses 10b, 10c e 10g

Apêndice A

Hipótese 03. Há associação entre a participação em grupos acadêmicos no tema e a categoria étnico-racial profissional.

Quanto à *Hipótese 03*, referente à associação entre as variáveis de participação em grupos acadêmicos e a raça-etnia das(os) profissionais, não há significância ($p=0,777$). Entre as(os) respondentes que não participaram em tais grupos na graduação, 48% (252) são brancas(os) e 52% (273) são negras(os). A investigação abrangeu as(os) respondentes formadas(os) no Amazonas ($p=0,546$), na Bahia ($p=0,699$) e em São Paulo ($p=0,898$). Contudo, como referido, não houve diferença significativa.

Discussão

Em razão da hipótese relativa ao interesse no tema a ser investigada, esperava-se que houvesse mais participação de respondentes negras(os) em tais grupos. No entanto, **a hipótese 03 não se confirma**, não há associação significativa entre a participação em grupos acadêmicos relativos ao tema e a categoria étnico-racial profissional.

Apêndice B

Hipótese 5a. Há associação entre o número de atuações e tempo de atuação.

Já quanto às análises das hipóteses que se referem à atuação profissional, foi identificada uma associação forte ($p < 0,001$) entre o **número de campos** (original) e os **anos de atuação** (agrupados), atinente à *hipótese 5a*. Das(os) profissionais que atuam há até 04 anos na psicologia, 57,5% (131) trabalham em somente 01 campo de atuação; o que representa a maioria, de forma significativa, totalizando 29 profissionais acima da contagem esperada. Das(os) profissionais cujo tempo de atuação está entre 05 e 09 anos, 39,5% (77) estão em 02 campos de atuação, o que perfaz 06 pessoas acima do esperado. Das(os) que atuam entre 10 e 14 anos, 21,4% (24) estão em 03 campos de atuação, pois são 06 indivíduos acima do esperado. Das(os) profissionais que atuam há 15 anos ou mais tempo ainda, 21,3% (26) estão em 03 campos de atuação, 08 indivíduos acima do esperado; e 9,8% (12), das(os) que atuam há 15 anos ou mais, também estão em 04 campos ou mais, 07 pessoas acima do esperado.

Figura i. Tempo de atuação na Psicologia por número de atuações. Imagem de gráfico gerada pelo SPSS.

Diante dos dados sobre o número e tempo de atuação, **confirma-se a hipótese 5a**, sobre o número de campos e os anos de atuação agrupados por faixas. A *hipótese 5a* apresenta que as(os) mais recém-chegadas(os) na profissão se limitam ao menor número de atuações. Contudo, com o passar do tempo e experiência adquirida, as(os) profissionais vão se estabilizando, as atuações se acumulando e, conseqüentemente, as rendas (Figura i).

Apêndice C

Hipótese 7b. *Os serviços pagos de psicologia atendem mais pessoas orientais do que em serviços públicos.*

TABELA i

Comparação de médias de atendimento de pessoas orientais nos serviços pagos e públicos

	PERFIL DO SERVIÇO	N	Média	Desvio padrão	Erro padrão da
					média
PESSOAS ORIENTAIS	Pagos	340	2,0265	,90681	,04918
	Públicos	287	1,8920	,92678	,05471
Sig.					0,067

Nota. Cálculos gerados e extraídos do SPSS. Tabela de dados construída pelo autor.

Em relação à *hipótese 7b*, não houve diferença significativa ($p=0,067$) ao comparar as médias de presença de pessoas orientais atendidas nos serviços públicos e nos pagos (Tabela i). No entanto, quando estratificou-se por Estados, nota-se significância na Bahia ($p=0,005$), onde as orientais são mais atendidas em serviços pagos ($M=1,80$) do que em públicos ($M=1,49$).

Apêndice D

Hipótese 8b. *As(os) profissionais que tiveram acesso ao tema na formação afirmam ter tido mais envolvimento ou testemunhos nas situações de racismo do que as(os) profissionais que não tiveram acesso ao tema, em todas as situações.*

Figura ii. Comparações das médias das situações de racismo entre ter ou não ter acesso ao tema das relações étnico-raciais. Imagem de gráfico gerada pelo SPSS.

Na comparação de médias pelo grau das afirmações de vivências ou testemunhos de racismo, a única que expressou significância ($p=0,017$) foi relativa à situação em que as(os) próprias(os) profissionais estavam envolvidas(os) diretamente (Figura ii). Ainda assim, as(os) profissionais que não tiveram acesso ao tema na formação ($M=2,60$) demonstram mais consciência de situações na qual estavam diretamente envolvidas do que as(os) que tiveram acesso ao tema ($M=2,37$), ou seja, o contrário do que se esperava com a hipótese. Além disso, apesar de não apresentarem relevância estatística, em todas as outras situações descritas, as médias das(os) que não tiveram acesso ao tema são maiores que as daquelas(es) que tiveram acesso. Diante do todo, a hipótese não se confirma.

Hipótese 8c. *As(os) profissionais brancas(os) que tiveram acesso ao tema na formação afirmam ter mais envolvimento ou o testemunho em situações de racismo do que as(os) profissionais brancas(os) que não tiveram acesso ao tema, em todas as situações.*

TABELA ii

Comparações das médias de envolvimento ou testemunho em situações de racismo no ambiente de trabalho

	<i>Acesso ao tema</i>	<i>N</i>	<i>Média</i>	<i>Desvio padrão</i>	<i>Sig.</i>
Situações em que você esteve diretamente envolvido.	Tive	177	2,2373	1,15314	0,374
	Não tive	129	2,3566	1,16457	
Situações envolvendo outras pessoas, mas que você tenha testemunhado.	Tive	177	2,3898	1,13843	0,699
	Não tive	129	2,4419	1,19181	
Situações relatadas por terceiros.	Tive	177	3,0395	1,13499	0,286
	Não tive	129	3,1783	1,10007	
Observações sobre a estrutura organizacional e institucional	Tive	177	2,6554	1,20127	0,689
	Não tive	129	2,5969	1,33767	

Nota. Cálculos gerados e extraídos do SPSS. Tabela de dados construída pelo autor.

Como demonstrado na Tabela ii, não houve significância em nenhuma das afirmações relativas a situações de racismo no ambiente de trabalho.

Hipótese 8d. *As(os) profissionais negras(os) que tiveram acesso ao tema na formação afirmam ter o mesmo grau de envolvimento ou de testemunho em situações de racismo que as(os) profissionais negras(os) que não tiveram acesso ao tema, em todas as situações.*

Conforme a Tabela iii, há relevância estatística ($P=0,010$) quando as(os) profissionais negras(os) estão diretamente envolvidas(os) na situação de racismo. As(os) profissionais negras(os) que não tiveram acesso ao tema na formação ($M=2,82$) apresentam uma média significativamente maior que as que tiveram ($M=2,45$). Há significância estatística ($p=0,039$) também em situações de racismo envolvendo terceiros, testemunhadas pessoalmente pelas(os) profissionais. As(os) profissionais negras(os) que não tiveram acesso ao tema ($M=2,88$) percebem, de modo significativo, mais este tipo de situação do que as(os) negras(os) que tiveram acesso na formação ($M=2,60$). A situação observada sobre as estruturas organizacionais e institucionais também apresentou relevância estatística ($p=0,006$). As(os)

negras(os) que não tiveram acesso ao tema no curso (M=3,23) tem maior percepção do racismo nesta situação do que as(os) negras(os) que tiveram disciplinas e outras formas de contato com o tema (M=2,84).

TABELA iii

Comparações das médias de envolvimento ou testemunho em situações de racismo no ambiente de trabalho de profissionais negras(os)

	<i>Acesso ao tema</i>	<i>N</i>	<i>Média</i>	<i>Desvio padrão</i>	<i>Sig.</i>
Situações em que você esteve diretamente envolvido	Tive	189	2,4550	1,24812	0,010
	Não tive	146	2,8219	1,34259	
Situações envolvendo outros, que tenha testemunhado	Tive	189	2,5979	1,20159	0,039
	Não tive	146	2,8767	1,24230	
Situações relatadas por terceiros	Tive	189	3,3862	1,10320	0,928
	Não tive	146	3,3973	1,09216	
Observações sobre a estrutura organizacional e institucional	Tive	189	2,8360	1,27144	0,006
	Não tive	146	3,2260	1,29066	

Nota. Cálculos gerados e extraídos do SPSS. Tabela de dados construída pelo autor.

Entretanto, não há significância na associação ($p=0,928$) quando são situações relatadas por terceiros, apesar das(os) negras(os) que não tiveram acesso ao tema relatarem maior percepção de tal situação do que as(os) que tiveram acesso ao tema (M=3,37) (Tabela iii).

Discussão

A hipótese 8b não se confirma, a única situação que manifestou relevância estatística foi a situação de racismo em que as(os) profissionais estavam diretamente envolvidas(os). O fato de que as(os) profissionais que não tiveram acesso ao tema das relações étnico-raciais manifestarem mais percepção e consciência de racismo que as(os) que tiveram acesso na formação é intrigante e oposto ao que se esperava. As(os) profissionais que não tiveram acesso ao tema manifestam maior estado de vigilância frente às situações de racismo, em comparação às(aos) que tiveram acesso. O que é demonstrado pelas médias em todas as outras situações de envolvimento ou testemunho, apesar de não apresentarem relevância estatística. Esse conjunto de resultados suscita questionamentos: 1) Será que os conteúdos implementados na formação no tema das relações étnico-raciais têm influenciado negativamente a consciência de vigilância frente ao racismo? Será que o que é trabalhado no tema tem contribuído ainda mais com a sutileza da opressão étnico-racial brasileira, por meio

do discurso psicológico individualizante e universalista sobre fenômeno do racismo e sua superação? Ou 2) será que o acesso ao tema tem capacitado suficientemente o entendimento das(os) profissionais sobre tais situações? Situações que, antes do acesso ao tema na formação, eram julgadas como racismo ou injúria racial, e que, depois do acesso, as situações deixaram de ser julgadas como tais. Isto, sem considerar que houve a instrumentalização adequada na formação, suficiente para um entendimento técnico e lúcido, apto a julgar as situações para recusar uma caracterização de racismo no trabalho. Ou seja, extrapolou-se o âmbito de um julgamento leigo e deu lugar a um julgamento técnico e elaborado sobre as situações de racismo que tiveram envolvimento direto ou testemunho. O dado analisado acima ganha ainda mais destaque quando se observa a particularidade das categorias étnico-raciais das(os) profissionais, como ilustram as *hipóteses 8c e 8d*.

A hipótese 8c não é confirmada. Entre as(os) brancas(os) não houve diferenças significativas para as percepções de tais situações de racismo, independentemente do acesso ou não ao tema na formação. Era esperado o impacto positivo com aumento da consciência e vigilância das situações de racismo após contato com o tema, já que o interesse das psicólogas(os) brancas(os) no tema está associado ao interesse surgido "durante a formação", como confirma a *Hipótese 4a*.

A hipótese 8d também não se confirma. Entre as(os) profissionais negras(os), houve associação forte entre a vigilância para as situações de racismo e ter ou não acesso ao tema das relações étnico-raciais, exceto na "situação relatada por terceiros". No caso das(os) profissionais negras(os), não se esperava haver um aumento na vigilância com o acesso ao tema. Como ilustra a *hipótese 4a*, o interesse dessas/es profissionais no tema das relações étnico-raciais está associado a ter surgido "antes" ou "paralelo" à formação. Em todas as situações, observa-se que as(os) profissionais negras(os) que não tiveram acesso ao tema na formação afirmam mais envolvimento ou testemunho de situações de racismo que as(os) profissionais negras(os) que tiveram acesso ao tema.

Um dado intrigante é a queda da vigilância consciente do racismo no ambiente de trabalho entre as(os) profissionais negras(os) com acesso ao tema. Especialmente porque, no geral, há maior nível de consciência e vigilância nesse grupo étnico-racial, como confirmado na *hipótese 8a*, em função da experiência da identidade social, quando em contato com o tema na formação.

Destaca-se novamente a preocupação sobre os conteúdos étnico-raciais produzidos e disponibilizados nas formações de psicologia. Existem duas perspectivas de interpretar tal

dados. Ou o acesso ao tema na formação produz um tipo de camuflagem na consciência sobre o fenômeno do racismo e seus efeitos psicossociais; ou, sob outra perspectiva, o acesso instrumentaliza o suficiente as(os) profissionais para compreender e desmistificar situações antes julgadas como racismo.

Apêndice E

Hipótese 10b. *Há associação entre as técnicas elaboradas no tema como instrumentos e as áreas de atuação.*

Conforme o nível de significância ($p=0,709$), não há associação entre o uso ou elaboração do grupo de **instrumentos** (Roteiro de Entrevista, Teste ou Escala psicométrica) e as **áreas de atuação** (agrupadas), por eixos.

Hipótese 10c. *Há associação entre as técnicas elaboradas no tema como procedimentos e as áreas de atuação.*

Quanto à associação entre o grupo de **procedimentos** (Protocolo de Observação, Protocolo de Acolhimento, Protocolo de Avaliação, Protocolo de Acompanhamento e Protocolo de Aconselhamento) e as **áreas de atuação** (agrupadas) por eixos, também não se verifica significância estatística ($p=0,062$).

Hipótese 10g. *Há associação entre as técnicas elaboradas no tema como recursos audiovisuais/interativos e as áreas de atuação.*

O agrupamento de técnicas ditas **recursos audiovisuais/interativos** (vídeos ou jogos virtuais), quando associado às **áreas de atuação** (agrupadas) por eixos, não apresenta relevância estatística ($p=0,763$).

Materiais complementares

Anexo 01	Esquema do questionário no Projeto Inicial
Anexo 02	Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa
Anexo 03	Primeira versão do questionário
Anexo 04	Formulário de avaliação de especialistas
Anexo 05	Modelo de carta convite
Anexo 06	Modelo do instrumento utilizado na Coleta de dados
Anexo 07	Modelo de carta para solicitação de apoio institucional

ANEXO 01

ANEXO 02

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Atuação de psicólogos(as) no tema das relações étnico-raciais

Pesquisador: Alessandro de Oliveira dos Santos

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 62444316.3.0000.5561

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DE SAO PAULO

Patrocinador Principal: Universidade de São Paulo

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.877.572

Apresentação do Projeto:

Trabalho de doutorado do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho. "Esta pesquisa, de cunho quantitativo, investiga as atuações de psicólogos/as no tema de relações étnico-raciais, e os modos como as categorias "raça", "etnia", "preconceito racial", "discriminação racial" e "racismo" são representadas por estes/as. Os dados serão coletados por via de questionário online, WebSurvey, e serão analisados sob a ótica da Psicologia Social. Através deste questionário, serão pesquisadas as áreas de atuações destes profissionais, os territórios que circunscrevem tais atuações e qual o tipo de serviço (público, privado ou autônomo), se possuem intervenções técnicas elaboradas ou projetos interventivos no tema. Investigará também sobre as linhas teóricas utilizadas, a trajetória formativa e sobre as produções, tanto textos publicados quanto comunicações orais, destes profissionais. Tentando compreender as relações possíveis entre estas variáveis/questões, participarão desta pesquisa os/as profissionais de psicologia de pelo menos três estados (Unidades Federativas) do Brasil, com intuito de fazer um estudo comparativo, sob um recorte representacional de atuações da região Norte, da região Nordeste e da região Sudeste do país. Este trabalho tem como meta contribuir para o mapeamento das atuações e para a formação de pesquisadores/as e psicólogos/as que, nas suas várias frentes de trabalho, têm sido interpelados pela construção sociocultural das diferenças e desigualdades e pelo racismo e seus efeitos

Endereço: Av. Prof. Mello Moraes, 1721 - Bl. "G" sala 27

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 05.508-030

UF: SP

Município: SAO PAULO

Telefone: (11)3091-4182

E-mail: cep@usp.br

psicossociais".

Objetivo da Pesquisa:

- Descrever, comparar e analisar as atuações de profissionais de psicologia no tema das relações étnico-raciais no Brasil.
- Compreender as associações entre as áreas de atuação, os tipos de serviço e seus territórios, as linhas teóricas, as formações profissionais e as práticas interventivas destes profissionais, as suas representações a cerca do tema e seus perfis cognitivos e afetivos para no tema das relações étnico-raciais.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os pesquisadores colocam que:

"A participação neste estudo envolve risco mínimo, no entanto, o tema tratado pode causar algum constrangimento, incomodo ou desconforto. Por isso, a qualquer momento, está garantida a interrupção da participação, a recusa em participar ou a retirada do consentimento. Caso haja a persistência ou baixa resolutividade do incômodo, serão aplicados todos os seus direitos, entre em contato com os pesquisadores -responsáveis da

pesquisa, pois será providenciado o encaminhamento necessário".

E, como Benefícios:

"Pretende-se fazer uma atualização de literatura para a pesquisa em Psicologia no campo das relações étnico-raciais, para uso de outros pesquisadores, para uso do Sistema Conselhos de Psicologia e para o uso da ANPSINEP. Esta atualização de literatura terá como alusão especial o mapeamento de técnicas interventivas práticas destes profissionais de psicologia, vistas como necessária para o atual panorama da psicologia,

enquanto ciência e profissão, que tenha o objeto de trabalho e estudo no foco das relações étnico-raciais e do racismo, com seus efeitos psicossociais (preconceito e discriminação)".

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante e importante para a área da Psicologia, tomas os cuidados éticos necessários, será pesquisa online, e os Termos são adequados, assim como o TCLE.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os Termos de apresentação obrigatória são apresentados adequadamente, permitindo a análise ética do projeto.

Endereço: Av. Prof. Mello Moraes, 1721 - Bl. "G" sala 27

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 05.508-030

UF: SP

Município: SAO PAULO

Telefone: (11)3091-4182

E-mail: ceph.ip@usp.br

Continuação do Parecer: 1.877.572

Recomendações:

Sem recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem pendências ou inadequações.

Considerações Finais a critério do CEP:

Se o projeto prevê aplicação de TCLE, todas as páginas do documento deverão ser rubricadas pelo pesquisador e pelo voluntário e a última página assinada por ambos, conforme Carta Circular no 003/2011 da CONEP/CNS.

Salientamos que o pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado. Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEPH de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Lembramos que esta modificação necessitará de aprovação ética do CEPH antes de ser implementada. De acordo com a Res. CNS 466/12, o pesquisador deve apresentar a este CEP/SMS o relatório final do projeto desenvolvido, conforme preenchimento de Protocolo disponível na página do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do IPUSP, do site do IPUSP. Em seguida, o protocolo preenchido deverá ser enviado ao CEPH pela Plataforma Brasil, ícone Notificação, logo que o mesmo estiver concluído.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_696864.pdf	24/11/2016 04:10:00		Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	24/11/2016 04:07:45	Carlos Vinicius Gomes Melo	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_detalhado.pdf	04/11/2016 15:46:49	Carlos Vinicius Gomes Melo	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	infraestrutura.pdf	04/11/2016 15:46:05	Carlos Vinicius Gomes Melo	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	27/10/2016 02:52:50	Carlos Vinicius Gomes Melo	Aceito
Declaração de	Declaracao_pesquisadores.pdf	27/10/2016	Carlos Vinicius	Aceito

Endereço: Av. Prof. Mello Moraes, 1721 - Bl. "G" sala 27

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 05.508-030

UF: SP

Município: SÃO PAULO

Telefone: (11)3091-4182

E-mail: ceph.ip@usp.br

USP- INSTITUTO DE
PSICOLOGIA DA
UNIVERSIDADE DE SÃO

Continuação do Parecer: 1.877.572

Pesquisadores	Declaracao_pesquisadores.pdf	02:51:44	Gomes Melo	Aceito
Declaração do Patrocinador	Anuencia.pdf	27/10/2016 02:45:54	Carlos Vinicius Gomes Melo	Aceito
Cronograma	cronograma.pdf	27/10/2016 02:33:14	Carlos Vinicius Gomes Melo	Aceito
Brochura Pesquisa	Brochura_Pesquisa.pdf	27/10/2016 02:24:14	Carlos Vinicius Gomes Melo	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO PAULO, 20 de Dezembro de 2016

Assinado por:
Helena Rinaldi Rosa
(Coordenador)

Endereço: Av. Prof. Mello Moraes, 1721 - Bl. "G" sala 27

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 05.508-030

UF: SP

Município: SAO PAULO

Telefone: (11)3091-4182

E-mail: ceph.ip@usp.br

ANEXO 03

Atuação de Profissionais de Psicologia junto a População Brasileira

INSTRUÇÕES PARA PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA

Esta pesquisa é direcionada para a atuação de todos/as os/as profissionais de Psicologia e sobre sua população atendida. Esta é uma pesquisa de Doutorado efetuada pelo Instituto de Psicologia da Universidade São Paulo (USP) e financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), tendo como pesquisadores-responsáveis Carlos Vinicius Gomes Melo (cvgmelo@usp.br) e Prof. Dr. Alessandro de Oliveira dos Santos e sob o número de registro CAAE: 62444316.3.0000.5561 do Comitê de Ética em Pesquisa, pela Plataforma Brasil.

Exporemos mais especificamente os objetivos desta pesquisa no final do questionário, no intuito de não influenciar cognitivamente na forma como respondê-lo, para que você possa expressar e manifestar suas atitudes e crenças mais espontâneas ao que esteja sendo investigado. Este é o Termo preliminar de consentimento de participação na pesquisa. Ao final do questionário, estará o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) no qual você autorizará ou não, o uso dos dados respondidos para a realização da pesquisa.

Este questionário se deterá a questões gerais sobre a sua atuação profissional de psicólogo/a, seu perfil pessoal de atitudes, crenças e experiências e sobre o perfil de população atendida nesta sua atuação, sendo quase totalmente questões de assinalar. O tempo médio para responder o questionário por completo é de duração de 15 a 20 minutos.

Para manter a confidencialidade sobre as informações que você fornecerá, todas as formas de registros serão identificadas no banco de dados por uma combinação de letras (referente ao Estado - Unidade Federativa) e números (ordem de respondentes). Além do fato de que todos os dados publicados serão por análise estatística, não sendo em momento algum personificados tais dados, sendo então resguardado a privacidade e sigilo dos participantes.

Vale lembrar que não há resposta certa ou errada e não há problema se não souber sobre alguns dos quesito. Todas estas dimensões de respostas são importantes para a nossa pesquisa.

A participação neste estudo envolve risco mínimo, no entanto, o tema tratado pode causar algum constrangimento, incomodo ou desconforto. Por isso, a qualquer momento, está garantida a interrupção da participação, a recusa em participar ou a retirada do consentimento. Caso haja a persistência ou baixa resolutividade do incômodo, serão aplicados todos os seus direitos, entre em contato com os pesquisadores-responsáveis da pesquisa, pois será providenciado o encaminhamento necessário.

Os pesquisadores responsáveis da pesquisa podem ser encontrados no Instituto de Psicologia. Endereço: Av. Professor Mello Moraes, 1721, São Paulo – fones: (11) 3091-4184 e 3091-4362. Você também pode fazer contato direto com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPH) do Instituto de Psicologia da USP no mesmo endereço, Bloco G, 2º andar, sala 27. E-mail: ceph.ip@usp.br. Telefone: (11) 3091-4182. Horário de atendimento: 8h30min às 12h e 14h às 16h.

* 1.

INICIAR A PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA?

☐ SIM

☐ NÃO

Atuação de Profissionais de Psicologia junto a População Brasileira

ETAPA 1 - EVOCAÇÕES

**Para cada TERMO que for visualizado, descreva
até 5 palavras que lhe vem a mente.**

Observações:

- 1) Por favor, tentar respeitar a sequência/ordem das palavras que vem a mente.
- 2) Não há problema se vier menos de 5 palavras.
- 3) Não há resposta certa ou errada. RESPONDA ESPONTANEAMENTE.

Atuação de Profissionais de Psicologia junto a População Brasileira

Etapa 1 - EVOCAÇÕES

1/7

Tente respeitar a sequência/ordem das palavras que vem a mente.

Não há resposta certa ou errada.

RESPONDA ESPONTANEAMENTE.

* 2.

HUMANO

1

2

3

4

5

Atuação de Profissionais de Psicologia junto a População Brasileira

ETAPA 1 - EVOCAÇÕES

2/7

Tente respeitar a sequência/ordem das palavras que vem a mente.

Não há resposta certa ou errada.

RESPONDA ESPONTANEAMENTE.

* 3.

RECONHECIMENTO SOCIAL

1

2

3

4

5

Atuação de Profissionais de Psicologia junto a População Brasileira

ETAPA 1 - EVOCAÇÕES

3/7

Tente respeitar a sequência/ordem das palavras que vem a mente.

Não há resposta certa ou errada.

RESPONDA ESPONTANEAMENTE.

* 4.

ÍNDIOS

1

2

3

4

5

Atuação de Profissionais de Psicologia junto a População Brasileira

ETAPA 1 -EVOCAÇÕES

4/7

Tente respeitar a sequência/ordem das palavras que vem a mente.

Não há resposta certa ou errada.

RESPONDA ESPONTANEAMENTE.

* 5.

BRANCOS

1

2

3

4

5

Atuação de Profissionais de Psicologia junto a População Brasileira

ETAPA 1 - EVOCAÇÕES

5/7

Tente respeitar a sequência/ordem das palavras que vem a mente.

Não há resposta certa ou errada.

RESPONDA ESPONTANEAMENTE.

* 6.

NEGROS

1

2

3

4

5

Atuação de Profissionais de Psicologia junto a População Brasileira

ETAPA 1 - EVOCAÇÕES

6/7

Tente respeitar a sequência/ordem das palavras que vem a mente.

Não há resposta certa ou errada.

RESPONDA ESPONTANEAMENTE.

* 7.

ORIENTAIS

1

2

3

4

5

Atuação de Profissionais de Psicologia junto a População Brasileira

ETAPA 1 - EVOCAÇÕES

7/7

Tente respeitar a sequência/ordem das palavras que vem a mente.

Não há resposta certa ou errada.

RESPONDA ESPONTANEAMENTE.

* 8.

PARDOS

1

2

3

4

5

Atuação de Profissionais de Psicologia junto a População Brasileira

ETAPA 2 - SOBRE A SUA ATUAÇÃO

*** 9. Você atua na psicologia faz quantos anos?**

Obs.: 1) Se a resposta for menos de 1 anos, responda 0 (Zero). Esta questão só aceita números inteiros como resposta.

Atuação de Profissionais de Psicologia junto a População Brasileira

ETAPA 2 - SOBRE SUA ATUAÇÃO I

Observação:

1) Se você possui mais de uma atuação, no fim desta página haverá a possibilidade de abrir uma outra página de resposta para o preenchimento desta outra atuação. É possível descrever o máximo de três (3) atuações.

*** 10. Há quanto tempo trabalha nesta atuação que descreverá agora?**

Obs.: 1) A resposta deve ser em anos.

2) Se a resposta for menor que de 1 anos, responda 0 (Zero). Esta questão só aceita números inteiros como resposta.

*** 11. Como é o território desta atuação?**

- ☐ Cidade/Zona Urbana (Capital ou Região metropolitana)
- ☐ Cidade/Zona Urbana (Município do Interior do Estado)
- ☐ Campo/Zona Rural (Sítio/Distrito/Assentamento)
- ☐ Floresta (Aldeia/Reserva)

*** 12. Em qual Estado (UF)?**

*** 13. Esta atuação se localiza no mesmo município onde você reside?**

- ☐ Sim
- ☐ Não

*** 14. Em qual área de atuação?**

- ☐ Educacional (Psicólogo/a da Educação; Psicólogo/a Escolar; Socioeducação)
- ☐ Clínico (Psicólogo/a da saúde mental; Psicoterapia, etc.)
- ☐ Esporte
- ☐ Hospitalar
- ☐ Jurídico (Juizados; Psicólogo Criminal; Psicólogo forense)
- ☐ Social (Assistência Social; ONG; Fundações; etc.)
- ☐ Trânsito
- ☐ Trabalho (Seleção e Treinamento; Organizacional)
- ☐ Neuropsicologia
- ☐ Acupuntura
- ☐ Docência em nível superior
- ☐ Docência em nível médio
- ☐ Pesquisa
- ☐ Outro (especifique)

*** 15. Qual o perfil institucional deste serviço?**

- ☐ Público (Municipal)
- ☐ Público (Estadual)
- ☐ Público (Federal)
- ☐ Privado
- ☐ ONG
- ☐ Autarquia (Sistemas Conselhos, Fundações)
- ☐ Outro (especifique)

* 16. Coloque na ordem a proporção de pessoas atendidas nesta atuação, segundo o seu critério de **raça/cor da pele**.

Obs.: 1) Arraste as barras, pondo numa classificação de 1 a 5. Primeiro a população de pessoas mais frequentes até o menos frequente.

2) Se atua em PESQUISA, utilize como critério a público-alvo de sua pesquisa.

Amarelas (Orientais/asiáticas)
Branças
Indígenas
Pardas
Pretas

* 17. Dentre os grupos acima, há algum que não é atendido neste serviço?

Obs.: 1) Se atua em PESQUISA, assinale as populações que não são público-alvo na sua pesquisa.

2) Há a possibilidade de assinalar mais de uma alternativa.

- ☐ Amarelas (Orientais/Asiáticas)
- ☐ Brancas
- ☐ Indígenas
- ☐ Pardas
- ☐ Pretas
- ☐ Neste serviço é comum o atendimento de pessoas de todos estas populações étnico-raciais.

* 18. Nesta atuação, há usuários/as deste serviço que são de outras nacionalidades, por exemplo, **imigrantes refugiados**?

Obs.: 1) Se atua em PESQUISA, utilize como critério as pessoas público-alvo de sua pesquisa.

2) Há a possibilidade de assinalar mais de uma alternativa.

- ☐ NÃO HÁ pessoas de outras nacionalidades usuárias deste serviço.
- ☐ Há pessoas de outras nacionalidades EM SITUAÇÃO DE REFÚGIO.
- ☐ Há pessoas de outras nacionalidades, mas NÃO em situação de refúgio
- ☐ Há pessoas de outras nacionalidades, mas NÃO SEI SE em situação de refúgio.
- ☐ NÃO SEI SE HÁ pessoas de outras nacionalidades usuárias deste serviço.

19. Se há pessoas de outras nacionalidades neste serviço, quais suas origens?

Obs.: 1) Se não há ou se não sabe se há pessoas de outras nacionalidades, NÃO RESPONDA.

2) Se atua em PESQUISA, utilize como critério pessoas público-alvo de sua pesquisa.

3) Há a possibilidade de assinalar mais de uma alternativa.

- ☐ África Meridional/Sul (África do Sul, Angola, Namíbia, Moçambique, etc.)
- ☐ África Oriental (Etiópia, Eritreia, Quênia, Tanzânia, etc.)
- ☐ África Central (República do Congo, Repúbl. Democr. do Congo, Chade, etc.)
- ☐ África Ocidental (Benim, Cabo Verde, Camarões, Gana, Nigéria, etc.) <https://goo.gl/images/o8jvYB>
- ☐ África Setentrional/Norte (Argélia, Egito, Líbia, Marrocos, etc.)
- ☐ América do Sul (Argentina, Paraguai, Bolívia, Colômbia, etc.)
- ☐ América Central (Haiti, Cuba, Panamá, Guatemala, etc.)
- ☐ América do Norte (Canadá, Estados Unidos da América, México)
- ☐ Ásia Setentrional/Norte (Rússia)
- ☐ Ásia Oriental (China, Japão e Mongólia)
- ☐ Ásia Central (Cazaquistão, Quirguistão, Tajiquistão, Turquemenistão, Uzbequistão)
- ☐ Oriente Médio (Arábia Saudita, Irã, Iraque, Síria, Líbano, Palestina, etc.)
- ☐ Indochina/Ásia Sudeste (Camboja, Filipinas, Indonésia, Timor-Leste, Vietnã, etc.)
- ☐ Europa Ocidental (Alemanha, Espanha, Itália, França, etc.)
- ☐ Europa Oriental/Leste Europeu (Albânia, Sérvia, Ucrânia, Rússia, etc.)
- ☐ Oceania (Austrália, Samoa, Tonga, Ilhas Marshall, etc.)

*** 20. Quais as faixas socioeconômicas das populações atendidas nesta tua atuação específica?**

Obs.: 1) Considere o salário mínimo de 880 reais.

2) Se atua em PESQUISA, utilize como critério as faixas socioeconômicas do público-alvo de sua pesquisa.

3) Há a possibilidade de assinalar mais de uma alternativa.

- ☐ Sem renda ou com auxílio governamental (ex.: Bolsa Família, BPC, etc.)
- ☐ Até 01 salário mínimo
- ☐ De 01 à até 03 salários mínimos
- ☐ De 03 a até 05 salários mínimos
- ☐ De 05 a até 10 salários mínimos
- ☐ Acima de 10 salários mínimos
- ☐ Não sou capaz de descrever

*** 21. Você possui mais alguma atuação na Psicologia ou somente esta?**

- ☐ Sim, possuo outra atuação
- ☐ Não, não possuo outra atuação. Somente esta agora descrita

Atuação de Profissionais de Psicologia junto a População Brasileira

CÓPIA DA ETAPA 2 - SOBRE SUA ATUAÇÃO II

Observação:

1) Se você ainda possui mais uma atuação, no fim desta página haverá mais uma vez a possibilidade de abrir uma outra página de resposta para o preenchimento desta terceira atuação.

*** 22. Há quanto tempo trabalha nesta atuação que descreverá agora?**

Obs.: 1) A resposta deve ser em anos.

2) Se a resposta for menor que de 1 anos, responda 0 (Zero). Esta questão só aceita números inteiros como resposta.

*** 23. Como é o território desta segunda atuação?**

- ☐ Cidade/Zona Urbana (Capital ou Região metropolitana)
- ☐ Cidade/Zona Urbana (Município do Interior do Estado)
- ☐ Campo/Zona Rural (Sítio/Distrito/Assentamento)
- ☐ Floresta (Aldeia/Reserva)

*** 24. Em qual Estado (UF)?**

*** 25. Esta atuação se localiza no mesmo município onde você reside?**

- ☐ Sim
- ☐ Não

*** 26. Em qual área de atuação?**

- ☐ Educacional (Psicólogo/a da Educação; Psicólogo/a Escolar; Socioeducação)
- ☐ Clínico (Psicólogo/a da saúde mental; Psicoterapia; etc)
- ☐ Esporte
- ☐ Hospitalar
- ☐ Jurídico (Juizados; Psicólogo Criminal; Psicólogo forense)
- ☐ Social (Assistência Social; ONG; Fundações; etc.)
- ☐ Trânsito
- ☐ Trabalho (Seleção e Treinamento; Organizacional)
- ☐ Neuropsicologia
- ☐ Acupuntura
- ☐ Docência em nível superior
- ☐ Docência em nível médio
- ☐ Pesquisa
- ☐ Outro (especifique)

*** 27. Qual o perfil institucional deste serviço?**

- ☐ Público (Municipal)
- ☐ Público (Estadual)
- ☐ Público (Federal)
- ☐ Privado
- ☐ ONG
- ☐ Autarquia (Sistemas Conselhos, Fundações)
- ☐ Outro (especifique)

* 28. Coloque na ordem a proporção de pessoas atendidas nesta atuação, segundo o seu critério de **raça/cor da pele**.

Obs.: 1) Arraste as barras, pondo numa classificação de 1 a 5. Primeiro a população de pessoas mais frequentes até o menos frequente.

2) Se atua em PESQUISA, utilize como critério a público-alvo de sua pesquisa.

<input type="text" value="5"/>	Amarelas (Orientais/asiáticas)
<input type="text" value="4"/>	Branças
<input type="text" value="3"/>	Indígenas
<input type="text" value="2"/>	Pardas
<input type="text" value="1"/>	Pretas

* 29. Dentre os grupos acima, há algum que não é atendido neste serviço?

Obs.: 1) Se atua em PESQUISA, assinale as populações que não são público-alvo na sua pesquisa.

2) Há a possibilidade de assinalar mais de uma alternativa

- ☐ Amarelas (Orientais/Asiáticas)
- ☐ Brancas
- ☐ Indígenas
- ☐ Pardas
- ☐ Pretas
- ☐ Neste serviço é comum o atendimento de pessoas de todos estas populações étnico-raciais.

* 30. Nesta atuação, há usuários/as deste serviço que são de outras nacionalidades, por exemplo, **imigrantes refugiados**?

Obs.: 1) Se atua em PESQUISA, utilize como critério as pessoas público-alvo de sua pesquisa.

2) Há a possibilidade de assinalar mais de uma alternativa

- ☐ NÃO HÁ pessoas de outras nacionalidades usuárias deste serviço.
- ☐ Há pessoas de outras nacionalidades EM SITUAÇÃO DE REFÚGIO.
- ☐ Há pessoas de outras nacionalidades, mas NÃO em situação de refúgio
- ☐ Há pessoas de outras nacionalidades, mas NÃO SEI SE em situação de refúgio.
- ☐ NÃO SEI SE HÁ pessoas de outras nacionalidades usuárias deste serviço.

31. Se há pessoas de outras nacionalidades neste serviço, quais suas origens?

Obs.: 1) Se não há ou se não sabe se há pessoas de outras nacionalidades, NÃO RESPONDA .

2) Se atua em PESQUISA, utilize como critério pessoas público-alvo de sua pesquisa.

3) Há a possibilidade de assinalar mais de uma alternativa.

- ☐ África Meridional/Sul (África do Sul, Angola, Namíbia, Moçambique, etc.)
- ☐ África Oriental (Etiópia, Eritreia, Quênia, Somália, etc.)
- ☐ África Central (República do Congo, Repúbl. Democr. do Congo, Chade, etc.)
- ☐ África Ocidental (Benim, Cabo Verde, Camarões, Gana, Nigéria, etc.)
- ☐ África Setentrional/Norte (Argélia, Egito, Líbia, Marrocos, etc.)
- ☐ América do Sul (Argentina, Paraguai, Bolívia, Colômbia, etc.)
- ☐ América Central (Haiti, Cuba, Panamá, Guatemala, etc.)
- ☐ América do Norte (Canadá, Estados Unidos da América, México)
- ☐ Ásia Setentrional/Norte (Rússia)
- ☐ Ásia Oriental (China, Japão e Mongólia)
- ☐ Ásia Central (Cazaquistão, Quirguistão, Tajiquistão, Turquemenistão, Uzbequistão)
- ☐ Oriente Médio (Arábia Saudita, Irã, Iraque, Síria, Líbano, Palestina, etc.)
- ☐ Indochina/Ásia Sudeste (Camboja, Filipinas, Indonésia, Timor-Leste, Vietnã, etc.)
- ☐ Europa Ocidental (Alemanha, Espanha, Itália, França, etc.)
- ☐ Europa Oriental/Leste Europeu (Albânia, Sérvia, Ucrânia, Rússia, etc.)
- ☐ Oceania (Austrália, Samoa, Tonga, Ilhas Marshall, etc.)

*** 32. Quais as faixas socioeconômicas das populações atendidas nesta tua atuação específica?**

Obs.: 1) Considere o salário mínimo de 880 reais.

2) Se atua em PESQUISA, utilize como critério as faixas socioeconômicas do público-alvo de sua pesquisa.

3) Há a possibilidade de assinalar mais de uma alternativa.

- ☐ Sem renda ou com auxílio governamental (ex.: Bolsa Família, BPC, etc.)
- ☐ Até 01 salário mínimo
- ☐ De 01 à até 03 salários mínimos
- ☐ De 03 a até 05 salários mínimos
- ☐ De 05 a até 10 salários mínimos
- ☐ Acima de 10 salários mínimos
- ☐ Não sou capaz de descrever

* 33. **Você possui mais alguma atuação na Psicologia ou somente esta?**

- ☐ Sim, possuo outra atuação
- ☐ Não, não possuo outra atuação. Somente esta agora descrita

Atuação de Profissionais de Psicologia junto a População Brasileira

CÓPIA DA ETAPA 2 - SOBRE SUA ATUAÇÃO III

Observação:

1) Esta descrição é referente a sua terceira atuação.

*** 34. Há quanto tempo trabalha nesta atuação que descreverá agora?**

Obs.: 1) A resposta deve ser em anos.

2) Se a resposta for menor que de 1 anos, responda 0 (Zero). Esta questão só aceita números inteiros como resposta.

*** 35. Como é o território desta terceira atuação?**

- ☐ Cidade/Zona Urbana (Capital ou Região metropolitana)
- ☐ Cidade/Zona Urbana (Município do Interior do Estado)
- ☐ Campo/Zona Rural (Sítio/Distrito/Assentamento)
- ☐ Floresta (Aldeia/Reserva)

*** 36. Em qual Estado (UF)?**

*** 37. Esta atuação se localiza no mesmo município onde você reside?**

- ☐ Sim
- ☐ Não

*** 38. Em qual área de atuação?**

- ☐ Educacional (Psicólogo/a da Educação; Psicólogo/a Escolar; Socioeducação)
- ☐ Clínico (Psicólogo/a da saúde mental; Psicoterapia; etc.)
- ☐ Esporte
- ☐ Hospitalar
- ☐ Jurídico (Juizados; Psicólogo Criminal; Psicólogo forense)
- ☐ Social (Assistência Social; ONG; Fundações, etc.)
- ☐ Trânsito
- ☐ Trabalho (Seleção e Treinamento; Organizacional)
- ☐ Neuropsicologia
- ☐ Acupuntura
- ☐ Docência em nível superior
- ☐ Docência em nível médio
- ☐ Pesquisa
- ☐ Outro (especifique)

*** 39. Qual o perfil institucional deste serviço?**

- ☐ Público (Municipal)
- ☐ Público (Estadual)
- ☐ Público (Federal)
- ☐ Privado
- ☐ ONG
- ☐ Autarquia (Sistemas Conselhos, Fundações)
- ☐ Outro (especifique)

* 40. Coloque na ordem a proporção de pessoas atendidas nesta atuação, segundo o seu critério de **raça/cor da pele**.

Obs.: 1) Arraste as barras, pondo numa classificação de 1 a 5. Primeiro a população de pessoas mais frequentes até o menos frequente.

2) Se atua em PESQUISA, utilize como critério a público-alvo de sua pesquisa.

<input type="text" value="5"/>	Amarelas (Orientais/asiáticas)
<input type="text" value="4"/>	Branças
<input type="text" value="3"/>	Indígenas
<input type="text" value="2"/>	Pardas
<input type="text" value="1"/>	Pretas

* 41. Dentre os grupos acima, há algum que não atendido neste serviço?

Obs.: 1) Se atua em PESQUISA, assinale as populações que não são público-alvo na sua pesquisa.

2) Há a possibilidade de assinalar mais de uma alternativa.

- ☐ Amarelas (Orientais/Asiáticas)
- ☐ Brancas
- ☐ Indígenas
- ☐ Pardas
- ☐ Pretas
- ☐ Neste serviço é comum o atendimento de pessoas de todos estas populações étnico-raciais.

* 42. Nesta atuação, há usuários/as deste serviço que são de outras nacionalidades, por exemplo, **imigrantes refugiados**?

Obs.: 1) Se atua em PESQUISA, utilize como critério as pessoas público-alvo de sua pesquisa.

2) Há a possibilidade de assinalar mais de uma alternativa.

- ☐ NÃO HÁ pessoas de outras nacionalidades usuárias deste serviço.
- ☐ Há pessoas de outras nacionalidades EM SITUAÇÃO DE REFÚGIO.
- ☐ Há pessoas de outras nacionalidades, mas NÃO em situação de refúgio
- ☐ Há pessoas de outras nacionalidades, mas NÃO SEI SE em situação de refúgio.
- ☐ NÃO SEI SE HÁ pessoas de outras nacionalidades usuárias deste serviço.

43. Se há pessoas de outras nacionalidades neste serviço, quais suas origens?

Obs.: 1) Se não há ou se não sabe se há pessoas de outras nacionalidades, NÃO RESPONDA.

2) Se atua em PESQUISA, utilize como critério pessoas público-alvo de sua pesquisa.

3) Há a possibilidade de assinalar mais de uma alternativa.

- ☐ África Meridional/Sul (África do Sul, Angola, Namíbia, Moçambique, etc.)
- ☐ África Oriental (Etiópia, Eritreia, Quênia, Somália, etc.)
- ☐ África Central (República do Congo, Repúbl. Democr. do Congo, Chade, etc.)
- ☐ África Ocidental (Benim, Cabo Verde, Camarões, Gana, Nigéria, etc.)
- ☐ África Setentrional/Norte (Argélia, Egito, Líbia, Marrocos, etc.)
- ☐ América do Sul (Argentina, Paraguai, Bolívia, Colômbia, etc.)
- ☐ América Central (Haiti, Cuba, Panamá, Guatemala, etc.)
- ☐ América do Norte (Canadá, Estados Unidos da América, México)
- ☐ Ásia Setentrional/Norte (Rússia)
- ☐ Ásia Oriental (China, Japão e Mongólia)
- ☐ Ásia Central (Cazaquistão, Quirguistão, Tajiquistão, Turquemenistão, Uzbequistão)
- ☐ Oriente Médio (Arábia Saudita, Irã, Iraque, Síria, Líbano, Palestina, etc.)
- ☐ Indochina/Ásia Sudeste (Camboja, Filipinas, Indonésia, Timor-Leste, Vietnã, etc.)
- ☐ Europa Ocidental (Alemanha, Espanha, Itália, França, etc.)
- ☐ Europa Oriental/Leste Europeu (Albânia, Sérvia, Ucrânia, Rússia, etc.)
- ☐ Oceania (Austrália, Samoa, Tonga, Ilhas Marshall, etc.)

*** 44. Quais as faixas socioeconômicas das populações atendidas nesta tua atuação específica?**

Obs.: 1) Considere o salário mínimo de 880 reais.

2) Se atua em PESQUISA, utilize como critério as faixas socioeconômicas do público-alvo de sua pesquisa.

3) Há a possibilidade de assinalar mais de uma alternativa.

- ☐ Sem renda ou com auxílio governamental (ex.: Bolsa Família, BPC, etc.)
- ☐ Até 01 salário mínimo
- ☐ De 01 à até 03 salários mínimos
- ☐ De 03 a até 05 salários mínimos
- ☐ De 05 a até 10 salários mínimos
- ☐ Acima de 10 salários mínimos
- ☐ Não sou capaz de descrever

Atuação de Profissionais de Psicologia junto a População Brasileira

ETAPA 3 - SOBRE SITUAÇÕES VIVÊNCIADAS OU RELATADAS

* 45.

Na sua prática profissional você já ouviu falar ou testemunhou algum caso ou situação em que tenha vindo à tona a cor da pele das pessoas, as diferenças raciais, étnicas, xenofobia ou problemáticas relacionadas ao racismo?

☐ Sim

☐ Não

46. Se a resposta da questão acima foi "Sim", detalhe abaixo.

Obs.: 1) Há a possibilidade de assinalar mais de uma alternativa.

☐ Sim, sendo situações vivenciadas por você

☐ Sim, sendo situações envolvendo outras pessoas que você tenha testemunhado

☐ Sim, sendo situações relatadas por terceiros

Descrição (Opcional):

Atuação de Profissionais de Psicologia junto a População Brasileira

ETAPA 4 - SOBRE A INTERVENÇÃO TÉCNICA

47.

Na sua atuação você possui ou utiliza de alguma PRÁTICA, PROCEDIMENTO ou DINÂMICA para trabalhar com os temas das relações étnico-raciais, racismo, xenofobia ou identidade racial, étnica e/ou nacionalidade?

☐ Sim

☐ Não

48. Se a resposta da questão acima foi "Sim", por favor, descreva abaixo:

Obs.: 1) Este quesito é muito importante para nós.

Intervenção Individual?

(Descrição em até 500
carácteres)

Intervenção Grupal?

(Descrição em até 500
carácteres)

Atuação de Profissionais de Psicologia junto a População Brasileira

ETAPA 5 - SOBRE SEU REFERENCIAL TEÓRICO

*** 49. Qual/is abordagem(ns) teórica(s) você utiliza no seu cotidiano de trabalho?**

Obs.: 1) Há a possibilidade de assinalar mais de uma alternativa.

- ☐ Psicanalítica ou de bases analíticas (Psicodramatista, Junguiana, Bioenergética, etc.)
- ☐ Comportamentalismo
- ☐ Cognitivismo
- ☐ Humanismo
- ☐ Gestalt
- ☐ Construtivismo
- ☐ Interpessoal
- ☐ Transpessoal
- ☐ Existencial
- ☐ Sócio-histórica
- ☐ Histórico-Cultural
- ☐ Sem abordagem específica
- ☐ Outro (especifique)

Atuação de Profissionais de Psicologia junto a População Brasileira

ETAPA 6 - SOBRE SUA FORMAÇÃO

* 50.

Qual o perfil da Instituição de Ensino Superior que você teve sua formação/graduação em Psicologia?

- ☐ Pública (Estadual)
- ☐ Pública (Federal)
- ☐ Privada/Particular
- ☐ Confessional (Católica, PUC, Fundações, etc.)

* 51. **Em qual Estado (UF)?**

* 52.

Durante a formação, lembra ter tido alguma(s) disciplina(s), no plano curricular do curso, que tematizasse ou discutisse sobre a cor da pele, diferenças relativas a raça, etnia, racismo e/ou relações étnico-raciais?

Obs.: 1) Há a possibilidade de assinalar mais de uma alternativa.

- ☐ Disciplina obrigatória com o tema específico em Psicologia.
- ☐ Disciplina optativa com tema específico em Psicologia.
- ☐ Outra disciplina geral (ex. Psicologia Social, Antropologia, Sociologia, Avaliação Psicológica, etc.).
- ☐ Disciplina específica, mas em outro curso ou departamento fora do de Psicologia.
- ☐ Palestra/s ou oficina/s como atividade/s extracurricular/es.
- ☐ Não tive.

* 53.

Pertenceu a algum grupo na faculdade/universidade que aprofundasse a discussão neste tema durante a sua formação?

Obs.: 1) Há a possibilidade de assinalar mais de uma alternativa.

- ☐ Não
- ☐ Grupo de Pesquisa
- ☐ Grupo de Estudo
- ☐ Movimento Social
- ☐ Outro (especifique)

* 54.

Quanto a sua motivação no tema das relações étnico-raciais e racismo e quando ela surgiu, se surgiu.

- ☐ NÃO TENHO interesse nesta discussão
- ☐ GOSTARIA DE TER mais interesse nesta discussão
- ☐ Este interesse surgiu ANTES da formação em Psicologia
- ☐ Surgiu NA FORMAÇÃO em Psicologia
- ☐ Surgiu DEPOIS da formação em Psicologia
- ☐ Surgiu PARALELA a formação de Psicologia (a partir de outros grupos ou vivências fora da faculdade/universidade, mas durante o mesmo período)

* 55. **Qual o seu nível de formação concluído?**

- ☐ Graduação
- ☐ Especialização
- ☐ Mestrado
- ☐ Doutorado

Atuação de Profissionais de Psicologia junto a População Brasileira

ETAPA 7 - SOBRE PRODUÇÕES

* 56. **Você tem textos, comunicações ou outras formas de produção de sua autoria, com o tema da Psicologia e Relações étnico-raciais?**

☐ Não

☐ Sim

57. Caso tenha alguma publicação, quais seriam os tipos de publicações?

Obs.: 1) Há a possibilidade de assinar mais de uma alternativa

☐ Artigos científicos

☐ Relatos de experiência

☐ Livro

☐ Capítulo de Livro

☐ Artigos/texto não publicados

☐ Artigo em jornal de ampla circulação

☐ Blogs, Sites ou Páginas WEB

☐ Grupos ou FanPages em Redes Sociais (Facebook, Instagram, etc.)

☐ Cartilhas

☐ Catálogos

☐ Documentos

☐ Vídeos

☐ Outro (especifique)

58. Tem Comunicação Oral ou Pôster sobre Relações étnico-raciais apresentado em eventos (seminários, simpósios, mesas redondas, conferências, etc.)?

☐ Não

☐ Sim

59.

Caso tenha alguma dessas produções, favor descrever abaixo, de uma modo geral e sintética, os temas destas produção e comunicações orais:

(Opcional)

Atuação de Profissionais de Psicologia junto a População Brasileira

ETAPA 8 - Escala de atitudes e crenças I

Assinale de 1 a 6 o quanto você concorda ou discorda da afirmação

DISCORDO TOTALMENTE 1 2 3 4 5 6 CONCORDO TOTALMENTE

* 60. Eu não gosto de situações que são incertas.

Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Discordo pouco	Concordo pouco	Concordo parcialmente	Concordo totalmente

* 61. Não gosto de perguntas que podem ser respondidas de muitas maneiras diferentes.

Discordo totalmente					Concordo totalmente

* 62. Eu acho que uma vida bem ordenada, com o horário regular combine com meu temperamento.

Discordo totalmente					Concordo totalmente

* 63. Eu me sinto desconfortável quando eu não entendo a razão pela qual um evento ocorreu na minha vida.

Discordo totalmente					Concordo totalmente

* 64. Sinto-me irritado quando uma pessoa não concorda com o que todo mundo em um grupo acredita.

Discordo totalmente					Concordo totalmente

* 65. Eu não gosto de entrar em uma situação sem saber o que posso esperar dele.

Discordo totalmente

Concordo totalmente

★	★	★	★	★	★
---	---	---	---	---	---

* 66. Quando eu tomo uma decisão, eu me sinto aliviado.

Discordo totalmente

Concordo totalmente

★	★	★	★	★	★
---	---	---	---	---	---

* 67. Quando confrontado com um problema, eu fico louco para chegar a uma solução muito rapidamente.

Discordo totalmente

Concordo totalmente

★	★	★	★	★	★
---	---	---	---	---	---

* 68. Eu rapidamente me torno impaciente e irritado se eu não puder encontrar uma solução para um problema imediato.

Discordo totalmente

Concordo totalmente

★	★	★	★	★	★
---	---	---	---	---	---

* 69. Eu não gosto de estar com pessoas que são capazes de ações inesperadas.

Discordo totalmente

Concordo totalmente

★	★	★	★	★	★
---	---	---	---	---	---

* 70. Eu não gosto quando a declaração de uma pessoa pode significar muitas coisas diferentes.

Discordo totalmente

Concordo totalmente

★	★	★	★	★	★
---	---	---	---	---	---

* 71. Acho que o estabelecimento de uma rotina consistente me permite aproveitar mais a vida.

Discordo totalmente

Concordo totalmente

★	★	★	★	★	★
---	---	---	---	---	---

* 72. Eu gosto de ter um modo de vida claro e estruturado.

Discordo totalmente

Concordo totalmente

★	★	★	★	★	★
---	---	---	---	---	---

* 73. Eu não costumo consultar muitas opções diferentes antes de formar a minha própria visão.

Discordo totalmente

Concordo totalmente

★	★	★	★	★	★
---	---	---	---	---	---

* 74. Eu não gosto de situações imprevisíveis.

Discordo totalmente

Concordo totalmente

★	★	★	★	★	★
---	---	---	---	---	---

Atuação de Profissionais de Psicologia junto a População Brasileira

Etapa 9 - Escala de atitudes e crenças II

Indique o seu grau de concordância com cada uma das afirmações seguintes.

Note que apenas lhe é pedido a sua opinião honesta, e que não há respostas corretas ou incorretas.

DISCORDO TOTALMENTE 1 2 3 4 5 6 7 8 9 CONCORDO TOTALMENTE

- * 75. Tento parecer não-preconceituoso(a) face à negros, índios e orientais de modo a evitar censura por parte de outras pessoas.

Discordo
fortemente

Concordo
fortemente

★	★	★	★	★	★	★	★	★
---	---	---	---	---	---	---	---	---

- * 76. Devido aos meus valores pessoais creio que é errado usar estereótipos sobre negros, índios ou orientais.

Discordo
fortemente

Concordo
fortemente

★	★	★	★	★	★	★	★	★
---	---	---	---	---	---	---	---	---

- * 77. Tento agir de forma não-preconceituosa face à negros, índios e orientais devido à pressão de outras pessoas.

Discordo
fortemente

Concordo
fortemente

★	★	★	★	★	★	★	★	★
---	---	---	---	---	---	---	---	---

- * 78. Ser não-preconceituoso(a) face à negros, índios e orientais é importante para o meu auto-conceito.

Discordo
fortemente

Concordo
fortemente

★	★	★	★	★	★	★	★	★
---	---	---	---	---	---	---	---	---

* 79. São as minhas crenças pessoais que me motivam a ser não-preconceituoso(a) face à negros, índios e orientais.

Discordo
fortemente

Concordo
fortemente

A horizontal scale consisting of nine white stars arranged in a row on a light gray background.

* 80. Se eu agisse de forma preconceituosa com negros, índios ou orientais, preocupar-me-ia que as outras pessoas se irritassem comigo.

Discordo
fortemente

Concordo
fortemente

A horizontal scale consisting of nine white stars arranged in a row on a light gray background.

* 81. Tendo em conta a pressão atual para se ser politicamente correto, tento parecer não-preconceituoso(a) face à negros, índios ou orientais.

Discordo
fortemente

Concordo
fortemente

A horizontal scale consisting of nine white stars arranged in a row on a light gray background.

* 82. Segundo os meus valores pessoais, o uso de estereótipos e brincadeiras contra negros, índios e orientais é aceitável.

Discordo
fortemente

Concordo
fortemente

A horizontal scale consisting of nine white stars arranged in a row on a light gray background.

* 83. Tento esconder quaisquer pensamentos negativos sobre negros, índios e orientais de modo a evitar reações negativas por parte de outras pessoas.

Discordo
fortemente

Concordo
fortemente

A horizontal scale consisting of nine white stars arranged in a row on a light gray background.

* 84. Tento agir de forma não-preconceituosa face a negros, índios e/ou orientais porque é um assunto muito importante para mim.

Discordo
fortemente

Concordo
fortemente

A horizontal scale consisting of nine white stars arranged in a row on a light gray background.

Atuação de Profissionais de Psicologia junto a População Brasileira

ETAPA 10 - Escala de atitudes e crenças III

Por favor, leia atentamente cada um dos itens abaixo a respeito de negros, de brancos, índios e orientais e em seguida, indique seu grau de concordância com cada um deles. Por gentileza responda todos, utilizando a escala, colocando o número que melhor representa sua resposta.

DISCORDO TOTALMENTE 1 2 3 4 5 6 7 CONCORDO TOTALMENTE

* 85.

A discriminação racial não é um problema do Brasil

Discordo
totalmente

Concordo
totalmente

* 86.

DISCORDO TOTALMENTE 1 2 3 4 5 6 7 CONCORDO TOTALMENTE

	Orientais	Negros	Branços	Índios
Eles têm conseguido mais do que merecem	<input type="range"/>	<input type="range"/>	<input type="range"/>	<input type="range"/>
Eles recebem muito respeito e consideração	<input type="range"/>	<input type="range"/>	<input type="range"/>	<input type="range"/>
Eles são muito exigentes em relação aos seus direitos	<input type="range"/>	<input type="range"/>	<input type="range"/>	<input type="range"/>
Eles têm muita influência política	<input type="range"/>	<input type="range"/>	<input type="range"/>	<input type="range"/>
Eles não necessitam de ajuda, apenas devem se esforçar	<input type="range"/>	<input type="range"/>	<input type="range"/>	<input type="range"/>
Eles devem superar o preconceito sem apoio como aconteceu com outros grupos	<input type="range"/>	<input type="range"/>	<input type="range"/>	<input type="range"/>
Eles são mais habilidosos em trabalhos manuais	<input type="range"/>	<input type="range"/>	<input type="range"/>	<input type="range"/>
Possuem maior habilidade culinária	<input type="range"/>	<input type="range"/>	<input type="range"/>	<input type="range"/>
Estão em moda suas danças pela sensualidade que expressam	<input type="range"/>	<input type="range"/>	<input type="range"/>	<input type="range"/>
Tem-se dada demasiada importância aos seus movimentos de protesto	<input type="range"/>	<input type="range"/>	<input type="range"/>	<input type="range"/>
Parece pouco prudente dar importância as suas queixas	<input type="range"/>	<input type="range"/>	<input type="range"/>	<input type="range"/>
Apresentam melhor desempenho em modalidades esportivas	<input type="range"/>	<input type="range"/>	<input type="range"/>	<input type="range"/>
Possuem uma beleza diferente	<input type="range"/>	<input type="range"/>	<input type="range"/>	<input type="range"/>

Atuação de Profissionais de Psicologia junto a População Brasileira

ETAPA 11 - PERFIL DO/A PROFISSIONAL

Questões sócio-demográficas

* 87. Ano de nascimento

* 88. Local de nascimento (UF):

89. Local de residência (UF):

* 90. Sexo/Gênero

Obs.: independente se cis-gênero ou transgênero, assinale em como você se afirma identitariamente.

☐ Feminino

☐ Masculino

* 91. Como você define a sua cor/raça, segundo o critério do IBGE?

☐ Amarela

☐ Branca

☐ Indígena

☐ Parda

☐ Preta

* 92. Como concebe sua Religião/Espiritualidade?

* 93. Como definiria seu grau de religiosidade

Pouco religioso

Muito religioso

Atuação de Profissionais de Psicologia junto a População Brasileira

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você participou da pesquisa que objetiva conhecer a atuação de psicólogos e psicólogas no tema de relações étnico-raciais, sob o número de registro CAAE: 62444316.3.0000.5561 do Comitê de Ética em Pesquisa. Esta se trata de uma Pesquisa de Doutorado de Carlos Vinicius Gomes Melo, desenvolvida pela linha de pesquisa Psicologia e Relações Étnico-raciais, orientada pelo Prof. Dr. Alessandro de Oliveira dos Santos do Departamento de Psicologia Social e Trabalho do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP) e financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Como já explicado, para manter a confidencialidade sobre as informações que você forneceu, todas as formas de registros serão identificadas por uma combinação de letras e números. Na divulgação dos resultados da pesquisa qualquer tipo de identificação não será revelado. Todos os dados publicados serão por análise estatística, não sendo em momento algum personificados tais dados, sendo então resguardado a privacidade e sigilo dos participantes.. Todas as informações obtidas durante o estudo serão armazenadas de forma a proteger a identidade pessoal do participante. Essas informações serão mantidas à posse somente dos pesquisadores-responsáveis durante e após o término da pesquisa.

A participação neste estudo envolve risco mínimo, no entanto, o tema tratado pode ter causado algum constrangimento, incomodo ou desconforto. Caso haja a persistência ou baixa resolutividade do incômodo, serão aplicados todos os seus direitos, entre em contato com os pesquisadores-responsáveis da pesquisa, pois será providenciado o encaminhamento necessário.

Por isso, a qualquer momento, está garantida a recusa em participar ou a retirada do consentimento e a solicitação de retirada de seus dados do banco de dados da pesquisa. Para que isto possa vir a ser viável, caso sinta tal necessidade, pedimos que descrever abaixo o seu email mais utilizado. Este email também servirá para evitar a não duplicidade dos dados de cada participante.

Sua participação neste estudo é completamente voluntária. A pesquisa não oferecerá nenhuma vantagem financeira. Não haverá custos ou despesas decorrentes de sua participação na pesquisa.

Sinta-se à vontade para perguntar, caso tenha alguma dúvida, agora ou depois. Caso haja alguma dúvida posteriormente, por favor, entre em contato comigo ou com o pesquisador principal da pesquisa: Carlos Vinicius Gomes Melo (cvgmelo@usp.br) e Profº. Drº. Alessandro de Oliveira dos

Santos no Instituto de Psicologia. Endereço: Av. Professor Mello Moraes, 1721, São Paulo – fones: (11) 3091-4184 e 3091-4362. Você também pode fazer contato direto com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPH) do Instituto de Psicologia da USP no mesmo endereço, Bloco G, 2º andar, sala 27. E-mail: ceph.ip@usp.br.

Telefone: (11) 3091-4182. Horário de atendimento: 8h30min às 12h e 14h às 16h.

*** 94. AUTORIZA A INCLUSÃO DE SEUS DADOS RESPONDIDOS PARA PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA?**

☐ SIM

☐ NÃO

*** 95. Coloque aqui email pessoal mais utilizado.**

Quesito necessário para NÃO ocorrer duplicidade de respondentes.

Obs.: Sua privacidade será garantida e respeitada

*** 96. Com base neste email, deseja ser comunicado/a da devolutiva desta pesquisa?**

☐ Sim

☐ Não

ANEXO 04

FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO DO INSTRUMENTO POR ESPECIALISTAS

Meu nome é Carlos Vinicius Gomes Melo, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP), sob orientação da Prof^{ra}. Dr^a. Alessandro de Oliveira dos Santos.

Você foi convidado/a por ser um/a especialista em uma das seguintes áreas: atuação do/a psicólogo/a, pesquisa em psicologia, relações raciais e linguística.

Obrigada por participar desta fase da minha pesquisa intitulada: 'Atuação dos/as profissionais de psicologia no tema das relações étnico-raciais'!

A sua participação consistirá, primeiramente, em preencher o formulário com questões introdutórias gerais (nome, afiliação, especialidade). Em seguida, deverá preencher o formulário de avaliação do instrumento por especialistas.

Você deverá analisar o texto introdutório e os itens propostos. Tratam-se de resposta de múltipla escolha em escala do tipo Likert em que, excetuando o texto introdutório, todas as questões terão o seguinte estilo de resposta: raramente, algumas vezes, muitas vezes, quase sempre e sempre.

A avaliação será quanto à relevância; à clareza; se deve ser mantido sem alterações, mantido com alterações, ou excluído. Caso decida por manter o item com alterações, uma caixa de texto será automaticamente aberta, onde você deverá fazer suas sugestões. Caso você escolha a opção excluir, uma caixa de texto também será automaticamente aberta, onde você precisará justificar a razão pela qual sugeriu a exclusão. Além disso, há uma caixa de texto adicional, caso deseje sugerir ou comentar algo a mais.

Após a análise do conjunto de respostas de todos os especialistas, vislumbra-se atingir uma versão pronta para ser aplicada aos/as profissionais de psicologia. Assim, terá fim a etapa de desenvolvimento do instrumento, tornando possível a etapa de aplicação do instrumento à população-alvo.

A população-alvo será composta por pessoas formadas em psicologia que atuem, ensinem ou pesquisem em psicologia dispostas a participar do estudo.

O tempo a ser gasto no preenchimento será de 45 a 50 minutos.

Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos do IPUSP em 20/12/2016 e tem o número de registro CAAE 62444316.3.0000.5561, via Plataforma Brasil.

Estou muito satisfeito em poder contar com a sua colaboração e coloco-me à disposição em caso de dúvidas, por e-mail cvgmelo@usp.br ou telefone celular (Whatsapp): (71) 991329113.

Muito obrigada!

Informações básicas dos/as participantes

1. Nome do/a participante

2. Afiliação - incluir o nome da instituição a qual pertença

* 3. Especialidade (área de expertise)

- ☐ Atuação em psicologia
- ☐ Ensino em psicologia
- ☐ Pesquisa em psicologia
- ☐ Relações étnico-raciais
- ☐ Linguística

FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO DO INSTRUMENTO POR ESPECIALISTAS

INSTRUÇÕES PARA PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA

Esta pesquisa é direcionada para a atuação de todos/as os/as profissionais de Psicologia e sobre sua população atendida. Esta é uma pesquisa de Doutorado efetuada pelo Instituto de Psicologia da Universidade São Paulo (USP) e financiado pelo Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), tendo como pesquisadores-responsáveis Carlos Vinicius Gomes Melo (cvgmelo@usp.br) e Prof. Dr. Alessandro de Oliveira dos Santos e sob o número de registro CAAE: 62444316.3.0000.5561 do Comitê de Ética em Pesquisa, pela Plataforma Brasil.

Exporemos mais especificamente os objetivos desta pesquisa no final do questionário, no intuito de não influenciar cognitivamente na forma como respondê-lo, para que você possa expressar e manifestar suas atitudes e crenças mais espontâneas ao que esteja sendo investigado. Este é o Termo preliminar de consentimento de participação na pesquisa. Ao final do questionário, estará o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) no qual você autorizará ou não, o uso dos dados respondidos para a realização da pesquisa.

Este questionário se deterá a questões gerais sobre a sua atuação profissional de psicólogo/a, seu perfil pessoal de atitudes, crenças e experiências e sobre o perfil de população atendida nesta sua atuação, sendo quase totalmente questões de assinalar. O tempo médio para responder o questionário por completo é de duração de 15 a 20 minutos.

Para manter a confidencialidade sobre as informações que você fornecerá, todas as formas de registros serão identificadas no banco de dados por uma combinação de letras (referente ao Estado - Unidade Federativa) e números (ordem de respondentes). Além do fato de que todos os dados publicados serão por análise estatística, não sendo em momento algum personificados tais dados, sendo então resguardado a privacidade e sigilo dos participantes.

Vale lembrar que não há resposta certa ou errada e não há problema se não souber sobre alguns dos quesito. Todas estas dimensões de respostas são importantes para a nossa pesquisa.

A participação neste estudo envolve risco mínimo, no entanto, o tema tratado pode causar algum constrangimento, incomodo ou desconforto. Por isso, a qualquer momento, está garantida a interrupção da participação, a recusa em participar ou a retirada do consentimento. Caso haja a persistência ou baixa resolutividade do incômodo, serão aplicados todos os seus direitos, entre em contato com os pesquisadores-responsáveis da pesquisa, pois será providenciado o encaminhamento necessário.

Os pesquisadores responsáveis da pesquisa podem ser encontrados no Instituto de Psicologia. Endereço: Av. Professor Mello Moraes, 1721, São Paulo – fones: (11) 3091-4184 e 3091-4362. Você também pode fazer contato direto com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPH) do Instituto de Psicologia da USP no mesmo endereço, Bloco G, 2º andar, sala 27. E-mail: ceph.ip@usp.br. Telefone: (11) 3091-4182. Horário de atendimento: 8h30min às 12h e 14h às 16h.

* 1.

INICIAR A PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA?

☐ SIM

☐ NÃO

4. Assinale a alternativa que considerar mais adequada para avaliar a RELEVÂNCIA desse item:

- ☐ não relevante
- ☐ relevante, porém necessitada de grande revisão
- ☐ relevante, porém necessita de pequena revisão
- ☐ item relevante

5. Assinale a alternativa que considerar mais adequada para avaliar a CLAREZA desse item:

- ☐ não claro
- ☐ pouco claro
- ☐ muito claro

6. Você acha que esse item deve ser:

- ☐ mantido inalterado
- ☐ modificado
- ☐ excluído

7. Justificativa

8. Gostaria de sugerir ou comentar algo mais sobre este item?

FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO DO INSTRUMENTO POR ESPECIALISTAS

Evocações

1. Para cada TERMO que for visualizado, descreva até 5 palavras que lhe vem a mente.

Observações:

1) Por favor, tentar respeitar a sequência/ordem das palavras que vem a mente.

2) Não há problema se vier menos de 5 palavras.

3) Não há resposta certa ou errada. RESPONDA ESPONTANEAMENTE.

(Cada palavra desta estará em uma página específica como ilustrado na imagem abaixo)

Palavra 1 - HUMANO

Palavra 2 - RECONHECIMENTO SOCIAL

Palavra 3 - ÍNDIOS

Palavra 4 - BRANCOS

Palavra 5 - NEGROS

Palavra 6 - ORIENTAIS

Palavra 7 - PARDOS

Atuação de Profissionais de Psicologia junto a População Brasileira

ETAPA 1 - EVOCAÇÕES

Para cada TERMO que for visualizado, descreva até 5 palavras que lhe vem a mente.

Observações:
1) Por favor, tentar respeitar a sequência/ordem das palavras que vem a mente.
2) Não há problema se vier menos de 5 palavras.
3) Não há resposta certa ou errada. RESPONDA ESPONTANEAMENTE.

Atuação de Profissionais de Psicologia junto a População Brasileira

Etapa 1 - EVOCAÇÕES1/7

Tente respeitar a sequência/ordem das palavras que vem a mente.
Não há resposta certa ou errada.
RESPONDA ESPONTANEAMENTE.

* 2.

HUMANO

1

2

3

4

5

9. Assinale a alternativa que considerar mais adequada para avaliar a **RELEVÂNCIA** desse item:

- ☐ não relevante
- ☐ relevante, porém necessita de grande revisão
- ☐ relevante, porém necessita de pequena revisão
- ☐ item relevante

10. Assinale a alternativa que considerar mais adequada para avaliar a **CLAREZA** desses itens:

- ☐ não claro
- ☐ pouco claro
- ☐ muito claro

* 11. Você acha que estes itens se enquadram em qual dimensão?

*Há a possibilidade de assinalar mais de uma alternativa.

- ☐ Reação/surpresa
- ☐ Experiência
- ☐ Sentimento
- ☐ Outra

12. Referente a estes itens, você acha que deve ser:

- ☐ mantido inalterado
- ☐ modificado
- ☐ excluído

13. Justificativa

14. Gostaria de sugerir ou comentar algo mais sobre estes itens?

FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO DO INSTRUMENTO POR ESPECIALISTAS

Atuação

Atuação de Profissionais de Psicologia junto a População Brasileira

ETAPA 2 - SOBRE A SUA ATUAÇÃO

*** 9. Você atua na psicologia faz quantos anos?**

Obs.: 1) Se a resposta for menos de 1 anos, responda 0 (Zero). Esta questão só aceita números inteiros como resposta.

15. Assinale a alternativa que considerar mais adequada para avaliar a **RELEVÂNCIA** desse item:

- ☐ não relevante
- ☐ relevante, porém necessita de grande revisão
- ☐ relevante, porém necessita de pequena revisão
- ☐ item relevante

16. Assinale a alternativa que considerar mais adequada para avaliar a **CLAREZA** desse item:

- ☐ não claro
- ☐ pouco claro
- ☐ muito claro

17. Você acha que este item se enquadra em qual dimensão?

- ☐ Reação/surpresa
- ☐ Experiência
- ☐ Sentimento
- ☐ Outra

18. Você acha que esse item deve ser:

- ☐ mantido inalterado
- ☐ modificado
- ☐ excluído

19. Justificativa

20. Gostaria de sugerir ou comentar algo mais sobre este item?

Atuação de Profissionais de Psicologia junto a População Brasileira

ETAPA 2 - SOBRE SUA ATUAÇÃO I

Observação:

1) Se você possui mais de uma atuação, no fim desta página haverá a possibilidade de abrir uma outra página de resposta para o preenchimento desta outra atuação. É possível descrever o máximo de três (3) atuações.

*** 10. Há quanto tempo trabalha nesta atuação que descreverá agora?**

Obs.: 1) A resposta deve ser em anos.

2) Se a resposta for menor que de 1 anos, responda 0 (Zero). Esta questão só aceita números inteiros como resposta.

*** 11. Como é o território desta atuação?**

- ☐ Cidade/Zona Urbana (Capital ou Região metropolitana)
- ☐ Cidade/Zona Urbana (Município do Interior do Estado)
- ☐ Campo/Zona Rural (Sítio/Distrito/Assentamento)
- ☐ Floresta (Aldeia/Reserva)

*** 12. Em qual Estado (UF)?**

12

*Os itens sobre a atuação do/a profissional continuam na exposição seguinte.

* 21. Assinale a alternativa que considerar mais adequada para avaliar a RELEVÂNCIA desses itens:

- ☐ não relevante
- ☐ relevante, porém necessita de grande revisão
- ☐ relevante, porém necessita de pequena revisão
- ☐ item relevante

* 22. Assinale a alternativa que considerar mais adequada para avaliar a CLAREZA desses itens:

- ☐ não claro
- ☐ pouco claro
- ☐ muito claro

* 23. Você acha que estes itens se enquadram em quais dimensões?

*Há a possibilidade de assinalar mais de uma alternativa.

- ☐ Reação/surpresa
- ☐ Experiência
- ☐ Sentimento
- ☐ Outra

24. Referente a estes itens, você acha que deve ser:

- ☐ mantido inalterado
- ☐ modificado
- ☐ excluído

25. Justificativa

26. Gostaria de sugerir ou comentar algo mais sobre estes itens?

* 13. Esta atuação se localiza no mesmo município onde você reside?

- ☐ Sim
- ☐ Não

* 14. Em qual área de atuação?

- ☐ Educacional (Psicólogo/a da Educação; Psicólogo/a Escolar; Socioeducação)
- ☐ Clínico (Psicólogo/a da saúde mental; Psicoterapia, etc.)
- ☐ Esporte
- ☐ Hospitalar
- ☐ Jurídico (Juizados; Psicólogo Criminal; Psicólogo forense)
- ☐ Social (Assistência Social; ONG; Fundações; etc.)
- ☐ Trânsito
- ☐ Trabalho (Seleção e Treinamento; Organizacional)
- ☐ Neuropsicologia
- ☐ Acupuntura
- ☐ Docência em nível superior
- ☐ Docência em nível médio
- ☐ Pesquisa
- ☐ Outro (especifique)

*Os itens sobre a atuação do/a profissional continuam na exposição seguinte.

* 27. Assinale a alternativa que considerar mais adequada para avaliar a **RELEVÂNCIA** desses itens:

- ☐ não relevante
- ☐ relevante, porém necessita de grande revisão
- ☐ relevante, porém necessita de pequena revisão
- ☐ item relevante

* 28. Assinale a alternativa que considerar mais adequada para avaliar a CLAREZA desses itens:

- ☐ não claro
- ☐ pouco claro
- ☐ muito claro

* 29. Você acha que estes itens se enquadram em quais dimensões?

*Há a possibilidade de assinalar mais de uma alternativa.

- ☐ Reação/surpresa
- ☐ Experiência
- ☐ Sentimento
- ☐ Outra

30. Referente a estes itens, você acha que deve ser:

- ☐ mantido inalterado
- ☐ modificado
- ☐ excluído

31. Justificativa

32. Gostaria de sugerir ou comentar algo mais sobre estes itens?

* 15. Qual o perfil institucional deste serviço?

- ☐ Público (Municipal)
- ☐ Público (Estadual)
- ☐ Público (Federal)
- ☐ Privado
- ☐ ONG
- ☐ Autarquia (Sistemas Conselhos, Fundações)
- ☐ Outro (especifique)

* 16. Coloque na ordem a proporção de pessoas atendidas nesta atuação, segundo o seu critério de raça/cor da pele.

Obs.: 1) Arraste as barras, pondo numa classificação de 1 a 5. Primeiro a população de pessoas mais frequentes até o menos frequente.

2) Se atua em PESQUISA, utilize como critério a público-alvo de sua pesquisa.

...	Amarelas (Orientais/asiáticas)
...	Branças
...	Indígenas
...	Pardas
...	Pretas

*Os itens sobre a atuação do/a profissional continuam na exposição seguinte.

* 33. Assinale a alternativa que considerar mais adequada para avaliar a **RELEVÂNCIA** desses itens:

- ☐ não relevante
- ☐ relevante, porém necessita de grande revisão
- ☐ relevante, porém necessita de pequena revisão
- ☐ item relevante

* 34. Assinale a alternativa que considerar mais adequada para avaliar a CLAREZA desses itens:

- ☐ não claro
- ☐ pouco claro
- ☐ muito claro

* 35. Você acha que estes itens se enquadram em quais dimensões?

*Há a possibilidade de assinalar mais de uma alternativa.

- ☐ Reação/surpresa
- ☐ Experiência
- ☐ Sentimento
- ☐ Outra

36. Referente a estes itens, você acha que deve ser:

- ☐ mantido inalterado
- ☐ modificado
- ☐ excluído

37. Justificativa

38. Gostaria de sugerir ou comentar algo mais sobre estes itens?

*** 17. Dentre os grupos acima, há algum que não é atendido neste serviço?**

Obs.: 1) Se atua em PESQUISA, assinale as populações que não são público-alvo na sua pesquisa.

2) Há a possibilidade de assinalar mais de uma alternativa.

- ☐ Amarelas (Orientais/Asiáticas)
- ☐ Brancas
- ☐ Indígenas
- ☐ Pardas
- ☐ Pretas
- ☐ Neste serviço é comum o atendimento de pessoas de todos estas populações étnico-raciais.

*** 18. Nesta atuação, há usuários/as deste serviço que são de outras nacionalidades, por exemplo, imigrantes refugiados?**

Obs.: 1) Se atua em PESQUISA, utilize como critério as pessoas público-alvo de sua pesquisa.

2) Há a possibilidade de assinalar mais de uma alternativa.

- ☐ NÃO HÁ pessoas de outras nacionalidades usuárias deste serviço.
- ☐ Há pessoas de outras nacionalidades EM SITUAÇÃO DE REFÚGIO.
- ☐ Há pessoas de outras nacionalidades, mas NÃO em situação de refúgio
- ☐ Há pessoas de outras nacionalidades, mas NÃO SEI SE em situação de refúgio.
- ☐ NÃO SEI SE HÁ pessoas de outras nacionalidades usuárias deste serviço.

***Os itens sobre a atuação do/a profissional continuam na exposição seguinte.**

*** 39. Assinale a alternativa que considerar mais adequada para avaliar a RELEVÂNCIA desses itens:**

- ☐ não relevante
- ☐ relevante, porém necessita de grande revisão
- ☐ relevante, porém necessita de pequena revisão
- ☐ item relevante

* 40. Assinale a alternativa que considerar mais adequada para avaliar a CLAREZA desses itens:

- ☐ não claro
- ☐ pouco claro
- ☐ muito claro

* 41. Você acha que estes itens se enquadram em quais dimensões?

*Há a possibilidade de assinalar mais de uma alternativa.

- ☐ Reação/surpresa
- ☐ Experiência
- ☐ Sentimento
- ☐ Outra

42. Referente a estes itens, você acha que deve ser:

- ☐ mantido inalterado
- ☐ modificado
- ☐ excluído

43. Justificativa

44. Gostaria de sugerir ou comentar algo mais sobre estes itens?

19. Se há pessoas de outras nacionalidades neste serviço, quais suas origens?

Obs.: 1) Se não há ou se não sabe se há pessoas de outras nacionalidades, NÃO RESPONDA.

2) Se atua em PESQUISA, utilize como critério pessoas público-alvo de sua pesquisa.

3) Há a possibilidade de assinalar mais de uma alternativa.

- ☐ África Meridional/Sul (África do Sul, Angola, Namíbia, Moçambique, etc.)
- ☐ África Oriental (Etiópia, Eritreia, Quênia, Tanzânia, etc.)
- ☐ África Central (República do Congo, Repúbl. Democr. do Congo, Chade, etc.)
- ☐ África Ocidental (Benim, Cabo Verde, Camarões, Gana, Nigéria, etc.) <https://goo.gl/images/o8jvYB>
- ☐ África Setentrional/Norte (Argélia, Egito, Líbia, Marrocos, etc.)
- ☐ América do Sul (Argentina, Paraguai, Bolívia, Colômbia, etc.)
- ☐ América Central (Haiti, Cuba, Panamá, Guatemala, etc.)
- ☐ América do Norte (Canadá, Estados Unidos da América, México)
- ☐ Ásia Setentrional/Norte (Rússia)
- ☐ Ásia Oriental (China, Japão e Mongólia)
- ☐ Ásia Central (Cazaquistão, Quirguistão, Tajiquistão, Turquemenistão, Uzbequistão)
- ☐ Oriente Médio (Arábia Saudita, Irã, Iraque, Síria, Líbano, Palestina, etc.)
- ☐ Indochina/Ásia Sudeste (Camboja, Filipinas, Indonésia, Timor-Leste, Vietnã, etc.)
- ☐ Europa Ocidental (Alemanha, Espanha, Itália, França, etc.)
- ☐ Europa Oriental/Leste Europeu (Albânia, Sérvia, Ucrânia, Rússia, etc.)
- ☐ Oceania (Austrália, Samoa, Tonga, Ilhas Marshall, etc.)

***Os itens sobre a atuação do/a profissional continuam na exposição seguinte.**

*** 45. Assinale a alternativa que considerar mais adequada para avaliar a RELEVÂNCIA desses itens:**

- ☐ não relevante
- ☐ relevante, porém necessita de grande revisão
- ☐ relevante, porém necessita de pequena revisão
- ☐ item relevante

* 46. Assinale a alternativa que considerar mais adequada para avaliar a CLAREZA desses itens:

- ☐ não claro
- ☐ pouco claro
- ☐ muito claro

* 47. Você acha que estes itens se enquadram em qual dimensão?

- ☐ Reação/surpresa
- ☐ Experiência
- ☐ Sentimento
- ☐ Outra

48. Você acha que esse item deve ser:

- ☐ mantido inalterado
- ☐ modificado
- ☐ excluído

49. Justificativa

50. Gostaria de sugerir ou comentar algo mais sobre este item?

*** 20. Quais as faixas socioeconômicas das populações atendidas nesta tua atuação específica?**

Obs.: 1) Considere o salário mínimo de 880 reais.

2) Se atua em PESQUISA, utilize como critério as faixas socioeconômicas do público-alvo de sua pesquisa.

3) Há a possibilidade de assinalar mais de uma alternativa.

- ☐ Sem renda ou com auxílio governamental (ex.: Bolsa Família, BPC, etc.)
- ☐ Até 01 salário mínimo
- ☐ De 01 à até 03 salários mínimos
- ☐ De 03 a até 05 salários mínimos
- ☐ De 05 a até 10 salários mínimos
- ☐ Acima de 10 salários mínimos
- ☐ Não sou capaz de descrever

*** 21. Você possui mais alguma atuação na Psicologia ou somente esta?**

- ☐ Sim, possuo outra atuação
- ☐ Não, não possuo outra atuação. Somente esta agora descrita

*Com esta última pergunta se encerram os itens sobre a atuação do/a profissional. Se a pessoa responder "sim, possuo outra atuação", neste 21º quesito do instrumento, outra página referente a uma segunda atuação virá em seguida. Haverá a possibilidade do/a profissional descrever até 3 (três) atuações.

*** 51. Assinale a alternativa que considerar mais adequada para avaliar a RELEVÂNCIA desses itens:**

- ☐ não relevante
- ☐ relevante, porém necessita de grande revisão
- ☐ relevante, porém necessita de pequena revisão
- ☐ item relevante

* 52. Assinale a alternativa que considerar mais adequada para avaliar a CLAREZA desses itens:

- ☐ não claro
- ☐ pouco claro
- ☐ muito claro

* 53. Você acha que estes itens se enquadram em quais dimensões?

*Há a possibilidade de assinalar mais de uma alternativa.

- ☐ Reação/surpresa
- ☐ Experiência
- ☐ Sentimento
- ☐ Outra

* 54. Você acha que estes itens se enquadram em quais dimensões?

- ☐ Reação/surpresa
- ☐ Experiência
- ☐ Sentimento
- ☐ Outra

55. Referente a estes itens, você acha que deve ser:

- ☐ mantido inalterado
- ☐ modificado
- ☐ excluído

56. Justificativa

57. Gostaria de sugerir ou comentar algo mais sobre estes itens?

FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO DO INSTRUMENTO POR ESPECIALISTAS

ETAPA 3 - SOBRE SITUAÇÕES VIVÊNCIADAS OU RELATADAS

* 45.

Na sua prática profissional você já ouviu falar ou testemunhou algum caso ou situação em que tenha vindo à tona a cor da pele das pessoas, as diferenças raciais, étnicas, xenofobia ou problemáticas relacionadas ao racismo?

- ☐ Sim
- ☐ Não

46. Se a resposta da questão acima foi "Sim", detalhe abaixo.

Obs.: 1) Há a possibilidade de assinalar mais de uma alternativa.

- ☐ Sim, sendo situações vivenciadas por você
- ☐ Sim, sendo situações envolvendo outras pessoas que você tenha testemunhado
- ☐ Sim, sendo situações relatadas por terceiros

Descrição (Opcional):

* 58. Assinale a alternativa que considerar mais adequada para avaliar a **RELEVÂNCIA** desses itens:

- ☐ não relevante
- ☐ relevante, porém necessita de grande revisão
- ☐ relevante, porém necessita de pequena revisão
- ☐ item relevante

* 59. Assinale a alternativa que considerar mais adequada para avaliar a **CLAREZA** desses itens:

- ☐ não claro
- ☐ pouco claro
- ☐ muito claro

* 60. Você acha que estes itens se enquadram em quais dimensões?

*Há a possibilidade de assinalar mais de uma alternativa.

- ☐ Reação/surpresa
- ☐ Experiência
- ☐ Sentimento
- ☐ Outra

61. Referente a estes itens, você acha que deve ser:

- ☐ mantido inalterado
- ☐ modificado
- ☐ excluído

62. Justificativa

63. Gostaria de sugerir ou comentar algo mais sobre estes itens?

FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO DO INSTRUMENTO POR ESPECIALISTAS

ETAPA 4 - SOBRE A INTERVENÇÃO TÉCNICA

47.

Na sua atuação você possui ou utiliza de alguma PRÁTICA, PROCEDIMENTO ou DINÂMICA para trabalhar com os temas das relações étnico-raciais, racismo, xenofobia ou identidade racial, étnica e/ou nacionalidade?

☐ Sim

☐ Não

48. Se a resposta da questão acima foi "Sim", por favor, descreva abaixo:

Obs.: 1) Este quesito é muito importante para nós.

Intervenção Individual?

(Descrição em até 500
caracteres)

Intervenção Grupal?

(Descrição em até 500
caracteres)

* 64. Assinale a alternativa que considerar mais adequada para avaliar a **RELEVÂNCIA** desses itens:

- ☐ não relevante
- ☐ relevante, porém necessita de grande revisão
- ☐ relevante, porém necessita de pequena revisão
- ☐ item relevante

* 65. Assinale a alternativa que considerar mais adequada para avaliar a **CLAREZA** desses itens:

- ☐ não claro
- ☐ pouco claro
- ☐ muito claro

* 66. Você acha que estes itens se enquadram em quais dimensões?

*Há a possibilidade de assinalar mais de uma alternativa.

- ☐ Reação/surpresa
- ☐ Experiência
- ☐ Sentimento
- ☐ Outra

67. Referente a estes itens, você acha que deve ser:

- ☐ mantido inalterado
- ☐ modificado
- ☐ excluído

68. Justificativa

69. Gostaria de sugerir ou comentar algo mais sobre estes itens?

FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO DO INSTRUMENTO POR ESPECIALISTAS

ETAPA 5 - SOBRE SEU REFERENCIAL TEÓRICO

* 49. Qual/is abordagem(ns) teórica(s) você utiliza no seu cotidiano de trabalho?

Obs.: 1) Há a possibilidade de assinalar mais de uma alternativa.

- ☐ Psicanalítica ou de bases analíticas (Psicodramatista, Junguiana, Bioenergética, etc.)
- ☐ Comportamentalismo
- ☐ Cognitivismo
- ☐ Humanismo
- ☐ Gestalt
- ☐ Construtivismo
- ☐ Interpessoal
- ☐ Transpessoal
- ☐ Existencial
- ☐ Sócio-histórica
- ☐ Histórico-Cultural
- ☐ Sem abordagem específica
- ☐ Outro (especifique)

* 70. Assinale a alternativa que considerar mais adequada para avaliar a **RELEVÂNCIA** desses itens:

- ☐ não relevante
- ☐ relevante, porém necessita de grande revisão
- ☐ relevante, porém necessita de pequena revisão
- ☐ item relevante

* 71. Assinale a alternativa que considerar mais adequada para avaliar a **CLAREZA** desses itens:

- ☐ não claro
- ☐ pouco claro
- ☐ muito claro

* 72. Você acha que estes itens se enquadram em quais dimensões?

*Há a possibilidade de assinalar mais de uma alternativa.

- ☐ Reação/surpresa
- ☐ Experiência
- ☐ Sentimento
- ☐ Outra

73. Referente a estes itens, você acha que deve ser:

- ☐ mantido inalterado
- ☐ modificado
- ☐ excluído

74. Justificativa

75. Gostaria de sugerir ou comentar algo mais sobre estes itens?

FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO DO INSTRUMENTO POR ESPECIALISTAS

Formação

ETAPA 6 - SOBRE SUA FORMAÇÃO

* 50.

Qual o perfil da Instituição de Ensino Superior que você teve sua formação/graduação em Psicologia?

- ☐ Pública (Estadual)
- ☐ Pública (Federal)
- ☐ Privada/Particular
- ☐ Confessional (Católica, PUC, Fundações, etc.)

* 51. **Em qual Estado (UF)?**

***Os itens sobre a sua formação profissional continuam na exposição seguinte.**

* 76. Assinale a alternativa que considerar mais adequada para avaliar a **RELEVÂNCIA** desses itens:

- ☐ não relevante
- ☐ relevante, porém necessita de grande revisão
- ☐ relevante, porém necessita de pequena revisão
- ☐ item relevante

* 77. Assinale a alternativa que considerar mais adequada para avaliar a **CLAREZA** desses itens:

- ☐ não claro
- ☐ pouco claro
- ☐ muito claro

* 78. Você acha que estes itens se enquadram em quais dimensões?

*Há a possibilidade de assinalar mais de uma alternativa.

- ☐ Reação/surpresa
- ☐ Experiência
- ☐ Sentimento
- ☐ Outra

79. Referente a estes itens, você acha que deve ser:

- ☐ mantido inalterado
- ☐ modificado
- ☐ excluído

80. Justificativa

81. Gostaria de sugerir ou comentar algo mais sobre estes itens?

* 52.

Durante a formação, lembra ter tido alguma(s) disciplina(s), no plano curricular do curso, que tematizasse ou discutisse sobre a cor da pele, diferenças relativas a raça, etnia, racismo e/ou relações étnico-raciais?

Obs.: 1) Há a possibilidade de assinalar mais de uma alternativa.

- ☐ Disciplina obrigatória com o tema específico em Psicologia.
- ☐ Disciplina optativa com tema específico em Psicologia.
- ☐ Outra disciplina geral (ex. Psicologia Social, Antropologia, Sociologia, Avaliação Psicológica, etc.).
- ☐ Disciplina específica, mas em outro curso ou departamento fora do de Psicologia.
- ☐ Palestra/s ou oficina/s como atividade/s extracurricular/es.
- ☐ Não tive.

* 53.

Pertenceu a algum grupo na faculdade/universidade que aprofundasse a discussão neste tema durante a sua formação?

Obs.: 1) Há a possibilidade de assinalar mais de uma alternativa.

- ☐ Não
- ☐ Grupo de Pesquisa
- ☐ Grupo de Estudo
- ☐ Movimento Social
- ☐ Outro (especifique)

***Os itens sobre a sua formação profissional continuam na exposição seguinte.**

* 82. Assinale a alternativa que considerar mais adequada para avaliar a RELEVÂNCIA desses itens:

- ☐ não relevante
- ☐ relevante, porém necessita de grande revisão
- ☐ relevante, porém necessita de pequena revisão
- ☐ item relevante

* 83. Assinale a alternativa que considerar mais adequada para avaliar a CLAREZA desses itens:

- ☐ não claro
- ☐ pouco claro
- ☐ muito claro

* 84. Você acha que estes itens se enquadram em quais dimensões?

*Há a possibilidade de assinalar mais de uma alternativa.

- ☐ Reação/surpresa
- ☐ Experiência
- ☐ Sentimento
- ☐ Outra

85. Referente a estes itens, você acha que deve ser:

- ☐ mantido inalterado
- ☐ modificado
- ☐ excluído

86. Justificativa

87. Gostaria de sugerir ou comentar algo mais sobre estes itens?

* 54.

Quanto a sua motivação no tema das relações étnico-raciais e racismo e quando ela surgiu, se surgiu.

- ☐ NÃO TENHO interesse nesta discussão
- ☐ GOSTARIA DE TER mais interesse nesta discussão
- ☐ Este interesse surgiu ANTES da formação em Psicologia
- ☐ Surgiu NA FORMAÇÃO em Psicologia
- ☐ Surgiu DEPOIS da formação em Psicologia
- ☐ Surgiu PARALELA a formação de Psicologia (a partir de outros grupos ou vivências fora da faculdade/universidade, mas durante o mesmo período)

* 55. Qual o seu nível de formação concluído?

- ☐ Graduação
- ☐ Especialização
- ☐ Mestrado
- ☐ Doutorado

* 88. Assinale a alternativa que considerar mais adequada para avaliar a **RELEVÂNCIA** desses itens:

- ☐ não relevante
- ☐ relevante, porém necessita de grande revisão
- ☐ relevante, porém necessita de pequena revisão
- ☐ item relevante

* 89. Assinale a alternativa que considerar mais adequada para avaliar a **CLAREZA** desses itens:

- ☐ não claro
- ☐ pouco claro
- ☐ muito claro

* 90. Você acha que estes itens se enquadram em quais dimensões?

*Há a possibilidade de assinalar mais de uma alternativa.

- ☐ Reação/surpresa
- ☐ Experiência
- ☐ Sentimento
- ☐ Outra

91. Referente a estes itens, você acha que deve ser:

- ☐ mantido inalterado
- ☐ modificado
- ☐ excluído

92. Justificativa

93. Gostaria de sugerir ou comentar algo mais sobre estes itens?

FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO DO INSTRUMENTO POR ESPECIALISTAS

Produções

56

ETAPA 7 - SOBRE PRODUÇÕES

* 56. Você tem textos, comunicações ou outras formas de produção de sua autoria, com o tema da Psicologia e Relações étnico-raciais?

- ☐ Não
- ☐ Sim

*Os itens sobre produções continuam na exposição seguinte.

*Caso o respondente assinalar "Não", a próxima página será a Etapa seguinte, "Escala de atitudes e crenças I"

* 94. Assinale a alternativa que considerar mais adequada para avaliar a **RELEVÂNCIA** desses itens:

- ☐ não relevante
- ☐ relevante, porém necessita de grande revisão
- ☐ relevante, porém necessita de pequena revisão
- ☐ item relevante

* 95. Assinale a alternativa que considerar mais adequada para avaliar a **CLAREZA** desses itens:

- ☐ não claro
- ☐ pouco claro
- ☐ muito claro

* 96. Você acha que estes itens se enquadram em quais dimensões?

*Há a possibilidade de assinalar mais de uma alternativa.

- ☐ Reação/surpresa
- ☐ Experiência
- ☐ Sentimento
- ☐ Outra

97. Referente a estes itens, você acha que deve ser:

- ☐ mantido inalterado
- ☐ modificado
- ☐ excluído

98. Justificativa

99. Gostaria de sugerir ou comentar algo mais sobre estes itens?

57. Caso tenha alguma publicação, quais seriam os tipos de publicações?

Obs.: 1) Há a possibilidade de assinar mais de uma alternativa

- ☐ Artigos científicos
- ☐ Relatos de experiência
- ☐ Livro
- ☐ Capítulo de Livro
- ☐ Artigos/texto não publicados
- ☐ Artigo em jornal de ampla circulação
- ☐ Blogs, Sites ou Páginas WEB
- ☐ Grupos ou FanPages em Redes Sociais (Facebook, Instagram, etc.)
- ☐ Cartilhas
- ☐ Catálogos
- ☐ Documentos
- ☐ Vídeos
- ☐ Outro (especifique)

58. Tem Comunicação Oral ou Pôster sobre Relações étnico-raciais apresentado em eventos (seminários, simpósios, mesas redondas, conferências, etc.)?

- ☐ Não
- ☐ Sim

59.

Caso tenha alguma dessas produções, favor descrever abaixo, de uma modo geral e sintética, os temas destas produção e comunicações orais:

(Opcional)

* 100. Assinale a alternativa que considerar mais adequada para avaliar a RELEVÂNCIA desses itens:

- ☐ não relevante
- ☐ relevante, porém necessita de grande revisão
- ☐ relevante, porém necessita de pequena revisão
- ☐ item relevante

* 101. Assinale a alternativa que considerar mais adequada para avaliar a CLAREZA desses itens:

- ☐ não claro
- ☐ pouco claro
- ☐ muito claro

* 102. Você acha que estes itens se enquadram em quais dimensões?

*Há a possibilidade de assinalar mais de uma alternativa.

- ☐ Reação/surpresa
- ☐ Experiência
- ☐ Sentimento
- ☐ Outra

103. Referente a estes itens, você acha que deve ser:

- ☐ mantido inalterado
- ☐ modificado
- ☐ excluído

104. Justificativa

105. Gostaria de sugerir ou comentar algo mais sobre estes itens?

FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO DO INSTRUMENTO POR ESPECIALISTAS

Escalas de atitudes e crenças

ETAPA 8 - Escala de atitudes e crenças I

Assinale de 1 a 6 o quanto você concorda ou discorda da afirmação

DISCORDO TOTALMENTE 1 2 3 4 5 6 CONCORDO TOTALMENTE

* 60. Eu não gosto de situações que são incertas.

Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Discordo pouco	Concordo pouco	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
☆	☆	☆	☆	☆	☆

* 61. Não gosto de perguntas que podem ser respondidas de muitas maneiras diferentes.

Discordo totalmente					Concordo totalmente
☆	☆	☆	☆	☆	☆

* 62. Eu acho que uma vida bem ordenada, com o horário regular combine com meu temperamento.

Discordo totalmente					Concordo totalmente
☆	☆	☆	☆	☆	☆

* 63. Eu me sinto desconfortável quando eu não entendo a razão pela qual um evento ocorreu na minha vida.

Discordo totalmente					Concordo totalmente
☆	☆	☆	☆	☆	☆

* 64. Sinto-me irritado quando uma pessoa não concorda com o que todo mundo em um grupo acredita.

Discordo totalmente					Concordo totalmente
☆	☆	☆	☆	☆	☆

* 65. Eu não gosto de entrar em uma situação sem saber o que posso esperar dele.

Discordo totalmente					Concordo totalmente
☆	☆	☆	☆	☆	☆

* 66. Quando eu tomo uma decisão, eu me sinto aliviado.

Discordo totalmente					Concordo totalmente
☆	☆	☆	☆	☆	☆

* 67. Quando confrontado com um problema, eu fico louco para chegar a uma solução muito rapidamente.

Discordo totalmente					Concordo totalmente
☆	☆	☆	☆	☆	☆

escala1

- * 68. Eu rapidamente me torno impaciente e irritado se eu não puder encontrar uma solução para um problema imediato.

Discordo totalmente

Concordo totalmente

- * 69. Eu não gosto de estar com pessoas que são capazes de ações inesperadas.

Discordo totalmente

Concordo totalmente

- * 70. Eu não gosto quando a declaração de uma pessoa pode significar muitas coisas diferentes.

Discordo totalmente

Concordo totalmente

- * 71. Acho que o estabelecimento de uma rotina consistente me permite aproveitar mais a vida.

Discordo totalmente

Concordo totalmente

- * 72. Eu gosto de ter um modo de vida claro e estruturado.

Discordo totalmente

Concordo totalmente

- * 73. Eu não costumo consultar muitas opções diferentes antes de formar a minha própria visão.

Discordo totalmente

Concordo totalmente

- * 74. Eu não gosto de situações imprevisíveis.

Discordo totalmente

Concordo totalmente

* 106. Assinale a alternativa que considerar mais adequada para avaliar a **RELEVÂNCIA** desses itens:

- ☐ não relevante
- ☐ relevante, porém necessita de grande revisão
- ☐ relevante, porém necessita de pequena revisão
- ☐ item relevante

* 107. Assinale a alternativa que considerar mais adequada para avaliar a **CLAREZA** desses itens:

- ☐ não claro
- ☐ pouco claro
- ☐ muito claro

* 108. Você acha que estes itens se enquadram em quais dimensões?

*Há a possibilidade de assinalar mais de uma alternativa.

- ☐ Reação/surpresa
- ☐ Experiência
- ☐ Sentimento
- ☐ Outra

109. Referente a estes itens, você acha que deve ser:

- ☐ mantido inalterado
- ☐ modificado
- ☐ excluído

110. Justificativa

111. Gostaria de sugerir ou comentar algo mais sobre estes itens?

Etapa 9 - Escala de atitudes e crenças II

Indique o seu grau de concordância com cada uma das afirmações seguintes.

Note que apenas lhe é pedido a sua opinião honesta, e que não há respostas corretas ou incorretas.

DISCORDO TOTALMENTE 1 2 3 4 5 6 7 8 9 CONCORDO TOTALMENTE

- * 75. Tento parecer não-preconceituoso(a) face à negros, índios e orientais de modo a evitar censura por parte de outras pessoas.

Discordo fortemente									Concordo fortemente
★	★	★	★	★	★	★	★	★	★

- * 76. Devido aos meus valores pessoais creio que é errado usar estereótipos sobre negros, índios ou orientais.

Discordo fortemente									Concordo fortemente
★	★	★	★	★	★	★	★	★	★

- * 77. Tento agir de forma não-preconceituosa face à negros, índios e orientais devido à pressão de outras pessoas.

Discordo fortemente									Concordo fortemente
★	★	★	★	★	★	★	★	★	★

- * 78. Ser não-preconceituoso(a) face à negros, índios e orientais é importante para o meu auto-conceito.

Discordo fortemente									Concordo fortemente
★	★	★	★	★	★	★	★	★	★

* 79. São as minhas crenças pessoais que me motivam a ser não-preconceituoso(a) face à negros, índios e orientais.

Discordo
fortemente

Concordo
fortemente

★	★	★	★	★	★	★	★	★
---	---	---	---	---	---	---	---	---

* 80. Se eu agisse de forma preconceituosa com negros, índios ou orientais, preocupar-me-ia que as outras pessoas se irritassem comigo.

Discordo
fortemente

Concordo
fortemente

★	★	★	★	★	★	★	★	★
---	---	---	---	---	---	---	---	---

* 81. Tendo em conta a pressão atual para se ser politicamente correto, tento parecer não-preconceituoso(a) face à negros, índios ou orientais.

Discordo
fortemente

Concordo
fortemente

★	★	★	★	★	★	★	★	★
---	---	---	---	---	---	---	---	---

* 82. Segundo os meus valores pessoais, o uso de estereótipos e brincadeiras contra negros, índios e orientais é aceitável.

Discordo
fortemente

Concordo
fortemente

★	★	★	★	★	★	★	★	★
---	---	---	---	---	---	---	---	---

* 83. Tento esconder quaisquer pensamentos negativos sobre negros, índios e orientais de modo a evitar reações negativas por parte de outras pessoas.

Discordo
fortemente

Concordo
fortemente

★	★	★	★	★	★	★	★	★
---	---	---	---	---	---	---	---	---

* 84. Tento agir de forma não-preconceituosa face a negros, índios e/ou orientais porque é um assunto muito importante para mim.

Discordo
fortemente

Concordo
fortemente

★	★	★	★	★	★	★	★	★
---	---	---	---	---	---	---	---	---

* 112. Assinale a alternativa que considerar mais adequada para avaliar a **RELEVÂNCIA** desses itens:

- ☐ não relevante
- ☐ relevante, porém necessita de grande revisão
- ☐ relevante, porém necessita de pequena revisão
- ☐ item relevante

* 113. Assinale a alternativa que considerar mais adequada para avaliar a **CLAREZA** desses itens:

- ☐ não claro
- ☐ pouco claro
- ☐ muito claro

* 114. Você acha que estes itens se enquadram em quais dimensões?

*Há a possibilidade de assinalar mais de uma alternativa.

- ☐ Reação/surpresa
- ☐ Experiência
- ☐ Sentimento
- ☐ Outra

115. Referente a estes itens, você acha que deve ser:

- ☐ mantido inalterado
- ☐ modificado
- ☐ excluído

116. Justificativa

117. Gostaria de sugerir ou comentar algo mais sobre estes itens?

ETAPA 10 - Escala de atitudes e crenças III

Por favor, leia atentamente cada um dos itens abaixo a respeito de negros, de brancos, índios e orientais e em seguida, indique seu grau de concordância com cada um deles. Por gentileza responda todos, utilizando a escala, colocando o número que melhor representa sua resposta.

DISCORDO TOTALMENTE 1 2 3 4 5 6 7 CONCORDO TOTALMENTE

* 85.

A discriminação racial não é um problema do Brasil

Discordo
totalmente

Concordo
totalmente

DISCORDO TOTALMENTE 1 2 3 4 5 6 7 CONCORDO TOTALMENTE

	Orientais	Negros	Branco	Índios
Eles têm conseguido mais do que merecem	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Eles recebem muito respeito e consideração	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Eles são muito exigentes em relação aos seus direitos	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Eles têm muita influência política	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Eles não necessitam de ajuda, apenas devem se esforçar	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Eles devem superar o preconceito sem apoio como aconteceu com outros grupos	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Eles são mais habilidosos em trabalhos manuais	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Possuem maior habilidade culinária	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Estão em moda suas danças pela sensualidade que expressam	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Tem-se dada demasiada importância aos seus movimentos de protesto	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Parece pouco prudente dar importância as suas queixas	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Apresentam melhor desempenho em modalidades esportivas	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Possuem uma beleza diferente	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>

* 118. Assinale a alternativa que considerar mais adequada para avaliar a **RELEVÂNCIA** desses itens:

- ☐ não relevante
- ☐ relevante, porém necessita de grande revisão
- ☐ relevante, porém necessita de pequena revisão
- ☐ item relevante

* 119. Assinale a alternativa que considerar mais adequada para avaliar a **CLAREZA** desses itens:

- ☐ não claro
- ☐ pouco claro
- ☐ muito claro

* 120. Você acha que estes itens se enquadram em quais dimensões?

*Há a possibilidade de assinalar mais de uma alternativa.

- ☐ Reação/surpresa
- ☐ Experiência
- ☐ Sentimento
- ☐ Outra

121. Referente a estes itens, você acha que deve ser:

- ☐ mantido inalterado
- ☐ modificado
- ☐ excluído

122. Justificativa

123. Gostaria de sugerir ou comentar algo mais sobre estes itens?

FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO DO INSTRUMENTO POR ESPECIALISTAS

Perfil socioeconômico e TCLE

ETAPA 11 - PERFIL DO/A PROFISSIONAL

Questões sócio-demográficas

* 87. Ano de nascimento

* 88. Local de nascimento (UF):

89. Local de residência (UF):

* 90. Sexo/Gênero

Obs.: independente se cis-gênero ou transgênero, assinale em como você se afirma identitariamente.

☐ Feminino

☐ Masculino

* 91. Como você define a sua cor/raça, segundo o critério do IBGE?

☐ Amarela

☐ Branca

☐ Indígena

☐ Parda

☐ Preta

* 92. Como concebe sua Religião/Espiritualidade?

* 93. Como definiria seu grau de religiosidade

Pouco religioso

Muito religioso

* 124. Assinale a alternativa que considerar mais adequada para avaliar a **RELEVÂNCIA** desses itens:

- ☐ não relevante
- ☐ relevante, porém necessita de grande revisão
- ☐ relevante, porém necessita de pequena revisão
- ☐ item relevante

* 125. Assinale a alternativa que considerar mais adequada para avaliar a **CLAREZA** desses itens:

- ☐ não claro
- ☐ pouco claro
- ☐ muito claro

* 126. Você acha que estes itens se enquadram em quais dimensões?

*Há a possibilidade de assinalar mais de uma alternativa.

- ☐ Reação/surpresa
- ☐ Experiência
- ☐ Sentimento
- ☐ Outra

127. Referente a estes itens, você acha que deve ser:

- ☐ mantido inalterado
- ☐ modificado
- ☐ excluído

128. Justificativa

129. Gostaria de sugerir ou comentar algo mais sobre estes itens?

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você participou da pesquisa que objetiva conhecer a atuação de psicólogos e psicólogas no tema de relações étnico-raciais, sob o número de registro CAAE: 62444316.3.0000.5561 do Comitê de Ética em Pesquisa. Esta se trata de uma Pesquisa de Doutorado de Carlos Vinicius Gomes Melo, desenvolvida pela linha de pesquisa Psicologia e Relações Étnico-raciais, orientada pelo Prof. Dr. Alessandro de Oliveira dos Santos do Departamento de Psicologia Social e Trabalho do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP) e financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Como já explicado, para manter a confidencialidade sobre as informações que você forneceu, todas as formas de registros serão identificadas por uma combinação de letras e números. Na divulgação dos resultados da pesquisa qualquer tipo de identificação não será revelado. Todos os dados publicados serão por análise estatística, não sendo em momento algum personificados tais dados, sendo então resguardado a privacidade e sigilo dos participantes.. Todas as informações obtidas durante o estudo serão armazenadas de forma a proteger a identidade pessoal do participante. Essas informações serão mantidas à posse somente dos pesquisadores-responsáveis durante e após o término da pesquisa.

A participação neste estudo envolve risco mínimo, no entanto, o tema tratado pode ter causado algum constrangimento, incomodo ou desconforto. Caso haja a persistência ou baixa resolutividade do incômodo, serão aplicados todos os seus direitos, entre em contato com os pesquisadores-responsáveis da pesquisa, pois será providenciado o encaminhamento necessário.

Por isso, a qualquer momento, está garantida a recusa em participar ou a retirada do consentimento e a solicitação de retirada de seus dados do banco de dados da pesquisa. Para que isto possa vir a ser viável, caso sinta tal necessidade, pedimos que descrever abaixo o seu email mais utilizado. Este email também servirá para evitar a não duplicidade dos dados de cada participante.

Sua participação neste estudo é completamente voluntária. A pesquisa não oferecerá nenhuma vantagem financeira. Não haverá custos ou despesas decorrentes de sua participação na pesquisa.

Sinta-se à vontade para perguntar, caso tenha alguma dúvida, agora ou depois. Caso haja alguma dúvida posteriormente, por favor, entre em contato comigo ou com o pesquisador principal da pesquisa: Carlos Vinicius Gomes Melo (cvgmelo@usp.br) e Profº. Drº. Alessandro de Oliveira dos

Santos no Instituto de Psicologia. Endereço: Av. Professor Mello Moraes, 1721, São Paulo – fones: (11) 3091-4184 e 3091-4362. Você também pode fazer contato direto com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPH) do Instituto de Psicologia da USP no mesmo endereço, Bloco G, 2º andar, sala 27. E-mail: ceph.ip@usp.br.

Telefone: (11) 3091-4182. Horário de atendimento: 8h30min às 12h e 14h às 16h.

* 94. AUTORIZA A INCLUSÃO DE SEUS DADOS RESPONDIDOS PARA PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA?

☐ SIM

☐ NÃO

* 95. Coloque aqui email pessoal mais utilizado.

Quesito necessário para NÃO ocorrer duplicidade de respondentes.

Obs.: Sua privacidade será garantida e respeitada

* 96. Com base neste email, deseja ser comunicado/a da devolutiva desta pesquisa?

☐ Sim

☐ Não

* 130. Assinale a alternativa que considerar mais adequada para avaliar a **RELEVÂNCIA** desses itens:

- ☐ não relevante
- ☐ relevante, porém necessita de grande revisão
- ☐ relevante, porém necessita de pequena revisão
- ☐ item relevante

* 131. Assinale a alternativa que considerar mais adequada para avaliar a **CLAREZA** desses itens:

- ☐ não claro
- ☐ pouco claro
- ☐ muito claro

* 132. Você acha que estes itens se enquadram em quais dimensões?

*Há a possibilidade de assinalar mais de uma alternativa.

- ☐ Reação/surpresa
- ☐ Experiência
- ☐ Sentimento
- ☐ Outra

133. Referente a estes itens, você acha que deve ser:

- ☐ mantido inalterado
- ☐ modificado
- ☐ excluído

134. Justificativa

135. Gostaria de sugerir ou comentar algo mais sobre estes itens?

ANEXO 05

Olá, prezado/a avaliador/a!

Sou Carlos Vinicius Gomes Melo, doutorando Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP), sob orientação da Prof^o. Dr^o. Alessandro de Oliveira dos Santos.

Escrevo para convidar você a participar do comitê de especialistas para avaliar o instrumento que proponho desenvolver durante meu doutorado. O título do trabalho é “Atuação dos/as profissionais de psicologia e o tema das relações étnico-raciais”. Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da IPUSP no dia 20/12/2016, sob o registro CAAE 62444316.3.0000.5561.

Sua participação consiste em preencher o formulário de avaliação do instrumento *online*. Caso necessário, agendaremos uma reunião comigo em dia e hora acordados de disponibilidade para ambas as partes. Essa participação poderá ser feita por meio de videoconferência.

Caso você aceite participar, os seguintes arquivos serão enviados:

- 1) O projeto de pesquisa na íntegra;
- 2) O instrumento-piloto, contendo os itens que constam como objeto da coleta de dados);
- 3) O link para o preenchimento do formulário de avaliação de especialistas;**

Em caso de dúvidas, favor entrar em contato pelo e-mail cvgmelo@usp.br ou telefone celular (whatsapp): [\(71\) 99132-9113](tel:(71)99132-9113).

ANEXO 06

1. INSTRUÇÕES PARA PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA

Esta pesquisa é direcionada a todos/as os/as profissionais de Psicologia, tendo como responsáveis Carlos Vinicius Gomes Melo (cvgmelo@usp.br) e Alessandro de Oliveira dos Santos. Ela tem financiamento pela Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) sob o processo nº 2016/00577-4 e foi aprovada em Comitê de Ética em Pesquisa com o registro CAAE: 62444316.3.0000.5561.

No final do questionário há um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no qual você pode autorizar ou não o uso dos seus dados aqui coletados, assim como o objetivo especificado da pesquisa. Tal objetivo está exposto no final do questionário, com o intuito de não influenciar cognitivamente na forma como respondê-lo. Assim você pode expressar e manifestar suas atitudes e crenças mais espontâneas ao que esteja sendo investigado.

O tempo médio para responder o questionário é de 15 a 25 minutos, a depender do nível de detalhamento da resposta em algumas questões. Na divulgação das análises não haverá identificação das pessoas, resguardando o sigilo e anonimato sobre os participantes.

Não há resposta certa ou errada. Todas as respostas são importantes.

Obrigado por colaborar conosco!

* 1.

INICIAR A PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA?

☐ SIM

☐ NÃO

2. ETAPA 2 - EVOCAÇÕES

Para cada EXPRESSÃO escreva até 5 palavras que lhe vêm a cabeça.

Observações:

- 1) Respeite a sequência/ordem das palavras que surgirem à mente.
- 2) Não há problema se vier menos de 5 palavras.

Tente respeitar a sequência/ordem das palavras que surgem a mente.

Não há resposta certa ou errada.

RESPONDA ESPONTANEAMENTE.

* 2.

SER HUMANO

1

2

3

4

5

Tente respeitar a sequência/ordem das palavras que vem a mente.

Não há resposta certa ou errada.

RESPONDA ESPONTANEAMENTE.

* 3.

ATUAÇÃO DO/A PSICÓLOGO/A

1

2

3

4

5

Tente respeitar a sequência/ordem das palavras que vem a mente.

Não há resposta certa ou errada.

RESPONDA ESPONTANEAMENTE.

* 4.

IDENTIDADE DO/A PSICÓLOGO/A

1

2

3

4

5

Tente respeitar a sequência/ordem das palavras que vem a mente.

Não há resposta certa ou errada.

RESPONDA ESPONTANEAMENTE.

* 5.

A 25.0%

B 25.0%

C 25.0%

D 25.0%

PESSOAS ORIENTAIS

PESSOAS NEGRAS

PESSOAS INDÍGENAS

PESSOAS BRANCAS

1

2

3

4

5

7. ETAPA 3 - ESCALA

Leia das sentenças e defina o seu grau de concordância.

* 6.

A discriminação por classe social não é um problema no Brasil

Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Discordo pouco	Não concordo, nem discordo	Concordo pouco	Concordo Parcialmente	Concordo totalmente

* 7.

A discriminação por cor de pele ou raça não é um problema no Brasil

Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Discordo pouco	Não concordo, nem discordo	Concordo pouco	Concordo parcialmente	Concordo totalmente

* 8.

A discriminação por gênero não é um problema no Brasil

Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Discordo pouco	Não concordo, nem discordo	Concordo pouco	Concordo parcialmente	Concordo totalmente

8. ETAPA 3 - ESCALA O

* 9.

Leia as sentenças e defina o seu grau de concordância.

	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Discordo pouco	Não concordo, nem discordo	Concordo pouco	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
Os orientais têm conseguido mais do que merecem	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Os orientais recebem muito respeito e consideração	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Os orientais são muito exigentes em relação aos seus direitos	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Os orientais têm muita influência política	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Os orientais não necessitam de ajuda, apenas devem se esforçar	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Os orientais devem superar o preconceito sem apoio como aconteceu com outros grupos	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Os orientais parecem ser mais inteligentes	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Os orientais são mais habilidosos em trabalhos manuais	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Os orientais possuem maior habilidade culinária	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Estão em moda as danças dos orientais pela sensualidade que expressam	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Se tem dada demasiada importância aos movimentos de protesto dos orientais	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Não é bom dar importância as queixas dos orientais	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Os orientais apresentam melhor desempenho em modalidades esportivas	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Os orientais possuem uma beleza diferente	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

9. ETAPA 3 - ESCALA N

* 10.

Leia as sentenças e defina o seu grau de concordância.

	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Discordo pouco	Não concordo, nem discordo	Concordo pouco	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
Os negros têm conseguido mais do que merecem	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Os negros recebem muito respeito e consideração	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Os negros são muito exigentes em relação aos seus direitos	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Os negros têm muita influência política	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Os negros não necessitam de ajuda, apenas devem se esforçar	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Os negros devem superar o preconceito sem apoio como aconteceu com outros grupos	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Os negros parecem ser mais inteligentes	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Os negros são mais habilidosos em trabalhos manuais	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Os negros possuem maior habilidade culinária	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Estão em moda as danças dos negros pela sensualidade que expressam	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Se tem dada demasiada importância aos movimentos de protesto dos negros	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Não é bom dar importância as queixas dos negros	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Os negros apresentam melhor desempenho em modalidades esportivas	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Os negros possuem uma beleza diferente	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

10. ETAPA 3 - ESCALA I

* 11.

Leia as sentenças e defina o seu grau de concordância.

	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Discordo pouco	Não concordo, nem discordo	Concordo pouco	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
Os índios têm conseguido mais do que merecem	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Os índios recebem muito respeito e consideração	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Os índios são muito exigentes em relação aos seus direitos	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Os índios têm muita influência política	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Os índios não necessitam de ajuda, apenas devem se esforçar	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Os índios devem superar o preconceito sem apoio como aconteceu com outros grupos	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Os índios parecem ser mais inteligentes	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Os índios são mais habilidosos em trabalhos manuais	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Os índios possuem maior habilidade culinária	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Estão em moda as danças dos índios pela sensualidade que expressam	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Se tem dada demasiada importância aos movimentos de protesto dos índios	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Não é bom dar importância as queixas dos índios	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Os índios apresentam melhor desempenho em modalidades esportivas	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Os índios possuem uma beleza diferente	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

11. ETAPA 3 - ESCALA B

* 12.

Leia as sentenças e defina o seu grau de concordância.

	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Discordo pouco	Não concordo, nem discordo	Concordo pouco	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
Os brancos têm conseguido mais do que merecem	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Os brancos recebem muito respeito e consideração	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Os brancos são muito exigentes em relação aos seus direitos	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Os brancos têm muita influência política	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Os brancos não necessitam de ajuda, apenas devem se esforçar	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Os brancos devem superar o preconceito sem apoio como aconteceu com outros grupos	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Os brancos parecem ser mais inteligentes	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Os brancos são mais habilidosos em trabalhos manuais	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Os brancos possuem maior habilidade culinária	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Estão em moda as danças dos brancos pela sensualidade que expressam	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Se tem dada demasiada importância aos movimentos de protesto dos brancos	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Não é bom dar importância as queixas dos brancos	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Os brancos apresentam melhor desempenho em modalidades esportivas	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Os brancos possuem uma beleza diferente	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

12. ETAPA 4 - SUA ATUAÇÃO PROFISSIONAL I

* 13. Você atua na área da psicologia faz quantos anos?

* 14. Atualmente, você trabalha como profissional de psicologia em quantos campos de atuação?

* 15. Qual/is a/s área/s deste/s campo/s de atuação que você trabalha?

Obs.: 1) Caso trabalhe em mais de um campo de atuação, há a possibilidade de assinalar mais de um item.

- ☐ Educacional (Psicólogo/a Escolar; Psicopedagogo/a; Socioeducação)
- ☐ Clínica (Psicoterapia; Psicólogo/a da saúde mental; etc.)
- ☐ Esporte
- ☐ Hospitalar
- ☐ Jurídico (Juizados; Psicólogo Criminal; Psicólogo forense; Penitenciária)
- ☐ Social (Assistência Social; ONG; etc.)
- ☐ Trânsito
- ☐ Trabalho (Seleção e Treinamento; Organizacional)
- ☐ Neuropsicologia
- ☐ Comunicação social
- ☐ Gestão institucional de órgãos governamentais ou não-governamentais (Sistema Conselho; Secretaria Governamental)
- ☐ Fiscalização ou Acompanhamento de órgãos governamentais ou não-governamentais (Conselhos de Controle Social)
- ☐ Docência em nível superior
- ☐ Docência em nível médio
- ☐ Pesquisa
- ☐ Outro (especifique)

13. ETAPA 4 - SUA ATUAÇÃO PROFISSIONAL II

Obs.: 1) Se possui mais de um campo de atuação em psicologia, escolha um para descrever aqui.

*** 16. Desses campos de atuação que você assinalou anteriormente, escolha um para descrever com mais detalhe?**

Obs.: 1) Se você possui mais de um campo de atuação em psicologia, a partir de agora, descreva uma.

- ☐ Educacional (Psicólogo/a Escolar; Psicopedagogo/a; Socioeducação)
- ☐ Clínica (Psicoterapia; Psicólogo/a da saúde mental; etc.)
- ☐ Esporte
- ☐ Hospitalar
- ☐ Jurídico (Juizados; Psicólogo Criminal; Psicólogo forense; Penitenciária)
- ☐ Social (Assistência Social; ONG; etc.)
- ☐ Trânsito
- ☐ Trabalho (Seleção e Treinamento; Organizacional)
- ☐ Neuropsicologia
- ☐ Comunicação social
- ☐ Gestão institucional de órgãos governamentais ou não-governamentais (Sistema Conselho; Secretaria Governamental)
- ☐ Fiscalização ou Acompanhamento de órgãos governamentais ou não-governamentais (Conselhos de Controle Social)
- ☐ Docência em nível superior
- ☐ Docência em nível médio
- ☐ Pesquisa
- ☐ Outro (especifique)

*** 17. Qual critério você está utilizando para escolher descrever este campo de atuação específico?**

Obs.: 1) Se você possui mais de um campo de atuação em psicologia, continue descrevendo o que escolheu acima.

- ☐ Só tenho este campo de atuação na Psicologia
- ☐ É o trabalho mais antigo
- ☐ Maior remuneração
- ☐ Maior carga horária
- ☐ Maior impacto ou relevância social
- ☐ Maior importância pessoal
- ☐ Outro (especifique)

*** 18. Faz quantos anos que trabalha neste campo de atuação que está descrevendo?**

*** 19. Caracterize o território desta atuação que escolheu descrever.**

Obs.: 1) Caso circunscreva vários territórios, há a possibilidade de assinalar mais de um item.

- ☐ Capital do Estado/Zona Urbana (Capital ou Região metropolitana)
- ☐ Cidade no Interior/Zona Urbana (Município do Interior do Estado)
- ☐ Campo/Zona Rural (Sítio/Distrito/Assentamento)
- ☐ Floresta (Aldeia/Reserva)

*** 20. Em qual/is Estado/s (UF) você atua com este trabalho que está descrevendo?**

Obs.: 1) Caso circunscreva vários territórios, há a possibilidade de assinalar mais de um item.

- ☐ Acre (AC)
- ☐ Alagoas (AL)
- ☐ Amazonas (AM)
- ☐ Amapá (AP)
- ☐ Bahia (BA)
- ☐ Ceará (CE)
- ☐ Distrito Federal (DF)
- ☐ Espírito Santo (ES)
- ☐ Goiás (GO)
- ☐ Maranhão (MA)
- ☐ Mato Grosso (MT)
- ☐ Mato Grosso do Sul (MS)
- ☐ Minas Gerais (MG)
- ☐ Pará (PA)
- ☐ Paraíba (PB)
- ☐ Paraná (PR)
- ☐ Pernambuco (PE)
- ☐ Piauí (PI)
- ☐ Rio de Janeiro (RJ)
- ☐ Rio Grande do Norte (RN)
- ☐ Rio Grande do Sul (RS)
- ☐ Rondônia (RO)
- ☐ Roraima (RR)
- ☐ Santa Catarina (SC)
- ☐ São Paulo (SP)
- ☐ Sergipe (SE)
- ☐ Tocantins (TO)

* **21.** Este campo de atuação que escolheu descrever se localiza no mesmo município onde você reside?

Obs.: 1) Assinale "Sim", caso dentre os vários territórios de atuação está o município onde você reside.

- ☐ Não
- ☐ Sim

* **22.** Qual o perfil do serviço que escolheu descrever?

Obs.: 1) Se você possui mais de um campo de atuação em psicologia, continue descrevendo o que você escolheu acima.

- ☐ Autônomo
- ☐ Público (Municipal)
- ☐ Público (Estadual)
- ☐ Público (Federal)
- ☐ Privado
- ☐ ONG
- ☐ Autarquia (Sistemas Conselhos, Fundações)
- ☐ Outro (especifique)

* **23.** Segundo seu critério, defina a proporção das pessoas assistidas neste campo de atuação que escolheu descrever.

	Nunca	Quase nunca	Frequentemente	Quase sempre	Sempre
PESSOAS ORIENTAIS	☐	☐	☐	☐	☐
PESSOAS NEGRAS	☐	☐	☐	☐	☐
PESSOAS INDÍGENAS	☐	☐	☐	☐	☐
PESSOAS BRANCAS	☐	☐	☐	☐	☐

*** 24. Quais as faixas socioeconômicas das populações assistidas neste campo de atuação específico?**

Obs.: 1) Há a possibilidade de assinalar mais de um item.

- ☐ Não sou capaz de descrever
 - ☐ Sem renda
 - ☐ Com auxílio governamental (ex.: Bolsa Família, BPC, etc.)
 - ☐ Até R\$1.000
 - ☐ De R\$1.000 à até R\$3.000
 - ☐ De R\$3.000 a até R\$5.000
 - ☐ De R\$5.000 a até R\$10.000
 - ☐ Acima de R\$10.000
-

14. ETAPA 5 - SITUAÇÕES VIVENCIADAS OU RELATADAS

* 25.

Ao longo da sua prática profissional, você já vivenciou, testemunhou, ouviu falar ou observou algum caso ou situação em que tenha vindo à tona a cor da pele das pessoas, as diferenças raciais, étnicas ou problemáticas relacionadas ao racismo?

	Nunca	Quase nunca	Frequentemente	Quase sempre	Sempre
Situações que você esteve diretamente envolvido.	☐	☐	☐	☐	☐
Situações envolvendo outras pessoas, mas que você tenha testemunhado.	☐	☐	☐	☐	☐
Situações relatadas por terceiros.	☐	☐	☐	☐	☐
Observações sobre a estrutura organizacional e institucional	☐	☐	☐	☐	☐

26. Descrição (Opcional):

15. ETAPA 6 - PAUTA DE TRABALHO

* **27.** O tema das relações étnico-raciais, do racismo ou da identidade étnica e racial foi pauta de reunião/sessão ou objeto de estudo/debate no seu trabalho?

☐ Não

☐ Sim

28. Descrição (Opcional):

--

16. ETAPA 7 - INTERVENÇÃO TÉCNICA

* 29.

Na sua atuação você tem alguma Ação (*Técnica, Prática, Procedimento, Estratégia Didática ou Instrumento*) para discutir e trabalhar o tema das relações étnico-raciais, racismo e/ou identidade étnica e racial?

Obs.: 1) Se a resposta for afirmativa, há a possibilidade de assinalar mais de um item.

- ☐ Não
- ☐ Escuta Clínica Atenta e Sensível
- ☐ Protocolo de Observação
- ☐ Roteiro de Entrevista
- ☐ Protocolo de Acolhimento
- ☐ Protocolo de Avaliação
- ☐ Protocolo de Acompanhamento
- ☐ Protocolo de Aconselhamento
- ☐ Teste ou Escala psicométrica
- ☐ Grupo Terapêutico
- ☐ Grupo Operativo ou Grupo de Mobilização social
- ☐ Oficina, Dramatização, Jogo Lúdico ou Dinâmica de Grupo
- ☐ Círculo Restaurativo
- ☐ Palestra ou Comunicação Oral
- ☐ Curso Formativo ou de Capacitação
- ☐ Gestão ou Fiscalização de Serviços ou Políticas específicas no tema
- ☐ Produção e Publicação de Textos (artigos, livros, capítulos de livros, textos em jornais, blogs/sites/mídias sociais, catálogos, etc.)
- ☐ Vídeo
- ☐ Jogo Virtual
- ☐ Outro (especifique)

17. DESCRIÇÕES (Opcionais)

30. Caso haja, escreva em até 200 caracteres sobre a **Escuta Clínica Atenta e Sensível** (Opcional):

31. Caso haja, escreva em até 200 caracteres sobre o **Protocolo de Observação** (Opcional):

32. Caso haja, escreva em até 200 caracteres sobre o **Roteiro de Entrevista** (Opcional):

33. Caso haja, escreva em até 200 caracteres sobre o **Protocolo de Acolhimento** (Opcional):

34. Caso haja, escreva em até 200 caracteres sobre a **Protocolo de Avaliação** (Opcional):

35. Caso haja, escreva em até 200 caracteres sobre o **Protocolo de Acompanhamento** (Opcional):

36. Caso haja, escreva em até 200 caracteres sobre o **Protocolo de Aconselhamento** (Opcional):

37. Caso haja, escreva em até 200 caracteres sobre o **Teste ou Escala Psicométrica** (Opcional):

38. Caso haja, escreva em até 200 caracteres sobre a **Dramatização** (Opcional):

39. Caso haja, escreva em até 200 caracteres sobre o **Grupo Terapêutico** (Opcional):

40. Caso haja, escreva em até 200 caracteres sobre o **Grupo Operativo** ou **Grupo de Mobilização Social** (Opcional):

41. Caso haja, escreva em até 200 caracteres sobre o **Oficina, Dramatização, Jogo Lúdico** ou **Dinâmica de Grupo** (Opcional):

42. Caso haja, escreva em até 200 caracteres sobre o **Círculo Restaurativo** (Opcional):

43. Caso haja, escreva em até 200 caracteres sobre a **Palestra** ou **Comunicação Oral** (Opcional):

44. Caso haja, escreva em até 200 caracteres sobre o **Curso Formativo** ou de **Capacitação** (Opcional):

45. Caso haja, escreva em até 200 caracteres sobre **Fundação ou participação em Grupo de Estudo ou Trabalho** específico no tema (Opcional):

46. Caso haja, escreva em até 200 caracteres sobre a **Gestão** ou **Fiscalização de Serviços especializados no tema** (Opcional):

47. Caso haja, escreva em até 200 caracteres sobre a **Produção e Publicação de Textos** (Opcional):

48. Caso haja, escreva em até 200 caracteres sobre o **Vídeo** (Opcional):

49. Caso haja, escreva em até 200 caracteres sobre o **Jogo Virtual** (Opcional):

50. Caso haja, escreva em até 200 caracteres sobre o **Outras Ações** (Opcional):

18. ETAPA 8 - SOBRE SEU REFERENCIAL TEÓRICO

* 51. Qual/is referencial/is teórico/s você utiliza no seu cotidiano de trabalho?

Obs.: 1) Há a possibilidade de assinalar mais de um item.

- ☐ Sem abordagem
- ☐ Psicanalista, Psicodinâmica ou de bases analíticas (Psicodramatista, Junguiana, Bioenergética, etc.)
- ☐ Comportamentalista
- ☐ Cognitivista
- ☐ Evolucionista
- ☐ Humanista ou Existencial
- ☐ Gestaltista
- ☐ Construtivista
- ☐ Interpessoal
- ☐ Transpessoal
- ☐ Sócio-histórico
- ☐ Histórico-Cultural
- ☐ Outro (especifique)

19. ETAPA 9 - SOBRE SUA FORMAÇÃO

* 52. Quais suas titulações acadêmicas?

Obs.: 1) Considere apenas os cursos já concluídos e certificados.

2) Há a possibilidade de assinalar mais de um item.

- ☐ Graduação
- ☐ Especialização
- ☐ Mestrado
- ☐ Doutorado

* 53.

Qual o perfil da Instituição de Ensino Superior que você teve sua formação/graduação em Psicologia?

- ☐ Privada/Particular
- ☐ Pública (Federal)
- ☐ Pública (Estadual)
- ☐ Confessional, Comunitárias ou Filantrópicas (Religiosas, Fundações, etc.)
- ☐ Outro (especifique)

* 54. Em qual Estado (UF)?

* 55.

Durante a formação, lembra ter tido alguma(s) disciplina(s), no plano curricular do curso, que tematizasse ou discutisse a cor da pele, diferenças relativas a raça, etnia, racismo e/ou relações étnico-raciais?

Obs.: 1) Há a possibilidade de assinalar mais de um item.

- ☐ Não tive.
- ☐ Tive disciplina obrigatória com tema específico em Psicologia.
- ☐ Tive disciplina optativa com tema específico em Psicologia.
- ☐ Tive em outra disciplina geral (ex. Psicologia Social, Antropologia, Sociologia, Avaliação Psicológica, etc.).
- ☐ Tive disciplina específica, mas em outro curso ou departamento diferente de Psicologia.
- ☐ Tive palestra/s ou oficina/s como atividade/s extracurricular/es.
- ☐ Outro (especifique)

* 56.

Participou de algum grupo na faculdade/universidade que aprofundasse a discussão neste tema?

Obs.: 1) Se pertenceu, há a possibilidade de assinalar mais de um item.

- ☐ Não
- ☐ Grupo de Pesquisa
- ☐ Grupo de Estudo
- ☐ Coletivo do Movimento Social
- ☐ Outro (especifique)

* 57.

Quanto à sua motivação no tema das relações étnico-raciais e racismo e quando ela surgiu, caso haja:

- ☐ NÃO TENHO interesse nesta discussão
 - ☐ GOSTARIA DE TER mais interesse nesta discussão
 - ☐ Este interesse surgiu ANTES da formação em Psicologia
 - ☐ Surgiu DURANTE a formação em Psicologia
 - ☐ Surgiu DEPOIS da formação em Psicologia
 - ☐ Surgiu PARALELAMENTE à formação de Psicologia (a partir de outros grupos ou vivências fora da faculdade/universidade, mas durante o mesmo período)
-

20. ETAPA 10 - PERFIL SÓCIO-DEMOGRÁFICO

* **58.** Em que ano você nasceu? (Digite o ano de nascimento no formato de 4 dígitos, ex. 1976.)

* **59.** Local de nascimento (UF):

* **60.** Local de residência (UF):

* **61.** Gênero

Obs.: 1) Independente se Cisgênero ou Transgênero, assinale em como se define.

2) *Cisgêneros* são pessoas cujo gênero é o mesmo que o designado em seu nascimento. Já *transgêneros* são pessoas cuja a expressão de gênero e/ou identidade de gênero é diferente daquelas atribuídas ao gênero designado no nascimento.

* **62.** Como você define a sua cor/raça, segundo o critério do IBGE?

* **63.** Como concebe sua Religião/Espiritualidade?

* **64.** Como definiria seu grau de religiosidade

Pouco religioso

Muito religioso

21. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você participou da pesquisa que objetiva conhecer **A atuação dos/as profissionais de psicologia no tema de relações étnico-raciais**, sob o número de registro **CAAE: 62444316.3.0000.5561** do Comitê de Ética em Pesquisa. Esta se trata de uma **Pesquisa de Doutorado** de **Carlos Vinicius Gomes Melo**, desenvolvida pela linha de pesquisa Psicologia e Relações Étnico-raciais, com orientação do **Prof. Dr. Alessandro de Oliveira dos Santos** do Departamento de Psicologia Social e Trabalho do **Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP)** e financiada pelo **Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)**.

Como já explicado, para manter a confidencialidade sobre as informações que você forneceu, todos os dados serão analisados através de abordagem estatística com base no total de respostas sem a identificação dos respondentes.

A participação neste estudo envolve risco mínimo, no entanto, o tema tratado pode ter causado algum constrangimento, incomodo ou desconforto. Caso haja a persistência ou baixa resolutividade do incômodo, serão aplicados todos os seus direitos, entre em contato com os pesquisadores-responsáveis da pesquisa, pois será providenciado o encaminhamento necessário.

A qualquer momento, está garantida a recusa em participar ou a retirada do consentimento e a solicitação de retirada de seus dados do banco de dados da pesquisa. Para que isto possa vir a ser viável, caso sinta tal necessidade, pedimos que descreva abaixo o seu e-mail mais utilizado. Este e-mail também servirá para dar o retorno da pesquisa, caso haja interesse.

Sua participação neste estudo é completamente voluntária. A pesquisa não oferecerá nenhuma vantagem financeira. Não haverá custos ou despesas decorrentes de sua participação.

Sinta-se à vontade para perguntar, caso tenha alguma dúvida, agora ou depois. Caso haja alguma dúvida posteriormente, por favor, entre em contato com: Carlos Vinicius Gomes Melo (cvgmelo@usp.br) e Profº. Drº. Alessandro de Oliveira dos Santos, no Instituto de Psicologia da USP. Endereço: Av. Professor Mello Moraes, 1721, São Paulo – fones: (11) 3091-4184 e 3091-4362. Você também pode fazer contato direto com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPH) do Instituto de Psicologia da USP no mesmo endereço, Bloco G, 2º andar, sala 27. E-mail: ceph.ip@usp.br.

Telefone: (11) 3091-4182. Horário de atendimento: 8h30min às 12h e 14h às 16h.

*** 65. AUTORIZA A INCLUSÃO DE SEUS DADOS RESPONDIDOS PARA PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA?**

☐ SIM

☐ NÃO

66. Caso você desejar ser comunicado/a da devolutiva desta pesquisa, coloque aqui seu e-mail pessoal. (Opcional)

Obs.: Sua privacidade e sigilo será garantida e respeitada

ANEXO 07

São Paulo, 13 de setembro de 2017.

Prezada Simone Esteves,
Gerente Administrativa do Conselho Regional de Psicologia, Seção 20º (CRP20)

Em função do histórico Sistema Conselhos de Psicologia em prol da conscientização das/os profissionais de psicologia no combate ao racismo, viemos por meio desta, pedir apoio de divulgação do *Link* do questionário pelo qual estão sendo coletados os dados da pesquisa de doutorado "Atuações de psicólogas/os no tema das relações étnico-raciais", do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP).

O objetivo da pesquisa é descrever e comparar crenças, atitudes e práticas de profissionais de psicologia no tema das relações étnico-raciais em estados de diferentes regiões do Brasil. Ela está sob a orientação do Prof. Dr. Alessandro de Oliveira dos Santos e é financiada pela Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), sob o processo FAPESP: 2016/00577-4. Especificamente, pretende-se relacionar as evocações livres sobre a atuação e a identidade profissional, evocações sobre os diferentes grupos étnico-raciais (Orientais, Negros, Indígenas e Brancos), nível de viés de racismo (respondendo a Escala de Racismo Moderno) das/os profissionais, assim como os perfis das suas áreas de atuação, as situações em que o tema se apresenta no ambiente de trabalho, os seus referenciais teóricos, suas formações, assim com suas possíveis práticas interventivas no tema.

Este questionário é composto, quase que na sua totalidade, por questões de assinalar e sua aplicação dura em torno de 15 a 25 minutos.

Embora seja uma pesquisa de doutorado no tema das relações étnico-raciais, o convite para responder ao questionário de coleta de dados está denominado como "**Atuação dos/as profissionais da psicologia junto à população brasileira**", somente expondo os objetivos da pesquisa no final da aplicação do questionário, no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Esta estratégia ambiciona alcançar todo/a e qualquer profissional da psicologia, não apenas os já sensibilizados pela temática, assim como, busca não influenciar cognitivamente as/os respondentes, possibilitando-as/os expressar e manifestar suas atitudes e crenças mais espontaneamente ao que esteja sendo investigado. Esta estratégia de aplicação, bem como todo

o projeto, teve apreciação e anuência do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPH) do Instituto de Psicologia da USP, via Plataforma Brasil. O projeto desta pesquisa recebeu aprovação para sua execução, no dia 20 de Dezembro de 2016, sob o número de registro CAAE 62444316.3.0000.5561.

Por meio desta solicitação, estamos pedindo apoio na divulgação do Link do questionário, que segue abaixo, nas mídias sociais do CRP 20 (Boletim Eletrônico via email, Facebook, Whatsapp, LinkedIn, Twitter e outros que a instituição possa ter). Segue sugestão de texto sugerido para a divulgação na página seguinte.

Na última página segue o modelo de como o CRP 03, da Bahia, veiculou, por mala direta, o convite para a participação na pesquisa para as/os suas/seus cadastradas/os.

Atuação dos profissionais da psicologia junto à população brasileira

<https://pt.surveymonkey.com/r/cvgmelousp>

Em contrapartida, quando finalizada a etapa da pesquisa e elaborada a tese, comprometemo-nos a dar a devolutiva da mesma, apresentando-a na instituição e disponibilizando o material escrito para seus profissionais cadastrados. Disponibilizamos-nos também, quando convidados, a apresentar resultados parciais.

Esta é uma ótima oportunidade para a disseminação de conhecimentos na área de psicologia e relações étnico-raciais, tendo como horizonte a Resolução 018/2002 do Conselho Federal de Psicologia e o Código de Ética Profissional.

Agradeço muitíssimo a atenção.

Atenciosamente,

Carlos Vinicius Gomes Melo

Estudante do Doutorado em Psicologia da USP

Alessandro de Oliveira dos Santos

Orientador

Docente do Instituto de Psicologia Social da USP

Sugestão de texto:

Cara/o profissional de psicologia,

*Convidamos você a participar dessa pesquisa sobre **A ATUAÇÃO DA/O PROFISSIONAL DE PSICOLOGIA JUNTO À POPULAÇÃO BRASILEIRA**. A pesquisa é direcionada as/aos profissionais da Psicologia de todas as áreas de atuação. Para isso, você precisa responder ao questionário que segue no link abaixo.*

Este questionário é um instrumento de pesquisa de doutorado em Psicologia Social e do Trabalho no Instituto de Psicologia da USP (Universidade de São Paulo) e foi aprovada em Comitê de Ética com o registro CAAE: 62444316.3.0000.5561.

*A sua participação é fundamental para esta pesquisa.
Por isso, desde já agradeço a sua atenção e participação!
Compartilhe com as/os psicólogas/os que você conheça.*

<https://pt.surveymonkey.com/r/cvgmelousp>

Pesquisadores responsáveis: Carlos Vinicius G. Melo (Doutorando em Psicologia da USP) e Alessandro de Oliveira dos Santos (Orientador-Docente do Instituto de Psicologia da USP)